

ANA KARINE MARTINS GARCIA

A SOMBRA DA POBREZA NA CIDADE DO SOL:
O ordenamento dos retirantes em Fortaleza na segunda metade do
século XIX

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SÃO PAULO - 2006

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

A SOMBRA DA POBREZA NA CIDADE DO SOL:
O ordenamento dos retirantes em Fortaleza na segunda metade do
século XIX

ANA KARINE MARTINS GARCIA

SÃO PAULO
2006

A SOMBRA DA POBREZA NA CIDADE DO SOL:

O ordenamento dos retirantes em Fortaleza na segunda metade do
século XIX

ANA KARINE MARTINS GARCIA

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social, sob orientação da Prof.(a), Dra. Denise Bernuzzi de Sant'Anna.

BANCA EXAMINADORA

SÃO PAULO

2006

Aos meus pais, Clodoaldo e Rosiane, pelo apoio e pela confiança que depositaram em minhas mãos.

AGRADECIMENTOS

“Gigantes são os mestres nos ombros dos quais eu me elevei”

Isaac Newton

Este momento tem uma grande importância para mim, pois aqui tenho a oportunidade de recordar e agradecer alguns amigos que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

À minha irmã Tatiane, pela grande ajuda com a organização dos mapas presentes neste trabalho e por todos os momentos que estivemos juntas. E ao cunhado Giordano Vasconcelos pela amizade.

Aos demais membros da minha família: a prima e afilhada Nathália, vovó Eduvirges, vovó Celina, vovô Garcia e vovô Deusimar, tia Cristina, tio Neto, Rosilene, Diana e Junior pelo carinho e apoio.

À minha orientadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna, pela dedicação e pelas palavras amigas que contribuíram para a conquista desse objetivo. Durante esses dois anos de convivência tive a grande oportunidade de aprender com sua simplicidade e conhecimento, que deixaram fortes marcas para a minha formação profissional. Desse modo, agradeço por todas as conversas e conselhos que direcionaram e me fizeram concluir esta dissertação.

Aos meus amigos de ideal espírita em Fortaleza: Kellen Yamille, Fran, Ana Maria, Wirla, Kátia, Demerval, Anderson, Jorge, Ana Cláudia, Ione, Aninha, Aristides, Candelária, Demetrius, Geisa, Marize e família, que sempre me apoiaram e incentivaram durante essa caminhada do mestrado.

À todos os professores e amigos da graduação do curso de História da UFC, pela contribuição dada a esta pesquisa durante a graduação, em especial aos professores Assis Oliveira, Eurípedes Funes, Pedro Airton, Silvana Pinho, Régis Lopes, Fred Neves, Kênia Rios, Tião Ponte, Antônio Gilberto e os amigos Denise Pereira, Marla Albuquerque, Yury Uchoa, Valeska Sampaio, Cristiane Lima, Iglcio Maia, Alênio Carlos.

À amiga Kênia Rios, que me incentivou a fazer a seleção do mestrado na PUC-SP e que esteve intensamente presente desde a construção do projeto e no processo de seleção. Agradeço profundamente a essa amiga por todas as palavras e conselhos que me ajudaram durante essa rápida mudança em minha vida.

À amiga Raquel Alves, pela amizade e ajuda com a pesquisa durante o momento que já estava morando em SP. Sua colaboração foi fundamental para que conseguisse reunir as fontes necessárias para concluir a pesquisa.

À amiga Larissa Gifoni, pela amizade e ajuda na correção ortográfica da dissertação.

À Napoleão Amorin pelo auxílio com o abstract presente neste trabalho.

À amiga e arquiteta Alice Barros Rodrigues pela ajuda e organização dos desenhos esquemáticos contidos nessa dissertação.

Aos familiares residentes em São Paulo: Rossana e Erivaldo, pela ajuda no momento de adaptação na cidade e pelo acolhimento em seu lar. À prima Jaqueline, André, Luiza e dona Nilma, pelo apoio durante os finais de semana e a oportunidade de conhecer a cidade através de diversos passeios que me afastaram a solidão. À Hercília, Luiz, Bel e Bia, que mesmo morando em Vinhedo-SP sempre me deram apoio e se colocaram prontos a me ajudar no que precisasse e também ao meu padrinho Triphon. À Ariadne e Daniel, que também sempre foram atenciosos e amigos. À Isana e Maza, pelo carinho e atenção.

Aos professores da Pós-Graduação em História na PUC-SP, que contribuíram direta e indiretamente com o desenvolvimento dessa dissertação e sempre me atenderam com muita atenção e gentileza.

À amiga Betinha, pelas tantas vezes que pedi sua ajuda na secretaria no Programa de Pós-Graduação e, mesmo atarefada, sempre foi muito solícita e paciente comigo e, principalmente, por todas as palavras de carinho e amizade.

Aos meus companheiros do mestrado Marlene Silva, Tomaz Esposito, Rodrigo Oliveira, Rodolfo Jacob, Teresinha, Amilton Carlos, Felipe Toledo, Antônio, André Aguiar, Alice Alves, Lucirene Carignato, Priscila Rezende, Sandra Ricci, Alan Modesto, Bete Espindola, Emilia Carnevali, Fernanda Galve, Mayara Mendes, Simei Torres.

Às amigas Bete Espindola e Simei Torres, grandes companheiras dessa jornada do mestrado e que sempre estiveram presentes em todos os momentos em que morei em São Paulo.

Às amigas Emilia Carnevali e Fernanda Galve, pelas demonstrações de carinho e pelas diversas vezes em que me ajudaram durante o período que morei em São Paulo.

Ao amigo Alan Modesto, parece que foi ontem que estávamos na PUC-SP e conversávamos sobre as nossas inseguranças e dúvidas com relação à dissertação. Esse trabalho teve uma grande contribuição desse grande amigo, pois suas leituras e incentivos sempre ajudaram a persistir a me dedicar para a realização desse ideal. Assim, agradeço muito por todas as suas palavras e e-mails que consolidam todos os dias a nossa amizade.

Aos amigos de outras turmas do mestrado e doutorado da PUC-SP com quem tive oportunidade de conviver em algumas disciplinas ou pelos corredores: Maura Leal, Nivaldo Dutra, Paulo Cambraia, Renata Oliveira, Vânia Vaz, Carol Ayres, Cristina Helou, Adilson Cianos, Márcia Cunha, Toninho, Lene Fontenele e Leno.

Aos amigos espíritas de São Paulo Cristian e Patrícia, pela amizade e apoio.

Aos amigos cearenses Felipe Ronner, Viviane Lima e Pedro; Carlos Moisés e Antônio Luiz de Macedo, pela amizade e contribuições dadas durante o processo de construção dessa dissertação.

À amiga Liliane Cavalcante, pelas palavras amigas e pelos diversos momentos em que estivemos juntas.

Ao casal de amigos Ipojucan Campos e Érika Amorim, que desde os primeiros momentos de convivência sempre foram afetuosos e constantemente contribuíram para o enriquecimento desse trabalho através das leituras atentas do Ipojucan e das palavras amigas da Érika.

Ao amigo e companheiro Allan Pinheiro, pelos diversos instantes em que me socorreu com uma palavra amiga e por todos os bons e divertidos momentos de convivência durante a estadia em São Paulo.

À amiga Mayara Mendes, pelos momentos de convívio e por tudo que aprendemos juntas. Sei que esse período foi valioso para o nosso amadurecimento e, principalmente, por todas as conversas que foram importantes para a consolidação dessa amizade.

Ao casal de amigos Angeliza (Gê) e Lacy Ramalho, pela amizade e por toda a ajuda que sempre me ofereceram durante os instantes de convivência em São Paulo.

Ao Arquivo Público do Estado do Ceará e, especialmente, ao professor André Frota pela gentileza e ajuda com a leitura dos manuscritos e ao diretor Mardônio Guedes pela atenção durante os momentos que pesquisei.

À todos os funcionários do setor de Obras raras e Microfilmagem da Biblioteca Pública do Estado do Ceará Governador Menezes Pimentel.

Ao professor Frederico de Castro Neves (UFC-CE), pela atenção e orientação durante a pesquisa inicial na graduação e pela contribuição com a leitura e análise na banca de qualificação do mestrado.

Ao professor Janes Jorge (PUC-SP), pelas precisas e atenciosas sugestões realizadas durante a banca de qualificação do mestrado.

À instituição financiadora CAPES, pela bolsa de pesquisa concedida.

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta analisar os discursos e ações referentes ao desejo de modernização da cidade de Fortaleza na segunda metade do século XIX e, especialmente, tentar interpretar e entender como a presença dos retirantes, durante o período da seca (1877-1880), afetou e transformou o ordenamento espacial e social urbano. Dentre as questões principais analisadas nesse estudo estão: a busca pelo progresso através das reformas nos equipamentos urbanos a partir da década de 1870, o refúgio e a procura da sobrevivência na capital cearense, a construção dos discursos sobre os retirantes, as tentativas de controle e ordenamento da população sertaneja através da construção dos abarracamentos ou alojamentos e as tentativas de higienização e salubridade da população emigrante. Para contribuir com a análise do trabalho foram utilizados como fonte os periódicos, os relatórios de Presidente de Província, os ofícios expedidos, os códigos de posturas e os memorialistas.

PALAVRAS CHAVES: cidade, seca, retirante, higienização, habitação.

ABSTRACT

This work examines documents and actions in order to comprehend the project of modernization introduced in Fortaleza at the end of XIX Century, and especially how the presence of flagellants during the drought period (1877-1880) modified the urban space and the social structure of the city. The study also analyses the construction of urban equipments in Fortaleza from 1870 on, the imaginary about the flagellants, the refugee camps and the attempts of hygienic control.

Keywords: city, drought, flagellant, hygiene, housing.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	11
LISTA DE TABELAS	12
Introdução	13
A cidade prometida	27
O sonho “modernizador”	28
Recanto da esperança	45
Comida, ração e fragilidade	58
Fortaleza abarracada	69
As “invenções” das senzalas de palha	70
Domicílios do “flagelo”	103
Os trabalhos de “Sísifo”	122
Para onde sopram os ventos?.....	140
Tentativas de higienização e salubridade	141
As intervenções higiênicas nos abarracamentos	158
Fortaleza sombria.....	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS	190
ANEXO.....	193
FONTES.....	196
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	202

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Plantas topográficas de Fortaleza na segunda metade do século XIX	41
FIGURA 2 – Disposição dos abarracamentos e distritos em Fortaleza (1877-1880)	78
FIGURA 3 – 4.º distrito de imigrantes – Tijubana.....	108
FIGURA 4 – 13.º distrito – Alagadiço Grande	114

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Densidade populacional dos distritos em Fortaleza (1877)	89
TABELA 2 – Densidade populacional dos distritos em Fortaleza (1878)	95
TABELA 3 – Densidade populacional dos distritos em Fortaleza (1877-1879)	109
TABELA 4 – Número de trabalhadores retirantes em Fortaleza (1877)	134
TABELA 5 – Número de trabalhadores e atividades realizadas pelos retirantes dos abarracamentos de Soure, Pacatuba e Lagoa-Seca em 1878.....	137
TABELA 6 - Estatística dos retirantes tratados de varíola em suas casas nos abarracamentos do 2.º distrito de São Luiz, de outubro de 1878 a 20 de janeiro de 1879	174
TABELA 7 - Estatística dos retirantes tratados no lazareto da Aldeota de 23 de novembro de 1878 a 21 de janeiro de 1879 no 2.º distrito de São Luiz.	174
TABELA 8 - Estatística da movimentação dos lazaretos de São Sebastião e Alagadiço Grande durante o período de funcionamento de 1878 a 1879	176

INTRODUÇÃO

Construtores e reformadores passaram a dar maior ênfase a tudo que facilitasse a liberdade do trânsito das pessoas e seu consumo de oxigênio, imaginando uma cidade de artérias e veias contínuas, através das quais os habitantes pudessem se transportar tais quais hemácias e leucócitos no plasma saudável.

(Richard Sennett)¹

Olhar a cidade exige sempre investigação e atenção para um território desconhecido e que é habitado por uma “multidão anônima”.² É buscando conhecer esses espaços que Sennett, através da citação, mostra como a cidade e seus habitantes estão intimamente ligados, dependentes um do outro a tal ponto que, se alguma das partes adocece, ambas são afetadas. Na época trabalhada por Sennett³, o apogeu da ciência higiênica, a cidade e o habitante foram observados como organismos passíveis de serem tratados pela medicina ou por engenheiros sensíveis aos valores do higienismo.

A cidade de Fortaleza na segunda metade do século XIX foi palco privilegiado do drama da seca, assunto este que foi – e ainda é – em alguns aspectos, tema de grandes discussões⁴. Alguns dos estudos realizados entre os séculos XIX e XX consideraram durante muito tempo a seca como um fenômeno “natural”, no entanto, as pesquisas mais recentes têm-na mostrado e analisado, através de novos olhares, em que a análise do fator “social” passa a ser

¹ SENNET, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização Ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 214.

² A noção de uma “multidão anônima” é utilizada no sentido das classes menos favorecidas que imprimiam direção à sociedade brasileira da virada do século XIX para o século XX. NEVES, Margarida de Sousa. *O Povo na Rua: um “conto de duas cidades”*. In: PECHMAN, Moses. (org.) *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1994, pp. 136-155.

³ O período analisado por Sennett no capítulo VIII do seu livro, citado na epígrafe, se refere aos séculos VIII e XIX.

⁴ Estudos mais recentes sobre a questão da seca; NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000; RIOS, Kênia Sousa. *Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932*. Fortaleza-CE: Museu do Ceará e Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001; BEZERRA, José Tanísio Vieira. *Quando a ambição vira projeto: Fortaleza, entre o progresso e o caos*. Dissertação de Mestrado: PUC- SP, 2000; MOTA, Felipe Ronner Pinheiro Imalau. *Progresso, calamidade e trabalho: confrontos entre cidade e sertão em fins dos oitocentos. (Fortaleza/1850-1880)*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP 2000; MORAIS, Viviane Lima de. *Razões e destinos da migração: trabalhadores e emigrantes cearenses pelo Brasil no final do século XIX*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 2003; CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Trem da seca: sertanejos, retirante, operários (1877-1880)*. Fortaleza-CE: Museu do Ceará e Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2005; CHAVES, Olivenor Sousa. *Fortaleza e os retirantes da seca de 1877-1879: o real de um imaginário dominante*. Fortaleza: Editora Demócrito Rocha, 1995; BARBOSA, Marta Emisia Jacinto Barbosa. *Famintos do Ceará: imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 2004; SILVA, Jeovah Lucas da Silva. *As bênçãos de Deus: a seca como elemento educador para o trabalho (1877-1880)*. Dissertação de Mestrado: UFC-CE, 2003.

vislumbrada. São esses trabalhos que mais contribuem para a discussão a que esta dissertação se propõe, que pretende entender a relação dos vários migrantes⁵ que se refugiaram na capital cearense bem como visualizar seus papéis sociais na cidade dentro do contexto da seca e as intervenções higiênicas que foram implementadas com o intuito de impedir os avanço das epidemias.

Este trabalho buscou principalmente prestigiar as relações de poder e as interferências nas transformações do espaço urbano de Fortaleza a partir da chegada dos retirantes em 1877, procurando observar que a cidade teve um rápido crescimento demográfico, sobretudo durante o período da seca (1877-1879). Fortaleza passou de uma população de 21.000 habitantes em 1872 para cerca de 100.000⁶ no ano de 1878, no entanto, no ano de 1879 notou-se uma drástica queda desses números. Desse modo, é importante perceber que tal fato, inusitado para Fortaleza, desencadeou uma forte repercussão na imprensa nacional e internacional e, sobretudo, proporcionou uma significativa mudança no controle social e no abastecimento de água e comida da capital cearense.

A chegada das caravanas de sertanejos⁷, em 1877, trouxe diversas preocupações ao Governo Provincial com relação às questões de habitação, higienização, alimentação e trabalho. Acreditava-se que a presença dessa população ocasionava dificuldades e atraso para a cidade e assim, estabelecer seu controle foi essencial nas ações de auxílio a estes retirantes.

⁵ O termo migrante aparece ao longo do trabalho sendo definido como a ação de retirada de uma população que deixa suas terras para ir a outras regiões. Utilizam-se as palavras migrantes e emigrantes para caracterizar estas pessoas que vinham para a capital durante o período de seca.

⁶ Os dados referentes a este crescimento demográfico podem ser observados nos estudos de alguns memorialistas e historiadores que se detiveram a analisar esse rápido crescimento demográfico na cidade. Os números referentes ao ano de 1872 apontam um número em média de 21.000 habitantes na capital cearense. Assim o historiador Raimundo Girão em seu livro *Evolução Histórica* aborda que em 1877 com a migração dos retirantes para Fortaleza “já estavam aí, a mais, 85.000 pessoas, que em março de 78 eram 100.000 e em setembro 114.000”. Dentre os estudos e pesquisas que vêm sendo realizados sobre as questões da seca e que abordam este crescimento demográfico em Fortaleza, ver: NEVES, Frederico de Castro. *Op.cit.* pp. 26-27, nota 4; PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque; reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza-CE: FDR/Multigraf, 1993, p. 84; BEZERRA, Tanísio. *Fortaleza: História e Cotidiano; Seca, disciplina e urbanização*. Fortaleza-CE: Editora Demócrito Rocha, 2002, p.32; GIRÃO, Raimundo. *Evolução histórica cearense*. Fortaleza-CE: Casa de José de Alencar, 1985, p. 201; GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. Fortaleza-CE: Editora A. Batista Fontenele, 1952, p.185 e THEOPHILO, Rodolpho. *História da secca do Ceará (1877-1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922, pp.71-72.

⁷ Ao longo do trabalho aparecerá o termo “sertanejo” o qual se considera o trabalhador pobre e livre que sobrevive através de uma economia de subsistência. Fazem parte desse grupo: o vaqueiro, o jornaleiro (aquele que não estava preso à terra através de relação de dependência com o grande proprietário), o pequeno proprietário. Quanto aos outros sujeitos históricos presentes no corpo do texto, temos: o escravo, o liberto, os escravos fugidos, e o grande proprietário (aquele que durante a seca perde seus bens materiais e migra) quando citado de forma geral serão utilizadas as seguintes denominações: “retirantes”, “famintos”, “flagelados”, “emigrantes”, termos tirados das documentações oficiais.

Nesse período, o Ceará alcançou um grande crescimento no setor agrário, principalmente na produção de algodão⁸, aumentando de forma intensa as exportações desse e de outros produtos - como o açúcar, o couro e o café - para as potências comerciais européias como França e Inglaterra. A capital cearense dentro desse cenário teve uma maior visibilidade, pois foi uma das principais colaboradoras para a construção desse grande empreendimento, através da organização das exportações.

No entanto, Fortaleza não sofreu transformações bruscas na sua estrutura urbana, pois como afirmou José Olivenor *“Esta apenas procurou ajustar e absorver o impacto da nova função comercial da cidade”*⁹, ou seja, o comércio já estava presente na economia e o que estava sendo exigido agora era uma organização dentro de padrões de consumo e de produção que, de algum modo, demonstrassem uma afinidade com aqueles que progressivamente vinham do estrangeiro e também da Corte.

Deve-se ressaltar que a elite local formada por homens letrados, produtores agrícolas, comerciantes ou políticos tinha a pretensão de adequar a cidade a suas condições de modernização, processando intervenções nos espaços físicos da urbe, já que estavam constituindo residência em Fortaleza¹⁰. A influência européia no que se refere à ciência e à vida burguesa estava presente nas ações e desejos de reformas urbanas, porém os equipamentos urbanos que aproximavam a cidade da tão desejada modernidade européia estavam em confronto com as reminiscências da vila colonial.

Com o início da seca de 1877, as estruturas do campo, onde a proteção oferecida pelos proprietários era insuficiente¹¹, foram profundamente abaladas, pois os sertanejos sofreram com uma diminuição significativa em sua reserva alimentar. Pode-se então observar que a miséria, a fome e a falta de uma expectativa de vida

⁸ Com a Guerra de Secessão (1861 a 1864) as colônias da América do Norte sofreram um abalo na sua produção de algodão, limitando suas exportações para a Inglaterra. Com a crise norte-americana e a excelente localização geográfica, o Ceará assumiu um papel de grande importância na exportação desse produto para as indústrias de tecido inglesas.

⁹ OLIVENOR, José. *“Metrópole da fome”: a cidade de Fortaleza na seca de 1877-1889*. Fortaleza-CE: Editora Demócrito Rocha, 2002, p.51.

¹⁰ BEZERRA, José Tanísio Vieira. *Op.cit.* p. 32, nota 4.

¹¹ NEVES, Frederico de Castro. *Op.cit.* p. 47, nota 4.

se intensificaram, provocando o aumento de migrações para as serras, litorais e, principalmente, para Fortaleza, local onde se acreditava que poderiam encontrar os recursos necessários à sobrevivência.

Essa migração foi impulsionada, sobretudo, pela expulsão dos retirantes das terras, tendo como um dos fatores a seca. Com a existência de notícias afirmando que os recursos mandados pelo Governo Imperial estavam sendo distribuídos apenas na capital cearense, intensificava-se o desejo de buscar nesta um local onde se pudesse “nutrir sua fome” e “matar sua sede”. Todavia, deve-se ter cuidado ao analisar tais questões, pois a seca não pode ser apontada como o único motivo da saída dessa população, visto que a migração já ocorria anteriormente, principalmente devido às relações econômicas, políticas e sociais de dependência com os grandes proprietários existentes no campo.¹²

A migração para outras Províncias, especialmente para o Pará e Amazonas, também foi uma constante na segunda metade do século XIX, uma vez que o Governo Provincial tinha como interesse diminuir a quantidade de retirantes que chegavam à capital. Mike Davis menciona que durante o período da seca de 1877 a oposição liberal do Ceará concordou com relutância com o plano dos conservadores de transportar os retirantes para as outras Províncias, pois acreditava que essa ação expulsaria a mão-de-obra necessária aos serviços públicos.¹³ No entanto, esse não foi o único motivo para o deslocamento da população. O desejo de ir para essas áreas foi propiciado mesmo antes do período “trágico” da seca, pois na região amazônica crescia a produção gomífera, desencadeando a procura por mais mão de obra livre.

As ilusões de enriquecimento rápido, a propaganda realizada por prepostos de seringalistas do Pará e do Amazonas em Fortaleza, Recife e Natal para atrair os trabalhadores de outras Províncias como o Ceará para os seringais e, principalmente, a vontade desses trabalhadores de possuir seus próprios empreendimentos¹⁴ contribuíram para a constante migração para outras Províncias.

¹² Para aprofundar as questões relacionadas à problemática da falta de terras, dependência aos grandes proprietários à migração no Ceará ver: MORAIS, Viviane Lima de. *Op.cit.* pp. 61-74, nota 4.

¹³ DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do terceiro mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.96.

¹⁴ SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980, p.108.

Apesar disso, os sertanejos, em grande parte, desejavam a sobrevivência e, sobretudo, a vontade de ter terra para plantar, quebrando a dependência com o grande proprietário.

A chegada dos retirantes na capital cearense afetou e alterou o cotidiano dos habitantes locais. Os espaços urbanos como ruas e praças se tornaram moradias para os desabrigados e o desejo de uma cidade “civilizada” abalava-se com a presença desses homens, mulheres e crianças que recebiam a denominação de retirantes, embora eles talvez não tenham se identificado com tal expressão. Os momentos considerados de “caos e desordem”, devido à presença desses retirantes, resultaram em cobranças por uma solução vinda do governo Provincial, principalmente, pelos jornais, que esperavam uma atitude rápida para a manutenção da ordem e afastamento dos retirantes das principais áreas de contato com a população citadina.

O Governo da Província foi surpreendido, pois não esperava que as ruas centrais¹⁵ fossem habitadas por esses migrantes, comumente vistos como “os outros”, “os indigentes” sem lugar e sem direitos. Assim, a solução e ação imediata foi a construção de alojamentos, os denominados abarracamentos, que serviram para abrigar a população retirante a partir de julho de 1877 e que duraram até o final da seca em 1879. Desses, alguns foram desativados, enquanto outros possibilitaram o desenvolvimento de alguns bairros da cidade.¹⁶

De início não havia uma preocupação com a escolha dos locais onde seriam construídos os abarracamentos. “*Estes foram levantados em áreas a barlavento da cidade*”¹⁷. As construções desses alojamentos nessas áreas foram apontadas como uma das causas da disseminação das epidemias na cidade. Contudo, percebe-se que a partir de 1878, com o aumento dos casos de varíola, as

¹⁵ Assim como as demais capitais imperiais, Fortaleza, também concentrava seu poder econômico e comercial no centro, onde o “status” social podia ser visualizado seja através da população freqüentadora ou de suas moradias. Ver: PONTE, Sebastião Rogério. *Op.cit.* nota 6.

¹⁶ Entre os bairros que tiveram um desenvolvimento e ocupação mais acentuada com o final da seca estão: Aldeota, Parangaba, Jacarecanga, Mucuripe.

¹⁷ Os abarracamentos que estivessem à barlavento (direção de onde sopra o vento sentido mar /sertão) das áreas centrais de Fortaleza deveriam ir para áreas à sotavento (para onde vai o vento no sentido terra / mar) THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p.102, nota 6.

construções dos abarracamentos seguiram a um planejamento mais rigoroso e as práticas higienistas como vacinação, limpeza dos barracos, dos rios e o despejo do lixo em locais afastados dos alojamentos já serviam a um caráter preventivo.

Contextualizar historicamente a cidade é fundamental para que se possa perceber como estava se dando o processo de ordenamento urbano a partir dos conflitos e tensões provocadas pela presença dos retirantes nas ruas e praças. Ela causava aversões, algumas confessáveis e outras pouco admitidas.

Percebe-se que os estudos e a compreensão do papel da multidão de retirantes é relevante para analisar como o poder público estava organizando a cidade e quais as mobilidades e tensões que esses “indesejáveis” estavam provocando nos espaços da urbe.

Para se analisar o processo de remodelação e disciplinarização social dentro da cidade de Fortaleza é necessário perceber que o centro da capital foi apontado pela imprensa local como palco de uma sociabilidade elegante e que o cortejo de desempregados e miseráveis que se multiplicavam pelas ruas era motivo de profunda inquietação para o governo e a elite: os intelectuais, os profissionais liberais, médicos, bacharéis, engenheiros.

Assim, a partir dos estudos do historiador Sebastião Ponte sobre as reformas urbanas e controle social em Fortaleza (1860-1930)¹⁸, conseguiu-se observar que a estruturação política e social da cidade, os desejos de progresso e civilização da elite fortalezense e as práticas higienistas estiveram bastante presentes nos discursos e ações do governo provincial, cujo objetivo era afastar os retirantes das principais áreas urbanas.

Considera-se relevante a análise do contexto histórico da cidade ao longo do trabalho, no entanto, é fundamental o estudo dos discursos que envolvem a documentação pesquisada. Isso possibilita perceber os incômodos gerados pela presença desses emigrantes e ao mesmo tempo como eles serviam aos propósitos do poder público. Sob esse aspecto os jornais, os relatórios do presidente da província, os códigos de posturas e os relatos dos memorialistas demonstram as intenções e desejos de dominação, civilização, progresso e, sobretudo, as formas de tentativa de controle observadas no cotidiano dos emigrantes na cidade.

¹⁸ PONTE, Sebastião Rogério. *Op.cit.* p.13, nota 6.

Olhar para Fortaleza num período de tantas calamidades leva a tentar compreender as transformações da cidade, a partir da vinda dos retirantes, e as condições de moradia que estavam sendo oferecidas a essa população. Contudo, deve-se perceber que mesmo diante da “crise” o desejo de progresso e de civilização vai estar presente nos discursos do Governo Provincial, que através da mão-de-obra dos retirantes buscou alcançar seus objetivos de modernização, pois os retirantes eram considerados “indesejáveis” somente em determinados lugares, enquanto em determinados momentos não eram “indesejáveis”, como para o trabalho de pavimentação e reforma das ruas. O historiador Jaques Le Goff em seu trabalho sinaliza que sempre os períodos de crise foram evidenciados como momentos de grandes prejuízos para os países, porém demonstra que essas idéias devem ser desconstruídas, já que em muitos casos tais momentos podem ser positivos.¹⁹

Nota-se que esses atores não tiveram participação direta na escrita das documentações analisadas no trabalho. Os discursos oficiais podem, de uma forma geral, ser comparados às falas de uma testemunha, que está disposta a contar a sua versão dos fatos e, de acordo com seus interesses. Tentando refletir sobre essa questão a partir do trabalho de Sandra Jatahy Pensavento, entende-se que os emigrantes, além de excluídos dos espaços urbanos, foram marginalizados quanto à ordem social que se pretendia consolidar possuindo um outro tipo de segregação: a exclusão no tempo, ou seja, eles não têm história para as elites vigentes, não são atores reconhecidos nem sujeitos detentores de um passado constituído pela oficialidade dos centros urbanos que apagam a sua memória.²⁰ Assim, por não serem considerados participantes dessa história, ficam vulneráveis às versões que são disponibilizadas a partir de interesses próprios.

A presença incômoda dos sertanejos na cidade, neste momento, passou a afetar e a modificar o cotidiano dos cidadãos. Todavia, é necessário notar que,

¹⁹ Deve-se perceber que os momentos considerados como crise, muitas vezes, não podem ser considerados apenas como decadentes. O desenvolvimento também é observado nestes instantes. Como exemplo nota-se que apesar do “drama da seca” o poder público utilizou o trabalho dos retirantes para implementar as obras que serviram para o crescimento e o melhoramento de alguns dos espaços da capital cearense. Cf. LE GOFF, Jaques, *História e memória*. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2003, pp. 373-418.

²⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p.23.

apesar dos retirantes entrarem em contato com os “novos costumes”²¹, o encontro com a cidade não foi tão brusco, pois alguns de seus hábitos ainda possuíam características associadas ao campo, tais como a presença de animais nas ruas e a lavagem de roupas nos rios. Esta relação, campo e cidade, vem trazendo vários debates e estudos, não existindo uma divisão separando e identificando, especificamente, cada um. O trabalho de Raymond Williams, que examina os reflexos dos modos de vida urbano e rural na literatura inglesa do século XVI até hoje, traz esses debates e demonstra que as influências do rural são constantes na cidade.²²

Assim, de uma forma geral, não se considera como política de reformas urbanas as medidas implementadas pelo governo Provincial no intuito de progresso e modernização, mas sim como intervenções para manter a ordem social.²³ Frederico Neves observou essas questões em seu trabalho, sobretudo no período da seca de 1877, quando o governo tentou controlar os movimentos dos retirantes pelo interior da cidade.²⁴

Observa-se que a presença dos “indesejáveis” contrastava facilmente com os anseios das elites locais de reformar e melhorar as áreas do centro, uma vez que ali foi o espaço de uma sociedade que detinha um poder político, econômico, social e, sobretudo, que desejava manter a ordem social, relacionada às diversas tentativas de controle sobre a população retirante dentro da cidade, pois a aparência, os hábitos e a circulação dos “novos moradores” foi considerada empecilho para a concretização dos ideais de modernização urbana.

As moradias dos emigrantes foram, diversas vezes, apontadas como nocivas à sociedade, devido a sua coletividade e, desse modo, assinaladas como focos de irradiação das epidemias. Esses discursos, em sua maioria, eram utilizados por médicos e higienistas que atestavam medidas preventivas para o combate à insalubridade nos abarracamentos. Nas análises sobre as intervenções urbanas

²¹ Os “novos costumes” que se menciona dizem respeito ao tempo, às tentativas de disciplinarização dos espaços de moradia e higienização. De forma geral, esses modos causaram um certo estranhamento na população de retirantes, pois seus hábitos eram diferentes. Assim se pode observar que as preocupações com o corpo, a higiene e a moral estavam presentes nos discursos e nas ações da elite e do governo.

²² WILLIAMS, Raymond. *Campo e cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

²³ PECHMAN, Robert Moses. *Cidade estritamente vigiada: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002, p. 396.

²⁴ NEVES, Frederico de Castro. *Op.cit.* p. 32, nota 4.

Sidney Chaulhoub demonstra que no Rio de Janeiro havia uma grande preocupação com as habitações da população dos cortiços, uma vez que achavam serem esses locais de propagação das doenças.²⁵

Assim, observando os vários discursos sobre os retirantes percebe-se que as fontes não são receptáculos da verdade²⁶ e que as leituras dos documentos necessitam ser diversificadas e problematizadas, pois são interpretações e devem ser entendidas e enfrentadas. Sua análise dá possibilidade de se encontrar problemáticas que apontem caminhos inesgotáveis para os diversos temas da História e, dessa forma, se possa analisar e compreender as mobilidades e ações dos retirantes dentro de Fortaleza.

A História é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”.²⁷ A construção da História não é realizada por um método específico, pronto e acabado, mas através de inúmeros caminhos e possibilidades que são direcionados pelas diversas problemáticas que envolvem as fontes. Dessa maneira, os documentos referentes às relações e tensões entre retirantes e cidadãos dentro do espaço urbano devem ser observados não como histórias separadas, mas uma soma de ações e relações que estão ligadas, sendo um processo de práticas ordenadas e estruturadas através de formas racionais.²⁸

A História Social possibilita entender como estão se dando as ações e relações dos emigrantes nos espaços da cidade. As abordagens realizadas neste trabalho dão prioridades aos estudos da “história vista de baixo”²⁹, pois interessa analisar as diversas experiências humanas e históricas daqueles homens e mulheres retirantes cuja existência é freqüentemente ignorada. Assim, como será visto, este trabalho foi inspirado em estudos da História Social inglesa, mas também, em pesquisas realizadas sobre o cotidiano e a História Cultural.

²⁵ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.26.

²⁶ LE GOFF, Jaques. *Op. cit.* pp. 373-418, nota 19.

²⁷ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História*. In: *Magia e Técnica, arte e prática. Textos Escolhidos*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 229.

²⁸ THOMPSON. E.P. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros; uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1981, p. 51.

²⁹ THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas-SP: IFCH/UNICAMP, 1993, pp. 185-202.

Ressalta-se que as articulações das fontes catalogadas apontam diferentes possibilidades interpretativas sobre as problemáticas em questão neste trabalho, ou seja, o ordenamento na capital cearense e a construção dos abarracamentos a partir do cotidiano e as experiências dos retirantes nesses alojamentos e sua disciplinarização através da influência dos discursos higienistas na organização desses espaços. Dessa forma, é interessante ressaltar que a partir da análise das diferentes bibliografias e do seu diálogo com as fontes pesquisadas conseguiu-se aprofundar e entender essas problemáticas.

Os estudos e análises sobre as plantas cartográficas de Fortaleza na segunda metade do século XIX também foram importantes fontes e um grande desafio para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que o uso de mapas dentro das problemáticas ainda é pouco observado no campo da história. Os entrecruzamentos das fontes com as plantas de Fortaleza e as pesquisas de nomes de ruas e avenidas contribuíram significativamente para localizar e entender a disponibilização dos abarracamentos pelas áreas urbanas. Assim, delimitar espaços e localizar pontos estratégicos no período estudado pode fazer com que se entendam as relações dos sujeitos históricos com a cidade.

As fontes arroladas neste trabalho estão disponibilizadas na Biblioteca Pública do Estado do Ceará (setor de obras raras e microfilmagem), no Instituto Histórico e Geográfico do Ceará e no Arquivo Público do Estado do Ceará.

Os relatórios dos presidentes da Província (1870-1880) foram uma das principais fontes deste trabalho, pois possibilitaram interpretar e entender a relação do governo com os retirantes a partir da organização espacial e política de Fortaleza. Esses documentos permitiram analisar mais detalhadamente os discursos sobre modernização e progresso, as diversas dificuldades na implementação dos melhoramentos urbanos, a organização dos abrigos para os retirantes que se refugiavam em Fortaleza e as intervenções higiênicas realizadas tanto nas áreas centrais da urbe como nos abarracamentos.

Em relação às fontes impressas escolheu-se trabalhar com os jornais: “*O Retirante*” e o “*Cearense*”, entre os anos de 1877-1880, uma vez que nesse momento a cidade estava voltada a discutir a problemática da seca e, principalmente, a presença dos retirantes na cidade. O jornal “*O Retirante*” (1877-1878) passou a circular aos domingos em Fortaleza, era de propriedade do Sr.

Francisco Perdigão e tinha Luiz de Miranda, da Tipografia Imparcial, como redator e Suitberto Padilha como impressor. Dizia-se Órgão das vítimas da seca e crítico da administração de Aguiar, um dos presidentes da Província Ceará no período de 1877, contudo observou-se que não teve em suas matérias nenhuma produção ou participação dos retirantes e que predominavam os interesses políticos de seus administradores. O “Cearense” (1846-1891), pertencia ao Partido Liberal, saindo primeiramente, pela Imprensa Nacional, de Barbosa, Tipografia de Paiva e Cia, pertencente a Luiz Vasconcelos e João Evangelista. Entre seus redatores, figuram Senador Thomaz Pompeu, José Pompeu, Cons. Rodrigues Júnior, Paula Pessoa, João Brígido e Tristão Araripe. Algum tempo após a Proclamação da República, até 25 de fevereiro de 1891 foi publicado com o título de “Órgão Democrático”. É importante destacar que antes do ano de 1878 o “Cearense” era o jornal de oposição ao governo, uma vez que defendia idéias do partido liberal e, com o mandato do presidente de Província José Julio de Albuquerque Barros, passou a ser jornal oficial do Governo.

Escolheu-se trabalhar com esses jornais devido às suas significativas e abrangentes descrições sobre a presença dos retirantes na cidade. Assim, como as demais fontes, os jornais também defenderam a participação dos emigrantes válidos nos trabalhos das obras públicas e, principalmente, alertaram que a propagação das epidemias teve como um dos fatores centrais as precárias condições de higiene dos abarracamentos.

Os Códigos de Posturas de 1870 a 1879 foram importantes para a compreensão e reflexão das questões ligadas às normatizações dos hábitos da população citadina, a regulamentação do trabalho, às tentativas de controle e ordenamento social dos retirantes nos abarracamentos, à influência dos discursos de higienização e, sobretudo, na percepção de que a cidade não estava separada das práticas rurais.

Os relatos dos memorialistas favoreceram a análise das discussões referentes ao desejo de modernização da cidade, às descrições dos retirantes e, especialmente, aos discursos construídos pelo Governo Provincial na tentativa do controle e ordenamento dos abarracamentos. Desse modo, essa fonte tornou-se fundamental para se perceber como os memorialistas estão construindo suas memórias e interpretando os momentos históricos que fazem parte do interesse desta dissertação.

Os Ofícios Expedidos aos Presidentes da Província (1877-1880) foram também uma das documentações importantes para este trabalho, pois permitiram observar as relações de poder existentes entre comissários e chefes de turma nos abarracamentos; analisar as intervenções higiênicas realizadas dentro dos alojamentos e, principalmente, compreender o cotidiano dos retirantes a partir do discurso dos comissários, médicos e administradores dos distritos.

As dificuldades para encontrar determinada documentação que contribuísse para o aprofundamento de questões ligadas aos crimes e conflitos envolvendo os retirantes nos abarracamentos foram ocasionadas, em maior parte, pela falta ainda de organização e catalogação dos *Processos Crimes* da segunda metade do século XIX que se encontram guardados no Arquivo Público do Estado do Ceará. Além desse empecilho também foi bastante prejudicial para o desenvolvimento desta dissertação a ausência de partes dos jornais “*O Retirante*” e o “*Cearense*” na segunda metade do ano de 1878, pois esse momento foi um dos mais marcantes e críticos para a cidade.

Desse modo, deve-se mencionar que as fontes foram fundamentais para a construção e direcionamento de cada capítulo desta dissertação e, especialmente, para a percepção de que mesmo sobre os olhares e discursos do Governo Provincial e da elite, os retirantes conseguiram deixar suas marcas através de sua resistência e de atitudes consideradas “impróprias” aos costumes citadinos.

No primeiro capítulo, intitulado “*A cidade prometida*”, procurou-se analisar a cidade a partir de 1870, demonstrando como o desejo de progresso e civilização motivou o Governo Provincial e a elite local a tentar realizar as reformas nos equipamentos urbanos (iluminação pública, melhoramento do porto, construção de teatros e abastecimento de água) e a normatização da população pobre (regulamentação do trabalho) em busca da construção de uma cidade modernizada. No entanto, percebe-se neste que as dificuldades e empecilhos técnicos impediram e evidenciaram que *O sonho “modernizador”* somente esteve presente nos discursos de seus idealizadores. Em uma outra parte desse capítulo, intitulado “*Recanto da esperança*”, menciona-se as transformações de Fortaleza a partir da chegada dos retirantes em 1877, a postura assistencialista que o Governo Provincial exerceu com relação aos emigrantes, os discursos referentes à mendicância dos retirantes na cidade, às estratégias de sobrevivência utilizadas pela população adventícia, à constante migração para capital e como as plantas topográficas foram utilizadas

como modelos de ordenamento desta cidade em construção. Na última parte deste capítulo, intitulado *“Comida, ração e fragilidade”*, tentou-se compreender a construção da imagem dos retirantes a partir das condições precárias em que se encontravam na cidade e perceber os discursos que contribuíram para a construção dos aspectos de fragilidade ressaltados através da alimentação, das vestimentas e do comportamento dentro do espaço urbano.

No segundo capítulo, intitulado *“Fortaleza abarracada”*, enfatizou-se as questões relacionadas às moradias e às descrições relacionadas à vinda dos retirantes para Fortaleza a partir de 1877. A primeira parte do capítulo *“As invenções das senzalas de palha”* deteve-se a analisar as condições estruturais dos abarracamentos a partir dos discursos do jornalista José do Patrocínio, do memorialista Rodolfo Teófilo, dos jornais, dos relatórios presidenciais e dos ofícios, enfatizando as reformas e transformações estruturais desses alojamentos dentro da cidade e a partir dos mandatos governamentais. Também foi utilizada a planta de Fortaleza de 1888, com a finalidade de observar a disposição dos abarracamentos e distritos em Fortaleza e, sobretudo, a interação dessas estruturas com a cidade. Priorizou-se mostrar os conflitos existentes entre os retirantes e os cidadãos, especialmente entre os pescadores. Nesta parte escolheu-se mostrar como os emigrantes foram organizados e ordenados pela cidade. No segundo item deste capítulo, *Domicílios do “flagelo”*, procurou-se entender a partir das fontes “oficiais” como os retirantes estavam vivendo e resistindo às diversas formas de controle e mostrar como foram constituídas as estruturas internas de alguns abarracamentos. E por fim, no último item, *“Os trabalhos de Sisifo”*, escolheu-se analisar a participação e atuação dos emigrantes nas principais obras públicas, percebendo as transgressões às leis que eram impostas e os conflitos gerados entre os retirantes e as autoridades devido ao descumprimento dessas normas. Para facilitar os diálogos, utilizou-se como fontes os jornais, os memorialistas e os ofícios expedidos, pois suas abordagens permitem aprofundar e discutir as questões referentes às experiências dos retirantes nos espaços da urbe.

O terceiro capítulo, *“Para onde sopram os ventos?”*, procurou-se analisar como os discursos higiênicos influenciaram e intervíram em Fortaleza. Desse modo, no primeiro item, *“Tentativas de higienização e salubridade”*, buscou-se observar algumas das ações da ciência médica no intuito de melhorar a salubridade pública em meados do século XIX. No segundo item, intitulado *“As intervenções higiênicas*

nos abarracamentos”, resolveu-se entender as influências das teorias higienistas na estruturação dos abarracamentos a partir das intervenções dos médicos e presidentes da Província, e dentre as medidas de combate às epidemias e doenças estavam a obrigatoriedade da vacina, a fiscalização e as tentativas de aplicação das regras de higiene nos abarracamentos, a construção de enfermarias e lazaretos para o isolamento e tratamento dos doentes. Na última parte do capítulo, denominada “*Fortaleza Sombria*”, buscou-se compreender as epidemias reinantes em Fortaleza durante o período da seca e como as condições higiênicas dos retirantes e a localização dos abarracamentos foram apontadas como principais responsáveis na disseminação e avanço das moléstias.

É necessário ressaltar que a escolha da periodização desse trabalho surgiu a partir da necessidade de compreender os discursos referentes ao desejo de modernização de Fortaleza a partir da década de 70 dos oitocentos e as transformações urbanas desencadeadas a partir da chegada dos retirantes em 1877.

Desse modo, pretende-se contribuir para os estudos e pesquisas da historiografia cearense referentes à cidade de Fortaleza durante 1870 a 1880, uma vez que a finalidade desta dissertação foi analisar e interpretar as relações que se colocam nos ordenamentos espaciais e sociais dos abarracamentos, percebendo as tensões e conflitos que a presença dos retirantes causavam aos cidadãos e entender sua participação na construção e reconstrução da Fortaleza na segunda metade do século XIX.

CAPÍTULO 1
A CIDADE PROMETIDA

1.1 – O SONHO “MODERNIZADOR”

...a edificação tem melhorado, adaptando-se os preceitos da arquitetura moderna. É uma das poucas e mais bellas cidades de todo o império; com arruamento sem tortuosidade; largo bastante, bem calçada e limpo.

Dr. José Lourenço de Castro e Silva¹

Fortaleza, na segunda metade do século XIX, almejava mudanças na sua estrutura espacial e na organização social da cidade. Progresso e civilização eram os lemas e anseios dos governantes. Esses ideais resplandeciam nos planejamentos e realizações de algumas obras e melhoramentos implementados ao longo da década de 70 dos oitocentos.

A cidade construiu seus arruamentos ao redor das margens dos rios Pajeú e Ceará, uma vez que o curso das águas era fundamental para o desenvolvimento de Fortaleza. A presença dos riachos, lagoas e açudes espalhados pelas áreas centrais também favoreceram ao crescimento urbano e também possibilitou a construção de cacimbas e chafarizes para o abastecimento de água urbano. Maria Sylvia Porto Alegre mostrou em seus estudos que ao longo desse século as ruas da vila de Fortaleza foram ocupando os espaços próximos aos rios, principalmente em torno do rio Pajeú e da praia que se estendia da ponta do Mucuripe até a barra do rio Ceará, onde havia riachos e açudes atravessados por chafarizes e cacimbas que forneciam água a população.²

As obras realizadas com a finalidade de estruturar e organizar o abastecimento de água em Fortaleza foram concretizadas, a partir da década de 60 do século XIX, com a construção de quatro chafarizes e, de acordo com o cronista Raimundo Menezes, estavam localizados “...nas seguintes praças: da *Municipalidade (hoje praça do Ferreira)*, *Garrote (parque da Independência, atual*

¹ Relatório apresentado pelo Inspetor da Saúde Pública Dr. Lourenço de Castro e Silva ao Presidente da Província do Ceará o Senhor Doutor Francisco de Assis Oliveira Maciel no dia 6 de maio do ano de 1873.

² ALEGRE, Maria Sylvia Porto, *Os ziguezagues Dr. Capanema: ciência, cultura e política no século XIX*. Fortaleza-CE: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006, p.58.

cidade das crianças), *Carolina (praça Capistrano de Abreu)* e *Patrocínio (praça Marquês do Herval)*³. É importante perceber que o desejo da aplicação desse projeto também estava relacionado aos ideais modernizadores da cidade.

A boa ventura da produção algodoeira ainda estava presente na economia cearense, até mesmo após a retomada norte-americana no comércio exportador entre os anos de 1870 e 1875. Essa mercadoria encontrava-se entre os principais produtos enviados para as potências européias, como França e Inglaterra, cuja influência pode ser observada através da aceleração do processo de urbanização em Fortaleza.

Todavia, os estudos de Maria Auxiliadora Lemenhe mostram que pensar a expansão da cidade apenas através de uma grande produção agrícola é algo limitado, uma vez que há outras questões envolvidas como o favorecimento político-administrativo do Império, que criou os mecanismos políticos e institucionais propícios à hegemonia de Fortaleza. Desse modo, deve-se compreender que a produção do algodão foi importante para o desenvolvimento econômico da capital, contudo, não se pode apontar essa como causa central da expansão cidadina.⁴

O comércio foi também um dos meios impulsionadores dos intuitos de modernização e expansão da capital. A chegada de um número significativo de comerciantes europeus, entre os quais os da casa comercial Boris Frères, abasteceu o mercado, no início dos anos de 1870, com objetos e tecidos de luxo direcionados às camadas mais abastadas da urbe, deixando a capital cearense de depender das outras províncias como seus intermediários.⁵

O intercâmbio comercial com a Europa foi consolidado em muitos casos devido às lojas matriciais existentes em alguns de seus países. A Boris Frères é um exemplo, pois garantia seu abastecimento a partir de sua loja principal em Paris. Isso possibilitava a existência de um fluxo contínuo de produtos sendo trazidos da Europa para o porto de Fortaleza.

³ MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou*. Fortaleza-CE: Edições Demócrito Rocha, 2000, pp. 85-86.

⁴ LEMENHE, Maria Auxiliadora. *As razões de uma cidade*. Fortaleza-CE: Stylus Comunicações, 1991, p. 18.

⁵ Em seu trabalho, Bezerra cita casas comerciais que estavam presentes durante as décadas de 1850/60 e 70: Kalkmann & Cia, Brunn & Cia, J. U. Graff & Cia, H. Saxer & Cia, Jeanvenenand & Cia, Schcelipty & Cia, Gradvonhl Ferres, Levy Frères, Weill & Cia, Habisreutinger & Cia, entre outro. Cf. BEZERRA, José Tanísio Vieira. *Quando a ambição vira projeto: Fortaleza, entre o progresso e o caos*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 2000, pp.45-47.

A década de 70 do século XIX vem mostrar a importância de determinados melhoramentos, sobretudo relacionados ao comércio, porque favorecia o crescimento econômico da capital e a colocava entre as “*mais bellas cidades de todo o império*”, uma vez que esse intercâmbio aproximava Fortaleza da Europa. Portanto, as melhorias do porto do Mucuripe, o prolongamento da estrada de ferro Fortaleza-Baturité (a partir de 1872), as construções de novas edificações como casas e sobrados, a inauguração do novo prédio da Assembléia (1871) – empreendimento para o qual foram derrubados vários casebres, segundo o memorialista Aderaldo Soriano⁶ – o funcionamento do primeiro trem que passava pela atual avenida Tristão Gonçalves,⁷ o Plano Diretor da cidade elaborado por Adolfo Herbster (1875) e o aumento das firmas estrangeiras promoviam o desenvolvimento da cidade.

A vinda sucessiva de alguns portugueses para esta província, como emigrantes, parece ser o prelúdio de uma corrente de emigração, que para aqui procura se estabelecer, devido á iniciativa particular. Este acontecimento, no momento em que a nação mostra-se empenhada em resolver o difficil problema do elemento servil, não pode deixar de influir poderosamente para a sua solução com relação a vossa província, onde o trabalho livre é quase uma questão resolvida.⁸

No Ceará a ascensão da produção algodoeira desencadeava a utilização do trabalho livre e, mesmo com a presença dos escravos, a Província já desfrutava em grande parte de uma mão de obra livre. Para o historiador Evaldo Cabral “o trabalho livre eliminou praticamente o seu concorrente servil em meados dos setenta” e “A grande seca de 1877-1879 deu apenas o golpe de misericórdia num regime de trabalho que estava, de fato, moribundo”.⁹ Percebe-se que os estrangeiros, principalmente os portugueses, aparecem retratados neste cenário com o intuito de contribuir, por meio de seu trabalho, para a economia cearense, já que a mão de obra livre predominava sobre a escrava, sendo de grande importância a utilização de mão-de-obra estrangeira.

⁶ ADERALDO, Mozart Soriano. *História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada*. Fortaleza-CE: Casa de José de Alencar, 1998, p.32.

⁷ Ibid. p.33.

⁸ Fala com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador João Antônio de Araújo Freitas Henriques, abriu a 1.ª Sessão da 18.ª Legislatura da Assembléia Provincial em 1.º de setembro de 1870, p. 35.

⁹ MELO, Evaldo Cabral de. *O norte agrário e o Império*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, p. 24.

A participação desses emigrantes trouxe cada vez mais autonomia para as atividades comerciais, uma vez que o Ceará passou a negociar diretamente com os países desejados sem que ficasse dependente de outras Províncias para vender ou comprar os produtos almejados. O intercâmbio com alguns dos países europeus também foi relevante para a construção de uma nova ordem urbana a partir da atuação das elites intelectuais, representadas por profissionais liberais, médicos, bacharéis, engenheiros e outros doutores que participavam das recém-fundadas academias de ensino superior do Brasil. É com propriedade que o historiador Sebastião Ponte assinala o motivo pelo qual a racionalidade científica, predominante na Europa, permitiu que as elites intelectuais formassem as instituições de saber e compartilhassem dos mesmos desejos civilizatórios da classe dominante.¹⁰

Observou-se que a migração para a capital cearense não foi somente de desvalidos, mas que a cidade também atraiu grupos de pessoas vindas de outras regiões e países que tinham como objetivo central o investimento em negócios e no comércio local. Assim, observando esses diferentes tipos de migrantes nota-se como Fortaleza era múltipla e dinâmica para atender e seduzir os diversificados interesses desse contingente de pessoas em meados do século XIX.

As leituras e estudos realizados sobre as principais cidades brasileiras apontam o desejo que os intelectuais tinham de aproximar os hábitos da população cidadina aos novos padrões de civilização e progresso. As intervenções urbanas sob o comando dos engenheiros e higienistas tentaram implementar ações no intuito de conseguir que os usos de novas regras fossem incorporados nas práticas cotidianas dos cidadãos.

Entretanto, a cidade não pode ser visualizada apenas como um campo de progressos e realizações, pois as dificuldades ainda que não tão destacadas nas fontes aparecem e desconstróem a imagem de uma urbe civilizada. Em grande parte, os problemas administrativos podem ser observados no funcionamento de algumas das obras públicas como o porto do Mucuripe, a iluminação pública, a segurança e outros elementos citados anteriormente como indicativos do desenvolvimento de Fortaleza. Desse modo, percebe-se o quanto foi considerado útil para o progresso da cidade o trabalho dos retirantes a partir de 1877.

¹⁰ PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza *Belle Époque; reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza-CE: FDR/Multigraf, 1993, pp. 13-15.

Ao longo do século XIX a iluminação pública passou por algumas transformações decorrentes dos aperfeiçoamentos técnicos. O memorialista João Nogueira denomina estas fases de a *era do azeite*, a *era do gás carbônico* e a *era da eletricidade com fios*. Os desejos de implantação de uma iluminação no ambiente urbano podem ser observados desde o ano de 1834, uma vez que a preocupação com os crimes noturnos foi o grande impulsionador de sua implantação. Porém, a precariedade era notória, pois segundo alguns memorialistas a quantidade de lâmpões não atendia a uma grande área da capital.

Contribuíram para esta excelente iluminação a pequena distância entre eles, sua pouca altura (2m40), a brilhante chama em forma de leque, queimando um gás bem preparado, a tampa pintada de branco, por dentro, servindo de refletor, espalhando a luz pelas calçadas e ruas, e a manga de vidro, inteiriça.¹¹

Com a “era a gás carbônico”, a partir do ano de 1867, não somente houve um aumento dos espaços iluminados na cidade, mas a participação de empresas, principalmente ligadas a outros países e que tinham o encargo de fazer a manutenção da iluminação. Assim, o serviço deixava diretamente de ser realizado por funcionários do governo provincial.

Foi contratada pelo presidente Dr. José Bento da Cunha Figueiredo em 16 de janeiro de 1864 com Joaquim da Cunha Freire por si e por seu sócio Thomas Rich Brandt, os quais transferiam o privilégio à companhia Inglesa - Ceará Gás Company Limited, incorporada em Londres, onde tem a sua sede.¹²

Antônio Bezerra de Menezes em suas descrições sobre Fortaleza mostrou que o desejo de uma melhoria técnica nos equipamentos urbanos levou à busca de padrões e modelos observados nos países europeus, realizando associações com empresas estrangeiras. No entanto, esse intuito nem sempre trouxe os melhoramentos desejados e a insatisfação com os serviços dessas companhias era exposta nos relatórios dos presidentes da Província.

¹¹ NOGUEIRA, João. *Fortaleza Velha: Crônica*. Fortaleza-CE: Edições UFC, 1984, p.31.

¹² MENEZES, Antônio Bezerra de. *Descrição da cidade de Fortaleza*. Fortaleza-CE: Edições UFC/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1992, p. 37-38.

É defeituoso o desempenho que da esta empresa as obrigações contrahidas para com a provincia. A intensidade da luz, que apresenta cada combustor, é constante e sensivelmente inferior o que estipulara no contracto. Este abuso ainda se torna mais notável, depois das 9 horas da noite. Serve muito mal aos particulares, pelo que convem tomar serias medidas no sentido de chamal-a ao exacto cumprimento dos deveres.¹³

O relato do presidente sinaliza que apesar do contrato firmado e de um certo status, as empresas estrangeiras possuíam falhas e o não cumprimento dos contratos era uma constante e afetava tanto a iluminação pública como a dos particulares. A solução era “*fiscalisar a iluminação,*”¹⁴ ou seja, o governo teve que estar mais presente na manutenção dessa luz, fiscalizando a empresa responsável.

A iluminação pública foi apenas um dos vários problemas enfrentados pelos presidentes da Província. A organização urbana e os melhoramentos implementados no período de 1870 a 1880 em Fortaleza desencadearam algumas transformações nas suas ruas, edifícios, praças e diversas estruturas do espaço da urbe, no entanto, a modernização tão sonhada pelas classes dominantes, incluindo os intelectuais ligados às áreas da saúde e engenharia, na prática, foi insignificante.

Infelizmente não é ainda satisfactorio o estado da provincia no que pertence a segurança individual e de propriedade. Os vícios, os máos habitos, os excessos de bebidas alcoolicas, e, sobretudo, a falta de educação de que se resente o povo, são as causas, a que, em geral, se attribue os ataques contra taes direitos.¹⁵

O comportamento do “*povo*”, referido na fala do presidente da Província, é colocado como um dos grandes empecilhos para a segurança pública e, por conseguinte, a concretização dos ideais de progresso pensado para a capital cearense. Os vícios são mostrados freqüentemente como parte do cotidiano dos moradores da periferia, ou seja, aqueles que viviam fora das áreas centrais e que tinham uma ínfima condição de sobrevivência. Deve-se mencionar que mesmo diante das diversas formas de normatização e leis impostas à população “*excluída*”, ela permaneceu nesses espaços e resistiu às diversas intervenções.

¹³Fala com que o Excelentíssimo Senhor Doutor Francisco de Assis Oliveira Maciel, abriu a 2.ª Sessão da 21.ª Legislatura da Assembléia Provincial no dia 7 de julho de 1873, p.15.

¹⁴ Ibid. p.15.

¹⁵ Ibid. p.02.

As causas atribuídas para as atitudes como maus hábitos, alcoolismo e crimes passionais estavam relacionadas à falta de educação. Mais adiante o mesmo relatório refere-se à importância da instrução: *“a diffussão do ensino pela população, inculcando-lhe no espirito os principios salutarees da moral e da religião, vá pouco a pouco, diminuindo a estatística criminal da provincia”*. Percebe-se que o ensino é empregado como solução para deter a criminalidade e proporcionar a manutenção das posturas morais, nas quais a religião está presente em grande parte dos discursos direcionados à população pobre.

“Educar o povo e cercar a autoridade publica de todos os elementos d’ ação, parecem-me os mais poderosos meios de chegar-se ao fim desejado”. Uma das preocupações demonstradas nos relatórios de presidente da Província foi colocar a educação moral como primordial para o combate aos crimes.

O porto de Fortaleza também foi outro grande indicativo do processo modernizador: *“o melhoramento do porto desta capital é uma aspiração da provincia, como primeira necessidade para o seu progresso e desenvolvimento de sua riqueza”*,¹⁶ contudo, deve-se perceber que apesar de tantos planejamentos houve algumas dificuldades ao se colocar em prática os projetos de melhoramentos para a cidade. Mesmo não estando explícito pode-se observar essas dificuldades em algumas partes dos relatórios de presidente da Província *“... a verdade é que, ou pelas dificuldades da obra, ou pela avultada somma, em que é orçada, - nem uma medida foi, até hoje iniciada, e menos levada a effeito”*.¹⁷ Sejam questões econômicas ou problemas com as construções, o que se nota é que existiram empecilhos para efetivação dos devidos benefícios.

A deficiência em algumas obras demonstra como a estrutura física de Fortaleza na segunda metade do século XIX ainda era bastante debilitada. A falta de uma rede de esgotos é um exemplo destes problemas urbanos.

Chegou a concluir-se a rampa contratada e a companhia havia conseguido promessa da presidencia de mandar colocal-a, preservando-se de qualquer damnificação, quando foi destruída, na parte superior, pela chuva

¹⁶ Fala com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador João Antônio de Araújo Freitas Henriques, abriu a 1.ª Sessão da 18.ª Legislatura da Assembléa Provincial em 1.º de setembro de 1870, p.19.

¹⁷ Relatório com que o Excelentíssimo Senhor Comendador João Wilkens de Mattos, abriu a 1.ª Sessão da 21.ª Legislatura da Assembléa Provincial no dia 20 de outubro de 1872, p. 30.

descomunal...Este juízo foi ocasionado pelo aterro, que se fazia na praça d'Amélia. Os encarregados d' essa obra, tirando às águas pluvias de uma grande zona da cidade e seu esgoto natural...¹⁸

O documento mostra que de certa forma os prejuízos trazidos pela chuva foram agravados devido à precária situação dos esgotos. Desse modo os melhoramentos, em muitos casos, eram prejudicados por falhas de outras construções e assim a cidade sonhada ficava apenas nos discursos e nas palavras de seus idealizadores. No entanto, algumas das transformações almeçadas podem ser visualizadas nas composições das casas e edifícios.

As casas baixas, proletárias, de beira e bica, paredes de taipa e, também, as mais presunçosas, de beira e sub-beira, portas lisas e sem bandeiras nem persianas, aos poucos eram substituídas por outras mais elegantes e burguesas, de cimalthas e cornijas, com fachadas artísticas, de frontões ogivais, varandas ou balcões de ferro...¹⁹

As edificações ao longo da década de 70 do século XIX passaram por um processo de reestruturação e os prédios e casas, sobretudo da elite fortalezense, apresentavam nos detalhes estéticos os modelos e objetos europeus, na tentativa de fazer parte da civilização vigente. As fachadas, como foram descritas pelo historiador Raimundo Girão, demonstravam os valores burgueses que resplandeciam intensamente nesse período. As casas de taipa passam a ser identificadas e usadas para moradia da população pobre, enquanto as das famílias mais abastadas foram em grande parte substituídas pelo ferro e o concreto.

Pode-se observar nos Códigos de Posturas o interesse que existia em mudar e seguir novos padrões. Sabe-se que esse desejo nem sempre foi concretizado, contudo, ao serem colocados como normas, esses preceitos mostram que foram uma das prioridades da administração citadina.

Nenhuma edificação de cazas ainda mesmo de taipa ou palha, nem construção de cercas, começará no espaço compreendido na planta da

¹⁸ Fala com que o Excelentíssimo Senhor Doutor Francisco de Assis Oliveira Maciel, abriu a 2.ª Sessão da 21.ª Legislatura da Assembléia Provincial no dia 7 de julho de 1873, p. 46.

¹⁹ GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética de Fortaleza*. Fortaleza-CE: Casa de José de Alencar, 1997, p.106.

cidade e na das povoações, sem preceder alinhamento, assim como o nivelamento para cazas de alvenaria.²⁰

As normas e leis faziam-se presentes na teoria, no entanto o cumprimento foi algo difícil na execução. Ao longo deste trabalho pode-se compreender que houve diversos empecilhos para a prática dessas posturas, e uma das publicações dessa lei, no ano de 1879, ocorreu num período considerado crítico para a cidade, pois muitos sertanejos adotaram Fortaleza como refúgio dos seus infortúnios e, assim criava-se o impasse entre o embelezamento da cidade e os indesejáveis.

A preocupação em determinar modelos não foi direcionada apenas às habitações, mas também aos espaços urbanos como as ruas e travessas. Assim, considera-se importante a análise que a arquiteta e urbanista Raquel Ronilk desenvolveu em seu texto “A cidade e a lei”.²¹ Apesar desse trabalho de Ronilk estar voltado a analisar a cidade de São Paulo, nos séculos XIX e XX, existe a possibilidade de pensar também a cidade de Fortaleza, uma vez que os Códigos de Posturas apresentavam semelhanças, contudo, é fundamental apontar que os intuitos modernizadores tiveram em cada cidade suas particularidades, desejos, forças e interesses próprios.²²

Ronilk debate que uma das preocupações presentes nessas leis era a questão como a fluidez do trânsito nas ruas e a demarcação dos espaços públicos e privados. Olhando Fortaleza, podem ser analisadas algumas das questões que também fizeram parte das inquietações estudadas por Ronilk, como a construção dos três boulevards (atuais avenidas do Imperador, Duque de Caxias e D. Manoel) próximos ao perímetro central. Segundo Sebastião Ponte, a finalidade da construção destas avenidas era no futuro facilitar o escoamento do movimento urbano.²³

²⁰ Atos Legislativos da Província do Ceará de 1878, em 1.º de fevereiro de 1879, p. 65.

²¹ RONILK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1999, p. 33.

²² Belém, Manaus, Florianópolis, Fortaleza tiveram suas peculiaridade e práticas no que diz respeito aos desejos de modernização pensados em meados do século XIX. Cf. DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus (1890-1920)*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 1999; SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 2000; ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral. Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira República*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 1989; PONTE, Sebastião Rogério. *Op.cit.* nota 10; BEZERRA, José Tanísio Vieira. *Op.cit.* nota 5.

²³ PONTE, Sebastião Rogério. *Op.cit.* p. 23, nota 10.

Dois anos depois, 1873, corria o primeiro trem, cujos trilhos passavam pela atual Avenida Tristão Gonçalves, motivo por que essa artéria é bastante larga em relação às demais do perímetro central da cidade e era conhecida como rua do Trilho, ou simplesmente Trilho de Ferro, depois de se ter chamado rua da Lagoinha.²⁴

Os planos de construir uma “nova” cidade, cercada por equipamentos que servissem aos propósitos de seu crescimento e desenvolvimento, podem ser visualizados nas obras públicas implementadas na capital cearense: o porto, as ruas, as edificações e, principalmente, como mostra o memorialista Aderaldo, o trem, que aos poucos foi fazendo parte do cotidiano cidadão. Mesmo tendo uma estrutura precária, as aspirações por uma estrada de ferro estavam presentes nos discursos da elite local.

O trem, considerado um dos importantes reflexos dessas transformações, foi utilizado a partir de 1873 dentro da cidade de forma limitada quanto às áreas atendidas, porém, a década de 70 foi marcada pelo prolongamento da estrada de ferro de Baturité, cujas obras só foram concluídas em 1880.

Esta auspiciosa e importante via-ferrea, primeira e única iniciada na província, obra excessiva de seus filhos, antiga aspiração d’ella e commettimento grandioso para, cuja realização deve concorrer activamente todo bom cearense...²⁵

As obras do prolongamento da estrada de ferro e a construção da estação central (em frente à atual praça Castro Carreira) foram iniciadas a partir do ano de 1872, resplandecendo um sonho de algumas personalidades locais e do governo da província. Sua inauguração somente foi realizada em 9 de julho de 1880 e tinha inicialmente a finalidade de ligar a cidade de Fortaleza a Pacatuba, no entanto a obra se estende até Baturité. Em 1878, a obra vai ser ampliada e vai ligar o porto de Camocim à cidade de Sobral. Na sua construção, o engenheiro responsável, João Felipe, empregou como mão de obra os retirantes que habitavam na cidade devido às calamidades da seca.

²⁴ ADERALDO, Mozart Soriano. *Op.cit.* p. 33, nota 6.

²⁵ Relatório com que o Excelentíssimo Doutor Heráclito de Alencastro Pereira da Graça passou a Administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor Doutor. Esmerino Gomes Parente, 2.º Vice-Presidente da mesma em o dia 1.º de março de 1875, p. 19.

A estação foi construída no local onde estava o cemitério São Casemiro, que foi demolido em função das obras. Segundo alguns memorialistas, a intenção dos seus idealizadores era que tal edificação deveria ser vista do mar, ou seja, era avisar aos navegantes que se aproximavam que ali havia autoridade, espaço para lazer, saúde, segurança e progresso, uma vez que os principais prédios públicos dessa área eram o forte-quartel, o Passeio Público, a Santa Casa de Misericórdia e a Cadeia Pública.

Dentro dos intuitos de crescimento e desenvolvimento de Fortaleza, a cultura tornou-se destaque e uma das inquietações das elites, sobretudo dos intelectuais. O teatro, importante meio de propagação da cultura, foi apontado como um dos responsáveis para a concretização da conquista do ambiente civilizatório e passou a estar presente nos discursos dos governantes como solução e caminho para o progresso da cidade.

É tempo de cuidar da construção de um teatro nesta capital o qual o embelleamento desta, como para a distração da população. O teatro foi sempre considerado como elemento civilizador, concorrendo poderosamente para a reforma e a amenização dos costumes. É também reputado como um divertimento honesto, e necessário em todas as cidades populosas.²⁶

A fala destacada mostra como o teatro foi fundamental, pois trazia valores de civilidade para uma cidade que almejava o progresso. O divertimento “honesto” ressalta a preocupação existente de que a distração deveria ser algo saudável no sentido moral. As pessoas que frequentassem esses locais deveriam encontrar um ambiente propício à diversão, mas também onde as condutas morais deveriam estar presentes nas peças, servindo como modelos para o público.

Não possui a capital do Ceará, apesar do aumento de sua população e do grau de civilização que já atingiu, um teatro que oferecendo ao público distrações licitas, preencha os fins a que é destinado como escola de costumes, como tribuna literário e as vezes política, e como cadeira de eloquência, história e para moral, que sirva de lição e exemplo ao povo.²⁷

²⁶ Fala com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador João Antônio de Araújo Freitas Henriques, abriu a 1.ª Sessão da 18.ª Legislatura da Assembléia Provincial em 1.º de setembro de 1870, p. 34.

²⁷ Relatório com que o Excelentíssimo Doutor Heráclito de Alencastro Pereira da Graça passou a Administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor Dr. Esmerino Gomes Parente, 2.º Vice-Presidente da mesma em o dia 1.º de março de 1875, p.21.

O ambiente teatral é percebido como um instrumento moralizador para seus frequentadores. Um modelo e um direcionamento das atitudes morais eram os principais objetivos desse espaço artístico, ou seja, o teatro não era um simples local para os divertimentos e lazeres da sociedade, mas também, como o relatório aborda, uma “*escola de costumes*”, na qual o exemplo transmitido durante os espetáculos servia como lição para o cotidiano dos cidadãos.

A compreensão dessas mudanças é fundamental para perceber a Fortaleza que tenta vivenciar os ares de cidade desenvolvida, difundidos em meados do século, mas que se esconde atrás de máscaras. Quando se analisa a documentação da década de 70 do século XIX, esse mundo ilusório é desmascarado, e o que se vê é uma cidade ainda em descoberta.

A idealização de um progresso para a cidade passou a ser preocupação urbanística no início do século XIX com o projeto e execução de Antônio José da Silva Paulet²⁸. Até então o único projeto de planta (desenho) da vila de Fortaleza foi realizado em 1726, pelo capitão - mor Manuel Francês. Paulet tinha como proposta planejar uma planta que tivesse o objetivo de promover expansão e ordenamento “espontâneos”, porém, que o seu crescimento tentasse seguir uma “orientação lógica”, como afirmava o historiador Girão.²⁹

O traçado urbanístico de Paulet teve como inspiração as cidades hispano-americanas, que possuíam formato em xadrez, e suas ruas cortavam em ângulos de 90°. Porém, deve-se destacar que tais organizações já vinham sendo usadas pelos povos indígenas latino-americanos. Ressalta-se que nesse momento no Brasil foram poucas as preocupações com os estudos urbanísticos e os planejamentos ficavam, na maior parte, à mercê de influências e desejos de cada cidade, portanto, de seus governantes.

Os espaços urbanos da capital cearense foram delimitados a partir dos traçados das plantas topográficas desenhadas por Adolfo Herbster, engenheiro da Província e do município, que desenvolveu projetos de urbanização para a cidade de Fortaleza nas décadas de 50, 60, 70 e 80 do século XIX. Essas plantas passaram

²⁸ Este era português de Vila de Nogueira de Azeitão, nos arredores de Setúbal. Integrante da Armada Real, transferiu-se para o Exército ao chegar ao Brasil em 1808. Trabalhou em 1812 como Ajudante de Ordens do Governo de Manuel Inácio de Sampaio. Ver: GIRÃO, Raimundo *Op.cit.* pp. 73-81, nota 19; ADERALDO, Mozart Soriano. *Op.cit.* pp.27- 30, nota 6.

²⁹ GIRÃO, Raimundo. *Op.cit.* p.106, nota 19.

por processos de adaptação ao crescimento e ordenamento da cidade. A idéia era tentar padronizar Fortaleza aos modelos das cidades européias e aos interesses políticos dos poderes vigentes do momento.

Herbster em 1875 elaborou um plano diretor para a cidade (figura 1) e visualizando-o deve-se notar que a intenção era proporcionar um direcionamento para o crescimento da cidade. Seu formato em xadrez tinha o intuito de facilitar o fluxo e assim, como as reformas do Barão Haussman em Paris, fazer com que a vigilância também fosse propiciada a partir dessa estrutura.

Para o memorialista Aderaldo, a partir da planta de Herbster, construíram-se duas Fortalezas, pois ele tentou disciplinar a margem direita do rio Pajeú. Para o autor, a grande falha desse engenheiro foi não ter considerado a outra margem, criando sérios problemas, especialmente, na ligação Outero e Aldeota. Todavia, é interessante abordar que através das plantas elaboradas por Herbster, observa-se que não se aponta uma preocupação com as áreas já habitadas fora do perímetro central, mas há a intenção de considerar as áreas destacadas como o local principal de Fortaleza. Desse modo, as áreas sem destaque mostram-se locais de futura expansão da cidade e onde a população pobre é simplesmente escondida.

Os dois mapas têm o centro como áreas de destaque, principalmente por ser o local administrativo e comercial da cidade. Áreas fora deste perímetro eram consideradas como subúrbios e nelas habitavam, em grande parte, uma população pobre. É importante mencionar que algumas das personalidades usavam esses espaços para a construção de sítios e esses terrenos só despertariam interesses mobiliários a partir do crescimento populacional e espacial, principalmente, no século XX.

Um dos detalhes que se podem visualizar nos mapas diz respeito às diferenças em suas estruturas. Elas são mínimas e isso é algo que leva a diversos questionamentos. A cidade depois da seca de 1877 passa por várias transformações, principalmente devido ao grande crescimento populacional. Ao fim dessa calamidade muitas famílias regressaram às suas antigas moradias, no entanto muitas permaneceram, especialmente nas áreas onde já moravam durante o período. Assim, crescimentos e mudanças existiram, porém, Herbster não coloca essas modificações no mapa de 1888, e o centro continua sendo o destaque.

Os planejamentos urbanísticos demonstraram o quanto o governo provincial almejava a modernização da cidade, contudo muitos planos não saíram do papel. Mesmo havendo um desejo de seguir os modelos dos países europeus, na prática os planejamentos tiveram características próprias, pois as questões físicas de seus espaços acabavam por influenciar. Após o período de seca, de 1877 a 1879, percebeu-se como o mapa de Herbster tomou um outro rumo e como as áreas foram sendo habitadas a partir das construções dos abarracamentos, tendo como prioridade o afastamento da população das áreas centrais e não se adequando aos traçados do mapa.

A ciência dentro do cenário urbano teve um papel relevante na tentativa de concretizar o sonho de uma cidade civilizada. Os novos modelos e teorias como o evolucionismo social, o positivismo, o naturalismo e o social-darwinismo passam a ser difundidos a partir da década de 70 do século XIX. Lílian Schwarcz mostra em seu trabalho que a monarquia tentava diferenciar-se das demais repúblicas latino-americanas e para isso aproximar-se dos modelos de conhecimento e de civilidade europeu era parte dos planos. A ciência, um dos meios de alcançar os intuítos civilizatórios, torna-se presente no Brasil a partir do século XIX, porém o seu uso a princípio pode ser visto como “moda”, pois a sua produção e prática só passava a vigorar posteriormente.³⁰

A higienização aparece neste cenário amparada pelas explicações científicas predominantes do momento e suas práticas buscam conter as ações da população citadina que vivia nos entornos do centro de Fortaleza, uma vez que se acreditava ser esta uma ameaça para a concretização dos sonhos de progresso. O Código de Postura, de 1870, indica objetivamente as tentativas de controle da população que habitava as áreas periféricas.

Rendeiros e moradores dessa área da periferia urbana estão obrigados a ter levantadas dos correntes sempre limpos à enxada. A Cia. do Bemfica, responsável pelo abastecimento d'água potável é compelida a empregar em seu serviço canecas de capacidade de 20 litros, aferidas, e manter os

³⁰ SCHWARCZ, Lílian Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.28.

empregados durante o abastecimento vestidos com roupas limpas e decentemente, previsto o uso de pelo menos camisa e calça.³¹

No geral as leis mostravam que os costumes dos moradores das áreas periféricas foram nocivos e prejudiciais à sociedade cearense e, por conseguinte, deveriam ser vigiados e fiscalizados na tentativa de evitar transtornos para a cidade, já que existia uma inquietação e apreensão com relação aos intuitos “modernizadores”. Interessante observar que os Códigos de Posturas foram usados também para regulamentar o trabalho e contribuíram para tornar os mercados e o comércio informais de alimentos em experiências suspeitas e fora da lei.

Ao analisar alguns documentos percebe-se que os problemas enfrentados pelas questões relacionadas à higiene apontam a população da periferia como responsáveis e contribuidoras para a disseminação das doenças, enquanto, os descasos de algumas das empresas responsáveis pelos serviços públicos aparecem pouco divulgados.

No relatório de presidente da Província de 1875 observa-se um tópico sobre o abastecimento de água em Fortaleza em meados do século XIX e neste documento foram apresentados alguns pontos que evidenciam os descasos de algumas das empresas contratadas.

Tendo a camara municipal desta cidade verificado por uma commissão, de sua nomeação, que no deposito d’agua do bemfica, os tanques, d’onde descem as mesmas para a capital continhão notavel sedimento de ferro, e havia muita falta de asseio, vivendo alli grande quantidade de morcegos, com entrada livre por quatro janellas sem rotula, e por entre a coberta e entesouramento: a falta de limpeza nas bicas de ferro, cobertas de lama misturada com matérias vegetaes em putrefação.³²

Fica bastante destacado que a água armazenada no Benfica, a qual servia para o abastecimento público e particular, estava sendo conservada em um estado prejudicial à higiene da população citadina. Nota-se que a empresa responsável negligenciou alguns dos compromissos assumidos na contratação, uma

³¹ CAMPOS, Eduardo. *A Fortaleza provincial: O urbano e o rural*. Fortaleza-CE: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988, p. 108.

³² Relatório com que o Excelentíssimo Doutor Heráclito de Alencastro Pereira da Graça passou a Administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor Doutor Esmerino Gomes Parente, 2.º Vice-Presidente da mesma em o dia 1.º de março de 1875, p. 24.

vez que determinadas práticas de asseio como limpeza foram deixando de ser realizadas e, como é relatado, a presença de morcegos sinalizava abusos contra salubridade pública.

Solicitou a camara a 13 de outubro do anno passado a esta presidencia, a aprovação de artigos de posturas, investindo-a do direito de fiscalisar o estudo da fonte, tanques, ou depósitos, e dos chafarizes pertencentes a companhia contractadora do abastecimento da agua a esta cidade, quando haver falta de asseio, ou achar se água em estado nocivo à salubridade publica, bem como de providenciar contra os abusos, que se derem; forão estas posturas provisoriamente approvadas, ouvido o agente da companhia, não procedendo sua opposição.³³

O descaso e os abusos trouxeram grandes preocupações para a Câmara Municipal e motivaram diversas ações com o objetivo de evitar a permanência de tais atitudes. Desse modo, a designação de uma comissão para fiscalizar as ações das empresas contratadas no abastecimento de água foi a solução encontrada para impedir que o estado sanitário e as condições higiênicas de armazenamento de água afetassem a saúde pública da cidade.

A cidade enfrentava diversos problemas que evidenciavam um processo lento na transformação e no desenvolvimento de Fortaleza na segunda metade do século XIX. A situação calamitosa da seca e o deslocamento da população sertaneja a partir de 1877 foram apontados como grandes entraves à marcha do progresso, ou seja, para a concretização dos ideais modernizadores, no entanto, deve-se observar que as dificuldades de estruturação e organização da urbe já existiam e que a presença dos retirantes somente veio agravar tal situação. Desse modo, deve-se observar que ao longo da década de 70 dos oitocentos, os fatores que mostravam os diversos conflitos enfrentados pela tão sonhada “modernização” estavam mais relacionados à organização das elites do que à presença de uma população pobre.

³³ Relatório com que o Excelentíssimo Doutor Heráclito de Alencastro Pereira da Graça passou a Administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor Doutor Esmerino Gomes Parente, 2.º Vice-Presidente da mesma em o dia 1.º de março de 1875, p. 24.

1.2 – RECANTO DA ESPERANÇA

Repellidos quando esmolavam, acoçados cruamente quando, se aproveitando da escuridão da noite, invadiam as lavras, o que lhes restava era a emigração para capital, para onde, diziam elles o rei tinha mandado muito dinheiro e roupa para se distribuírem com a pobreza.

Rodolpho Theophilo³⁴

Em 19 de março de 1877, a população cearense aguardava atentamente os sinais “divinos” para o anúncio de um ano de fartura. Essa data especial para o imaginário dos sertanejos era comemorada durante o dia de São José, padroeiro da Província. De acordo com as crenças populares, se durante essa data comemorativa chovesse, era sinal de grande prosperidade na agricultura para aquele ano, caso contrário, era o indicativo de seca e, para muitas famílias, sinal para migrar.

O cenário parece propício para começar esta jornada, que tem como roteiro analisar e compreender como se deu o processo de transformação da cidade de Fortaleza com a chegada de diversos grupos de retirantes que buscavam um refúgio para suprir suas “necessidades”. Desse modo, ao longo do caminho diversas documentações, referentes aos migrantes na cidade, foram importantes indícios para compreender a movimentação e ação desses sujeitos históricos no cotidiano da Fortaleza da segunda metade do século XIX.

Em seus escritos, o farmacêutico e conhecido memorialista, debatido e estudado pela historiografia, Rodolfo Teófilo, chama atenção para a forma pela qual a população interiorana recebia as notícias sobre os auxílios enviados e a crença de que o Imperador mandava ajuda somente para a capital cearense. Todavia não se pode considerar esse fato o único determinante para a migração, pois havia outros fatores que contribuíram significativamente para desencadear tal ação, como as questões relacionadas à falta de terras, às relações de dependência com o grande proprietário e ao desejo de buscar trabalho em outras Províncias, a fim de melhorar suas vidas.

³⁴ THEÓPHILO, Rodolpho. *História da secca do Ceará (1877-1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922, p. 97.

Quem dá aos pobres empresta a Deus
Rico, grande potentado
Tende inteira compaixão
Do triste povo coitado.
Que morre a mingua de pão,
Estendei-lhe mão de amigo,
Dae-lhe pão e dae-lhe abrigo
Que assim salvae do perigo
*Esse povo vosso irmão ...*³⁵

O poema utiliza palavras que dão um tom de proteção e pedido – “*Dae-lhe pão e dae-lhe abrigo*” – para mostrar a situação em que se encontrava a população migrante em Fortaleza. Os vocábulos empregados sugerem uma relação de troca de favores desiguais e não liberais – paternalismo – em que o pedido por proteção dava lugar às exigências por direito. Nesse sentido é interessante observar a abordagem realizada por Thompson ao analisar o modelo paternalista utilizado na Inglaterra em meados do século XVIII, no qual, havia “*uma existência Ideal e, igualmente, uma existência fragmentária*”³⁶, ou seja, essa relação foi bastante importante para a manutenção da ordem, apesar de suas peculiaridades. Assim nota-se uma determinada semelhança com as relações predominantes em Fortaleza, visto que esse modelo tornou-se fundamental para a sustentação do equilíbrio das estruturas da cidade.

Desse modo, a Imprensa a princípio colocava nas mãos da cidade e de seus governantes a responsabilidade de “*salvar do perigo esse povo vosso irmão*”, uma vez que esperava lealdade e retribuição dos retirantes. É importante mencionar que apesar de o jornal “*O Retirante*” dizer-se defensor dos retirantes e Órgão das vítimas da seca, não foi produzido pelos emigrantes e, em geral, suas interpretações e matérias defendiam os interesses políticos de seus responsáveis.

Os retirantes batiam à porta e agrediam o ego de uma elite urbana desejosa de ares civilizados e mais que isso: inviabilizava boa parte de sua vida. Os

³⁵(B.P.G.M. P) O jornal “*O Retirante*” em 29 de julho de 1877, p. 3.

³⁶ THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 160.

“flagelados” circulavam pelos espaços urbanos como praças e ruas a procura de ajuda. Muitos utilizavam o seu estado de penúria na tentativa de conseguir de diversas formas o que desejavam (alimentos, roupas, dinheiro...), e para isso a trapaça era um recurso usado com os cidadãos que os ajudavam.

A criminalidade e a prostituição vão estar presentes no cotidiano desses retirantes. A seca passava a ser a grande responsável por trazer esta “estranha e dolorosa novidade”³⁷. O Farmacêutico Rodolfo Teófilo relata em seu livro “História das Seccas no Ceará” que “O vicio parecia ter contaminado todos os famintos. Viam-se em todas as idades criaturas pervertidas”³⁸. No entanto, é importante analisar que os fatores considerados “novos” já faziam parte do cotidiano da cidade, a fim de se desconstruir a idéia de que os vícios apontados pelos jornais, relatórios e memorialistas aparecem através dessa calamidade.

Neves demonstra em seu trabalho que as autoridades e moradores da capital cearense consideraram a prostituição um dos principais problemas enfrentados no período da seca, pois se acreditava que a “... *predisposição natural aos vícios morais e ao crime poderia ser resultado da miséria...*”³⁹. A ausência de algumas fontes no decorrer desta pesquisa impediu que se pudesse analisar com mais aprofundamento a temática da prostituição nesse momento em Fortaleza.

Diante do novo retrato, a cidade apresenta alguns casos que possibilitam pensar como os processos sociais estão se dando, entendendo que possivelmente os atos de furto, prostituição e criminalidade foram formas e tentativas de sobrevivência mostradas pelas fontes a partir das ações cotidianas desses “novos cidadãos”. O jornal “O Retirante”, no dia 19 de agosto de 1877, denunciou o caso de um roubo de uma criança:

...foi roubada por uma preta uma menina de 3 a 4 anos de idade, filha da viuva Alexandrina de tal, retirante, que se achava debaixo de um cajueiro, quasi em frente a chacara do Sr. Tenente Sampaio. Esta preta, segundo

³⁷ NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 27.

³⁸ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 125, nota 34.

³⁹ NEVES, Frederico de Castro. *Op.cit.* p. 38, nota 37.

nos disseram, já havia por varias vezes pedido a Alexandrina uma de suas filinhas, dizendo ser para dar uma família, ao que ela sempre negou-se...⁴⁰

Não aparece no jornal as causas que motivaram o roubo da criança e nem referências se a seqüestradora era também uma retirante, contudo interessa perceber que tais atos estavam relacionados às estratégias de sobrevivência e, provavelmente o uso de crianças retirantes serve tanto como instrumento de sensibilização no momento da mendicância como “mercadoria” para obtenção de dinheiro. É necessário também visualizar a rede entrecruzada de possibilidades e problemáticas que envolvem essa questão e, principalmente, perceber que as intenções as quais levaram a preta a entregar a criança para uma outra família vão além de um simples rapto, pois se observa que os interesses pessoais de ganhar algo em troca aparecem expressos implícitamente no texto.

Esse e outros casos vão permear o mundo de Fortaleza, mostrando que o ato de pedir esmola passa a ser recriminado e combatido, pois ações do tipo tinham o objetivo de evitar a constante circulação e os possíveis conflitos gerados no ambiente urbano. As fontes também criticavam e consideravam abusiva a participação de crianças no ato da mendicância.

É extraordinário a mortandade nos meninos, e, ao meu ver, ella tem origem no desleixo, ou antes perversidade de seus Paes, que os conservão a pedirem esmolas pelas ruas, ostentando a maior miseria e já em mao estado de alimentação voltando ao seio daz familias as creanças commem á noute carne do sul mal cozida de modo que a morte n´este cazo torna se inevitável...⁴¹

A mortalidade infantil, dentro do ofício dirigido ao Presidente da Província, foi justificada pela “*perversidade*” dos pais delas, isentando o poder público de qualquer responsabilidade, uma vez que as autoridades afirmavam que as crianças morriam devido à má alimentação ocasionada pela mendicância diária. No entanto, o governo omitia nos discursos as questões da qualidade e freqüência no fornecimento de alimentos para as famílias retirantes.

⁴⁰ (B.P.G.M. P) O jornal “*Cearense*” em 19 de agosto de 1877, p. 3.

⁴¹ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; ALA: 19; ESTANTE: 400; CAIXA: 8, Fortaleza 6 de junho de 1878.

É interessante observar que a prática da caridade, presente no discurso cristão, foi a princípio estimulada e defendida pela imprensa local, contudo, notou-se que tal ação tinha seus limites, pois a cidade não poderia sustentar esses retirantes a base de esmolas. Nesse sentido os estudos de Michel Molat sobre “*Os pobres na Idade Média*” permitem pensar que as doações de esmola serviriam apenas como um complemento e, por conseguinte, deveriam ter limites.⁴² Assim, em Fortaleza as autoridades governamentais e as elites procuraram impor limites através do combate à mendicância e, principalmente, estabelecendo uma distinção social que determinava quem mereceria essas esmolas.

Em seus estudos, Mike Davis fez referências à situação do Ceará durante a seca de 1877-79 e dentre as questões mencionadas ele mostra que a partir do ano de 1878 o governo do Ceará seguiu “... o exemplo do governo britânico na Índia, deu ordens para que os comitês de socorro locais iniciassem projetos adequados para a mão-de-obra não qualificada e só prestasse socorros em troca de trabalho.”⁴³ Percebe-se que esse pensamento liberal influenciou nos discursos e ações referentes à problemática do assistencialismo como a forte oposição à ociosidade dos emigrantes que habitavam Fortaleza e assim, apontou que as pessoas que dependessem da mendicância para sobreviver, sendo consideradas “válidas” para o trabalho, não eram vistas com bons olhos, pois o governo, a exemplo da Índia, desejava forçar todos os retirantes ao trabalho nas obras públicas.

É interessante destacar que tais medidas foram implementadas durante o mandato do presidente da Província José Julio de Albuquerque Barros, representante do partido liberal, que tinha como pensamento uma visão liberal do trabalho, cujos planos era acabar com a função do Estado no assistencialismo durante o período de calamidade e forçar os retirantes a retribuírem a “ajuda” através do trabalho nas obras públicas.

Os discursos dos relatórios, dos ofícios e, principalmente, dos jornais apontavam esse estado de ociosidade como humilhante e sendo o ato constante da caridade a sustentação desse mal. “*Além d’isto o peor presente que se póde fazer a um povo é –o da esmola, porque o humilia e o afasta do trabalho, agente*

⁴² MOLLAT, Michel. “*Os pobres na idade média*”. Rio de Janeiro: Campus, 1989, pp.174-175.

⁴³ DAVIS, Mike. “*Holocaustos coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do terceiro mundo*”. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.94.

*regenerador dos costumes e guarda da tranqüilidade publica”*⁴⁴. O trabalho é o responsável por salvar os retirantes da ociosidade, pois sem ele a população ficaria à mercê dos vícios como furtos, prostituição, criminalidade, podendo abalar o ordenamento e a disciplina da cidade, uma vez que, não tendo uma ocupação, os flagelados tendem a ficar espalhados pelas ruas ameaçando, com sua presença e ações, a tranqüilidade da cidade.

É necessário desconstruir a idéia, a qual muitos autores ainda defendem, de que a miséria vivenciada pelas cidades na segunda metade do século XIX foi trazida pela população migrante. Baseada nessa hipótese, a historiadora Natalie Zemon Davis analisa a França em meados do século XVIII, procurando mostrar que quando as populações migrantes chegavam às cidades, a pobreza já estava presente no ambiente citadino.⁴⁵ No caso de Fortaleza a partir da década de 70 dos oitocentos, notam-se semelhanças que vêm a demonstrar que a seca não trouxe a pobreza para a cidade, pois a presença de uma população pobre já podia ser observada nas fontes que mostravam as dificuldades em relação às péssimas condições de moradia.

Ana Vicente de Jesus, viuva, natural da Pacatuba, residente nesta capital, a rua da Conceição, achando-se em estado de penúria com a sua fam^a composta de nove pessoas, sendo oito filhos menores, vem ante V. Ex^a pedir-lhes graça de mandar dar-lhe n’um abarracamento d’esta Capital, uma ração diaria...⁴⁶

O pedido de ajuda não vinha somente dos milhares de retirantes que passavam a habitar a cidade no período de tão grande calamidade, mas assim como “Ana Vicente de Jesus”, outros pedidos de ajuda estavam sendo feitos, demonstrando que a população flagelada não era a única que passava por dificuldades e que a seca não trouxe a pobreza para Fortaleza, mas intensificou os problemas dos habitantes que enfrentavam a miséria.

⁴⁴(B.P.G.M. P) O jornal “*Cearense*” em 18 de abril de 1877, p.1.

⁴⁵ DAVIS, Natalie Zemon, *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.26.

⁴⁶ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; ALA: 19; ESTANTE: 400; CAIXA: 11, Fortaleza 24 de novembro de 1879.

Raimundo Fillipe dos Santos natural d'esta capital, casado e sobrecarregado de pesada familia composta de oito pessoas, que achando na maior penúria, sem meios para dar o pão a esta familia; vem ante a V. EX.^a pedir que lhe mande dar verba soccorros públicos no abarracamento Tejubana alguns gêneros alimentícios, para alimentação desta família...⁴⁷

A solicitação de auxílio e de verba direcionada para a alimentação de alguns moradores de Fortaleza pode ser observada em diversos ofícios expedidos pelos comissários ao Governo Provincial. Estas exigências também apareceram quanto à questão da moradia, pois se encontram na documentação alguns pedidos de moradores da capital para o recolhimento nos abarracamentos mediante o atestado de pobreza.

A supp.e será attendida, recolhendo-se com sua familia a qualquer abarracamento d'esta capital... Francisca Maria de Jesus, natural do Sobral, viúva com seis pessoas residente actualmnte n'esta capital, pobre e sem meios de subsistencia como prova com o attestado...⁴⁸

Diante dessa documentação deve-se perceber também que alguns dos ofícios são datados de 1879, e apesar desse ano ser apontado como o final da seca, os estudos e pesquisas mostram que foi um dos momentos mais críticos para a capital cearense, atingindo tanto os retirantes como a população pobre já residente em Fortaleza. Dessa forma, como bem aborda Davis, a pobreza não era uma condição peculiar dos que chegavam, os nativos também a sofriam. Dentro dessa mesma discussão é que Girão cita o Senador Pompeu, relatando que *“no seu Ensaio Estatístico publicado em 1863 calculava que a população da cidade, inclusive os subúrbios, ocupados por palhoças, seria de 16 mil habitantes...”*⁴⁹, ficando bastante notória a existência de uma pobreza anterior à chegada dos retirantes.

A partir da metade do ano de 1877, a cidade serviu de refúgio a milhares de pessoas que vinham à capital a procura de saciar sua fome e alojar-se durante o período da seca. *“Todos os dias chegam dos sertões visinhos, famílias pobres*

⁴⁷ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; ALA: 19; ESTANTE: 400; CAIXA: 11, Fortaleza 24 de novembro de 1879.

⁴⁸ Ibid. Fortaleza 16 de outubro de 1879.

⁴⁹ GIRÃO, Raimundo. *Op.cit.* p.80, nota 19.

cobertas de andrajos e famintas, pedindo um pouco de alimento para saciarem a fome que os acabrunha".⁵⁰ O advento calamitoso trouxe para Fortaleza uma multidão. Tomando como base os estudos sobre as multidões em Paris no século XIX, Maria Stella Bresciani observa que a população faminta que habitava e buscava a cidade tinha além dos interesses de sobrevivência, intenções revolucionárias⁵¹, diferentemente do caso de Fortaleza que apesar das pequenas organizações nos momentos críticos, estavam mais centradas em vencer as dificuldades como a fome e a miséria.

*"Os primeiros retirantes que chegaram à Fortaleza foram recebidos e tratados por todos os habitantes com verdadeira caridade. Todos lhes abriram as portas de suas casas para lhes matar a fome, para lhes cobrir a nudez ..."*⁵². O ato da caridade com a multidão recém-chegada foi, a princípio, deixado à escolha dos cidadãos e do poder público, que tinha maior participação nas ações socorristas. Mas, com o crescente número de emigrantes, os "benfeitores" observaram que esse método estava sendo prejudicial à organização e à manutenção da ordem na cidade, pois a quantidade de retirantes aumentava a cada dia, trazendo incômodos aos cidadãos. Dessa forma, entende-se que as ações caritativas vão estar, de uma certa forma, seguindo o padrão do modelo paternalista, presentes nas relações do campo, uma vez que o governo passou a assumir, na cidade, o papel do grande proprietário que tem como função "proteger" e "ajudar" os novos hóspedes.

Em meio aos vários casos migratórios, pode-se citar o do retirante Lourenço Martinho Pereira, sexagenário, casado, tendo oito filhos moços e entre estes uma viúva com filho. Lourenço chegou a Fortaleza, no ano de 1878.⁵³ A cidade já tinha cerca de 100.000 habitantes⁵⁴ e vivenciava tempos de muitas dificuldades, pois com a chegada da seca os meios de subsistência ficaram escassos.

⁵⁰ (B.P.G.M. P) O jornal "*O Retirante*", 22 de abril de 1877.

⁵¹ BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.109.

⁵² THEOPHILO, Rodolpho. *Op. cit.* p. 124, nota 34.

⁵³ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1872-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; ALA: 19; ESTANTE: 400; CAIXA: 8, CEARÁ 15 DE ABRIL DE 1878.

⁵⁴ Estes dados estão de acordo com o memorialista e historiador Raimundo Girão. Para um maior esclarecimento ver: GIRÃO, Raimundo. *Pequena História do Ceará*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1952, p 201.

Lourenço talvez tentou de várias formas permanecer na sua terra resistindo à idéia da migração, contudo, não havendo possibilidade de permanecer no campo, devido às perdas dos bens materiais como plantações (algodão, milho, feijão e arroz) e criações de gados, teve como única solução a retirada para o centro urbano.

Enfrentar as penúrias e sacrifícios de uma longa caminhada já fazia parte da rotina dos sertanejos que almejavam um local que lhes proporcionasse uma vida melhor, de modo que o sonho de uma vida digna para sua família fosse realizado. Possivelmente, a idéia de que naqueles tempos difíceis a cidade era símbolo de bonança e riqueza teve grande importância para muitos migrantes que buscavam um recanto de esperança.

Ao chegarem à cidade era bastante comum que os diversos “forasteiros” buscassem as áreas mais centrais, pois, além de verem esses espaços como a possibilidade de encontrar auxílio rápido e eficaz para suas necessidades, ali era o local de moradia e comércio da maior parte da população urbana, sobretudo daquelas pessoas que detinham o poder político e econômico em Fortaleza.

Entrando na cidade é provável que Lourenço, juntamente com sua família, deva ter percorrido as ruas e praças centrais da cidade desconhecida, tendo quem sabe um profundo olhar de desolamento ao observar atentamente os espaços urbanos e ao perceber estar em um local desolador e triste. Todavia, as dificuldades enfrentadas por ele e pelos outros migrantes desconstróem a idéia de um lugar receptivo, acalentador e, apesar de tudo, o desejo de uma moradia para amenizar um pouco o sofrimento e o cansaço das longas jornadas continuava a fazer parte dos anseios daqueles chegavam à capital cearense.

...Com suas 45 ruas, largas, espaçosas, cortando-se em ângulos rectos, com suas 16 praças todas ornadas de frondosas arvores, com seus elegantes e numerosos edifícios publicos, iluminada a gás, abastecida d’água, veio a ser uma das mais lindas cidades do império.⁵⁵

Fortaleza era relatada por muitos memorialistas como uma cidade formosa, lugar de magníficas organizações urbanas, um local de civilidade e

⁵⁵ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 72, nota 34.

desenvolvimento. Tais características são bem destacadas por esses autores. Em grande parte, para mostrar todo o progresso citadino, descreviam os cruzamentos mais conhecidos, como o da rua Formosa (atual Barão do Rio Branco) e a Travessa Municipal (atual Guilherme Rocha), outros contavam sobre os passeios aos domingos na praça Marquês do Herval (atual José de Alencar) e os três boulevards (as atuais avenidas do Imperador, Duque de Caxias e D. Manoel) que ficavam às margens do perímetro central e que tinham, como já mencionado anteriormente, o objetivo de facilitar o movimento urbano e promover a expansão de Fortaleza.⁵⁶

Lourenço chegava a Fortaleza no ano de 1878. A cidade encontrava-se dividida em distritos, áreas delimitadas para dividir os abarracamentos em locais administrativos. Ele provavelmente buscou auxílio no centro da cidade, local onde o poder público e o grande comércio estava presente. Por não conhecer os espaços da cidade, não tinha procurado um abarracamento para abrigar-se e, por isso, foi encontrado pelo comissário embaixo de um cajueiro no perímetro central.

Deve-se destacar que a partir da seca de 1877 os caminhos da migração foram alterados, e se anteriormente as trajetórias escolhidas foram as áreas mais úmidas ou de currais abandonados das grandes fazendas, agora predominava o sentido do campo para cidade.⁵⁷ É importante também destacar que os sertanejos não sabiam o momento exato de deixar sua estrutura produtiva para migrar, pois como afirmou Neves esse foi um processo de aprendizado rápido, no qual “...Os retirantes aprendem rapidamente este trajeto, incorporam-no às suas estratégias de sobrevivência no semi-árido; e em vista disso, cada vez mais a cidade torna-se o cenário primordial da seca...”⁵⁸.

É interessante mencionar que os meios de transporte para o interior naquele período eram bastante limitados e os percursos eram realizados a pé ou através do auxílio de carroças. Assim, observa-se pelas fontes que tanto os sertanejos provenientes do Ceará ou de outras Províncias como Rio Grande do Norte, Paraíba, Maranhão e Pernambuco enfrentaram longas distâncias para chegar à capital cearense (Anexo- Mapa referente a seca no nordeste (1877-1879) e o

⁵⁶ GIRÃO, Raimundo. *Op.cit.* p. 106, nota 19.

⁵⁷ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 102, nota 34.

⁵⁸ NEVES, Frederico de Castro. *Op.cit.* p. 53, nota 37.

mapa atual do Ceará com as indicações dos principais municípios de origem de migrantes para Fortaleza durante a seca de 1877).

O velho sertanejo possivelmente adentrou a capital através da estrada de Pacatuba,⁵⁹ uma das rotas mais usadas para chegar à cidade, uma vez que os lugares mais atingidos ficavam nesse caminho. Encontrar o centro não foi talvez tarefa tão fácil, pois os percursos enfrentados pelos retirantes, além de distantes, foram realizados por espaços desconhecidos em que somente se podia avistar sítios e terrenos desabitados cercados por areias. Assim, chegar ao espaço citadino exigia bastante esforço físico, pois os retirantes enfrentavam léguas de caminhada e saíam do sertão com fome e sede.

E as ruas e praças da cidade estavam atulhadas de desgraçados. As árvores dos logradouros públicos serviam de teto e esteios às rêdes das famílias. Os sentimentos tinham sido bestializados pela fome, e, o que regulava já não era o coração, mas a inteligência; o que inspirava os atos já não era o raciocínio, mas a penúria.⁶⁰

A presença dos considerados “desgraçados” provocava entre os cidadãos diversas discussões, sobretudo quanto aos abrigos provisórios embaixo de árvores, provavelmente, das principais praças de Fortaleza como praça do Ferreira, praça Marquês de Herval (atual praça José de Alencar) e a praça da Carolina (atual praça do Correio Central), locais de grande circulação popular. Em grande parte os emigrantes buscavam ajuda do Governo e, principalmente, tentavam se proteger do sol utilizando tais espaços de forma provisória, já que logo seriam transferidos para os alojamentos. Assim, Lourenço, com sua saúde abalada, foi juntamente com sua família disposto em um abarracamento no distrito do Arronches (atual bairro Parangaba) passando a fazer parte das estatísticas da seca.

O retirante Antônio da Rocha, como o Lourenço, passou por diversas privações e penúrias para chegar a Fortaleza. Este *tinha 91 anos de idade, foi*

⁵⁹ É importante ressaltar que no período de 1877 as principais estradas que davam acesso à cidade de Fortaleza eram as estradas de Messejana, Pacatuba e Soure (atual Caucaia). Estas três rotas davam acesso ao centro da cidade, local mais procurado pelos retirantes ao chegar à urbe.

⁶⁰ PATROCÍNIO, José de. “Ruas e praças de Fortaleza”. *Cronista da seca*. Apud. CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Fatos e documentos do Ceará provincial*. Fortaleza-CE: Imprensa Universitária, 1970, p. 117.

casado 2 vezes e teve do 1º matrimônio 9 filhos e do 2º teve 4. ⁶¹ Apesar dos sofrimentos e aflições que homens e mulheres enfrentavam, as histórias vivenciadas por eles eram específicas e, por conseguinte, também relevantes para se compreender e analisar suas experiências.

As histórias de Lourenço Pereira, de Antônio da Rocha e dos demais emigrantes trazem reflexões sobre como os chamados “flagelados” organizavam-se dentro dos espaços urbanos e sobre a intervenção do poder público para tentar manter essa população sob sua vigilância e controle. Algumas das medidas foram as construções dos abarracamentos e a inserção dos retirantes nos trabalhos das obras públicas.

No período foram realizadas várias matérias jornalísticas referentes aos famintos que chegavam a Fortaleza. O jornal o “*Cearense*” chamava constantemente a atenção para as caravanas que vinham “acosados pela seca”, uma vez que a seca, nesse momento, foi considerada a grande culpada de todos os males, porque atingiu, de forma mais drástica, não somente os retirantes, mas também as elites locais, ocasionando diversos transtornos à “moderna” Fortaleza.

O crescimento do número de retirantes na capital forçou providências rápidas do governo da Província. Essas medidas não seguiram um planejamento prévio e um ordenamento estrutural da cidade, pelo contrário, todos foram pegos de surpresa com os efeitos provocados pela seca, como a entrada de emigrantes vindos do interior e das províncias vizinhas. Assim, como Fortaleza não tinha uma estrutura espacial preparada para receber a numerosa população flagelada, o que restava era tentar manter a ordem e a higienização urbana.

Na imprensa também se nota que a incredibilidade nas ações governamentais com relação às construções dos alojamentos foi intensamente questionada: “... *Onde e quando mandou o governo construir estas palhoças? Não vê O Cearense que isso é uma peta? Se o governo não tem vitem para dar esmolas, como podera fazer este acto de Caridade?!.*” ⁶² Entender essas medidas como um simples ato de caridade e assistencialismo é não perceber os conflitos, os interesses

⁶¹ Estas referências sobre o retirante Antônio da Rocha foram tiradas do (B.P.G.M. P) jornal o *Cearense* em 29 de maio de 1877, p. 2. O título da matéria era o “pobre velho”.

⁶²(B.P.G.M. P) O jornal “*O Retirante*” em 1.º de julho de 1877 - Noticiário - palhoça para emigrantes.

e as relações de poder que participavam do processo, afinal, as medidas de implantação dos alojamentos seguiam propósitos de higienização social, em que os emigrantes foram retratados e visualizados como “classes perigosas”. Em seus estudos, na cidade do Rio de Janeiro, Sidney Chalhoub analisa a construção desse conceito que foi usado como justificativa para as intervenções urbanas e, especialmente, para a remoção da população pobre para fora das áreas centrais.⁶³ Esse processo, dentro das suas especificidades, pode auxiliar a pensar Fortaleza no período da seca, pois os abarracamentos foram construídos no intuito de afastar e controlar os retirantes dentro dos espaços da cidade.

O Presidente da Província, reconhecendo a urgente necessidade de construir alojamentos para os retirantes, que, em número superior a tres mil, estavam arranchados a sombra de arvores, por acto de 23 de junho, ordenou que se levantassem palhoças (...).⁶⁴

Inicialmente observa-se que não ocorreram intervenções ou organizações dos espaços que os retirantes ocupavam nas ruas centrais da urbe. “*Deixou-se a sua discreção a escolha do local e em breve viam-se arraiaes de emigrantes em Pajehú, São Luiz, Jacarecanga e S. Sebastião.*”⁶⁵ Observa-se na descrição do memorialista Teófilo, que as construções dos abarracamentos foram realizadas, a princípio, próximas às áreas onde os retirantes já estavam morando, ou seja, perto das áreas centrais. Por isso, no documento é colocado que a escolha do local ficou a cargo dos retirantes, porém observa-se que as áreas, na planta topográfica projetada por Herbster em 1875, foram áreas próximas do centro. Construir e transferir os retirantes para essas regiões foi um dos planos do poder público para tentar organizá-los em espaços específicos.

O recanto que os emigrantes tinham a esperança de encontrar em Fortaleza ficou somente no imaginário e, assim como Lourenço, milhares de retirantes se depararam com várias “cidades”⁶⁶, nas quais seus espaços e ordenamentos foram construídos com a intenção de controlar e organizar a multidão que procurava a vida urbana como salvação.

⁶³ CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.26.

⁶⁴ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 100, nota 34.

⁶⁵ *Ibid.* p.100.

⁶⁶ As várias cidades que se menciona estão relacionadas aos diversos abarracamentos presentes em Fortaleza durante 1877-1880.

1.3 – COMIDA, RAÇÃO E FRAGILIDADE

A 14, chegou a Fortaleza, vinda de Uruburetama, a primeira caravana de retirantes, composta de 35 pessoas que se aboletaram no morro do Croatá vinham no mais completo estado de miséria Paes e filhos tinham sobre o corpo immundos trapos: macilentos, descarnados, pareciam múmias de pé.

Rodolpho Theophilo⁶⁷

Ao longo da História observa-se que tanto a miséria quanto a riqueza possuem várias interpretações e representações a respeito do seu cotidiano. Em Fortaleza, a partir da chegada de grande leva de retirantes oriundos do sertão⁶⁸, a pobreza tornava-se visível e passava a compor um quadro de misérias, no qual a presença da população flagelada é mostrada nos discursos da elite como um empecilho aos planos modernizadores da cidade.

Durante o período da seca de 1877, homens, mulheres e crianças vindas do interior do Ceará e de outras Províncias, buscavam Fortaleza para se refugiarem da seca e foram representados de várias formas e através de muitos estereótipos que os definiam como seres irracionais e dependentes do auxílio dos cidadãos. As versões dos jornais, dos relatórios de presidente de Província e dos ofícios expedidos permitem visualizar mais especificamente como esses emigrantes são retratados pelos poderes públicos e a relação desses com os espaços físicos da cidade.

Rodolfo Teófilo também privilegiou, em grande parte da sua obra referente às secas, os retirantes nos espaços urbanos, narrando como estavam vestidos, os comportamentos, as atitudes, suas habitações e alimentação. É o caso do jornal o “*Cearense*”, que também noticiou a chegada dos primeiros grupos de retirantes vindos de Uruburetama. É interessante observar que na escrita do jornal havia as seguintes afirmações: “*Vimos alguns desses infelises, na phisionomia dos*

⁶⁷ THEOPHILO, Rodolpho. *Op. cit.* p.84, nota 34.

⁶⁸ Entende-se sertão, na segunda metade do século XIX, como um local de costumes e práticas ligadas ao campo, no qual as relações sociais e políticas estão relacionadas à questão da terra. Sendo este espaço considerado por muitos como diferente da cidade. Cf. WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

quaes se estampa a miséria, a fome".⁶⁹ A miséria e a fome, nas palavras desse jornal, deixam de ser expressões abstratas e passam a tomar uma forma concreta quando, através da imagem criada e descrita, definem quem eram os emigrantes que ocuparam a urbe.

A documentação estudada evidencia os retirantes, que deixavam de ser visualizados como sujeitos sociais participativos e possuidores de vontade e desejo próprios, independente da situação calamitosa em que se encontravam, priorizando relatá-los como uma multidão que chega aos espaços urbanos a procura de auxílio e, devido às conseqüências da "terrível" seca, agem sempre por instinto e nunca através da racionalidade.

A partir dessas perspectivas, nota-se que grande parte das imagens criadas procuravam sempre mostrar o sofrimento coletivo, utilizando as cenas de tristeza e a dor como mecanismos de comoção para a população citadina, sobretudo com finalidades políticas de angariar recursos materiais para a Província.

A chegada d'aquelles desventurados era um espetáculo contristador. O triste cortejo da miséria desfilava a todas as horas pelas ruas da capital. Era um quadro sombrio uma caravana de retirantes, verdadeiros esqueletos animados, com a pelle enegrecida pelo pó das estradas e collada aos ossos, estendiam a mão descarnada pedindo esmola a todos que encontravam.⁷⁰

Observa-se que são descrições fortes, nas quais, na maioria das fontes, raramente os retirantes são descritos a partir de um nome, mas definidos e apontados através das suas características físicas. A individualidade é deixada à parte e eles assumem um papel coletivo, no qual as representações dos aglomerados são consideradas, muitas vezes, como ameaça à cidade e aos seus moradores. Diante desses aspectos, nota-se que tais cenas preocupavam as elites locais, pois o "espetáculo contristador" afetava o ideal de civilidade que a cidade vinha tentando implantar ao longo dos oitocentos.

Não dissimulo a V.Exc. o meu constrangimento pelo estado da província dotada de tantos elementos de progresso, que encerra em seu território, e hoje quase aniquilada em sua saliente estaturaa pela mão compressorã do

⁶⁹(B.P.G.M. P) O jornal "Cearense" em 15 de abril de 1877, p. 3.

⁷⁰ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 97, nota 34.

tremendo fragello, aríete(sic), demolidor, que alluiu e desvaneceu as promessas do seu futuro esperançoso.⁷¹

A preocupação e a frustração do Governo Provincial, com o desenvolvimento e o progresso da cidade, também aparecem constantemente apontados nas fontes, uma vez que a presença dos famintos, como afirmou o presidente da Província Caetano Estelita, era uma afronta e um impedimento para a continuação dos ideais de civilização. “*Os elementos de progresso*”, em sua maioria, estavam ligados a reformas e construções de edifícios, ruas, avenidas e muitas outras obras públicas.

No intuito de continuação dos planos e reformas da cidade, o governo tenta organizar os retirantes dentro do espaço urbano, com a finalidade de evitar o “caos” e a “desordem”, procurando manter o controle dessa população que elevava seu número a cada dia. O emprego dos retirantes nas obras públicas de Fortaleza foi uma das soluções aplicadas para dar continuidade aos projetos modernizadores e assim, tirar algum proveito da situação calamitosa para alcançar seus interesses.

Nos discursos da elite fortalezense pode-se observar alguns pontos que descreviam detalhadamente os retirantes. As representações acerca das roupas, bem como da alimentação são marcas presentes nas fontes e palavras como: nus, trapos, esfaimados, famintos e muitas outras expressões análogas que faziam referências ao modo de vestir-se, comer, e à aparência física em que se encontravam.

As cidades villas e povoações mais próximas da capital regorgitavam de retirantes nus e esfaimados, a maior parte desabrigados. Já não eram somente as raízes silvestres que procuravam como alimento, comiam até cadáveres dos animaes que encontravam!⁷²

Os alimentos consumidos pelos retirantes acabavam, muitas vezes, por aprofundar o seu estado de penúria, trazendo graves conseqüências para a sua saúde. Um dos alimentos citados, “*os cadáveres dos animaes*”, sustento disponível

⁷¹ Relatório com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa passou a Administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor. Conselheiro João José Ferreira de Aguiar em o dia 23 de novembro de 1877, p. 19.

⁷² THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 123, nota 34.

ao longo da jornada migratória, pois os retirantes, muitas vezes, alimentaram-se de restos de gado e outros animais mortos, em estado de decomposição no caminho e que, quando ingeridos, ocasionavam graves danos ao organismo já debilitado. Contudo, mesmo já na cidade os emigrantes se depararam com essa má alimentação, e muitas das carnes e outros gêneros alimentícios, distribuídos pelos socorros públicos do governo, estavam estragados.

A população indigente de toda a província ressentia-se da falta de uma alimentação fresca e sadia. A carne do sul, sempre de má qualidade e saturada de sal, já não podia ser suportada impunemente por estômagos enfraquecidos e estragados.⁷³

Teófilo já denunciava a forma como eram tratados esses alimentos, sobretudo “carne do sul”, um dos alimentos que faziam parte da “ração”⁷⁴ dos retirantes. Também se encontra referência dessa má alimentação nos ofícios expedidos aos presidentes de Província pelos comissários responsáveis pelos barracamentos. Dentre esses se encontra um ofício expedido no dia 14 de dezembro de 1877,⁷⁵ o que possibilita analisar melhor a situação dos alimentos que foram distribuídos à população flagelada. *“É de meu dever levar ao conhecimento de V. Excia que os gêneros alimentício; que como socorros foram hontem distribuídos aos indigentes grande parte d’elles eram imprestáveis.”*

Ao longo do documento observa-se que, primeiramente, quando os gêneros alimentícios foram distribuídos, era do conhecimento de alguns dos responsáveis que se encontravam estragados, contudo esse comissário vem chamar atenção do presidente da Província para tal ato. Relata também que *“A carne pouca diferença fazia de couro seco, e alem d’isso estava podre a ponto de não poder-se suportar o fedito”*, ou seja, havia a certeza que esse alimento não poderia ser entregue. Além disso *“A farinha, além de ser de má qualidade, não se podia tragar pelo seu gosto mão e repognante (sic) cheiro, isto por que havia sido*

⁷³ THEOPHILO, Rodolpho. *Op. cit.* p. 247, nota 34.

⁷⁴ Este termo é bastante encontrado na documentação: Relatórios, Ofícios expedidos, jornais e memorialistas. Este era o nome dado aos alimentos que os retirantes recebiam, diariamente, do governo da província durante os momentos em que moraram na cidade de Fortaleza. Segundo Rodolfo Teófilo faziam parte desta ração a farinha de mandioca, o feijão, o arroz, o milho, a carne, o bacalhau e a farinha de milho.

⁷⁵ APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1877 MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 5, Fortaleza, 14 de dezembro de 1877.

molhada, por água salgada na ocasião do desembarque". Pode-se inferir como os gêneros eram transportados, mostrando que não havia os cuidados especiais para guardá-los e conduzi-los aos locais de distribuição.

Como encarregado da administração, mandei separar não só a farinha como a carne em taes condições, afim de que não fosse dada a pobreza, porque em lugar de alimentação, seria um veneno levado ao estomago. Muitos receberam taes gêneros corrompidos, não aquelles a quem me coube a distribuição encontrando-se hoje, grande número de pedaços de carne atirados a rua, por aquelles que os recebia.⁷⁶

Nesse relato percebe-se a ação dos retirantes e, apesar de representados como seres movidos apenas pelos instintos da fome, nota-se que se recusavam a comer os gêneros estragados, reagiram contra a maneira como eram tratados, jogando nas ruas as carnes estragadas. Dessa forma, a denúncia do comissário vem exemplificar o descaso em relação aos cuidados com a alimentação da população migrante, desconstruindo a idéia de que na cidade os gêneros distribuídos eram sempre de boa qualidade, pois no trajeto da migração era "envenenada" ao comer "frutas silvestres" e carne de gado apodrecida.

Os retratos construídos dos emigrantes e de sua alimentação são diversos e extremamente importantes para a compreensão dos indícios sobre o seu cotidiano, especialmente para observar as imagens que foram construídas a seu respeito. Os memorialistas, de certa forma, em suas palavras dramáticas e também bastante descritivas tentaram mostrar os "modos" dos retirantes.

... no mercado publico encontravam-se grande número de barracas a maior parte vendendo unicamente mel de furo. Este gênero importado de Pernambuco e Maranhão chegou a dar em mãos de importadores... os retirantes tinham verdadeira paixão por esse alimento. Quando acontecia quebrar-se algum barril, no trajecto da praia para a cidade, e derramar-se o líquido sobre o calçamento, agglomeravam-se indigentes de todas as edades, ganhavam com os dedos aquele mel misturado com o lixo das ruas e comiam ate deixarem as pedras completamente enxutas!⁷⁷

A descrição de Rodolfo Teófilo mostra alguns dos "comportamentos" e "modos" dos flagelados quando se tratava da questão da alimentação. Em seu relato

⁷⁶ APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1877 MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 5. 14 de dezembro de 1877.

⁷⁷ THEOPHILO, Rodolpho. *Op. cit.* p. 249, nota 34.

são expressas várias representações que se tornam relevantes analisar. Primeiro, deve-se observar que o gênero citado não era um produto acessível para os emigrantes, por se tratar, como relatado, de um produto importado, detido pelos emigrantes a partir da quebra de um barril. Segundo, é perceptível pelas palavras do autor que os sentimentos como a paixão e o desejo são associados ao prazer do alimento, ou seja, os retirantes desejavam tal gênero devido ao sabor e não somente pelo estado famélico em que se encontravam. Entretanto, o autor não deixa de mostrar as atitudes “animalizantes” ao descrever como os retirantes agiam quando tinham a oportunidade de obter o alimento. Teófilo relata momentos de racionalidade e de irracionalidade ao colocar em oposição o gostar e os comportamentos instintivos.

José do Patrocínio⁷⁸, um importante jornalista do jornal a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, visitando o Ceará nesse período, realizou algumas matérias jornalísticas que levaram ao conhecimento nacional as ocorrências da seca e, sobretudo, a situação dos retirantes na cidade. Ao retornar ao Rio de Janeiro, o jornalista José do Patrocínio teve mais destaque em seus trabalhos com a divulgação das imagens dos retirantes produzidas por J. Andrade Corrêa na Revista “*O Besouro*” em 1878 e a publicação do livro “*Os retirantes*”⁷⁹ em 1879. Desse modo, é interesse destacar o trabalho de Marta Emisia Jacinto Barbosa, que analisa como as imagens dos “famintos do Ceará” foram construídas para o proveito de um determinado grupo social.⁸⁰

Percebe-se que entre as diversas reportagens de José do Patrocínio referentes aos modos de alimentação dessa população, ao contrário de Rodolfo Teófilo, somente enfatizaram o estado famélico, não destacando em nenhum momento as questões do desejo e do gosto por determinado alimento, mas constantemente mostrando o interesse pelo suprimento da fome.

⁷⁸ Abolicionista e jornalista, José do Patrocínio esteve duas vezes no Ceará: a primeira vez foi no ano de 1878, quando exercia atividades jornalísticas e veio fazer uma reportagem sobre a seca e a segunda, em 1882, foi devido a sua defesa em favor da causa abolicionista. No entanto, são poucas as referências sobre sua primeira viagem e somente ficou registrado esta passagem nas matérias e romances publicados no jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

⁷⁹ PATROCÍNIO, José do. *Os retirantes*. São Paulo: Editora Três, 1973.

⁸⁰ BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. *Famintos do Ceará: Imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX*. Tese de Doutorado: PUC-SP, 2004.

Outras andam de cócoras limpando com os dedos sujos, que chupam avidamente, os pingos de mel escapos as fendas dos barrilotes. Outras ainda, com a perícia de uma ninhada de pintos, levam horas ciscando o lixo da rua para descobrirem grãos de milho, de arroz e farinha que guardam solícitamente em pedacinhos de pano imundo.⁸¹

As comparações com atitudes animalizantes podem ser observadas ao longo do texto de José do Patrocínio, que realizou suas análises a partir de uma linguagem jornalística, na qual relatou os aspectos físicos e morais da população migrante através de relatos fortes e dramáticos.

...Crianças nuas ou seminuas, com os rostos escaveirados, cabelos emaranhados sobre crânios enegrecidos pelo pó das longas jornadas, com a omoplatas e vértebras cobertas apenas por peles ressequidas, ventres desmesurados, pés inchados...⁸²

As crianças nesse ambiente trágico aparecem como seres frágeis, os quais a nudez e a desnutrição as representam constantemente nas fontes. Porém esses seres “indefesos” são considerados também corruptíveis e manipulados, seja através de seus familiares ou pelos “vícios” que acreditavam serem adquiridos pelo drama da seca.

Quantas vezes vimos uma família penalizada pela sorte de uma criança retirante, recebê-la em seu seio, vesti-la, tratá-la e dias depois ela evadiasse, tendo feito antes um furto a seus bemfeitores quase sempre a mandado dos paes!⁸³

As crianças passam a ser colocadas como vítimas da situação, uma vez que como mostra o documento, “*agem quase sempre a mandado dos Paes*”, contudo, são também vistas como ameaça e, portanto, precisam de uma ocupação e de um local onde possam ser “assistidas”, ou seja, vigiadas. É importante ressaltar que muitos desses meninos e meninas eram órfãos e que tinham as ruas como seus lares e sua família.

⁸¹ PATROCÍNIO, José do. *Op. cit.* p. 117, nota 60.

⁸² *Ibid.* p. 117.

⁸³ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p.125, nota 34.

Tentava-se sempre procurar culpados e até justificativas para os casos de furtos e os de mortalidade infantil, pois freqüentemente crianças morriam nos abarracamentos. É interessante observar que uma das causas defendidas para tal fato era a mendicância.

...É extraordinário a mortandade nos meninos, e, ao meu ver, ella tem origem no desleixo; ou antes perversidade de seus Paes, que os conservão a pedirem esmolas pelas ruas, ostentando a maior miseria e já em maõ estado de alimentação voltado ao seio daz famílias as creanças commem `a noute carne do sul mal cozida de modo que a morte, n´este cazo torna se inevitavel...⁸⁴

Esse ofício permite observar, de forma específica, dois pontos importantes. Primeiro, a questão da responsabilidade e dos motivos que ocasionaram as mortes dos meninos, cujas fontes pesquisadas omitem também as mortes ocasionadas por trabalhos excessivos nas pedreiras, pela má alimentação distribuída nos abarracamentos e por muitos outros fatores que encobrem atos falhos das administrações. Segundo, a questão da mendicância que a todos os instantes nesse período foi combatida. Assim, associar as mortes à mendicância tem como finalidade evitar que essas crianças continuassem a circular pelas ruas da cidade, mantendo-as nos alojamentos e, principalmente, nas escolas, como pode ser observado no pedido do comissário “...*Me autorize a fazer uma barraca em meo districto, na qual, elles sejam devidamente alimentados e aprendão a ler, pondo V.Exa a minha dispozição para este mister alguns dos professores adido n´esta capital*”⁸⁵.

No geral, as medidas governamentais para resolver essa situação ficaram restritas ao trabalho e à escola. As crianças consideradas “válidas” foram encaminhadas para trabalhar nas obras públicas, juntamente com os adultos, e matriculadas em escolas implantadas nos abarracamentos. Posteriormente, foram criados um asilo para os órfãos desvalidos e uma escola de agricultura, conhecida como Colônia Cristina, com o intuito, segundo o relatório de presidente de Província do ano de 1880, de abrigar “centenas de crianças” que haviam pedido os pais durante o período da seca. Nesse local receberiam abrigo e educação.

⁸⁴ APEC – FUNDO: Presidente de província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878 MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8, Fortaleza, 14 de dezembro de 1877.

⁸⁵ Ibid. Fortaleza, 14 de dezembro de 1877.

Dentre essas várias representações sobre os emigrantes, encontram-se referências às mulheres, segundo as quais elas aparecem no cenário da seca retratadas como seres frágeis, mas envolvidas nas questões da moralidade. A prostituição, os crimes de defloramentos, de furtos e também suas atividades de trabalho como lavadeiras, fiadeiras, carregadoras de pedras e muitas outras ações envolvem mulheres retirantes. Seus papéis dentro da família são, em muitos casos, alterados, pois a ausência dos maridos, seja por motivos de falecimento ou por migração para outras Províncias, as tornam as principais responsáveis por suas famílias.

É pertinente citar uma reportagem do jornal “O Retirante”, do dia 14 de novembro de 1877, intitulada “*um pouco de tudo*”, na qual se nota que essas mulheres também tiveram papéis ativos na busca por seus interesses, apesar de na maioria das fontes aparecerem apenas como seres frágeis, e que sofriam muitas vezes abalo em suas condições morais.

Esta de novo encarregado da ardua tarefa de membro de comissão domiciliaria do 3º districto o nosso incansável homeopatico Santos Neves, o homem que, na seca, actual, mais sympatias tem grangeado das retirantes moças e velhas.⁸⁶

Observa-se nessa primeira parte do noticiário um tom irônico ao relatar que o comissário Santos Neves tinha grande simpatia das retirantes. No decorrer do documento pode-se notar a ações dessas mulheres a partir do fato da demissão do administrador: “*Foi assim que sendo exonerado d’aquelle lugar mais de 800 mulheres foram ao palácio, no dia 08 do corrente reclamar do Sr. Estellita a restituição ...*”. Infelizmente as versões desse acontecimento ficaram somente para as descrições do jornal, não sendo expostos os motivos que as levaram a pedir a volta do comissário. O jornal ironiza: “*terá o Sr. Santos algum imã ou será isso effeito de sua homeopathia?*”. O importante é perceber que elas não estavam ausentes da busca por uma melhor qualidade de vida ou por interesses que atingiam uma coletividade, desconstruindo a idéia de que as mulheres, na segunda metade do século XIX, estavam sendo passivas diante das ações e que os homens desenvolveram todo o papel social.

⁸⁶ (B.P.G.M. P) O jornal “O Retirante”, 14 de novembro de 1877.

Quanto à exploração sexual no período de seca, existem poucos indícios documentais, pois os processos de crimes ainda estão sendo organizados no Arquivo Público do Estado do Ceará e algumas das referências a esses fatos podem ser encontradas nos relatos dos memorialistas e dos jornais da época.

Por toda parte aparecem os Pachecos e os Scaligeros que corvejam sobre a miseria e a nudez! Não são somente os Pompeus que tomam o pulso dos pobres e dos innocentes donzelas que seminuas e vergadas, mais pela fatalidade que os açoita, que pelo pudor de virgens, que obedecem aos medicantes que inspeccionam mesmo as accometidas de formosura. D`esta qualidade de médicos esta cheia a terra e elles se multiplicam a proporção que os males vão apparecendo.⁸⁷

São constantes as denúncias de homens que aproveitavam o estado de “fragilidade” das imigrantes. O jornal chama atenção para alguns médicos que assistiam aos abarracamentos e que durante as suas consultas atos profissionais de tomar o pulso serviam como meios de sedução das jovens que, em muitos casos enveredaram pelo caminho da prostituição. “*É assim que uma porção de moços libertinos fazem caçadas de retirantes – bellas, e põem em pratica a sedução – arma maldicta dos D. Juans que levam ao seio da família exilada da sorte – a prostituição*”⁸⁸. A matéria jornalística faz uma denúncia contra os “libertinos”, apontando que essas atitudes levam as moças para o caminho da prostituição. No entanto, deve-se observar que os discursos levavam a associação entre sedução e prostituição, mas esquecem de mencionar que as mulheres retirantes tinham seus valores morais e assim, fazer a associação entre pobreza e prostituição é algo equivocado.

A percepção de que as mulheres retirantes eram frágeis e que para sobreviver estavam dispostas a se corromperem através da prostituição vai estar presente em muitos dos discursos da elite local e a seca, como na maioria das vezes, será responsabilizada. A ênfase nas questões morais e familiares foi colocada por alguns memorialistas, entre eles, Rodolfo Teófilo, em seu romance “A

⁸⁷ (B.P.G.M. P) O jornal “*O Retirante*”, 16 de setembro de 1877.

⁸⁸ Ibid. 16 de setembro de 1877.

*Fome*⁸⁹. O autor ressalta, através de seus personagens, a idéia de que a educação moral, ensinada no seio da família, conseguiria evitar a propagação de tais atos.

José do Patrocínio faz acirradas colocações em relação às mulheres, e também se mostra preocupado com a prostituição das meninas, que por seu estado de penúrias, acabam se envolvendo nesse meio.

Meninas de doze anos, de dez mesmo, apresentam braços, rostos e colos manchados por grandes círculos de dartros(sic). Todas elas, filhas dos sertões, santificadas por uma simples, sem sedutores, sem D. Juans miseráveis, chegaram às cidades, mumificadas, é certo, porem virgens. A libidinagem abatada pôs-se logo ao encalce das suas grinaldas e propôs-lhes o terrível dilema – rendei-vos ou contai com a morte.⁹⁰

Portanto as justificativas apontadas para a entrada nesse mundo “libidinoso” foram associadas aos infortúnios causados pela situação trágica em que se encontravam essas moças. É importante também perceber que o documento acaba por mostrar que é na cidade onde os vícios vão corromper as donzelas, ficando a sobrevivência delas colocada nas mãos dos sedutores, que em sua maioria compunham as classes mais ricas de Fortaleza.

Percebe-se que são diversas e complexas as imagens a respeito da população sertaneja, porém, é necessário mostrar que são definições criadas a partir de interesses e dos modos de vida que serão adotados na cidade na tentativa de adequar o seu comportamento aos moldes das suas novas experiências e, sobretudo, olhando e descrevendo o estado de miséria e de flagelo que adentra no universo urbano.

⁸⁹ THEOPHILO, Rodolpho. *A fome*. Fortaleza-CE: Edições Demócrito Rocha, 2002.

⁹⁰ PATROCÍNIO, José do. *Op.cit.* p. 118, nota 60.

CAPÍTULO 2

FORTALEZA ABARRACADA

2.1 – AS “INVENÇÕES” DAS SENZALAS DE PALHA

Quem tem viajado pelo interior das províncias experimentou decerto a dolorosa impressão causada pelo aspecto das senzalas dos escravos...Mais viva ainda é a impressão que produzem os abarracamentos.

José do Patrocínio¹

Adentrando os espaços urbanos de Fortaleza a partir da segunda metade do ano de 1877, os caminhos mostram uma urbe repleta de novos moradores que tinham como habitações as encostas das árvores, localizadas nas praças e ruas do centro da capital, constituindo um cenário onde as penúrias e sofrimentos estavam à exposição dos diversos passantes que freqüentavam diariamente aquele lugar.

Conseguir abrigar a população adventícia foi uma das preocupações do Governo Provincial² e da elite local. Entre os vários autores que relataram o cotidiano dos retirantes em Fortaleza, destaca-se o jornalista José do Patrocínio, que descreveu suas impressões sobre a situação da seca no Ceará, não deixando de ressaltar as questões ligadas às organizações e aos aspectos das moradias dos emigrantes.

Viajando pelo interior, Patrocínio teve a oportunidade de observar também algumas senzalas e a situação em que viviam os escravos. Suas narrações acabam por sugerir uma comparação entre as condições estruturais das senzalas e dos abarracamentos. Para o jornalista as habitações dos retirantes *“Anunciam-nos dispersão labiríntica de choupanas, rédes suspensas aos galhos dos cajueiros, cúpulas improvisadas com entrançamentos das ramagens dos muitos arbustos”*.³ Torna-se evidente que os abarracamentos foram construções precárias e pelas descrições de Patrocínio nota-se que as condições de tais ambientes o deixaram mais impressionado do que os espaços das senzalas. Assim, pensar as construções de palhas é compreender os processos das diversas experiências dos retirantes no

¹ PATROCÍNIO, José do. Abarracamentos e pagadorias dos retirantes na Fortaleza. Cronista da seca. Apud. CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Fatos e documentos do Ceará provincial*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1970, p. 122.

² Durante a seca de 1877-79 os presidentes da província que representavam o Governo Provincial foram: Caetano Estellita (do início da seca a novembro de 1877), João José Ferreira D’Aguiar (novembro de 1877 até fevereiro de 1878), Dr. José Paulino Nogueira Borges da Fonseca (22 de fevereiro a 4 de março, de 1878), Dr. Antônio Pinto Nogueira (4 a 8 março de 1878) e José Julio de Albuquerque (março de 1878- até o final da seca)

³ PATROCÍNIO, José do. *Op.cit.* p.123, nota 1.

ambiente urbano e como as senzalas de palha vão sendo constituídas em instrumentos de controle e higienização da população.

Os nomes atribuídos às habitações dos retirantes foram sendo “inventados”, ou seja, foram criados de acordo com interesses próprios e utilizados em diferentes momentos por diversos meios como os jornais, os relatórios de presidente de Província e os memorialistas. No entanto, as fontes não mostram as percepções e denominações utilizadas pelos próprios emigrantes em seu cotidiano.

Palhoças para emigrantes, casas de palha, choças, palhoças dos retirantes, barracos, choupanas, acampamentos de retirantes, alojamentos, arraiais e os abarracamentos. Esses são alguns dos nomes encontrados nos documentos sobre as habitações dos diversos sertanejos que estavam vivendo na capital cearense, no entanto deve-se ressaltar que as expressões abarracamento, acampamento e arraial aparecem com uma maior frequência na documentação pesquisada.

A constante entrada de emigrantes exigiu do governo providências rápidas, que resultaram em algumas intervenções urbanas, ou seja, as construções de alojamentos, uma vez que a presença dessas pessoas ocasionou desconforto e medo tanto para os comerciantes, surpreendidos com invasões aos seus estabelecimentos⁴, como para a população local, que se sentia incomodada com a constante mendicância pelas ruas da capital, pois como aponta Neves *“Não há dia no qual as portas das igrejas e edificios publicos não estejam atonetados por mendigos de todas as idades. Esse espetaculo é deponente contra os nossos costumes, além de ser, a maior parte das vezes, imoral e repugnante”*.⁵

A preocupação em evitar a mendicância nas ruas da capital foi alvo de grandes debates e ações dos presidentes de Província ao longo da seca, pois a distribuição de esmolas, que a princípio foi empregada para atender as necessidades desta população, foi combatida e abolida, visto que a manutenção da ordem da Fortaleza “civilizada” era prioridade.

O flagello foi tomando cada dia proporções mais vastas. O presidente da província não tinha ainda adaptado um plano para distribuição de socorros na capital. Funcionavam as comissões de prompto socorro, e a central,

⁴ Para ver melhor as questões dos saques dos retirantes durante as secas no Ceará deve-se buscar os estudos do Professor Dr. Frederico de Castro Neves que contribuem significamente; Cf. NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

⁵ (B.P.G.M. P) O jornal “*Cearense*”, 29 de abril de 1877.

cuja distribuição era feita no edifício onde funcionava a Thesouraria de Fazenda.⁶

O farmacêutico Rodolfo Teófilo chama atenção para a ausência de planejamento da distribuição dos socorros, uma vez que foi inesperada a presença de tantos sertanejos. Contudo, o importante é observar os locais escolhidos para servirem de postos de entrega de gêneros como roupas e dinheiro.

...por acto de 23 de junho, ordenou que se levantassem palhoças. Este trabalho era feito mesmo por elles. Recebiam rações e dinheiro e empregavam-se em destruir a extensa matta do Cocó, tirando madeiras para levantar os seus ranchos. Deixou-se a sua discricção a escolha do local e em breve viam-se arraiaes de emigrantes em Pajehú, São Luiz, Jacarecanga e São Sebastião.⁷

Em seu texto Teófilo trata de algumas questões que retratam as primeiras construções realizadas pelo governo para abrigar os retirantes. Ele afirma que a população sertaneja participou ativamente das construções de suas moradias, ou seja, percebe-se que empregar essas pessoas em diversos serviços na cidade foi um dos planos aplicados pelo governo para evitar o aglomerado e a mendicância pelas ruas da capital.

Quanto às questões relacionadas às localizações das moradias existem alguns autores que afirmam que os espaços para as construções foram designados pelos próprios retirantes, porém, deve-se notar que essas áreas “escolhidas” encontravam-se nos arredores da cidade, ou seja, fora do centro e, “coincidentemente”, isso atendeu aos interesses e desejos do poder público, cujas pretensões era o ordenamento do espaço urbano e o afastamento da população emigrante do convívio com os cidadãos.

As construções dos abrigos para os retirantes a princípio não seguiram planejamento e organização prévia, uma vez que o Governo Provincial não esperava o agravamento de tal situação. Caetano Estelita em junho de 1877 decidiu mandar construir alojamentos, visto que o número de emigrantes aumentou e ocasionou alguns transtornos para Fortaleza. Observa-se que suas ações foram mais emergenciais do que estruturais.

É também interessante observar nesse documento a questão relacionada à devastação da mata do Cocó. Provavelmente, essas ações tornaram-se

⁶ THEOPHILO, Rodolpho. *História da secca do Ceará (1877-1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922, p.101.

⁷ Ibid. p.100.

constantes, uma vez que dessa mata do Cocó poderiam ser retiradas tanto a madeira, para a construção das casas, como animais e frutas que servissem para o suprimento das necessidades alimentares. Infelizmente, as fontes pesquisadas não mostraram evidências de fatos relacionados ao uso desses espaços ambientais e nem apontaram a existência de uma preocupação relacionada à extração excessiva desse material, uma vez que esses recursos pudessem tornarem-se limitados.

Posteriormente os alojamentos foram passando por várias estruturações, pois o poder público tinha como uma das prioridades encaminhar os recém chegados para estes abrigos para a partir daí tentar organizar e evitar circulação e andança pelas ruas principais. A historiadora Kênia Rios, em seu trabalho, mostra que na seca de 1877 foi elaborado o primeiro ensaio de um controle mais sistematizado para os retirantes, servindo os abarracamentos como recolhimento para estes flagelados.⁸ Porém conseguir realizar estas intervenções não foi algo tão simples, uma vez que os emigrantes também resistiram a essa tentativa de controle e disciplinarização.

O Governo Provincial buscou de várias formas amenizar a situação de calamidade a qual enfrentava os retirantes na cidade. As medidas e ações detiveram-se, primeiramente, a formar diversas comissões denominadas de socorros públicos e cujos objetivos foram organizar as distribuições de alimentos para o interior da Província, procurando atender as necessidades mais urgentes e na capital disponibilizar os retirantes em locais específicos na tentativa de controlar o grande número de emigrantes que circulavam pela urbe.

As construções dessas moradias serviam aos interesses do poder público, uma vez que este desejava impedir as grandes aglomerações e a desordem nos espaços urbanos. Dessa forma, quando entravam na capital, essas pessoas já possuíam um novo direcionamento.

Com relação aos emigrantes, que se recolhiam à Capital, regularisei os serviços necessários a sua recepção, - alojamento, socorros e tratamento. Nomeei à cidadãos prestimosos quem incumbi especialmente da distribuição dos socorros, mandando construí abarracamentos nas imediações da cidade, onde são recolhidos pelos membros das comissões domiciliares.⁹

⁸ Debate tirado da nota. Cf; RIOS, Kênia Sousa. *Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2001, p. 112.

⁹ Relatório com que o Excelentíssimo Sr. Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa passou a administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Sr. Conselheiro João José Ferreira Aguiar em 23 de novembro de 1877, p. 21.

Para o funcionamento desse sistema, o governo Provincial criou uma estrutura administrativa na qual vários funcionários foram designados a dirigir os abarracamentos. E, como escreve o presidente Caetano Estelita no relatório, os funcionários escolhidos eram “*cidadãos prestimosos*”, ou seja, aqueles que tinham um destaque político, social e econômico. Portanto, médicos, engenheiros, advogados e alguns intelectuais ficaram responsáveis pelo comando dos acampamentos para retirantes durante o período da seca de 1877-79.

Deve-se mencionar que entre os funcionários contratados para prestação de serviços dentro dos alojamentos também estavam presentes alguns indivíduos possuidores de grande prestígio no interior e que devido à calamidade haviam migrado para a capital, pois tinham sofrido grandes perdas materiais.

Tanísio Bezerra em seu trabalho aborda que os grupos de retirantes que chegavam da capital eram constituídos por indivíduos despossuídos vindos do centro da Província e entre os indigentes urbanos, haviam proprietários e comerciantes falidos. Assim, fazendeiros, homens que ocupavam postos elevados na guarda nacional e nos cargos municipais estavam entre os emigrantes que vinham para a capital.¹⁰ Estes últimos foram colocados em alguns cargos das comissões de socorros, uma vez que tinham “prestígio social” devido aos poderes políticos e econômicos outrora existentes.

“...As *plantações estão perdidas e o desanimo é geral; os prejuízos são enormes e a affluencia de emigrantes do sertão que vem em procura do littoral torna mais assustadora nossa situação*”.¹¹ O início da seca trouxe, além das perdas, a perspectiva para o sertanejo de uma nova vida nas cidades, sobretudo na capital cearense. O desejo de encontrar assistência médica, alimentação, moradia e trabalho impulsionou a vinda de mais emigrantes, uma vez que no interior essa assistência era precária.

...resultou ficar dividida, em 3 de julho, a area da capital em quatro districtos, sendo nomeado para cada districto um commissario nessa mesma occasião se assentou em distribuir dinheiro e roupa aos retirantes por meio de ordens pagas...Inauguram-se os abarracamentos do Pajehú, São Luiz, Jacarecanga e S. Sebastião.¹²

¹⁰ BEZERRA, José Tanísio Vieira. *Quando a ambição vira projeto: Fortaleza, entre o progresso e o caos*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 2000, p 146.

¹¹ (B.P.G.M. P) O jornal “*Cearense*”, 15 de abril de 1877.

¹² THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* pp.101-102, nota 6.

Oficialmente os abarracamentos são fundados em julho de 1877 embora, como abordado anteriormente, já existissem desde junho abrigos para os retirantes. Desse modo, com as novas construções e divisões em distritos as moradias que a princípio não haviam tido uma organização passaram a ser construídas a partir de um planejamento prévio, cujo objetivo foi de tentar intervir e controlar a população que chegava a Fortaleza.

Apesar de serem quase inexistentes as fontes que indicavam as localizações precisas dos abarracamentos, pôde-se, através de entrecruzamentos dos documentos pesquisados, montar um mapa com a suposta localização dos distritos. A busca pelos nomes de ruas de Fortaleza e as descrições encontradas nas fontes estudadas permitiram encontrar a possível disponibilização dos distritos formados entre 1877 e 1879.

A planta elaborada por Herbster, que se analisa a seguir, no final do século XIX¹³, foi escolhida primeiramente por ser a planta oficial da cidade, permitindo observar a sua estrutura da cidade e segundo, por possibilitar analisar e questionar a organização de Fortaleza a partir da construção dessas habitações, pois no mapa, mesmo posterior à seca, nenhum indício sobre transformações urbanas, ocasionadas pelas construções dos abarracamentos, foram apontadas. A leitura do senso comum levaria a pensar que os abarracamentos não afetaram a estruturação física da cidade.

Os códigos de leis da Província retratam de forma evidente a preocupação com o ordenamento dessas habitações dentro da cidade. Observando a fonte citada no primeiro capítulo, nota-se que o artigo referente às edificações da cidade aborda que *“Nenhuma edificação de cazas ainda mesmo de taipa ou palha, nem construção de cercas, começará no espaço compreendido na planta da cidade e na das povoações, sem preceder alinhamento...”*¹⁴ Isso demonstra o quanto o governo tinha interesse em seguir as instruções sugeridas nos traçados da planta elaborada por Herbster.

¹³ Deve-se ter cuidado ao observar esta planta, cujo ano é de 1888 e que por ser uma adaptação do arquiteto Liberal de Castro, tem algumas alterações realizadas por ele. Este utiliza alguns nomes recentes, que no período tinham outras denominações. Observando o mapa percebe-se que o autor usa a palavra atual para diferenciar dos nomes antigos. Embora com relação à Praça José de Alencar (Praça Marquês do Herval) e a outros pontos ele não faz nenhuma referência.

¹⁴ Atos Legislativos da Província do Ceará, Fortaleza de 1.º de fevereiro do ano de 1878, Art.2.º, p. 65.

Apesar de a localização e a disposição dos abarracamentos não estarem presentes no mapa, os estudos de Bezerra apontam que suas construções foram realizadas a partir do ajustamento às normas propostas na planta topográfica de 1875¹⁵, ou seja, o alinhamento e a disponibilização das barracas seguiam a uma estrutura em xadrez que, além disso, buscava atender às necessidades exigidas pelos Códigos de Posturas de 1870 e 1879. Isso permitiu pensar que talvez essa foi uma das justificativas para a ausência de transformações nos espaços desenhados por Herbster.

Visualizando a planta da cidade percebe-se que a partir das primeiras construções dos abarracamentos, Fortaleza passou por uma grande expansão nas áreas que ficavam fora do perímetro central. As construções de novas moradias foram sendo aos poucos transferidas para as proximidades das entradas da cidade, pois nesse período para chegar a Fortaleza eram usados transportes marítimos e terrestres, deixando o acesso dos retirantes restrito às três entradas principais: as estradas de Pacatuba, de Messejana e do Soure (atual Caucaia). A finalidade, já assinalada, foi de transferir a população “flagelada” para tais espaços e tentar facilitar o controle e a higienização, mantendo essa população longe do convívio com os cidadãos.

Os relatórios de presidente de Província, especialmente os referentes à segunda metade do ano de 1877, descrevem que a cidade ficou dividida em cinco distritos¹⁶: 1.º Meireles, 2.º São Luiz¹⁷, 3.º São Sebastião, 4.º Tijubana, 5.º Lagoa-seca. É importante abordar que essa divisão realizada pelos governos posteriores trouxe algumas mudanças quanto à numeração e denominação dos distritos, já que houve um aumento da quantidade de abarracamentos ligados aos distritos.

O entrecruzamento de algumas fontes possibilitou observar como os abarracamentos foram disponibilizados pela cidade e como estavam reunidos em distritos. Assim, mesmo diante da falta de fontes que indicassem sua localização, conseguiu-se montar uma provável organização dessas várias habitações através do uso da planta desenhada por Herbster.

¹⁵ BEZERRA, José Tanísio V. *Op.cit.* p. 151, nota 10.

¹⁶ Relatório com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa passou a Administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor Conselheiro João José Ferreira de Aguiar em o dia 23 de novembro de 1877. p.21.

¹⁷ Ligados a estes distritos estavam os abarracamentos do Pajeú e do Alto da Pimenta que no ano de 1878 durante o governo Aguiar foi transformado em distrito.

Os primeiros abarracamentos, como pode ser observado (Figura 2), estavam localizados nos arredores do centro e seus nomes foram escolhidos de acordo com as denominações já utilizadas em cada região, como por exemplo, o abarracamento do Jacarecanga. Porém, com a criação e a divisão da cidade em distritos, outros nomes passaram a fazer parte dos espaços urbanos.

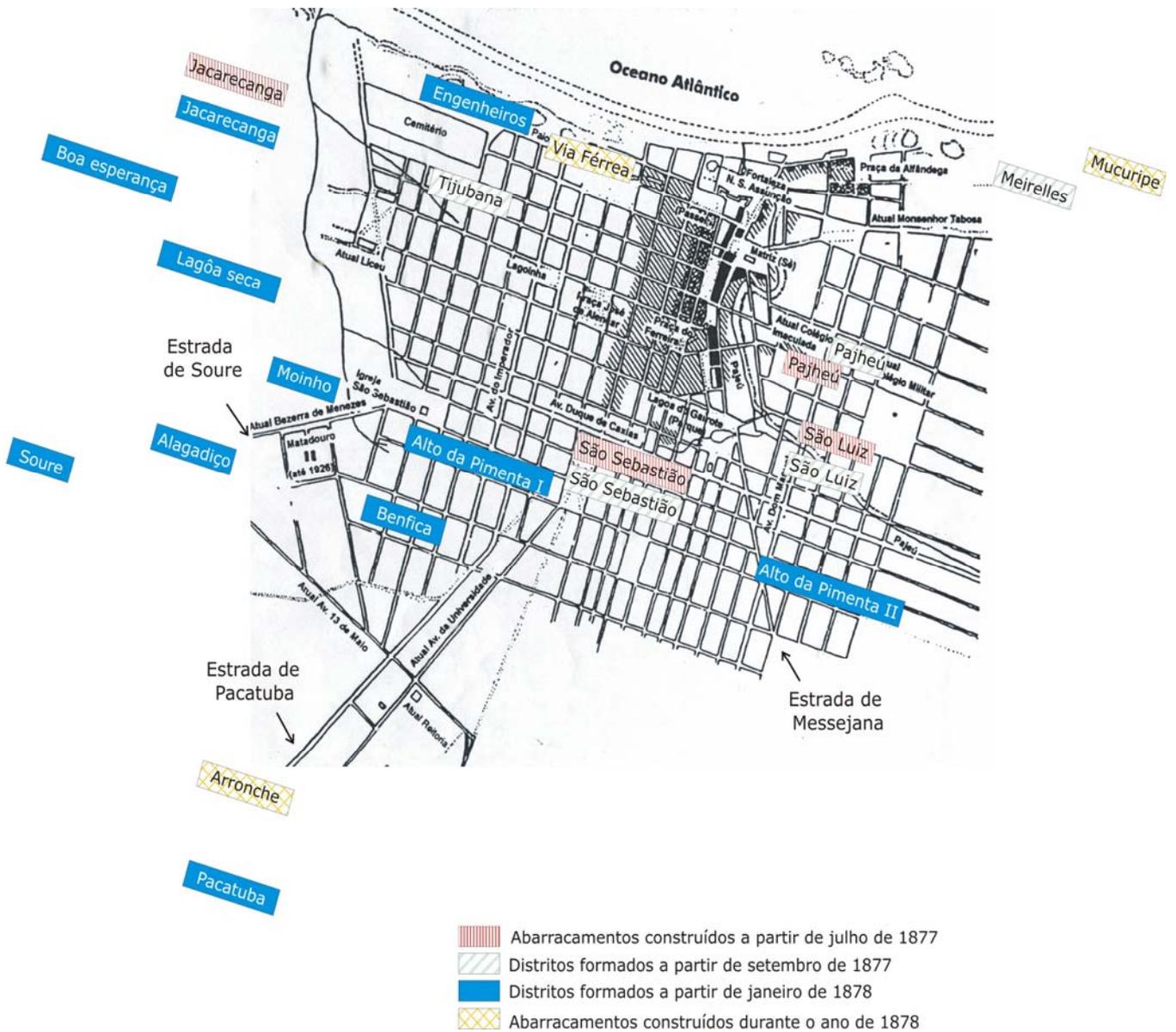
Os distritos foram sendo organizados ao redor da região central, pois ali já se encontravam alguns abarracamentos e a junção deles possibilitou a formação das áreas administrativas. No entanto, como pode ser observado na planta de Herbster, ao longo dos anos de 1877-79, os distritos foram sendo direcionados para regiões mais afastadas do centro da capital com o intuito de tanto evitar a propagação das doenças, como o de impedir o convívio da população emigrante com os moradores da urbe.

*Os emigrantes sam soccorridos diariamente pelos seus directores, sendo para notar a ordem, disciplina (ilegível) que há entre eles. Pretendia dar mais conveniente organização a todos os serviços relativos aos socorros dos emigrantes...*¹⁸. Organizar estruturalmente as habitações e, sobretudo, tentar disciplinar os retirantes foi sempre uma das preocupações destacadas pelo governo Provincial. Dessa forma, para alcançar esse desejo, se fazia necessária à criação de alguns cargos administrativos. Então em cada abarracamento foi formada uma equipe constituída por inspetores, chefes de turma, um chefe de cozinha, um escrevente, um administrador chefe e ainda serviços de enfermaria.

Os ofícios expedidos foram documentos que permitiram conhecer um pouco sobre as administrações dos empregados, visto que através destes eram realizadas as prestações de contas e despesas dos comissários dos abarracamentos em relação ao governo. Não obstante, deve-se notar que as avaliações descritas nos ofícios eram também utilizadas pelo Governo Provincial para descrever a situação do Ceará para o Ministério do Império.

¹⁸ Relatório com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa passou a Administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor Conselheiro João José Ferreira de Aguiar em o dia 23 de novembro de 1877. p.21, nota 18.

Figura 2
Disposição dos abarracamentos e distritos em Fortaleza
(1877-1880).



Mapa organizado a partir da adaptação de José Liberal de Castro feita sobre cópia esquemática da planta de Adolfo Herbster de 1888.

Os anos de 1877 e 1878, dentro dos estudos mais recentes sobre a seca no Ceará, foram considerados anos de grandes dificuldades e, principalmente, de mudanças na cidade de Fortaleza.¹⁹ Observam-se que os abarracamentos foram aos poucos sendo adequados aos planos do poder público e a sua ampliação foi um dos recursos escolhidos para a concretização de seus objetivos. Foram criadas enfermarias, pagadorias, escolas e outras estruturas que fortaleceram as tentativas de controle da população retirante.

As críticas quanto à atuação do governo diante da seca apareceram constantemente, sobretudo na imprensa local. Em cada administração governamental nota-se uma expressiva oposição política às ações implementadas pelos presidentes da Província. As notícias publicadas no jornal mostravam o descontentamento com a forma de governar destes administradores como foi o caso das matérias referentes à administração do Presidente Caetano Estelita. *“O governo não foi imprevidente, mas conscientemente criminoso. Logo que na Província manifestar-se os primeiros symthomas do flagello a imprensa dispertou, apontou o perigo, pediu e indicou os meios de conjural-o...”*²⁰

Dentre os jornais mais analisados do período pode-se citar o *Cearense*, defensor das idéias do partido liberal, e que fazia oposição governo conservador de Caetano Estelita. Na fonte analisada fica bastante clara a denúncia da imprensa a respeito do descaso que o presidente estava tendo diante dos problemas ocasionados pela seca. Observa-se que de acordo com a descrição o governo não tomou nenhuma medida para amenizar tal flagelo, porém o jornal afirma ter cumprido com seu papel, pois alertou a todos sobre a gravidade da situação. As acusações demonstram de certa maneira o quanto desgostava do mandato de Estelita e como foi conflituosa a relação entre imprensa e governo.

As construções dos abarracamentos também foram motivos de críticas e acusações da imprensa, uma vez que não se depositava uma credibilidade no novo

¹⁹ Estes autores mostram em seus trabalhos como foram estruturados e organizados alguns abarracamentos durante a seca de 1877-79. Cf. MOTA, Felipe Ronner Pinheiro Imalau. *Progresso, calamidade e trabalho: confrontos entre cidade e sertão em fins dos oitocentos*. (Fortaleza /1850-1880). Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 2000; CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Trem da seca: sertanejos, retirante, operários (1877-1880)*. Fortaleza-CE: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2005; NEVES, Frederico de Castro. *Op.cit.* nota 4; BEZERRA, José Tanísio V. *Op.cit.* nota 10; SILVA, Jeovah Lucas da Silva. *As bênçãos de Deus: a seca como elemento educador para o trabalho (1877-1880)*. Dissertação de Mestrado: UFC-CE, 2003.

²⁰ (B.P.G.M. P) O jornal “*Cearense*”, 01 de julho de 1877- Echos da secca - II-notas sobre a seca.

empreendimento do governo e suas matérias buscavam demonstrar sempre desconfiança nas ações de Estelita.

... Onde e quando mandou o governo construir estas palhoças? Não vê o Cearense que isso é uma peta? Se o governo não tem vitem para dar esmolas, como poderá fazer este acto de caridade?! Não procurem os emigrantes por si um abrigo que, a esperarem por taes palhoças, terão por tecto o céu e por leito solo árido que pizam. Do Sr Estelita nada se pode esperar, mormente agora, que vai ser rodeado pelos retirantes provinciaes. Talvez sejam para estes as palhoças que Sr. Exc. mandou levantar.²¹

O discurso jornalístico levanta diversas suspeitas quanto às intenções do governo com as edificações. O aglomerado de retirantes foi apontado pelo jornal como justificativa para as supostas construções. As questões relacionadas às dificuldades econômicas da Província não deixam de ser mencionadas, uma vez que o assistencialismo aos emigrantes através das esmolas e da caridade da população cidadina foi uma das preocupações do governo. Deve-se entender que as medidas implementadas pelo presidente da Província não podem ser encaradas como um simples ato de assistencialismo e caridade, ou que o jornal foi um dos grandes defensores da população “flagelada”, mas que existiam interesses políticos, econômicos e sociais.

A seca no Ceará, a partir do ano de 1877, atravessou por uma transformação quanto ao modo de ser observada e estudada, pois passou a ser abordada como um dos graves problemas que abalavam e prejudicavam o desenvolvimento da Província, no entanto os estudos recentes apontam que essas análises deixam de lado questões como a ameaça que a seca trouxe para a elite local que almejava o progresso. De acordo com os estudos de Neves, percebe-se que a seca tornou-se mais valorizada e divulgada quando *“atingiu o cerne da aventura civilizatório que a elite local imaginava experimentar neste momento”*.²²

...Não obstante, ella como que repousava na segurança de que não se renovaria esse mal, que se tem constituído um muro de bronze levantado ao seu progresso e desenvolvimento, paralyando as suas fontes de vida, o seu commercio, a sua lavoura.²³

²¹ (B.P.G.M. P) O jornal “*Cearense*”, 01 de julho de 1877 - Noticiário.

²² NEVES, Frederico de Castro. *Op.cit.* p.25, nota 4.

²³ Fala com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa, Presidente da Província do Ceará, abriu a 2.ª Sessão da 23.ª Legislatura da Assembléa Provincial em 2 de julho de 1877, p 36.

O presidente Caetano Estellita deixou evidente sua preocupação com o desenvolvimento da Província e da cidade de Fortaleza, uma vez que o ideal de progresso passou a ser assinalado como um dos prejudicados em toda a calamidade.²⁴ Observa-se que mesmo diante do momento de crise na qual se encontrava a Província cearense, a busca por uma modernização esteve presente nas diversas ações de seus presidentes, principalmente, na capital.

Fazendo uma comparação entre os governos durante 1877-1880, percebem-se algumas peculiaridades que permitem entender as intenções de cada administração. Caetano Estelita, com o objetivo de amenizar as situações calamitosas ocasionadas pela presença dos retirantes, procurou dar-lhes trabalho, pagando-lhes em dinheiro ou com alimentos. O conselheiro Aguiar, entre as várias ações, deteve-se à questão da migração dos sertanejos para outras Províncias como São Paulo, Rio de Janeiro, Maranhão, Amazonas e Pará. E José Júlio de Albuquerque tentou em seu governo transformar os retirantes em trabalhadores, ou seja, desejou que fossem treinados e preparados para participar das várias obras públicas da cidade.

Percebeu-se que dentre as prioridades de ações desempenhadas pelos presidentes da Província durante o momento da seca, encontram-se as reformas nas ruas e edifícios públicos, a organização dos retirantes para o trabalho nas obras públicas e, principalmente, a higienização dos corpos e dos espaços de moradia da população retirante.

Em seu texto sobre corpo e cidade, Denise Bernuzzi de Sant'Anna analisa como o processo de modernização nas cidades no final do século XIX e início do século XX não cessava de afirmar e atualizar as separações entre produtivos e improdutivos, sadios e doentes, limpos e sujos.²⁵ Pensando Fortaleza percebe-se que houve todo um planejamento para que os ideais e tentativas de modernização continuassem mesmo diante da seca, quando a população retirante também passou a ser dividida em categorias como válidos e inválidos.

²⁴ Entre os vários discursos encontrados no relatório do ano de 1877, a preocupação com o progresso da Província devido à calamidade da seca, foi o mais mencionado. Ver: Relatório com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa passou a Administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor Conselheiro João José Ferreira de Aguiar em o dia 23 de novembro de 1877.

²⁵ PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos de pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *O receio dos "trabalhos perdidos": corpo e cidade*. São Paulo: EDUC, 1981, p.125.

Os relatórios de presidente da Província trazem significativos indícios e referências sobre a situação da capital durante todo o período da seca. Diante da mudança do governo de Caetano Estellita para o do Conselheiro Aguiar em novembro de 1877, observa-se que os abarracamentos já constituíam mais efetivamente o cenário citadino e sua organização moldava-se aos interesses do Governo Provincial, sobretudo aos de seus administradores e comissários.

...Com relação aos emigrantes, que se recolhiam à capital, regularizei os serviços necessários a sua recepção, - alojamento, socorros e tratamento. Nomeie à cidadãos prestimosos a quem incumbi especialmente da distribuição dos socorros, mandando construir abarracamentos nas imediações da cidade, onde são recolhidos pelos membros das comissões domiciliares...²⁶

As distinções e as divisões dos espaços urbanos indicam as diferenças sociais que se fazem presentes em Fortaleza em meados do século XIX. Nota-se que existiam pequenas “cidades” dentro do espaço que constituiu a capital cearense, uma vez que nos alojamentos podiam ser observadas estruturas semelhantes às das cidades. Casas para os emigrantes, enfermarias, depósitos para guardar alimentos, escolas, barracões para a alimentação e para administração, lazaretos²⁷, cacimbas para o fornecimento de água e capelas para realizações de missas são algumas das construções que consolidaram esses espaços de embates e convivência entre os retirantes e os citadinos.

...O que se tem tornado digno de muita atenção e das mais enérgicas providencias, é, sem duvida, a aglomeração de mais de dez mil emigrantes homens, mulheres e meninos, sujios, dentro da cidade; comendo pelas ruas; habitando, mas em casas que lhes foram cedidos, e outros em palhoças que construirão, mal acomodadas, em numero incomportavel pelas casas onde se abrigão...²⁸

Diante dessa parte do documento, algumas questões surgem para que se possa analisar as condições das moradias construídas e o incômodo que os

²⁶ Fala com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa, Presidente da Província do Ceará, abriu a 2.^a Sessão da 23.^a Legislatura da Assembléia Provincial em 2 de julho de 1877, p.21.

²⁷ Foram áreas construídas próximo a alguns abarracamentos e que tinha a função de isolar as pessoas que tivessem acometidas por alguma doença contagiosa. Durante a seca, a epidemia de varíola foi umas das responsáveis pela transferência de muitas pessoas para esses locais. Estes também serviram como cemitérios. Para aprofundar este assunto ver: PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque; reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: FDR/Multigraf, 1993, pp 69-115.

²⁸ APEC – FUNDO: Câmara Municipal; SÉRIE: Correspondências Expedidas; PERÍODO: 1872-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 39, em sessão de 8 de fevereiro de 1878.

retirantes causavam à elite local ao permanecerem pelas ruas da cidade. O crescente número de pessoas dentro dos espaços urbanos é um dos problemas que, de acordo com a fonte, deve ser “*digno de muita atenção e das mais enérgicas providências*”, pois estes “*sujos*” eram presenças constantes nas ruas da capital. Quanto às “*palhoças*” deve-se observar que não possuíam um espaço apropriado para moradia, ao contrário, nesses locais o número de pessoas excedia à sua capacidade.

...Cruzam-se por todo o vasto salão as rêdes, em que dormem os casais em face das meninas solteiras; junto das rêdes, sôbre couros, pedaços de lonas de sacos, ou mesmo na terra, dormem os mais miseráveis e as crianças - tenra e imatura seara em que a morte faz a sua maior ceifa.²⁹

Em meio às diversas descrições dos ambientes das casas de palha percebe-se que as divisões estruturais como quartos, sala e cozinha são praticamente inexistentes, havendo somente um compartimento que servia como dormitório para as famílias de emigrantes. Patrocínio, em suas análises sobre os abarracamentos, chama atenção à não divisão dos corpos, ou seja, todos ficavam amotinados num só cômodo. Ele afirma que tal situação trouxe sérias conseqüências para a vida familiar e, principalmente, para as jovens solteiras, pois se observou anteriormente em alguns abarracamentos “*a promiscuidade vai aniquilando as ultimas recordações da vida em família*”³⁰, sobretudo devido ao ordenamento das pessoas dentro dessas casas.

...Vê-se ali desordenadamente agrupada uma população numerosa, em cinco ou seis palhoças sem compartimentos, construídos em torno da antiga cavalharia da policia, cujas aguas lavam o chão dos ranchos durante as chuvas; confundidas as idades, os sexos, as famílias...³¹

As notícias da imprensa também relatavam a desorganização e a falta de espaços dentro das habitações. Portanto, deve-se pensar que talvez essa convivência forçada tenha gerado diversos conflitos entre os emigrantes, já que dentro dos alojamentos residiam várias famílias. Em algumas das fontes pesquisadas, observa-se a existência de desavenças entre os retirantes e moradores da cidade, visto que nos espaços em que foram levantados os

²⁹ PATROCÍNIO, José do. *Op.cit.* p.123, nota 1.

³⁰ *Ibid.* p.123.

³¹ (B.P.G.M. P) O jornal “*O Retirante*”, 12 de agosto de 1877- Palhoças dos retirantes, n.º 8, p.3.

abarracamentos já viviam determinados grupos sociais, dentre os quais se pode citar os pescadores que habitavam a área do Mucuripe, e sentiram-se incomodados com a presença dos emigrantes.

Cumpre-me comunicar a V.Ex.^a o facto que ocorreu no lugar Mucuripe, uma légua distante desta capital, no dia 5 do corrente mes. Existindo no referido lugar um abarracamento de emigrantes, manifestava-se contra estes uma viva indisposição da parte dos pescadores alli residentes, e demonstrações de hostilidades se faziam diariamente sentir, algumas de caracter immoral e criminoso...³²

As “hostilidades” relatadas pelo documento acusam os pescadores como os principais responsáveis por tais indisposições, contudo não explicam os motivos geradores desses desentendimentos. Analisando outra parte da fonte encontra-se uma reclamação do comissário desse abarracamento ao chefe de polícia pela ausência de alguns praças para a manutenção da ordem e a garantia da tranqüilidade. Não obstante atendendo a tais exigências, os conflitos permaneceram.

... na noite de 4 de setembro foram acometidos pelos pescadores, do lugar, insuflados por uns indivíduos denominados Calugy. Uma luta resultou dessa provocação, da qual succumbiu Francisco Calugy, e ficou mortalmente ferido o cabo commandante da escolta, tendo-se fugido os demais praças. Em vista de tal acontecimento do Dr. Chefe de Policia enviou ontem para o Mucuripe uma força de maior numero de praças...³³

É provável que os pescadores se sentissem ameaçados diante da presença e da convivência com essas pessoas e talvez existisse uma certa competição por espaços de trabalhos, pois os emigrantes que se encontravam nessas áreas também eram direcionados aos serviços de pesca. Assim, percebe-se que a sua presença também ocasionou desentendimentos com os cidadãos.

...Habitando, como actualmente se achão, à beira do mar e por conseguinte contemplando e admirando a Província, que tendo-lhe negado água no interior lha apresenta em quantidade tal que a impossibilita de aproveitá-la aos misteres da vida, somente V. Ex.^a lhes poderá conseguir meios de tirarem ali algum proveito ou resultado vantajoso mandando fornecer-lhe jangadas para a pesca, serviço que pode se deregido para pescadores habilitados, neste trabalho.³⁴

³² APEC - Livro 138-B (1878) - Registro de ofícios da Presidência da Província do Ceará, dirigidos ao Ministério da Justiça, ao Ministro do Império, ao Ministro da Marinha, ao Ministro da Fazenda, ao Ministro da Guerra. Presidente Sr. José Júlio de Albuquerque Barros em 11 de setembro de 1878 n.º 859.

³³ Ibid. 11 de setembro de 1878 n.º 859.

³⁴ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8, 4.º Distrito 6 de outubro de 1878.

A descrição desse ofício possibilita que se pense não só sobre questões relacionadas aos conflitos com os pescadores, mas também sobre o emprego dos retirantes em novas atividades como a pesca. O presidente José Júlio de Albuquerque, seguidor das idéias liberais, como já abordado neste trabalho, tinha o plano de transformar os retirantes em trabalhadores, porém acreditava que isso somente seria possível a partir da preparação dos retirantes para os diversos serviços realizados na capital. Dessa forma, o ofício mostra essa preocupação quando ressalta que o serviço de pesca deveria ser direcionado aos *“pescadores habilitados neste trabalhos”*, ou seja, necessitava do conhecimento de tal atividade, não bastando somente o emprego dessas pessoas nesse trabalho, como se pode observar no mandato de Caetano Estellita.

Os contrastes existentes entre as condições de moradia da população advéncia na cidade e no campo podem ser um dos possíveis caminhos para entender as bruscas mudanças dentro dos espaços urbanos. Contudo, não é intenção deste trabalho atestar qual local apresentava melhor qualidade de vida, uma vez que cada lugar possuía suas peculiaridades e experiências próprias, mas deseja-se também neste capítulo tentar compreender o processo de adaptação dos retirantes nos abarracamentos.

Os estudos sobre a cidade de Porto Alegre em meados do século XIX e início do XX, de Sandra Pensavento, analisando a realidade de Porto Alegre, são importantes para tentar compreender Fortaleza nesse momento. A autora afirma que *“o espaço apropriado, construído e transformado suscita, da parte dos seus interventores diretos – administradores, engenheiros, arquitetos, médicos sanitaristas – ou de seus consumidores ou habitantes em geral, uma gama de representações sociais diferenciadas, conforme os agentes que o observam e utilizam.”*³⁵

Os abarracamentos, mesmo sofrendo diversas intervenções e tentativas de controle, possuíam uma característica física e social moldada a partir da utilização dos retirantes, ou seja, mesmo buscando um determinado ordenamento da população abarracada, observa-se nesse processo a permanência de hábitos vistos como uma forma de resistência às diversas imposições. Apesar de grande parte das

³⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p.25.

fontes não demonstrarem diretamente essa resistência, conseguiu-se através da análise das várias imposições e intervenções entender os pontos de conflito entre os retirantes e os comissários responsáveis pelos alojamentos.

Dentre as várias ações do governo de adaptar os sertanejos aos hábitos urbanos, observa-se que o cumprimento de horários, a higiene pessoal e o tratamento médico no combate às doenças estiveram freqüentemente presentes nos discursos dos comissários, médicos, higienistas e, especialmente do Governo Provincial.

...É, pois, de esperar que sejam accometidos os retirantes, habitantes do sertão, onde a vaccina tem sido repellida com tal horror, que um professor de primeira letras, tendo recebido ordem de só admitir meninos vaccinados em sua escola, vio-se obrigado à fechal-a por não ter um só alumno!³⁶

A vacina foi utilizada tanto para evitar a propagação das doenças e epidemias, quanto para tentar combater a medicina popular, uma vez que no século XIX a ciência médica teve uma maior credibilidade. Assim, através do artigo seguinte, do jornal “*O Retirante*”, nota-se que mesmo na tentativa de imposição da vacina através da proibição das crianças de participarem das aulas, a população migrante recusou-se em aceitar esse método de prevenção das doenças, pois não confiava nas intenções do governo e preferiam tomar seus próprios medicamentos.

Em circular de 29 de abril recommendei a todos os commissarios: 1.º que os adminitradores geraes dos abarracamentos e os inspectores de cada secção tivessem o maior cuidado na limpeza dos alojamentos e lugares cibunvizinhos empregando nesse serviço as famílias sob sua direcção; 2.º que o lixo fosse soterrado à distancia conveniente das habitações e do lado opposto aos ventos reinantes. 3.º que os retirantes se banhassem freqüentemente pela manha em água doce ou salgada, lavassem sua roupa, e so abstivessem de quaesquer excessos; 4.º que fossem fornecidos esteiras aos que não tivessem cama ou rede; 5.º que se requisitassem promptos soccorros medicos para os enfermos, e se fornecesse alimentação conveniente aos que não pudessem ser recolhidos as enfermarias; 6.º que se prohibisse a mendigaçãõ de grupos de indigentes nas ruas da cidade; 7.º que se empregasse a maior dirigencia no transporte dos cadáveres para o deposito do cemitério.³⁷

As normas apresentadas pelo governo para serem usadas nos abarracamentos tinham como pretensão impor e transformar os costumes dos sertanejos. Observa-se que todos os pontos destacados se relacionavam com a

³⁶ (B.P.G.M. P) O jornal “*O Retirante*”, 08 de julho de 1877. A varíola, p. 03.

³⁷ Fala com que o Excelentíssimo Sr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.ª Sessão da 24.ª Legislatura da Assembléia Provincial em 1.º de novembro de 1878, p.37.

questão higiênica das habitações e, sobretudo com os hábitos dos retirantes, visto que se acreditava serem essas as causas principais para a disseminação de doenças. Sendo assim, através dos itens estabelecidos para cada abarracamento, consegue-se avaliar algumas das falhas e deficiências existentes no funcionamento dos abrigos.

O documento expõe que as necessidades mais prementes foram a limpeza das casas, o enterramento do lixo fora dos locais de moradia, o banho diário, a lavagem das roupas, o uso de redes, esteiras ou camas, assistência médica para os enfermos e a proibição da mendicância. Esses fatores apareceram expostos constantemente nos diversos discursos presidenciais e nos ofícios enviados pelos comissários dos alojamentos, demonstrando sempre as apreensões que os administradores tinham a respeito de determinados hábitos dos retirantes considerados nocivos ao processo de higienização da cidade.

Uma das correspondências expedidas ao presidente da Província pela Câmara Municipal em 8 de fevereiro de 1878 traz pontos significativos para entender como as exigências e posturas cobradas aos retirantes foram sendo impostas dentro do ambiente urbano.

... e quase todos vagando, e fazendo evacuações pelas ruas, esquinas e em qualquer espaço que podem encontrar; procedendo do mesmo modo nas próprias habitações. D'ahi é que pode resultar o aparecimento de uma epidemia. Não possuindo, porem, esta Câmara, os meios necessários para evitar semelhante inconveniente, pede a V.EX.^a que sirva de providenciar para que esses emigrantes sejam transferidos para fora da cidade, dando-se ali abarracamentos por conta dos soccorros públicos. Sem pessoal sufficiente para vigiar, dia e noute, em todas as ruas, travessas e praças, e impedir que semelhante gente faça evacuações nesses lugares, pede mais esta câmara a V.EX.^a que se digne de mandar pôr á sua disposição vinte praças e em inferior do corpo de policia para serem empregados em policia a cidade no sentido de que se trate...³⁸

Os combates aos hábitos de higiene da população “flagelada” podem ser observados no discurso da câmara municipal, uma vez que os usos e costumes dos retirantes eram considerados “indevidos” e “perniciosos” à cidade. Desse modo a solução desejada para controlar essas atitudes foram as fiscalizações, além disso, o afastamento e o envio dessas pessoas para os abarracamentos fora da cidade foram umas das medidas assinaladas como necessárias para evitar *evacuações* nos

³⁸ Uma parte dessa fonte já foi analisada neste capítulo (nota 31). Ver: APEC – FUNDO: Câmara Municipal; SÉRIE: Correspondências Expedidas; PERÍODO: 1872-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 39, em sessão de 8 de fevereiro de 1878.

locais públicos da capital. Porém, deixava-se evidente no decorrer da exposição da câmara que esta também fiscalizaria e contribuiria para a conservação da saúde.

...Poderá também esta municipalidade fiscalisar as habitações dos emigrantes dentro da cidade, e dar-lhes certo regimen conveniente, dividido-os em turmas sob as vistas de inspectores que os prohibia de faserem evacuações dentro das casas em que morão; mas em lugar destinado para isso...³⁹

A adaptação e reelaboração forçada das relações dos sertanejos com a cidade podem ser visualizadas nos diversos discursos e ações implementadas ao longo da seca, entretanto, os processos de concretização desses planos não foram, na maioria das vezes, colocados em prática, visto que as resistências aos hábitos citadinos podem ser observados nas descrições dos documentos que reclamam e exigem mudanças dos maus hábitos dos retirantes.

No final do mandato, Estelita demonstrou no relatório de presidente de Província a estatística referente ao número de distritos e retirantes existente em Fortaleza. Nesse documento nota-se que houve um expressivo crescimento demográfico dessa população, uma vez que foi contabilizado um total de cerca de 42.931 emigrantes, nos cinco distritos espalhados pela cidade. Deve-se mencionar que alguns autores, incluído o memorialista Rodolfo Teófilo, relatam que antes da migração no ano de 1872 a população de Fortaleza era em torno de 21.000 habitantes (Tabela 1).

O presidente acreditando nas falsas palavras de seu informante, restringiu quanto lhe foi possível as remessas de gêneros para o interior, e por acto de 28 de novembro, cinco dias de sua posse, suspendeu a construção dos abarracamentos que se estavam levantando por ordem de seu antecessor.⁴⁰

Quando assumiu o cargo administrativo da Província, sob nomeação imperial, o Conselheiro Aguiar talvez não esperava encontrar a Província cearense em tal condição. Contudo, as palavras de Rodolfo Teófilo trazem um indicativo de que Aguiar formulou sua opinião a partir de comentários e indagações de algumas pessoas descontentes com os abusos e roubos cometidos pelos distribuidores de socorros.

³⁹ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 127, nota 6.

⁴⁰ *Ibid.* p.127.

Tabela 1

Densidade populacional dos distritos em Fortaleza (1877).

DISTRITOS	RESPONSÁVEIS	POPULAÇÃO
1.º Meirelles	Dr. Henrique Thêberge	4.480
2.º Pajeú Alto da Pimenta São Luiz Estrada de Mecejana	Alferes Joaquim Nogueira de Holanda Lima	14.129
3.º Calçamento São Sebastião	Antônio Santos Neves Meton de Franca Alencar	15.700
4.º Tijubana Morro do Moinho	João Francisco Sampaio	8.046
5.º Lagoa Secca	Felipe Araújo	576
TOTAL	-	42.931

FONTE: Relatório com que o Ex.m Sr. Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa passou a administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor Conselheiro João José Ferreira de Aguiar no dia 23 de novembro de 1877.

Apesar de existirem indicativos de abusos, não se pode generalizar e considerar tais motivos os geradores das ações do novo presidente, já que essa afirmativa não possibilita compreender os motivos que o levaram a tomar a decisão de suspender as construções dos abarracamentos e o envio de gêneros alimentícios para o interior.

A situação da Província, no decorrer do ano de 1878, foi agravada sobretudo pelas medidas tomadas pelo novo governo. A suspensão do envio de alimentos para o interior acelerou o processo de migração para Fortaleza e, além disso, outro problema surgiu: a falta de abrigo, pois devido à paralisação nas construções dos abarracamentos o governo forçou-se a acolher os retirantes nos prédios públicos que estavam localizados no centro da cidade.

Alguns dias depois de os retirantes terem ocupado os edificios publicos, não se podia transitar em sua vizinhança; eram verdadeiros focos de infecção. Não eram somente os trapos nojentos e immundos que tinham sobre o corpo, a falta do menor asseio nas habitações, o despejo das matérias fecaes à pouca distancia dos dormitórios, que concorriam para viciar a athmosphera, era ainda a grande agglomeração de pessoas em espaços insufficientes às necessidades essenciaes á vida.⁴¹

As condições físicas em que se encontravam alojados os retirantes, nas áreas centrais de Fortaleza, foram alvos de discussão do Governo Provincial, dos jornais e dos vários interessados em resolver a situação problemática da capital. É evidente nas palavras de Teófilo a apreensão existente com relação ao estado de salubridade e de higiene dos abrigos, uma vez que a falta de asseio, o despejo de materiais fecais e o pouco espaço dos dormitórios foram assinalados como agentes do viciamento da atmosfera.

Os debates e ações acerca das doenças e, principalmente, das epidemias impulsionaram os desejos de afastar os “flagelados” para fora da cidade, visto que os consideravam foco principal das disseminações das doenças. Sidney Chalhoub em seus estudos sobre os cortiços no Rio de Janeiro em meados do século XIX, aborda que “os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiações das epidemias”.⁴² Percebe-se que em Fortaleza, no período da seca de 1877, predominou a idéia de

⁴¹ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* pp.158-159, nota 6.

⁴² CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.53.

que as habitações da população retirante foram um entrave ao “progresso” da capital cearense.

Os motivos que impulsionaram Aguiar são desconhecidos e o que existem são diversas hipóteses que demonstram mais rivalidades e interesses políticos do que uma análise dos objetivos governamentais, restando aos historiadores desatar o entrelaçamento de experiências e reações a respeito desse governo.

Se o conselheiro Aguiar, como dizia, quase que acabou com os socorros para o interior, não só por ser impossível o transporte, como também por causa do furto dos viveres em caminho, para que suspendeu a construção dos abarracamentos? Se desejava ainda socorrer os famintos na capital sob suas vistas, para que ordenou que se não continuasse a preparar abrigo para os infelizes?! Este acto irreflectido não tardou a produzir os seus efeitos.⁴³

Os efeitos aos quais o documento faz menção dizem respeito ao aumento da migração, à falta de alojamentos para os retirantes recém-chegados, ao abrigo nos edifícios públicos, às doenças que se intensificaram pela insalubridade e ao desemprego dos emigrantes que trabalhavam nas construções dos abarracamentos. Dessas implicações, uma em especial esteve presente nos discursos e planos governamentais: a questão do excessivo crescimento populacional, de tal modo que facilitar a saída dessas pessoas para outras Províncias tornou-se uma das prioridades para o Conselheiro.

No intuito de aliviar dificuldades que possam retardar annular o embarque dos indigentes que emigrão para outras províncias, recommendo a V.S. que toda vez que semelhante embarque não se poder realizar nas lanchas da capitania do porto, promovão-no em lanchas ou jangadas de particulares, depois do que apresentarão as devidas contas a esta presidencia para serem convenientemente pagas.⁴⁴

Nesse ofício direcionado à comissão de transportes por mar fica demonstrado que todos os meios deveriam ser empregados para que pudesse promover a emigração para fora da Província cearense, inclusive a utilização de jangadas particulares para promover mais rapidamente a viagem. Fica evidente que

⁴³ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p.128, nota 6.

⁴⁴ Livro 135-B (1877) - Registro de ofícios da Presidência da Província do Ceará, dirigidos aos membros da Comissão de Compra de Gêneros Alimentícios destinados aos flagelados da seca e Transporte por Terra e Mar pelo Presidente Senhor Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa em 3 de dezembro de 1877.

essas ações foram impulsionadas no desejo de tentar restabelecer o ordenamento e o controle espacial dos retirantes.

...Até hoje, nenhuma coação de qualquer natureza que seja, foi ainda empregada em proveito da Emigração para outras províncias: procurei sempre respeitar e fazer respeitar as deliberações de todos quanto a escolha dos lugares para sua nova residência e, n'este sentido, proporcionei aos que se deliberam a deixar a sua terra natal as facilidades que estiveram ao meu alcance.⁴⁵

As palavras generosas do presidente da Província – “*respeitar e fazer respeitar*” – poderiam levar a crer que as ações “caritativas” foram seus objetivos, porém observa-se em algumas fontes, sobretudo em ofícios expedidos por Aguiar ao Governo Imperial, que os interesses de diminuir a quantidade de retirantes não apareciam expressos nessa documentação, pois somente tornou-se visível a partir dos constantes incentivos à saída dos retirantes, que atingiu uma média, segundo Teófilo, de 11.366 emigrações.⁴⁶

As críticas fizeram-se presentes especialmente com relação à saída de trabalhadores e às condições em que foram transportados, pois a falta de organização e o mau tratamento aos emigrantes foram descritos por diversos autores, incluído Rodolfo Teófilo, que em seus escritos sobre a seca de 1877, narrou dramaticamente as cenas da partida, procurando sempre deixar evidente que a imprudência era do governo.

...Mandar emigrar, privar o Ceara dos poucos braços validos que lhes restavam, quando os cearenses regorgitavam nos armazens, foi o que se fez então. Era cruel o modo por que se fazia o embarque d'essa gente... Os encarregados do transporte para as lanchas arrancavam as creanças dos braços maternos e levavam-nas como fardos que sacudiam sem piedade no fundo da embarcação. As mulheres eram carregadas a empurrões, sem o menor respeito...⁴⁷

Diante das várias dificuldades enfrentadas, o Conselheiro tentou reverter a situação desastrosa em que se encontrava a Província, uma vez que suas execuções contribuíram para o agravamento da crise. Dentre as principais

⁴⁵ Relatório com que o Excelentíssimo Senhor Conselheiro do João José Ferreira da Aguiar passou a Administração da Província a Administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor Doutor Paulino Nogueira Borges da Fonseca, 3.º Vice-Presidente, em 22 de fevereiro de 1878.

⁴⁶ THEOPHILO, *Op.cit.* p.171, nota 6.

⁴⁷ *Ibid.* p.133.

resoluções observa-se o aumento e a criação de novos distritos como Meireles, São Luiz, Pajeú, Alto da Pimenta n.º 1, Alto da Pimenta n.º 2, Pacatuba, Soure, Tijubana (Figura 2), a criação de novos cargos administrativos para os distritos, a distribuição de alimentos nos respectivos distritos e o retorno da construção de novos abarracamentos.

É importante abordar que do final do mandato de Aguiar, em fevereiro de 1878, ao do mandato de Dr. José Julio de Albuquerque Barros, em março do mesmo ano, a Província passou por duas administrações provisórias. Primeiramente, o comando foi dado ao então 3.º vice-presidente, o Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca, pertencente ao partido conservador e redator do jornal Constituição, e mesmo tendo apoiado Conselheiro Aguiar, em seu curto mandato, tomou medidas opostas a seu antecessor. Logo depois assumiu o 1.º vice-presidente, Dr. Antônio Pinto Nogueira Accioly, cuja administração durou somente quatro dias, e buscou dar continuidade aos planos que vinham sendo colocados em práticas pelos presidentes anteriores.

... O meu primeiro cuidado foi o de remover as causas que maleficamente actuavam no estado sanitário da província, providenciando em ordem a que melhorassem as condições hygienicas. Mais de 200,000 emigrados do interior existiam agrupados nas cidades e villas do litoral. Esta capital carecia de asseio, suas praças e travessas estavam convertidas em abarracamentos, o lyceu, o quartel da policia, as escholias publicas, muitos outros predios em diversas ruas serviam de alojamentos de retirantes, e em cada um delles se apinhavam centenas de indivíduos quasi inanidos. Os abarracamentos eram immundos e não tinham commodos suficientes, nem enfermarias, e tudo formentava a propagação das epidemias reinantes. O mesmo se dava nos outros lugares em que se accumulava a população do interior. Immediatamente tratei de promover por todos os meios a meu alcance a limpeza da capital, de retirar para fora della os indigentes, e de obter dos profissionaes a indicação das medidas mais convenientes a hygiene publica...⁴⁸

A tentativa de higienização dos emigrantes foi motivadora das diversas medidas administrativas do presidente Albuquerque Barros. Ele acreditava que mantendo a população afastada e trabalhando em lugares que não possibilitassem o contato com os cidadãos poderia amenizar a crise que vinha sendo agravada ao longo dos governos anteriores. Assim, a busca por meios que evitassem o espalhamento das epidemias por toda a capital foi uma das suas prioridades.

⁴⁸ Fala com que o Excelentíssimo Sr. Dr José Júlio de Albuquerque Barros Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.ª Sessão da 24.ª Legislatura na Assembléa Provincial no dia 1.º de novembro de 1878, p. 37.

As descrições mostram um caminho de possibilidades que permitem o entendimento dos processos de funcionamento dos abarracamentos. A questão central ressaltada pelo presidente é a preocupação com a saúde da capital, e determinar para onde remover a população das ruas, praças e edifícios públicos é uma das medidas urgentes para evitar a propagação das epidemias. Esse documento também analisa a situação em que se encontravam alojados os retirantes, seja nos abarracamentos ou nos prédios públicos. Observa-se que não somente os cidadãos saíam prejudicados pela presença dos retirantes, mas os próprios sertanejos que viviam nessas condições acabavam ficando expostos à contaminação das doenças.

Os abarracamentos no decorrer do período da seca foram modificados e adaptados aos desejos de seus administradores e moradores, no entanto sua estruturação física foi moldada de acordo com as intenções e necessidades de cada comissário ou administrador dos distritos. Os objetivos foram suprir, “aparentemente”⁴⁹, as necessidades dos emigrantes dentro desses lugares. Contudo, o desejo de evitar a circulação e a mendicância dessas pessoas nas áreas centrais de Fortaleza esteve constantemente presente nas intenções do poder público, já que um dos planos dessas construções era limitar a movimentação dos retirantes.

A remoção dos retirantes que se encontravam abrigados no centro da cidade foi um desejo constante do Governo Provincial e da elite local. Sua concretização pode ser notada no decorrer do ano de 1878, uma vez que, observando a planta de Herbster (figura 2), são perceptíveis as transformações nos espaços da cidade e no crescente número de emigrantes que se abrigava nesses lugares. Os dados tirados do relatório de presidente de Província apontam que no ano de 1878 a população abarracada era de cerca de 124.012 retirantes (tabela 2).

⁴⁹ Considera-se “aparentemente”, pois a maior preocupação foi com essas renovações estruturais para evitar que os retirantes saíssem desses locais e circulassem pelo centro da capital. Pode-se pensar que sistemas de vigilância e controle se intensificariam no século XX, durante a seca de 1915, em que os campos de concentração foram criados para tentar evitar que os retirantes saíssem do interior, limitando qualquer movimentação fora desses locais. Para entender o processo dos campos sugere-se a leitura do trabalho de RIOS, Kênia Sousa. *Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932*, 2001.

TABELA 2

Densidade populacional dos distritos em Fortaleza (1878).

DISTRITOS	RESPONSÁVEIS	POPULAÇÃO
1.º Meirelles	Dr. José Lourenço de Castro e Silva	11.435
2.º São Luiz e Aldeiota	Dr. José Pompeo de Albuquerque Cavalcanti	10.102
3.º Pagehú	Joaquim Domingues da Silva	5.996
4.º Bôa - esperança	Telesphoro Marques da Silva Junior	2.176
5.º Alto da Pimenta	Dr. M. I. Figueiredo Camargo	29.935
6.º Benfica	Dr. Hidelbrando Pompeu	23.759
7.º São Sebastião	Capitão Antônio dos Santos Neves	13.800
8.º Tejubana	Dr. Prival	6.237
9.º Alto do Moinho	Farmacêutico João Francisco Sampaio	9.213
10.º Lagoa Secca	Manoel Francisco da Silva	2.235
11.º Jacarecanga	Joaquim Nogueira de Holanda e Lima	7.039
12.º e 13.º Via-Férrea e Engenheiros	Engenheiro Adolfo Herbster	2.085
TOTAL	-	124.012

FONTE: Relatório com que o Excelentíssimo Sr. Dr Jose Julio de Albuquerque Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.ª sessão da 24.ª Legislatura da Assembléia Provincial no dia 1.º de novembro de 1878.

No governo de José Júlio de Albuquerque foram formados treze distritos que estavam ordenados fora do perímetro central da capital (tabela 2). Suas metas foram intensificar as obras públicas através do trabalho dos retirantes, dando continuidade aos projetos iniciados nos mandatos anteriores e, sobretudo, em seu governo.

Dentre os melhoramentos realizados encontram-se: o início da construção do Asilo de Alienados no Arronche (atual Parangaba), a continuação das obras do prolongamento da estrada de ferro de Baturité, obras na Santa Casa de Misericórdia, construção de calçamentos nas estradas de Soure e Mecejana, as pagadorias construídas fora do centro e muitos outros empreendimentos.

A resistência aos processos de tentativa de controle pode ser notada seja através do não cumprimento das leis e regras impostas para o convívio nos abarracamentos, seja na cobrança por melhores condições de vida, uma vez que foram precários os serviços de distribuição de socorros e trabalhos aos quais os emigrantes foram submetidos.

O ato de resistência pode ser visualizado nos atos mais simples que, muitas vezes, são desconsiderados por não serem organizados através de um planejamento prévio. Assim, em uma de suas matérias o jornal “*O Retirante*” destacou o espancamento de um retirante em 31 de novembro de 1877.

Em novembro de 1877, testemunhou-se um soldado do 15.º Batalhão de infantaria da capital, que policiava o quarteirão do seminário, espaldeirar atroz e barbaramente os infelizes e desgraçados retirantes que inermente passavam pela frente daquele estabelecimento em busca de suas pobres choças.

Apesar dos poucos indícios encontrados sobre crimes, homicídios e espancamentos na documentação pesquisada, consegue-se perceber através dessa denúncia realizada pelo jornal que as tentativas de um controle social e um ordenamento espacial estiveram presentes e contaram com um policiamento e vigilância das ações e movimentações dos retirantes pela cidade. Através das afirmações dadas, é provável que os emigrantes desconheciam alguns dos espaços da cidade, pois muitas vezes tinham somente a visão e o conhecimento dos abarracamentos em que moravam.

O arquiteto Kevin Lynch, em suas análises recentes sobre a questão das imagens das cidades, aborda sobre a importância da orientação espacial para quem

mora na cidade. Ele afirma que “... se alguém sofrer o contratempo da desorientação, o sentimento de angústia e mesmo de terror que o acompanha, irá mostrar com que intensidade a orientação é importante”⁵⁰, ou seja, mesmo o autor analisando o contexto histórico do século XX, consegue-se fazer uma ligação com Fortaleza, no sentido de que a necessidade de uma orientação, provavelmente, foi buscada pelos retirantes como uma forma de suprir algumas necessidades prementes, uma vez que as deficiências e a precariedade nos abarracamentos foi bastante evidente.

Em 7 de dezembro (1877), os retirantes domiciliados em Arronches, não recebendo rações, havia muitos dias, vieram ao palácio do governo, em número superior a 500, todos chefes de família, implorar do presidente uma esmola para não morrerem à fome.⁵¹

As tentativas de controle, como podem ser visualizadas, não devem ter surtido tanto efeito, já que se nota que os emigrantes procuraram contornar e resistir às normas impostas. Nesse mesmo parágrafo do livro sobre a história das secas no Ceará, Teófilo relata que devido a esse fato “...O presidente demitiu imediatamente o subdelegado de polícia e exonerou a comissão de socorros, pelo facto de terem deixado sahir da povoação os infelizes famintos...”, fica bastante claro que esse tipo de manifestação era proibida, pois para o poder público somente deveriam ser permitidos aos retirantes a saída dos abarracamentos para os trabalhos nas obras públicas, outras situações tinham que ser limitadas.

Requizado a V.EX. ^a que se digne de providenciar em ordem, a ser-me apresentado todos os dias úteis, as quatro horas da tarde uma força de seis praças, afim de evitar qualquer conflito no lugar onde faço pagamento dos trabalhadores retirantes igual ao que acaba de se dar na pagadoria da rua n.244.⁵²

O medo por uma reação dos retirantes motivou os diversos administradores a sempre estarem cercados por proteção policial, principalmente no momento em que era realizado o pagamento e a entrega de alimentos. Foram vários os motins e conflitos desencadeados entre os retirantes e a polícia, gerados pelas demissões de retirantes que apresentaram má conduta no trabalho, pelo

⁵⁰ LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.4.

⁵¹ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* pp.136-137, nota 6.

⁵² APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8, 10 de outubro de 1878.

descontentamento com algum dos comissários, pelo atraso no pagamento dos salários e na entrega de alimentos e por tantos outros que acirravam as relações entre emigrantes e governo. Fiscalizar e evitar essas manifestações foi prioridade para o Governo Provincial.

No ofício expedido no 8.º distrito, na Tijubana, o comissário responsável ressalta que alguns emigrantes que se encontravam naqueles abarracamentos estavam morando de forma “ilegal”, já que estavam alistados em outro abarracamento. *“Tendo chegado a domiciliar-se no abarracamento 996 pessoas, os quaes tem deixado de serem socorridos, visto não serem indigentes do referido abarracamento...”*⁵³. Foram diversas as razões pelas quais procediam dessa forma, contudo, os ofícios somente apontam as trocas de acusações entre os distritos.

É importante analisar que não foram tão limitadas as movimentações e ações dos retirantes dentro da cidade como mostram os discursos das fontes. Eles puderam agir e reagir às várias normas que impediam sua mobilidade pela urbe.

...cheguei a verificar que o abarracamento à meu cargo não é simplesmente um abarracamento, mais um complexo de vários e numerosos emigrantes que se achando destacados em diversos pontos de outros distritos, vem se agrupar neste abarracamento em procura de socorros, formando assim uma massa de povo mui superior à vinte e quatro mil pessoas. Faltando, pois, com a verdade e franqueza exigidas pelas circunstancias, os comissários dos abarracamentos visinhos se negando ao trabalho de alistar os recém – chegados, impelliam para este districto e tornado impossivel a necessaria fiscalização.⁵⁴

Além disso, nota-se que os comissários também contribuíram para as constantes trocas de abarracamentos, pois quando já possuíam um determinado número de emigrantes em seus distritos, transferiam as responsabilidades para outros administradores. Assim, pode-se pensar que o controle realizado através dos registros não foi tão eficiente como pregado nos discursos.

Fazendo uma análise dos dois últimos anos da seca é perceptível que tanto o ano de 1878 como o de 1879 foram períodos de grande conturbação para a capital cearense, não somente devido às diferentes medidas executadas pelas administrações presidenciais pelas quais passou Fortaleza, mas também pelas

⁵³ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1877- 1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8, 10 de outubro de 1878.

⁵⁴ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 6, comissão do 6.º districto, 4 de novembro de 1878.

mudanças implementadas nos abarracamentos e pelo aparecimento das epidemias que atingiram tanto os retirantes como os cidadãos.

As teorias miasmáticas predominavam nos discursos de médicos e higienistas responsáveis pelo controle das doenças e, especialmente, nos da administração de alguns alojamentos para os retirantes.⁵⁵ Diante dessas preocupações é que as várias medidas de Albuquerque Barros vão ser tomadas tentando promover um reordenamento espacial desses locais a partir da transferência e da desativação de alguns abarracamentos.

...mandei remover para sotavento da cidade todos os abarracamentos existentes do lado opposto, fiz construí em lugares abertos e arejados os novos alojamentos, dispostos de modo a formarem grande quadriláteros com uma área central de 200 a 300 metros, estabelecendo em cada um delles uma enfermaria, depósitos de gênero, cosinha com capacidade para preparar o alimento diario de duas a três mil pessoas, lavanderias e outros accessorios indispensáveis ao asseio; autorizei o fornecimento de carne verde e dietas aos enfermos; mandei limpar as bacias do Pageú, a lagoa do Garrote, extinguir os charcos da praia, e abrir poços que supportassem a população de água potável de boa qualidade...⁵⁶

As mortes e as doenças eram destaques principais nesse cenário de sofrimento e, tanto os jornais como os relatórios presidenciais faziam menção às providências e prevenções que deveriam ser colocadas em prática com o fim de evitar as epidemias. Assim, para o poder público, quanto aos abarracamentos que ficavam próximos ao centro, era “*essencial remove-los do perímetro da capital, colloca-los a sotavento...*”⁵⁷, visto que acreditavam que os ventos eram os responsáveis pela propagação das doenças.

É importante destacar que os distritos entre 1878 e 1879 passaram por um processo de expansão devido, principalmente, à forte migração que ocorreu durante esse período. Para uma melhor análise das questões ligadas às estruturas e ao número de pessoas abarracadas, observam-se alguns dados retirados dos ofícios expedidos pelos comissários de abarracamentos e relatórios de presidente de Província.

⁵⁵ Observando as tabelas 1 e 2, percebe-se que a grande parte dos responsáveis pelos abarracamentos era formada por médicos, higienistas e engenheiros, profissões que em meados do século XIX apoiavam as teorias miasmáticas. Ver: COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

⁵⁶ Fala com que o Excelentíssimo Sr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.ª Sessão da 24.ª Legislatura da Assembléia Provincial em 1.º de novembro de 1878, p. 48.

⁵⁷ Ibid. p.48.

As chuvas são fracas e aparecem no decorrer dos anos de 1877-79, ainda que sem grande expressividade. O inverno chuvoso só deu seus primeiros sinais no final do ano de 1879, quando a esperança voltou aos lares de milhares de sertanejos que moravam em Fortaleza. Declarado o final da seca, o Governo Provincial elaborou planos e medidas para a internação dos retirantes, ou seja, buscou dar subsídios e incentivos para que a população pudesse regressar para o interior e assim voltar ao trabalho nas lavouras. Os abarracamentos foram, aos poucos, sendo desativados e de acordo com a documentação pesquisada houve a permanência de apenas alguns deles no ano de 1880.

O Dr. José Julio, em janeiro de 1880, estabeleceu algumas exigências aos comissários dos abarracamentos.

Convindo tomar promptas providencias afim de que a população emigrada do interior d'esta e das províncias visinhas volte a seus domicílios a tempo de poder empregar-se nos trabalhos da lavoura, logo que se manifeste o inverno o inverno, cumpre que Vmc., sem demora mande arrolar todas as pessoas do abarracamento sob sua direcção, que estejam em condições de trabalhar para obterem os meios de subsistencias, e marque-lhes o praso de oito dias para retirarem-se sob pena de serem eliminadas do abarracamento e ficarem privadas de qualquer socorro do governo n'esta capital. As que se retirarem dentro do praso marcado serão fornecidas algumas rações para a viagem, roupa e sementes, bem como uma guia para a comissão do logar a que se destinarem...⁵⁸

Os retirantes não tinham opção de escolher o que desejavam fazer, como mostra Teófilo. As ordens do presidente Albuquerque aos comissários tinham que ser cumpridas. Cortar os socorros foi a forma imposta pelo governo para forçar a volta dos sertanejos ao interior, mas nem todas as pessoas que moravam nos abarracamentos se submeteram a essas resoluções, uma vez que muitas famílias haviam perdido todos os seus bens e já estavam adaptadas na capital.

O “*Cearense*”, em 10 de março de 1880, dedica uma das partes do jornal a noticiar a desativação de alguns abarracamentos dentro dos chamados “subúrbios” de Fortaleza.

No dia 26 do corrente ficou suprimido o abarracamento do 7º districto, á cargo do capitão Antônio dos Santos Neves, tendo sido fornecido aos indigentes que regressaram aos seus domicílios 862 guias, com o pessoal de 2.506.⁵⁹

⁵⁸ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* pp.364-365, nota 6.

⁵⁹ Neste documento menciona-se a entrega das “*guias*”, que eram papéis que foram usados no período da seca de 1877 para que os retirantes recebessem o dinheiro ou alimento de que tinham direito. Com a internação nota-se que foram usadas

As notícias procuravam mostrar que mesmo com o fim dos abarracamentos, os retirantes que desejassem retornar ao interior teriam a assistência necessária por parte do governo, já que a expectativa maior foi de que as diversas famílias que se encontravam abrigadas deixassem a capital.

Supressão de abarracamentos: por acto da presidencia de 16 do corrente foram extinctos 4 abarracamentos de indigentes estabelecidos nos subúrbios desta capital, a saber: Lagoa-Secca...; Boa-Esperança...; S. Sebastião...; Engenheiros...A presidencia trata com todo empenho de activar a interação dos retirantes, a fim de restabelecer os serviços de lavoura e criação, collocar de novo a população em seus domicílios, supprimindo assim as grandes despesas com soccorros públicos.⁶⁰

Deve ser lembrado que a desativação desses locais intensificou o processo de internação dos retirantes. Desse modo, o *“Dr. Jose Julio de Albuquerque accelerava quanto possível a internação dos retirantes. Por acto de 3 de abril dissolveu os abarracamentos de Bemfica, Cocó, Tijubana e Alagadiço grande...”*⁶¹. Através dessas medidas esperava-se acabar também com as despesas que a Província tinha com os socorros públicos.

Apesar da diminuição do número de sertanejos em Fortaleza, nem todos os retirantes retornaram para o interior e aqueles que viviam nos abarracamentos desativados, provavelmente, continuaram a morar nas mesmas áreas, uma vez que se observou que as regiões consideradas “subúrbios” tiveram um certo crescimento populacional. No entanto, esses espaços somente passaram a ser parte integrante da cidade em meados do século XX, quando os bairros da Parangaba, Jacarecanga, Aldeota, Meireles e Mecejana consolidaram-se como lugares importantes para moradia em Fortaleza.

A seca trouxe marcas de dor e sofrimento para a cidade e, principalmente, para seus habitantes, contudo, também apresentou profundas transformações na organização espacial e social de Fortaleza. Entender que as várias tentativas de controle sobre os retirantes não funcionaram da forma como desejavam o governo e a elite local são fundamentais para desconstruir os diferentes discursos retratados nas fontes.

intensamente, pois o governo prometeu que os sertanejos continuariam a receber os auxílios das mãos dos administradores locais. (B.P.G.M. P) O jornal *“Cearense”*, 10 de março de 1880. Memória sobre clima e secas do Ceará, p.2.

⁶⁰ (B.P.G.M. P) O jornal *“Cearense”*, 10 de março de 1880. *Memória sobre clima e seccas do Ceará*, p.2.

⁶¹ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 375, nota 6.

Desse modo, pensar a respeito da presença dos retirantes em Fortaleza, na segunda metade do século XIX, leva a refletir que mesmo com a ausência de fontes que mostrem detalhadamente o cotidiano dos retirantes é possível compreender nos discursos as intrincadas relações estabelecidas nos abarracamentos e, sobretudo, as diversas tentativas de exploração sofridas por esses sertanejos no decorrer do período da seca de 1877.

2.2 – DOMICÍLIOS DO “FLAGELO”

Incorporar à história tensões sociais de cada dia implica a reconstrução da organização de sobrevivência de grupos marginalizados do poder e, às vezes, do próprio processo produtivo.

Maria Odila⁶²

As trajetórias de vida dos milhares de sertanejos têm na cidade um desfecho surpreendente, pois diante de todos os conflitos e misérias, o cotidiano vai mostrar pessoas determinadas e que tentam moldar-se aos costumes citadinos na busca pela sobrevivência. Suas marcas e histórias se fazem presentes nos registros estéticos e documentais de Fortaleza.

Os estudos da História Social têm trazido importantes contribuições para que esses personagens “esquecidos” possam participar e contribuir para os estudos historiográficos. A abordagem realizada pela historiadora Maria Odila, em seu trabalho sobre o cotidiano e os poderes em São Paulo no final do século XIX, traz importantes reflexões sobre como os estudos do cotidiano possibilitam entender a participação de determinados grupos sociais que até então eram excluídos das análises históricas. Assim, pensar as experiências dos retirantes em Fortaleza, a partir do cotidiano das tentativas de controle, permite abrir novos campos de pesquisa, uma vez que se busca pelo conhecimento das relações construídas e consolidadas, a partir da chegada desses emigrantes, aprofundar os estudos e problemáticas sobre a capital cearense durante a segunda metade do século XIX.

Apesar dos vários caminhos e passagens referentes à presença dos retirantes na urbe mostrarem-se um campo fértil de possibilidades, as fontes pesquisadas ainda restringem a compreensão de suas trajetórias pela cidade durante o conturbado momento da seca de 1877-79, uma vez que restam somente os discursos oficiais como norteadores dessa busca incansável pelo entendimento de seu cotidiano.

Devido à variedade de descrições de alguns distritos e de abarracamentos, priorizou-se nessa parte analisar as relações existentes entre os retirantes e os ordenamentos estruturais realizados pelos administradores desses

⁶² DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.15.

lugares, permitindo reconstruir um pouco do cotidiano, através dos olhares das fontes pesquisadas.

A chegada em Fortaleza desses emigrantes está cercada por diversos relatos que privilegiam as cenas de sofrimentos e penúrias às quais essas pessoas estavam submetidas naquele momento. Não é muito diferente quando são descritos os abarracamentos construídos a partir da vinda dos retirantes.

Penetra-se depois em ruas fétidas ou quadrados formados por enormes lanços de casaria, edificados pelo mesmo modelo, formando imensos salões ou divididos em apertados casebres. É aí a cidadela da miséria onde a resignação da penúria ouve sem protesto as calúnias da fartura...⁶³

A vida nos também chamados acampamentos para retirantes está cercada de diversas problemáticas que permitem tentar entender os embates e lutas desses emigrantes na capital cearense. Através das palavras escritas pelo jornalista José do Patrocínio pode-se ver o completo descaso e a situação desastrosa em que viviam os retirantes. Percebe-se que os discursos vão consolidar os estereótipos criados sobre a população “flagelada”, e, principalmente, vão colocar essas pessoas como responsáveis pelas condições físicas em que se encontravam esses ambientes.

...Visitei os alojamentos da fome. Encontrei allí o quadro das miserias humanas com todas as suas nuances. Aquella multidão de desgraçados, formando uma grande esterqueira, onde se misturavam vícios e virtudes, me fez pena. Enquanto os meus olhos viram desconhecidos, as lagrimas iam ficando retidos à custa de um grande esforço...⁶⁴

As impressões de Teófilo ao visitar um dos abarracamentos não foram tão diferentes. Além de retratar as estruturas desses lugares, ele também mostrou o desconforto e a repugnância que os aspectos visualizados causavam àqueles que os visitavam. Nota-se que tanto os cidadãos como os memorialistas do período desprezaram a situação procurando dar ênfase à questão da miséria e às condições precárias de higiene, pois uma das intenções era conseguir auxílio do Governo Imperial. Divulgar a seca como um evento trágico para as Províncias do Norte era algo imprescindível. Entretanto, deve-se lembrar que esses vestígios e discursos não podem ser considerados como determinantes para a compreensão da vida

⁶³ PATROCÍNIO, José do. *Op.cit.* p. 123, nota 1.

⁶⁴ THEOPHILO, Rodolpho. *A seca de 1919*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922, p.87.

migrante nos abarracamentos, mas devem ser analisados e entrecruzados com outras fontes para que possibilitem uma melhor análise.

Dentre os constrangimentos que a presença desses emigrantes traziam aos cidadãos, percebe-se que a forma como estavam vestidos trouxe preocupações para o poder público. As constantes trocas de correspondências dos comissários com os presidentes de Província demonstram que, muitas vezes, eles chegavam à cidade praticamente sem nenhuma roupa.

Sendo de indeclinável necessidade mandar preparar diversas peças de roupas para o fornecimento de vestuários a emigrantes indigentes desta capital e interior da província, apresento a V.Ex.^a a relação inclusa da factura de 1600 saias de chita e igual quantidade de camisas de mandapolam...⁶⁵

As referências encontradas com relação às roupas distribuídas para os retirantes trazem em suas descrições os tipos de roupas que lhes foram entregues tais como, as “*saias de chita*” e “*camisas de mandapolam*”. Nessa fonte percebe-se que as roupas atendiam mais às mulheres, talvez devido à quantidade e à carência nos alojamentos serem mais ligadas ao público feminino, porém não se pode deixar de abordar que se tentava preservar o “pudor” e a “moral” dos hábitos tanto dos homens quanto das mulheres, mas, principalmente, dos cidadãos.

Em um dos ofícios enviados ao presidente Dr. Paulino Nogueira, o comissário Álvaro Leão de Miranda pede que sejam enviadas algumas peças de roupas para o abarracamento pelo qual era responsável. Essas roupas deveriam ser distribuídas entre os retirantes que estavam empregados nos serviços do armazém que ficava na Tesouraria geral.

...apresenta-se elles com serviço inteiramente trapillhos e em estado tal de indecencia que as familias que moram enfronte e nas immediações do armazem, seriam privadas de chegar a porta de suas casas por aquelle motivo; assim, eu peço a V.EX.^a que se digne de me conceder autorisação para tirar do respectivo deposito de roupa feita cinco desta vestimentas destinados a provel-os preciso e convenientemente, para deste, modo evitar certos casos de escandalo e immoralidade.⁶⁶

Nessa descrição existe um ponto central que mobiliza o pedido do comissário: o incômodo que os retirantes estavam trazendo às pessoas que

⁶⁵ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 9, comissão de socorros públicos, Fortaleza 12 de fevereiro de 1878.

⁶⁶ Ibid, Fortaleza 25 de fevereiro de 1878.

moravam em frente ao armazém, pois como andavam mal trajados e em estado indecente, as famílias que ali viviam sentiam-se privadas de circular pelos espaços próximos aos seus lares, uma vez que consideravam impróprio à “moral familiar” visualizar tais cenas. Assim, percebe-se que em geral as fontes pesquisadas dão destaque à preocupação com a questão moral.

As reformas realizadas em cada abarracamento foram sendo consolidadas ao longo dos anos de 1877-79. A princípio não havia tanto planejamento e os abarracamentos foram sendo construídos apenas no intuito de abrigar os retirantes, talvez por que esperavam que logo a seca terminaria. Nota-se que dentre os mandatos administrativos de Fortaleza, o de José Júlio de Albuquerque Barros possibilita observar mais detalhadamente as tentativas de controle sobre retirantes dentro dos alojamentos. Desse modo, escolheu-se analisar os documentos desse período, pois o funcionamento e os melhoramentos implementados nos abarracamentos aparecem mais detalhadamente nesse momento.

O Dr. José Lourenço de Castro e Silva, comissário e médico do 1.º distrito do Meireles, enviou no dia 28 de outubro de 1878 um ofício contando “... *esclarecimentos sobre os melhoramentos executados, no districto a meu cargo de março até hoje e os que estão em via de execução...*”⁶⁷

Qual o numero de indigentes soccorridos no meu abarracamento com declaração de pessoas de cada família, validos e inválidos. Qual o systema adaptado na distribuição de soccorros, a qualidade e quantidade destes que se tem distribuído mensalmente desde março do corrente anno ate fim de setembro. Quais as occupaões ordinárias dos indigentes validos. Qual o movimento da enfermaria. O quadro dos empregados com declaração dos salários que recebem mensalmente...⁶⁸

Esses primeiros pontos têm como intenção identificar os retirantes que estavam aptos ao trabalho e mostrar ser fundamental que os emigrantes fossem direcionados aos trabalhos, principalmente porque no governo Albuquerque as obras públicas se intensificaram. É também importante dar destaque que essas “prestações de contas” que os administradores realizavam, em grande parte, tinham

⁶⁷ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 9, comissão de socorros públicos, Fortaleza 28 de outubro de 1878.

⁶⁸ Ibid. Fortaleza 28 de outubro de 1878.

a finalidade de assinalar que as ordens exigidas para a organização dos distritos estavam sendo cumpridas.

José Lourenço, nesse ofício expedido, afirma que havia tomado posse há poucos meses e, por essa razão, não podia responsabilizar-se pelos atos do antigo administrador, ou seja, ele absteve-se de assumir a culpa por qualquer problema que ocorreu durante o começo da sua direção.

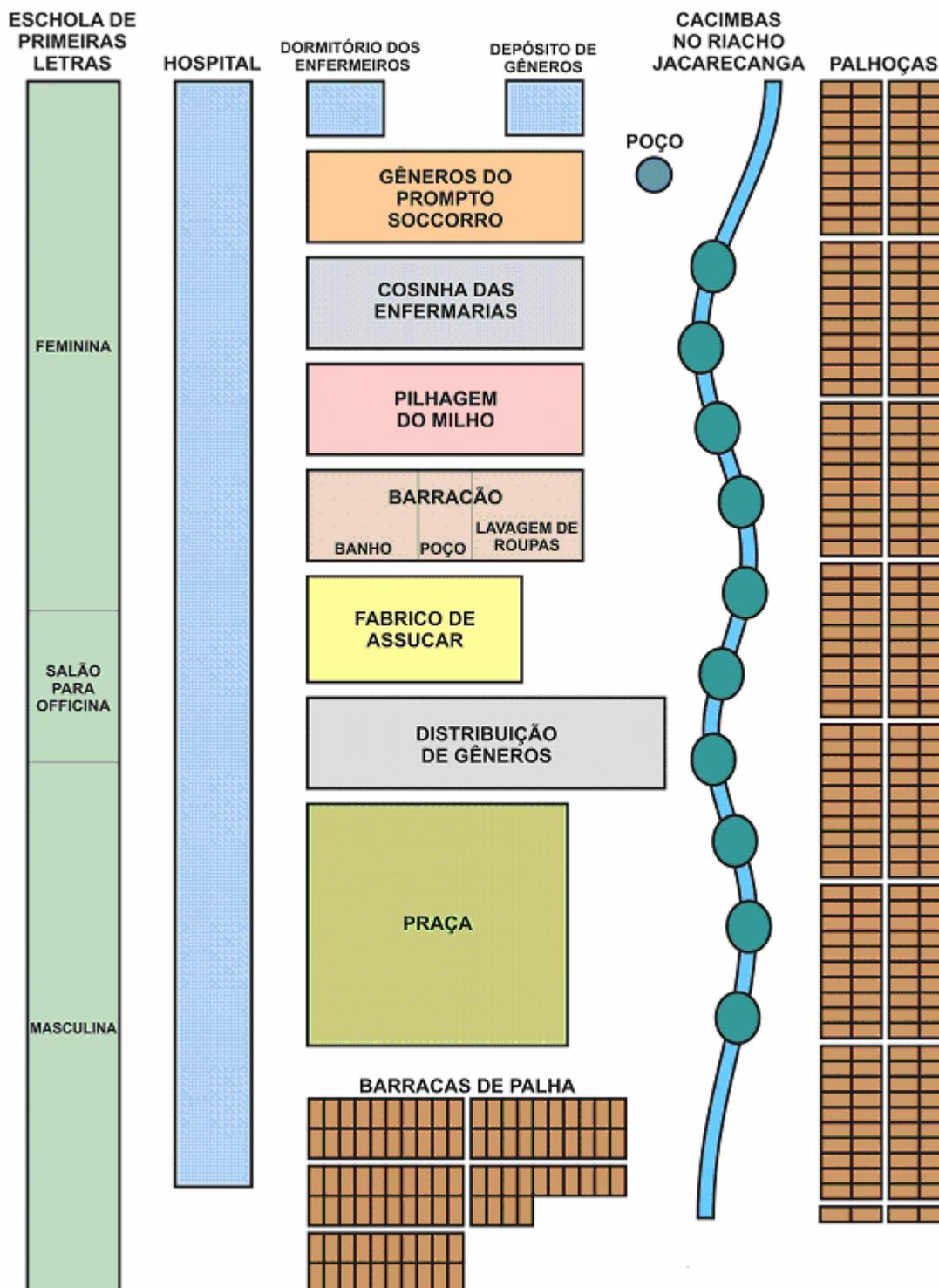
O restante do documento é dedicado às providências que ele acreditava serem necessárias para o melhoramento do distrito. Entre as principais medidas foram citadas a verificação das turmas de trabalhadores que eram formadas por retirantes de outros distritos, a organização das turmas de trabalhadores, alistamento de famílias recém-chegadas, e as construções de mais barracas para abrigar retirantes e de um asilo para as viúvas e órfãos.

Com a finalidade de entender a composição e o funcionamento dos abarracamentos dentro de cada distrito, escolheu-se representar através de um desenho esquemático como estavam estruturados esses alojamentos. A opção do material analisado foi feita levando-se em conta os ofícios que apresentavam uma descrição mais detalhada das edificações presentes nesses espaços (figura 3).

No entanto, não foi possível no esquema mostrar como estavam ordenados os prédios e as barracas, pois os documentos não continham referências sobre as posições e os locais onde eles estavam dispostos. Além disso, outro fator importante foi a escolha do ano de 1879, já que nesse momento percebeu-se que as descrições dos comissários eram mais minuciosas, possibilitando entender a vida dos retirantes nesses lugares.

O desenho deteve-se a analisar o ofício expedido pelo comissário Joaquim Nogueira de Hollanda Lima, responsável pelo 11.º distrito do Jacarecanga, e que a partir do ano de 1879 passou também a administrar o 4.º distrito de Tijubana, que tinha uma administração diferenciada e separada no ano de 1878. Esse distrito provavelmente sofreu uma junção administrativa e assim passou a ser dirigido pelo mesmo comissário do 11.º distrito (figura 2).

Figura 3
4.º distrito de emigrantes- Tijubana.



Esquema organizado pela arquiteta Alice Barros Rodrigues e pela historiadora Ana Karine Martins Garcia a partir dos dados referentes a APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 10, Comissão Domiciliaria do 4.º Distrito de emigrantes, em 12 de julho de 1879.

TABELA 3

Densidade populacional dos distritos em Fortaleza (1877-1879).

NOVEMBRO DE 1877		SETEMBRO DE 1878	FEVEREIRO DE 1879	
DISTRITOS	POPULAÇÃO	POPULAÇÃO	DISTRITOS	POPULAÇÃO
Meirelles	4.480	Não consta esse dado	Alto da Pimenta	22.967
São Luiz	14.129	Não consta esse dado	Pacatuba	14.836
Pajehú	15.700	Não consta esse dado	Tijubana	3.761
São Sebastião	8.046	Não consta esse dado	S. Sebastião	7.735
Jacarecanga	576	Não consta esse dado	Jacarecanga	9.463
-	-	-	Lagoa - Secca	9.463
-	-	-	Engenheiros	1.561
-	-	-	Alagadiço	896
-	-	-	Boa - Esperança	10.182
-	-	-	Moinho	5.476
TOTAL: 42.931		TOTAL: 114.404	TOTAL: 80.036	

FONTE: THEOPHILO, Rodolpho. *História da secca do Ceará (1877-1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa inglesa, 1922.

O comissário Joaquim Nogueira deu destaque aos “melhoramentos” realizados no distrito de Tijubana, procurando demonstrar que as estruturas ali construídas podiam atender a um grande número de retirantes (tabela 3). No geral, esses lugares buscavam suprir as necessidades mais prementes, uma vez que o objetivo central dessas obras foi promover algumas reformas que melhorassem a vida da população que ali habitava e, assim, tentar evitar a constante circulação dos emigrantes fora dos abarracamentos.

A análise desse documento favoreceu a compreensão de algumas questões que se mostram presentes nesse momento. Primeiramente, menciona-se o funcionamento de uma escola naquele distrito.

...Um edifício construído de tijolo e telha com 400 palmos de frente e 30 de largo, aonde funcionão duas escolas de primeiras letras, sendo uma do sexo masculino e outra do sexo feminino, tendo no centro salão destinado para uma officina.⁶⁹

A partir das medidas citadas, tentou-se mostrar visualmente como provavelmente foi o edifício construído com a finalidade de instrução das crianças retirantes. Existiam três salas das quais duas foram destinadas ao ensino e separadas de acordo com o sexo, ou seja, havia uma turma para as meninas, outra para os meninos, e uma terceira, que foi reservada para as “oficinas”. É possível que nesse recinto fossem desenvolvidas atividades que encaminhassem as crianças a aprenderem algum trabalho.

Na documentação pesquisada foram encontrados alguns ofícios que apontam o funcionamento de escolas dentro de alguns abarracamentos ao longo do período da seca. Observou-se que alguns dos comissários responsáveis pela direção dos abarracamentos tiveram a preocupação de mostrar estatísticas dos distritos sobre a frequência das crianças, como foi o caso do 6.º distrito do Benfica.

*“...Que existem duas escolhas, sendo uma de meninas freqüentada por 100 alumnos, e outra de meninos com 100 em alistamento, mas freqüentada somente por 50, pela insufficiência do prédio em que funcionar...”*⁷⁰. A situação precária em que se encontravam os edifícios onde funcionavam as aulas são apontadas pelo comissário desse distrito como um dos fatores que mostram a

⁶⁹ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 10, GRUPO: comissão de socorros públicos, comissão domiciliar do 4.º distrito em 12 de julho de 1879.

⁷⁰ Ibid. Comissão do 6.º distrito da Fortaleza 2 de julho de 1879.

grande lacuna na freqüência nas aulas. Entretanto poucas foram as fontes que abordaram essas dificuldades mais detalhadamente. É importante lembrar que nem todos os distritos construíram escolas e percebeu-se, ao observar alguns dados estatísticos, que muitas crianças foram aproveitadas nos trabalhos, juntamente com os adultos “válidos”, para os serviços nas obras públicas. Alguns usavam a justificativa de que “... Não havendo eschola no abarracamento, são os meninos, maiores de 12 annos, empregados em diversos trabalhos públicos a meo cargo.”⁷¹ Outras fontes já referem-se aos tipos de trabalhos que essas crianças desenvolviam “...de 452 pessôas que existem no abarracamento do Cocó sendo estas de viúvas, orphão e inválidos que estão conduzindo tijollos para igreja, das Cajaceiras...”⁷²

A falta de roupas “decentes” para ir às aulas também foi uma das justificativas utilizadas pelo comissário do 2.º distrito de São Luiz para mostrar o escasso número de alunos que freqüentava a escola que ali funcionava.

Estando funcionando neste abarracamento a aula de 1ª letras, estabelecida por meo antecessor, achão-se matriculados 80 alunos, dos quais apenas freqüentavam 46. A rasão dessa pequena freqüência num abarracamento onde se encontram para cima de 400 meninos em idade de aprender, procede de que quase todos sentem faltas de roupas decentes com que se apresentem n’aula. Em vista d’isto, proponho a V.Excia a conveniência de se fazer uma distribuição de 200 vestimentas para meninos próprias para a freqüência da escola, embora de fazenda grossa...⁷³

Não se encontrou nenhum indício de como foram aplicadas essas aulas, nem quantos abarracamentos tiveram escolas, contudo algumas das estatísticas e falhas apresentadas pelos administradores e comissários mostrando a freqüência dos alunos em seus distritos permite analisar que provavelmente a escola foi utilizada mais no intuito de ocupar as crianças e evitar a mendicância do que de aplicação de princípios educacionais.

Retornando à discussão do documento sobre as descrições do comissário do distrito de Tijubana, percebe-se outro ponto importante: o funcionamento e a

⁷¹ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 10, comissão de socorros públicos, Fortaleza 28 de junho de 1879.

⁷² APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 10. Fortaleza 20 de setembro de 1879.

⁷³ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 6, comissão domiciliaria do 2.º distrito, 8 de novembro de 1878.

organização do hospital que fazia parte das obras executadas por Joaquim Nogueira.

...Um outro de telha que serve de hospital medindo 365 palmos de frente sobe 25 de largo com as seguintes acomodações: Duas enfermarias uma para homens e outra para mulheres, com capacidade de 100 leitos cada uma tendo no centro uma capelinha aonde se celebra os actos religiosos; um compartimento para ambulância; um outro para consultorio facultativo; duas pequenas casas em separadas servindo; uma para dormitório dos enfermeiros e a outra para deposito dos gêneros destinados à dieta dos doentes. Um outro das mesmas constucção que serve de armase para os gêneros do prompto socorro...um outro aonde funciona a cosinha das enfermarias.⁷⁴

Os detalhes com que Joaquim Nogueira fala sobre as estruturas do hospital apontam um debate e a preocupação reinante nesse momento: as epidemias e doenças que matavam a cada dia vários retirantes. A apresentação e a função dada a cada sala pelo comissário demonstra a necessidade que se tinha de melhorar o atendimento aos “indigentes” que estavam doentes.

A questão religiosa vai estar bastante presente no decorrer da seca, principalmente através da Igreja Católica, pois freqüentemente nas fontes aparecem referências e notícias da atuação de alguns padres, seja no auxílio aos “flagelados” ou na celebração de missas dentro dos abarracamentos. No entanto, os conflitos entre padres e retirantes também podem ser observados, principalmente, devido à cobrança de alguns serviços prestados por esses sacerdotes.

O *Retirante* publicou uma matéria no dia 14 de novembro de 1877, cujo título foi chamado “*falta de caridade*” e tinha como intenção mostrar a atitude do vigário que pregava no abarracamento do Pajeú.

Consta-nos que no abarracamento do Pajeú, a cargo do Sr Capitão Raimundo Serafim dos Anjos Jatahy, acabam de falecer duas crianças – pagans – por não querer o caridoso vigário d’esta freguezia baptizar-os, bem como a outras mais, pelo simples facto e ter seus paes levado como padrinho o glorioso S. José, que não lasca os competentes cobres, como marca a tabella do bispado. Pois bem: já que o nosso Diocesano, tão caridoso como o seu vigário, não toma providencias sobre isto, o proprietário d’este jornal resolveu pagar ao dito vigário o preço por que vende aquelle sacramento afim de evitar que se reproduzam casos semelhantes.⁷⁵

⁷⁴ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Offícios Expedidos; PERÍODO: 1879; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 10, GRUPO: comissão de socorros públicos, comissão domiciliaria do 4.º distrito em 12 de julho de 1879.

⁷⁵ (B.P.G.M. P) O jornal “*O Retirante*”, 14 de novembro de 1877, p. 3 - Noticiário.

As palavras efervescentes do jornal mencionam que o padre, responsável pela pregação no abarracamento do Pajeú, estava cobrando pelos serviços sacramentais que ali desempenhava. Nota-se que esse tipo de conflito entre o sacerdotes e os retirantes ia além de uma questão religiosa e apoiava-se na tradição popular, em que os padrinhos deveriam ser responsáveis pelos afilhados na ausência dos pais, assegurando-os “financeiramente” e “moralmente”. Assim, ter “São José” como padrinho ia de encontro aos interesses desses padres que realizavam sua “caridade” em troca de um pagamento. Entretanto, deve-se tomar cuidado quanto às generalizações, pois esse caso não pode levar a acreditar que a maioria dos serviços desses representantes da Igreja Católica visava a esses interesses. Alguns sacerdotes tentaram contribuir no auxílio aos retirantes, como relata Rodolfo Teófilo em um trecho de seu livro sobre a seca de 1877.

O clero da Fortaleza não ficou indiferente aos sofrimentos da população. O virtuoso bispo D. Luis Antônio dos Santos foi o primeiro a dar o mais belo exemplo de caridade. O seu estado de saúde, a fraqueza de sua idade avançada não impediam que visitasse diariamente os hospitais de bexigosos! Aos moribundos do lazareto da Lagoa-Funda muitas vezes ministrou ele os socorros da religião. Sentava-se ao lado do enfermo e consolava com uma piedade evangélica que edificava...⁷⁶

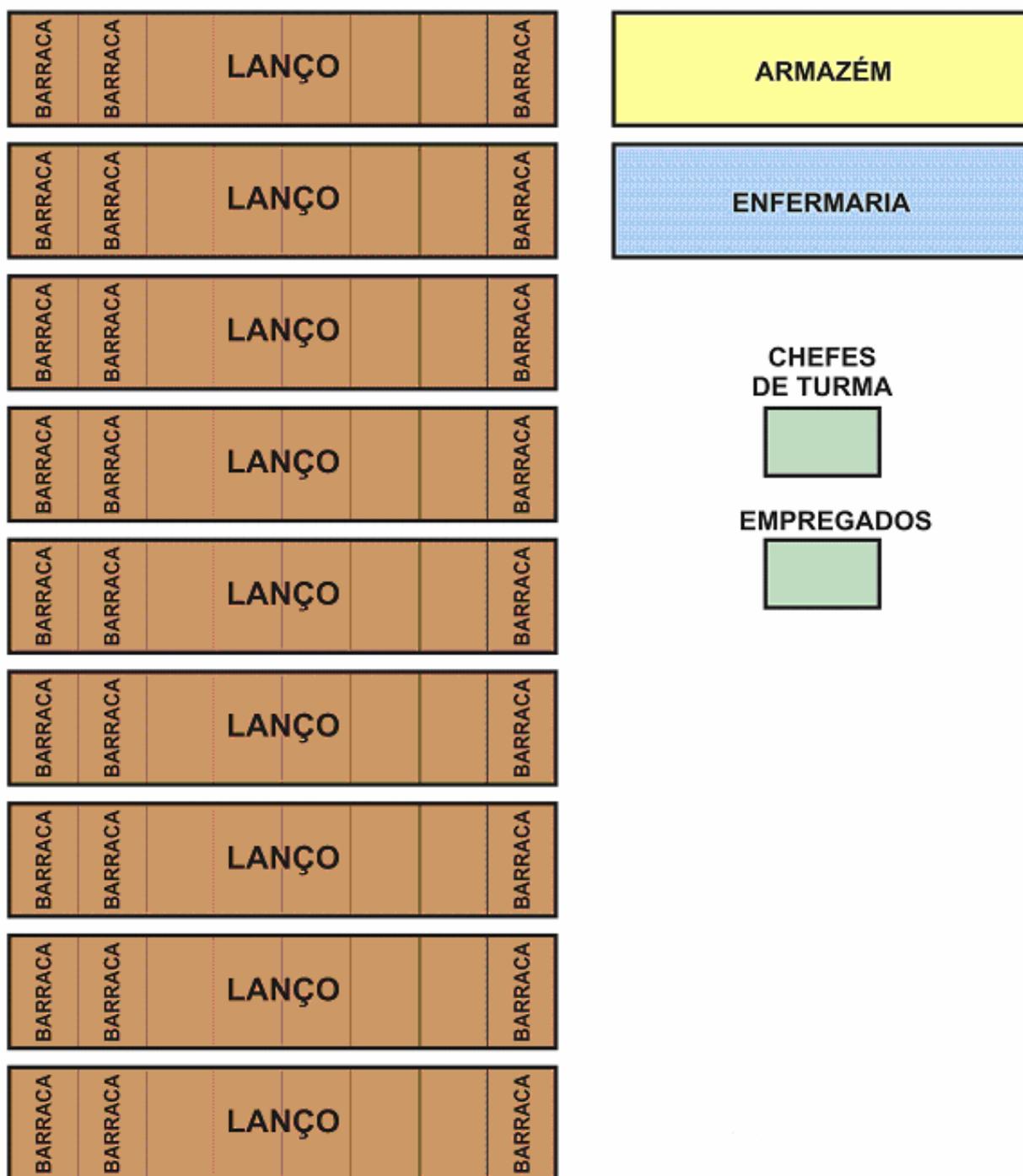
Analisando as fontes, nota-se a existência de diversas referências com relação à participação de sacerdotes no auxílio aos “indigentes” e à menção de alguns documentos a respeito das construções de capelas e pedidos de padres para realização de missas e celebrações religiosas. Acredita-se que esse também foi um dos meios usados para impedir que os retirantes buscassem as Igrejas que, em sua maioria, ficavam no centro da cidade e, por conseguinte, não saíssem constantemente dos abarracamentos.

O ofício expedido pelo comissário do 13.º Distrito do Alagadiço Grande, José Luiz Rangel, em 1879, também suscitou importantes discussões sobre as estruturas e funcionamento dos abarracamentos. Um outro esquema pode ser construído a partir dos principais aspectos da fonte analisada, pois é provável que o Alagadiço Grande deixou de ser abarracamento e foi transformado em distrito somente no final de 1878.

⁷⁶ PATROCÍNIO, José do. *Op.cit.* p.125 (nota de rodapé), nota 1.

FIGURA 4

13.º distrito - Alagadiço Grande.



Esquema organizado pela arquiteta Alice Barros Rodrigues e pela historiadora Ana Karine Martins Garcia a partir dos dados referentes a APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 11, Alagadiço Grande abarracamento do 13.º Distrito em 21 de julho de 1879.

Observando o desenho (figura 4) fica evidente que nesse distrito privilegiou-se a construção de casas para os retirantes. Diferentemente da descrição detalhada quanto aos “melhoramentos” implementados no distrito de Tijubana, o comissário do Alagadiço Grande deteve-se a demonstrar as obras que já haviam sido construídas pelo antigo administrador Adolfo Herbster e a continuidade que estava dando a partir de sua nomeação.

...Quando recebi o encargo da direção(sic) deste abarracamento, encontrei cobertos e emparedados os armazéns e a enfermaria, os dois lanços de barracas ditos no alinhamento da estrada cobertos de palha e dividido, e o outro deste lado bem como os dois do lado do norte, apenas cobertos com estopa de sacco. Hoje pararam (sic) comporta-se este abarracamento de nove lanços contando cada um oito barracas, oito completamente concluídas, isto é emparedadas de taipa, não só de frente e lado detrás, como internamente, formando barracas de 30 palmos de fundo sob 18 de largura cada uma e todas aterradas de barro, palha e basso preciso ao pé da obra que deve estar em poucos dias concluídas...⁷⁷

O documento traz expressivas e importantes referências sobre as construções das casas para os retirantes. Percebe-se que um planejamento e estrutura foram pensados para o ordenamento dessas edificações. A precisão das medidas e o tipo de material utilizado demonstram que se desejava realizar um determinado ordenamento nesses espaços, contudo houve mudanças quanto ao planejamento e às construções a partir de 1878, pois as primeiras construções dos abarracamentos se destinavam mais a tentar controlar mais a situação de calamidade que atingia a cidade com a chegada de um grande número de emigrantes. Para observar um pouco as casas iniciais, basta observar a fala de Patrocínio ao descrever um dos abarracamentos que “...O visitante afaz-se a vê-los na pobreza das suas cobertas e paredes de palha de carnaúba...”⁷⁸ não se pode dizer, no entanto, que em todos os alojamentos as reformas e mudanças foram feitas da mesma forma, pois se deve levar em conta a administração desses lugares. Não se deve achar também que os abarracamentos construídos posteriormente tiveram uma boa estrutura. As precariedades e as más condições desses locais aparecem descritas nas diversas fontes e em autores que abordam a seca de 1877.

Em seus relatos o comissário procurou apresentar a organização das casas e o trabalho dos retirantes nas obras, porém não descreveu

⁷⁷ APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 11, Alagadiço Grande abarracamento do 13.º Distrito em 21 de julho de 1879.

⁷⁸ PATROCÍNIO, José do. *Op.cit.* p. 123, nota 1.

aprofundadamente esses assuntos. Além disso, deteve-se no trecho final a abordar a questão do estado sanitário do abarracamento e confirmou a precariedade existente nas condições físicas e higiênicas dos alojamentos.

...o estado sanitário deste abarracamento não é muito lisonjeiro...¹³⁵ doentes...Não é possível Exmo Sr. que a alimentação de carne do sul excessivamente salgada é muitas vezes ate de pessima qualidade e farinha de mandioca somente se possa conservar em estado favoravel de saude, mui principalmente quando se trata de grande quantidade de povo, em quase sua totalidade nu e dormindo grande parte no chão e muitos ainda por baixo de arvores, tal é afluência de emigrantes que esta chegando do interior...⁷⁹

A péssima conservação dos alimentos, a falta de barracas e o crescente aumento de emigrantes dão a idéia de como viviam esses grupos de retirantes que buscaram Fortaleza em meados do século XIX e permitem analisar que por mais que esses dirigentes demonstrassem através das estatísticas que realizavam diversos “melhoramentos”, é nítido que a vida dos retirantes dentro dos abarracamentos permaneceu caótica.

No dia 25 de outubro de 1878 o já conhecido Joaquim Nogueira de Hollanda Lima, comissário do 11.º distrito do Jacarecanga, redigiu o seguinte ofício ao presidente Albuquerque Barros:

...comecei a executar, no Districto a meu cargo, os melhoramentos seguintes: uma casa de telha e taipa, com 365 palmos de frente e 25 de largo, para hospital, com as seguintes acomodações:
 Duas enfermarias, uma para homens e outra para dieta e comida dos doentes.
 Um compartimento para ambulância em que morão os enfermeiros.
 Um dito para consultorio do facultativo.
 Um salão no centro servindo de armassemdos gêneros destinados ao prompto socorro.
 Uma pequena despensa para os gêneros destinados aos doentes.
 Um compartimento onde se faz a pilhagem do milho para almoço dos desvalidos e invalidos do Districto.
 Uma casinha com 30 palmos de frentes onde se achão assentados 4 caldeiras de ferro pelo systema de fabrico de assucar.
 Uma outra destinada ao assentamento de mais 5 grande caldeiras com 40 palmos de frente.
 Duas pequenas casas em separado servindo uma para dormitório das enfermarias e outro para deposito de cadáveres.
 Um grande barracão coberto de lama com 122 palmos de frente e 22 de largo, onde se distribue a comida diária.
 Um dito no centro da praça cobrindo um poço construindo cantaria e simento, com agua potavel e devidio em dous compartimentos, sendo uma para lavagem de roupa e banho.

⁷⁹ APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 11, Alagadiço Grande abarracamento do 13.º Distrito em 21 de julho de 1879.

Um edifício de tijolos e telha com 400 palmos de frente e 30 de largos parte concluída e parte em conclusão, destinado a escollas, tendo um salão no centro que, segundo opinião, da comissão fiscalizadora devesa servir de oficina a costureiras.

Compompo-se o Districto em tres partes, sendo: um quadro na praça do Jacarecanga com os edificios descriptos e mais 94 casas de palhas; um outro poente diste(sic) separado do primeiro por 1300 metros, com 284 palhoças e 65 em construcção com grande poço no centro e 16 cacimbas construídas com barricas no leite do córrego do Jacarecanga; e a terceira entre as ruas Boa-Vista e Tejubana, Municipal e Flores, com 487 palhoça...⁸⁰

Esse administrador ficou muito apreensivo com a salubridade e a saúde no abarracamento, provavelmente porque em meados dos 1878-79 as doenças já atingiam freqüentemente esses lugares. Desse modo grande parte das casas e edificações construídas estava relacionada ao atendimento dos enfermos que ali se encontravam, talvez devido ao elevado número de doentes existente.

Ao relatar os “melhoramentos”, Joaquim Nogueira utilizou-se de expressões e palavras que mostravam precisão nos dados referentes às medidas das casas e nos compartimentos construídos, demonstrando que também havia realizado diversos serviços em benefício daquele distrito, levando a pensar que a ordem e a tranqüilidade estavam presentes durante sua direção.

Os comissários e administradores desejavam demonstrar ao governo que suas direções primavam pela manutenção da ordem, do controle social e da higienização. É provável que isso tenha desencadeado alguns conflitos entre esses chefes, uma vez que se observou em determinadas fontes acusações e pedidos de demissões, evidenciando uma acirrada competição e disputa por poder.

No 1.º distrito do Meireles, o administrador Pedro José da Costa é acusado de não obedecer a algumas das normas estabelecidas pelo comissário Francisco Fontenelle de Beseril. Isso vinha trazendo alguns descontentamentos, pois o mesmo se sentia “desmoralizado” diante dos emigrantes e assim estava trazendo prejuízos à ordem do abarracamento.

Tornando-se muitas vezes refractarios no cumprimento de seus deveres, o administrador do abarracamento a meu cargo, Pedro José da Costa; já tratando em factos aleivosos que tendem a desmoralizar - me perante os emigrantes alojados sob sua administração; já faltando com respeito o accalamto a mim, no character de Commissario nomeado por V.EX. ^a, propondo a essa Presidência, a demissão de dito empregado, como uma

⁸⁰ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8, comissão de socorros públicos, Comissão domiciliária do 11.º Distrito de emigrantes, em 1.º de outubro de 1878.

medida de salvação em anos taes. A continuação do alludido administrador, Exmo. Sr. trará indubitavelmente, como os factos vão demonstrando, grande prejuízo a ordem e interesses públicos...⁸¹

Os motivos que os levaram ao desentendimento estão relacionados ao não “*cumprimento dos deveres*”, embora não seja evidenciado no documento qual obrigação o administrador estava deixando de cumprir. O fundamental é perceber as disputas de poder existentes entres esses dois dirigentes, pois o entendimento de tal fato permite ver que Pedro José da Costa não queria estar submetido às imposições do comissário e assim descumpria as ordens dadas.

Em alguns ofícios, os comissários acusavam também os administradores de provocarem tumultos e de desobedecerem às normas, ameaçando derrubar algumas barracas que serviriam de abrigo aos retirantes, como foi o caso do 3º distrito, cujo comissário Telesphoro Marques da Silva Junior⁸² pediu a demissão do administrador Geraldo Corrêa Lima, pois este vinha indispondo os retirantes contra o outro, depois de dispensado, ameaçou desfazer algumas das execuções que vinham sendo realizadas no abarracamento pelo qual era responsável.

...hoje realizou amiaças, derrubando as barracas que se estão construindo por odem de V.EXcia para o abrigo dos indigentes rezidentes no centro da cidade, estando já algumas delas quazi concluídas. Desta forma procura desmoralizar-me, e provocando lutas com pessoas, encarregadas de semelhante trabalho.⁸³

Com a ausência de uma documentação que trate mais diretamente do cotidiano dos retirantes, tentou-se procurar nos relatos alguns indícios que permitissem encontrar descrições sobre o modo de vida dos retirantes. Dentre essas fontes destacam-se três documentos que se referem a um incidente, às festas realizadas nos abarracamentos e à busca pela conquista de direitos. Todos esses envolvem as diversas resistências às tentativas de controle.

⁸¹ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8, comissão de socorros públicos, Fortaleza 12 de agosto de 1878.

⁸² No mandato de Albuquerque Barros os retirantes do 3.º distrito foram removidos para as áreas próximas ao Jacarecanga e Lagoa Seca. Havia, neste momento, iniciadas as construções dos abarracamentos do distrito de Boa-Esperança sob a administração de Telesphoro Marques da Silva Junior, local destinado a abrigar os retirantes vindo da área do Pajeú. Ver: Relatório de presidente de Província de 1.º de novembro de 1878, p. 52.

⁸³ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 6, comissão de socorros públicos, Fortaleza 14 de maio 1878.

O comissário Francisco Fontenelle de Beserril, responsável pelo 1.º distrito do Meireles, mencionou a ocorrência de um incêndio dentro do seu abarracamento.

Cumpre-me levar ao conhecimento da V. Ex^a que no abarracamento a meu cargo deu se ontem um pequeno incendio das 10 para as 11 horas da noite, resultando ficado queimados oito barracas de emigrantes. Felizmente não houve morte nem ferimento algum a lamentar, porque segundo fui informado não apanharão as ditas casas ou barracas, um grande numero de emigrantes que ali comparece coadjuvado pela policia do abarracamento, empregando um esforço heróico, conseguirão não só salvar aquelles que iaô(sic) sendo victimas, como poderão ao mesmo tempo abafar o incêndio antes de haver tomado maiores proporções. Não sei com certeza o que deu lugar a semelhante incendio; mas segundo disseram aquelles de quem indaguei a respeito, foi elle todo casual. Me parece, porem que esse acontecimento teve sua origem na pertinência dos retirantes em conservar fogo dentro dos respectivos barracos...⁸⁴

É interessante observar que há uma transposição da cultura rural dentro da cidade. Os sertanejos tinham uma habitação no campo que era familiar e na cidade passaram a viver num ambiente totalmente coletivizado. Os “novos hábitos coletivos” iam sendo forçados para que os retirantes se adaptassem ou pelo menos convivessem durante certo tempo.

O documento é marcado por duas importantes questões: primeiramente a descrição que o comissário traz a respeito do episódio do incêndio no abarracamento. Sua narração se detém a demonstrar que algumas barracas haviam sido queimadas, no entanto nenhum retirante havia saído ferido ou morto. Em segundo, o assunto predominante passou a ser as causas que haviam desencadeado o incidente.

Beserril, ao questionar sobre o assunto, diz que apontavam ter sido esse um evento “casual”, ou seja, não havia culpados. Contudo, no final do documento o comissário apontou que os agentes responsáveis pelo acidente foram os emigrantes, pois eles insistiam em utilizar fogo dentro dos barracos. Essa acusação permite pensar alguns pontos importantes para conhecer a movimentação dessas pessoas nos abarracamentos.

É possível que o uso do fogo deva ter uma relação direta com a questão da alimentação, pois alguns relatos mostram que esses “indigentes”, ao longo

⁸⁴ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8, comissão de socorros públicos, Fortaleza 5 de agosto de 1878.

dessas jornadas migratórias, cozinhavam seus alimentos. Deve-se lembrar que nos abarracamentos existiam prédios específicos para o cozimento e a distribuição da comida. Talvez devido aos hábitos e costumes trazidos do interior, muitos preferiam continuar a preparar seus alimentos, a serem levados a comer em cozinhas centralizadas e a seguirem normas que impediam sua autonomia e seu direito de escolha, uma vez que era um choque cultural a coletivização dos costumes. Desse modo, as resistências foram marcas presentes no cotidiano dos abarracamentos e a “...*pertinência dos retirantes em conservar fogo dentro dos respectivos barracos*” os apontavam como infratores às normas impostas pelo governo.

No ofício enviado pelo comissário do 3.º distrito do Pajeú, foram encontradas referências quanto a prevenções de incêndios a partir de um adequado ordenamento das barracas construídas para os retirantes.

Hoje as 5 ½ da manhã achando-me no mesmo lugar, e tratando de fiscalisar o resto do serviço do dia anterior, encontrei um defeito no seguimento das barracas, cujo quadro incluzo encontrará V.Ex^a. p^a, me fazendo a honra, ordenar-me, se devo ou não fazer seguir, se não única linha de cazas com as perfeições precisas, ao menos com a ventilação necessária e depois ficarem m.s abrigados de qe. qe. incendio: as q se axão estão sujeitas, a não haver mt^o e mt^o coidado do Exmo. Señr...⁸⁵

Além da preocupação com esses incêndios, o documento traz indícios de que, em alguns distritos, as casas levantadas procuravam seguir planejamento e estruturação pré-estabelecidos e, nota-se que estas, quando não atendiam aos padrões exigidos, poderiam ser derrubadas e reconstruídas. Não há referências sobre outros administradores de distritos utilizando as mesmas medidas, contudo percebe-se que normas foram deliberadas para delimitar essas edificações.

Os abarracamentos, apesar dos constantes relatos sobre os sofrimentos e penúrias enfrentados pelos retirantes, também foram palco de momentos de alegria, segundo alguns memorialistas. As festas e diversões não aparecem referenciadas nos ofícios e relatórios dos presidentes de Província, talvez não fosse interesse relatar esses instantes, pois o sofrimento serviu mais aos desejos da elite e do governo. É importante retratar esses pequenos, mas significativos indícios, pois permite conhecer as estratégias e formas de adaptação dos retirantes nos espaços de Fortaleza.

⁸⁵ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878, MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8, comissão de socorros públicos, Fortaleza 14 de março 1878.

O memorialista Antônio Bezerra em sua obra “*O Ceará e os cearenses*” relatou a existência de algumas festas e comemorações dentro dos abarracamentos. As danças e canções mudavam o quadro de dor e de sofrimento o qual a seca havia construído. “...*Aqui em um abarracamento, dansava-se e cantava-se ao som das vidas; ali ajudava-se a morrer um infeliz que deixava numerosas família; acolá festejava-se o casamento de dois entes, que se esqueciam da morte para pensar no amor...*”⁸⁶

Os festejos demonstram, de uma certa maneira, o desejo que a população migrante tinha de querer esquecer e tentar amenizar um pouco as aflições que vivenciavam dentro da cidade e, sobretudo, nos abarracamentos, portanto é relevante desconstruir a imagem de um espaço em que a miséria e o desolamento são as únicas perspectivas de vida.

Os estudos desses espaços fornecem subsídios para diversos caminhos a fim de compreender a vida dos retirantes dentro dos abarracamentos na segunda metade do século XIX em Fortaleza, pois se observou que apesar das diversas tentativas de ordenamento implementadas pelo Governo Província, houve constantemente uma resistência dos emigrantes em aceitarem as tentativas de controle e as normas impostas nos domicílios do “flagelo”.

⁸⁶ MENEZES, Antônio Bezerra de. *O Ceará e os cearenses*. Fortaleza-CE: Fundação Waldemar Alcântara. 2001, p. 31.

2.3 – OS TRABALHOS DE “SÍSIFO”

...Não escapará a illustracção de V.Ex.^a á vantagem q. resulta p^a. a provincia e seus filhos flagellados pela secca, d'esse programma q. abracei p^a. a prestação de soccorros; colocando o povo sob a lei moralisadora do trabalho...

Caetano Estellita⁸⁷

Na Mitologia grega existe um personagem chamado Sísifo⁸⁸, que pode ser analogicamente relacionado com a população adventícia, uma vez que sua história mostra o trabalho como “castigo” e sacrifício. Todavia para os retirantes essa questão também envolve a tentativa de sobrevivência, a resistência e a exploração sofrida durante os trabalhos nas obras públicas.

Sísifo, ao contrário dos retirantes, não teve como resistir e fugir ao que lhe foi imposto. A seguinte análise possibilitou compreender o cotidiano e as ações dos trabalhadores emigrantes e perceber suas contribuições para alguns dos “melhoramentos” planejados para a modernização da cidade.

Desvendando um imenso caminho de angústias e de sofrimento, pode-se perceber que existem poucas referências sobre algumas atividades e ações desenvolvidas pelos retirantes enquanto habitavam Fortaleza em meados do século XIX. Conhecer os trabalhos realizados nas obras públicas⁸⁹ permitiu analisar pontos que possibilitaram que se entenda melhor a movimentação da população “flagelada” nos espaços urbanos, uma vez que a documentação permitiu conhecer um pouco mais sobre ela.

O objetivo central dessa discussão foi analisar como os emigrantes contribuíram para o desenvolvimento da cidade, mesmo diante da “crise” da seca e, principalmente como estes resistiram às diversas explorações sofridas durante as construções das obras públicas.

⁸⁷ Livro (Encontrado fora Catálogo do Arquivo) (1877) - Registro de ofícios da Presidência da Província do Ceará, dirigidos a diversas pessoas pelo Presidente Senhor Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa em 31 de agosto de 1877.

⁸⁸ Personagem da Mitologia grega que desobedecendo a Zeus foi castigado a rolar uma pedra eternamente pela montanha acima. Sua tarefa não terminava nunca, pois uma vez colocada no alto da montanha, a pedra rolava novamente para a planície.

⁸⁹ Estes são alguns dos estudos que discutem sobre o trabalho dos retirantes durante a seca de 1877 a 1879. Cf. NEVES, Frederico de Castro. *Op.cit.*, nota 4, 2000; BEZERRA, José Tanísio V. *Op.cit.*, nota 10, 2000; OLIVENOR, José. “*Metrópole da fome*”: a cidade de Fortaleza na seca de 1877-1889. Fortaleza-CE: Editora Demócrito Rocha, 2002; MORAIS, Viviane Lima de. *Razões e destinos da migração: trabalhadores e emigrantes cearenses pelo Brasil no final do século XIX*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 2003; MOTA, Felipe Ronner Pinheiro Imalau. *Op.cit.* nota 19; CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Op.cit.* nota 19, 2005; SILVA, Jeovah Lucas da Silva. *Op.cit.* nota 19.

No relatório do dia 23 de novembro de 1877, no qual o presidente Caetano Estelita passava seu cargo administrativo ao Conselheiro Aguiar, existia entre os assuntos apresentados a questão da ocupação dos retirantes nos principais serviços da cidade. Observa-se que não há uma postura de proteção com relação às vítimas, mas uma defesa de que os retirantes tinham que trabalhar para merecer auxílio.

A conveniencia de occupar as classes laboriosas que a sêcca reduzia inactivas, despertou o pensamento fecundo de tornar productivos os gastos a fazer com a assistencia publica. Conciliava-se assim a necessidade moral do trabalho que, aproveitando tantos braços validos, distrahia-os da ociosidade, elemento creador de vícios e perversão dos sentimentos humanos...⁹⁰

Empregar os recém-chegados sertanejos em serviços destinados aos “melhoramentos” de Fortaleza foi uma das principais metas implementadas pelo presidente Caetano Estelita durante seu mandato, pois se acreditava que existia uma predisposição contrária ao trabalho regular e, desse modo, a ociosidade poderia trazer sérios problemas para a ordem da cidade.

A mendicância, apesar de não ser referenciada diretamente, é um dos motivos do combate à ociosidade nos discursos do Governo Provincial. Dessa forma, o trabalho passou a ser um dos meios apontados e exigidos para conseguir ordenar e controlar a população emigrante. Além desses, outros motivos impulsionaram o presidente Estelita a empregar os retirantes nessas obras.

A abertura de canais, o auxilio prestado em vias-ferreas ou as outras estradas ordinárias applicando as forças das populações flageladas a esses trabalhos, seria um meio sem dúvida de alta conveniência, que ao passo que redimiria o flagelo da seca ou pelo menos o atenuava, e o impelia para o futuro, introduziam naquelas províncias melhoramentos notáveis em seu sistema de viação e em relação a outros trabalhos públicos.⁹¹

O jornal apontou que uma das estratégias usadas pelo governo para a implementação do ideal de progresso foi a realização de diversas obras públicas, nas quais os retirantes eram peças fundamentais, já que participaram de vários serviços e contribuíram na construção e reforma das edificações existentes em Fortaleza. Deve-se lembrar que a grande quantidade de emigrantes e também as

⁹⁰ Relatório com que o Excelentíssimo Sr. Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa passou a administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Sr. Conselheiro João José Ferreira Aguiar em 23 de novembro de 1877. p. 22.

⁹¹ (B.P.G.M. P) O jornal “*O Retirante*”, 7 de setembro de 1877.

poucas despesas feitas com essa mão-de-obra permitiram a realização de tais projetos expansionistas.

O presidente Caetano Estelita em seu mandato utilizou-se da mão de obra dos retirantes como forma de amenizar as conseqüências da seca, ou seja, para tentar controlar mais efetivamente essa população e também dar continuidade aos “melhoramentos públicos”, pois acreditava que ocupando a população com o trabalho, a ordem social poderia ser mantida e os desregramentos e vícios seriam evitados. No entanto, o encaminhamento e os planos de organização dos emigrantes em determinadas atividades não foram consolidados rapidamente e somente se efetivaram a partir de junho de 1878, não obstante essa população já participar dos trabalhos nas obras públicas.

Deve-se observar que os emigrantes não estavam preparados para as atividades a que foram direcionados e de acordo com Jeovah Silva, o despreparo devia-se aos diferenciados tipos de trabalho que eles exerciam antes de chegar à capital, pois *“acostumados, em sua quase totalidade, com serviços da pecuária ou da agricultura, os sertanejos cearenses tiveram que se adaptar a uma realidade sem precedentes em suas referências culturais”*.⁹²

Os retirantes, em troca do trabalho nas obras públicas, recebiam alimentos e dinheiro. E no intuito de melhor organizar essas distribuições foram criadas as pagadorias.

...servem para distribuir aos homens as rações que são preço do trabalho do dia a dia. São grandes retângulos cobertos de palha, ou mesmo descobertos, e divididos em pequenos compartimentos no quais cabem cem homens. Em cada um desses compartimentos há uma espécie de balcão tôsko, de onde os empregados distribuem as rações. Este serviço poderia ser feito de modo a receber os maiores elogios se houvesse mais disciplina e moralidade no pessoal empregado. Todavia é dos socorros públicos o trabalho mais regular.⁹³

A fonte permite analisar o funcionamento e a organização das estruturas das pagadorias, construídas com o objetivo de evitar os grandes aglomerados e manter uma certa ordem e disciplina na entrega de gêneros para os emigrantes, contudo o aumento do número da população adventícia impossibilitou a permanência desses serviços dentro do centro da capital e sua transferência para os

⁹² SILVA, Jeovah Lucas da Silva. *Op.cit.* p.59, nota 19.

⁹³ PATROCÍNIO, José do. *Op.cit.* p. 129, nota 1.

abarracamentos foi uma das saídas encontradas pelo Governo Provincial para resolver o problema.

Com a construção das pagadorias percebe-se que o recebimento dos gêneros alimentícios passou a ser realizado mediante uma troca, ou seja, o emigrante trabalhava para receber sua “ração”. Segundo as descrições do jornalista Patrocínio, nota-se que os espaços físicos foram amplos e havia uma grande quantidade de trabalhadores envolvidos nessa atividade, porém os relatos chamam atenção a dois importantes pontos: o primeiro diz respeito à falta de “*disciplina e moralidade no pessoal empregado*”, no entanto o autor não menciona por que considera as atitudes dessas pessoas impróprias e até mesmo prejudiciais aos trabalhos de entrega de alimentos; o segundo ponto refere-se ao trabalho nesses locais, uma vez que a princípio foi um dos serviços em que mais se empregava a mão-de-obra dos retirantes.

A construção e a organização dos distritos geraram algumas mudanças no serviço de distribuição durante os momentos críticos da seca. Aos poucos, as pagadorias foram sendo transferidas e arranjadas dentro das áreas distritais, uma vez que se tinha o interesse de atender às necessidades dos grupos de retirantes (alimentação, salário dos trabalhadores, roupas, remédios...) e principalmente de acabar e evitar os possíveis conflitos existentes durante a entrega dos socorros, dentro do perímetro central.

...Ao pagador se entrega uma folha, contendo o nome dos trabalhadores, e marcando o salário que compete a cada um, dando-se também ao pagador a importância total da folha. No acto do pagamento, porém, acontece sempre que alguns trabalhadores deixam de acoder a chamada e sobra, conseqüentemente, a importância que devia ser-lhes paga à qual é restituída ao caixeiro da thesouraria com a folha sem declaração de ter sido a quantia realmente paga inferior a somma da mesma folha. É certo que a medida que se faz o pagamento, si for um signal a lápis, mas me parece o inconveniente apontado; por que sem mesmo passar-me pela mente a suspeita de improbidade...⁹⁴

Esse ofício enviado pelo comissário responsável da distribuição de socorros procurou mostrar como era realizado o pagamento de alguns retirantes. É significativo perceber que o dirigente desse serviço, além de relatar como era feito

⁹⁴ APEC – FUNDO: Governo da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1877; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 5, comissão de socorros públicos, Fortaleza 18 de setembro de 1877.

esse pagamento, tentou defender-se de qualquer acusação que apontasse falha ou fraude na forma com que organizou o trabalho.

Há a presença das fraudes que aparecem descritas em diversas fontes. Neves, em seus estudos, afirma que *a alimentação, as esmolas, as obras públicas eram objetos de inúmeros tipos de irregularidades*.⁹⁵ O dinheiro enviado para o auxílio da população emigrante foi constantemente desviado por alguns comissários e funcionários nomeados no período. E, como também abordou o memorialista Teófilo em seu livro, *“em breve deram-se abusos mui serios”*⁹⁶.

Os comissários foram os primeiros a abrir campo aos abusos. Os cartões deviam ser todos impressos e assignados a tinta pelos saccadores muitos, porém, eram escriptos a lapis em pequenos pedaços de papel apenas rubricados. Alguns eram impressos, é verdade, porem, em vez de ser legalizados pela assignatura do commissario, levavam apenas um timbre de sinete.⁹⁷

Os retirantes que entravam na cidade, a partir de julho de 1877, já não ficavam mais espalhados e embaixo de árvores nos centros da capital. Eles eram encaminhados aos abarracamentos para serem alistados e cadastrados. De acordo com o número de pessoas da família, recebiam um cartão que lhes dava direito a receberem por semana uma determinada quantidade em gêneros alimentícios e dinheiro.

A organização da distribuição apresentou diversas falhas e abusos segundo é observado na fonte. Em grande parte os envolvidos foram alguns dos administradores comissários responsáveis pelo controle das obras e pela organização dos abarracamentos. O documento também aponta como os cartões facilmente eram corrompidos e como era precária a fiscalização com relação ao controle da distribuição.

A divisão da cidade para a devida organização resolveu algumas das dificuldades, no entanto, foram necessárias outras saídas, pois cada vez mais chegavam retirantes em busca de auxílio. Assim, ocupar o tempo dos retirantes com o trabalho passou a fazer parte das intenções do Governo Provincial.

⁹⁵ NEVES, Frederico de Castro. *Op.cit.* p.31, nota 4.

⁹⁶ THEOPHILO, Rodolpho. *História da secca do Ceará (1877-1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p.101.

⁹⁷ *Ibid.* p. 107.

Resolvi nomear uma commissão, composta de V.S e do Rev.do João Francisco da Silva Nenem para prestar os soccorros, q`. forem estrictamente necessarios, pois do contrario, seria estabelecer o deploravel habito da mendicidade, que cumpre, por todos os modos, desarraigá-lo do espirito da população. Para maior facilidade do serviço, dividi a rua da cidade em dous districtos, separados pela rua da Palma...⁹⁸

Cada governo teve uma proposta específica para utilização da mão-de-obra emigrante nos espaços urbanos, porém os objetivos de tentar organizar e controlá-los estiveram presentes nas intenções de todos. Observa-se que a partir do governo Aguiar, em novembro de 1878, algumas medidas forçaram mais efetivamente aos recém-chegados a participarem dos trabalhos aos quais cada abarracamento estava ligado.

Os commissario, distribuidores de soccorros, tinham ordem de dar ração ao retirante unicamente no dia da chegada. No dia seguinte, se queria ter direito a socorro, devia ir à pedreira do Mucuripe, uma légua distante da capital, carregar pedras!⁹⁹

Homens, mulheres, velhos e crianças que vinham de vários lugares da Província foram incluídos nas listas para o recebimento de socorros, mas somente os trabalhadores considerados “válidos” participavam dos serviços.

Os salarios serão pagos em dinheiro ou em viveres por commissões distribuidoras, que funcionarão nos quatro lados da cidade fóra dos arruamentos, devendo os chefes de turma apresentar os operários as horas marcadas e collocar-os em ordem de modo a verificar –se facilmente o numero e distribuir-lhe regularmente as quantias ou as rações correspondentes.¹⁰⁰

Em seu texto Teófilo apresentou como estava organizada a entrega dos “viveres”, as tentativas de disciplinamento através da regulamentação do horário do trabalho, da alimentação, como eram a ordem, o local da distribuição, e as preocupações que a administração pública tinha para que evitassem os tumultos.

Anteriormente abordou-se alguns cargos administrativos que apareceram nesse período, entre os quais aparecem os chefes de turma, os inspetores de família, os escrivães e muitos outros. Esses cargos levam a pensar em como as

⁹⁸ Livro (Encontrado fora Catálogo do Arquivo) (1877) - Registro de ofícios da Presidência da Província do Ceará, dirigidos a diversas pessoas pelo Presidente Senhor Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa ao Dr. Antônio Pinto Nogueira Acioli em 28 de setembro de 1877.

⁹⁹ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* pp.132-133, nota 96.

¹⁰⁰ *Ibid.* p.160.

estruturas de poder foram estruturadas para a organização dos retirantes nos trabalhos e nos abarracamentos.

A chefia de turma pode ser destacada como um dos cargos que, quanto ao ganho salarial não foi tão significativo, porém quanto à sua função, permite que se compreenda como foi constituída a estrutura administrativa para a busca de controle nos abarracamentos. No entanto, também se nota que os empregados “escolhidos” para tais funções, em maior parte, eram retirantes e conforme alguns autores a seleção desses empregados para exercer tal cargo não foi “voluntária”, basta que se observe que em determinados ofícios aparecem relatos de homens que tiveram prejuízos materiais e também migraram para capital, no entanto, assumiram determinados cargos de chefia nos abarracamentos em razão, sobretudo, dos seus “prestígios sociais”.

Diz Tertuliano Lopes de Sousa, cazado... Depunhão de alguma furtuna Ilmo tendo, acabados se tudo com a secca e vendosse hoje na obrigação, de esmolarem o pão cotidiano (ilegível) suas subzestencias e de suas famílias, e tendosse esforçado inteiramente para alcaçarem o pequeno emprego de chefes de turmas e não sendo possivel puderem obter a lhe ao presente, não, podem mais subsistirem neste lugar...¹⁰¹

O documento traz algumas informações que permitem se pensar sobre a função desses chefes. Provavelmente Tertuliano foi um fazendeiro ou proprietário de terra, pois na fonte há referência que ele havia perdido suas posses, no entanto, afirma que esse “pequeno emprego” na capital não dava condições para se ter uma melhoria econômica. Percebe-se que na escolha desse cargo levou-se em conta o prestígio dos indivíduos, apesar de financeiramente não ter suprido aos anseios dessa classe acostumada com algumas comodidades.

*“Existem no districto a meu cargo, famílias de fina educação, que foram ricas, e cujos chefes, occupam hoje lugares de chefes de turma, inpectores de familias e alguns carregam pedras do Mucuripe.”*¹⁰² Observou-se que entre as pessoas de “fina educação”, escolhidas para a direção dos cargos, provavelmente, também existiu uma distinção, uma vez que o médico-comissário José Lourenço de Castro e Silva, em seu relatório ao presidente da Província, mostrou que alguns

¹⁰¹ APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 9, Fortaleza 26 de outubro de 1878.

¹⁰² FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8.

desses indivíduos de “prestígio” também foram empregados no carregamento de pedras e, por conseguinte, também realizaram trabalhos pesados como o restante dos sertanejos.

...Tenho empregado nos lugares de chefes de turmas artistas pobres onerados de família que na calamidade porque passa esta Província estão reduzidos a esmollar a caridade publica, por lhes faltar o trabalho dos particulares e em uma obra publica que actualmente existe em construção nesta Capital são empregados de preferência os soldados de linha que já tem sua subsistencia garantida pelo governo... De mais os emigrantes chefes de turmas quase sempre tem pouca força moral para chamar os trabalhadores ao cumprimento de seus deveres já pela sua condição de retirantes já muita vez pelas relações que com elles entretem.¹⁰³

É interessante observar que entre as pessoas escolhidas para desempenhar a função de chefe de turma também se encontravam alguns artistas que haviam deixado seus trabalhos durante o período calamitoso e passaram a sustentar suas famílias através da mendicância. A fonte também permite notar com relação a esse cargo que em alguns casos dava-se preferências à contratação de soldados em vez de retirantes, pois acreditavam que os emigrantes tinham “*pouca força moral*”, ou seja, não conseguiam cumprir com os deveres deliberados devido à relação de proximidade que exerciam com os outros emigrantes.

Um dos ofícios expedidos ao presidente da Província, em 12 de abril de 1879, demonstrou como a função de chefe de turma tentou controlar de perto as atividades dos retirantes.

Os chefes de turmas tem a seo cargo conservar em estado de possível promptidão os trabalhadores de sua direcção, acompanha-os aos lugares dos trabalhos...dentro d’agua quando vão cortar madeiras tiradas de terrenos marinhos...¹⁰⁴

As relações de poder dentro dos abarracamentos possuíam um complexo aparelho de acordo com o qual para cada cargo foram delegadas funções. Assim os abusos, mesmo daqueles que também faziam parte da população retirante e que assumiam o cargo de chefe de turma, podiam ser observados.

Acabamos de ser informados que o celebre Victalino Peixe, empregado nos abarracamentos do Calçamento, onde a custa dos socorros públicos lhe

¹⁰³ FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 10. Fortaleza 2 de janeiro de 1878.

¹⁰⁴ Ibid, Alagadiço Grande 13.º distrito, em 12 de abril de 1879.

deram uma casa, há poucos dias espancou uma pobre retirante que não quis satisfazer os seus libidinosos desejos.¹⁰⁵

A matéria do jornal possibilita pensar que o cargo desses chefes de turma permitiu-lhes usar da força para atingirem seus desejos e, mesmo “na condição” de retirantes, esses chefes de turma colocaram-se, em alguns casos, a favor das imposições nos abarracamentos. Contudo, algumas fontes mostram o apoio dado pelos chefes de turmas, durante os trabalhos nas obras públicas, aos retirantes que tentavam resistir a determinadas normas ditadas pelos comissários de cada distrito.

A ocorrência de alguns conflitos entre os administradores dos abarracamentos e os retirantes que tinham o apoio de alguns chefes de turma também apareceu descrito nas fontes pesquisadas. O comissário José Pompeu Cavalcanti, em 16 de julho de 1878, acusou alguns chefes de turmas de outros abarracamentos de insuflarem os ânimos de alguns trabalhadores contra algumas das ordens dadas pelo administrador do Mucuripe.

Acaba de representar-me Prudêncio Firmino de Oliveira, administrador dos trabalhadores emigrantes abarracados no Mucuripe, que as ordens que lhe dei para impedir que carregue mais de uma pedra, de tamanho regular, cada um dos trabalhadores, que desta capital ali vão para o respectivo transporte tem sido frustradas por alguns chefes de turma do abarracamento do Alto da Pimenta. Ao insistir a semana passada um trabalhador da turma do chefe, Joaquim Felix de Souza Gama em trazer um saco cheio de pedras o referido administrador intimou-lhe a ordem a que se opoz formalmente o trabalhador, que por isso teve vós de prisão a ordem do delegado de policia. A prisão effectuou-se, mas o chefe da turma, reunindo a sua gente arrebatou o prezo do poder dos guardas. No dia seguinte, creio com a noticia d’ocorrido ali na véspera, apresentaram-se dous chefes de turma, Joaquim Nogueira de Queiroz e B. Onde de tal com sua gente armado de cacete ameaçando o administrador e os guardas da policia desafiando-os a que impedissem os trabalhadores de carregarem quantas pedras quizessem, chegando o chefe a puxar de um punhal não se tendo todo um conflicto de graves consequencias em razão da presença do administrador...¹⁰⁶

Devem-se considerar dois pontos fundamentais ao analisar esse documento: primeiramente, os motivos que levaram os chefes de turmas do Alto da Pimenta a influenciarem e estimularam os retirantes do Mucuripe a desobedecerem às ordens impostas pelos comissários responsáveis pelos abarracamentos, e em segundo tentar perceber as formas de resistências dos emigrantes para não realizarem os serviços de carregamento de pedras.

¹⁰⁵ (B.P.G.M. P) O jornal “*O Retirante*”, 7 de dezembro de 1877, p. 4.

¹⁰⁶ APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8, Comissão domiciliar do 2.º distrito em 16 de julho de 1878.

A função de chefe de turma, como se mencionou anteriormente, foi desempenhada também por pessoas escolhidas entre os retirantes, portanto, se acredita que determinados funcionários desses grupos de trabalhadores não concordavam com algumas das deliberações dos administradores dos distritos e deve-se lembrar que existia uma relação de força e poder entre os chefes de turmas e os comissários.

Todo o processo foi gerado a partir de uma norma determinando que os retirantes, ao carregarem pedras da área do Mucuripe para outras regiões da cidade, deveriam levar uma pedra de cada vez. Provavelmente, o valor era pago por cada pedra levada e por isso tal norma tenha gerado descontentamento dos retirantes e até mesmo dos chefes de turma que acompanhavam os emigrantes durante esses serviços.

Observou-se pela fonte que a reação partiu, primeiramente, dos chefes de turma que, discordando de tal fato, incentivaram e estimularam os retirantes a descumprirem com as determinações dos comissários e levassem mais de uma pedra em cada ida. Desse modo, o administrador Prudêncio Firmino, descontente com a postura dos chefes de turma, intimou ao delegado a prisão dos indivíduos envolvidos no conflito, porém, como mostrou a fonte, os chefes de turma juntamente com os retirantes conseguiram soltar os prisioneiros e desafiaram as autoridades para impedir que os trabalhadores continuassem os serviços carregando várias pedras.

É interessante mencionar que o ofício expedido no dia 14 de agosto de 1878 aponta outros conflitos referentes aos carregamentos de pedras e os prováveis motivos que levaram os administradores dos distritos a determinarem essas normas para os trabalhadores das pedreiras do Mucuripe.

No dia 5 corrente diversos chefes de turmas do 7.º distrito de emigrantes desta capital se dirigiram com os respectivos trabalhadores ao Mucuripe para o transporte de pedras e se comportavam de um modo digno de punição. Muitos trabalhadores dos abarracamentos estão avezados a conduzirem á noute o mesmo de dia muitas pedras de uma só vez, levando para isso saccos para depois venderem- mas aos que não se dão ao trabalho de lá irem. No dia 5 os trabalhadores das turmas d´aquelle districto, ao quererem conduzir mais de uma pedra de tamanho regular, encontraram resistencia de parte dos trabalhadores do Mucuripe, que seguindo ordem recebida, ali guardão as pedras...¹⁰⁷

¹⁰⁷ FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8. Comissão domiciliária do 2º distrito em 14 de agosto de 1878.

Esse documento traz importantes informações para a compreensão do conflito. Primeiramente, a fonte mostra que alguns chefes de turma do 7.º distrito, correspondente a área do Soure (atual Caucaia)¹⁰⁸, foram procurar alguns trabalhadores do Mucuripe para o transporte de pedras no intuito de que eles carregassem mais de uma pedra, pois tinham como objetivo juntar uma determinada quantidade de pedras e depois vendê-las, provavelmente, a outros trabalhadores emigrantes que desejavam não ter que se deslocarem constantemente nessas longas distâncias. A segunda questão que se deve mencionar é a reação de alguns retirantes quando entraram em conflito direto com os chefes de turma e resistiram aos estímulos e idéias de que deviam carregar essa excessiva quantidade de pedra. Possivelmente perceberam que estavam sendo explorados ao infringir as normas vigentes do administrador do distrito.

Apesar de duas visões diferenciadas de descrições desses conflitos, percebe-se que os chefes de turma não apenas davam apoio aos retirantes contra a exploração que vinham sofrendo, mas que o discurso construído estava aliado à realização de seus interesses pessoais. Evidentemente que a ação dos retirantes tanto em não cumprir as normas estabelecidas em carregar mais de uma pedra, como seguir as idéias dos chefes de turma demonstra a resistência à exploração desse trabalho excessivo.

Além da resistência em carregar mais de uma pedra, observam-se outras estratégias de oposição ao cumprimento das regras impostas pelos administradores responsáveis pelas obras em determinado abarracamento.

Tenho a honra de lembrar a V.EXª a conveniência de uma medida policial no sentido d'obstar que os operários emigrantes empregados no transporte de pedra para calçamento da estrada de Mecejana, estejam a desmandar a calçada em pontos diversos para conduzirem a pedra, furtando-se assim ao trabalho de transportal-a do Mucuripe para o lugar que lhe é designado ...¹⁰⁹

A forma encontrada por alguns retirantes para cumprir as leis designadas de sorte que não precisassem percorrer longas distâncias e pudessem receber logo o pagamento do serviço, foi desmanchar e retirar pedras das ruas próximas aos locais das obras em que elas seriam entregues. Assim não precisavam sair

¹⁰⁸ Observar o mapa atual do Ceará que se encontra em anexo.

¹⁰⁹ APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8, Fortaleza, 12 de outubro de 1878.

carregando pedras do Mucuripe para a estrada de Mecejana, uma vez que todas as pedras de que necessitavam podiam ser tiradas em locais próximos às construções do calçamento.

No decorrer das pesquisas observou-se também que alguns abarracamentos surgiram devido à necessidade de abrigar os trabalhadores que estavam empregados nas principais obras de “melhoramento” da cidade. Dentre esses, destacam-se: Mucuripe, Via-Férrea, Arroches, Pacatuba. A proximidade dos abarracamentos dos locais de serviço foi mais conveniente aos interesses do governo, que não queria a constante circulação da população “indigente” por Fortaleza.

...como V, Ex^a. sabe, iniciou algumas obras publicas que abrindo fontes de trabalhos para a população desvalida fossem os braços desocupados utilizados em melhoramentos vantajosos e de proveito incontestável p^a os municipios. Assim q. alguns serviços se tem empregado n'esta capital nos municipios de Maranguape, Pacatuba e Monte-mor...nas quaes muitos emigrantes e filhos do lugar têm ocupação certa e meios de subsistir p^a. sie suas familias.¹¹⁰

Em seu texto, José Olivenor¹¹¹ aborda que o Império Brasileiro reconhecia que o bem-estar público e o socorro à população eram responsabilidades do Estado e por essa razão o orçamento anual do Ministério do Império destinava fundos para socorros públicos, possibilitando aos presidentes de Província, em casos especiais, o pedido de crédito mediante autorização ministerial. Com tudo isso deve-se perceber que tal favorecimento não agradava à elite local que, desejosa da propaganda da seca em benefício próprio, colocava-se contra a distribuição de gêneros alimentícios à população “flagelada” e a favor do trabalho destes.

Os discursos em prol do trabalho dos retirantes estiveram presentes na imprensa local, nos ofícios dos comissários de socorros e nas falas dos presidentes de Província. A esmola foi vista como um grande mal a ser combatido e as justificativas em defesa do trabalho foram colocadas como um meio eficiente e rápido para tirar os retirantes da ociosidade, retribuindo à cidade pelo auxílio recebido, forma de moralização e manutenção da ordem e disciplina dessa população.

¹¹⁰ Livro (Encontrado fora Catálogo do Arquivo) (1877) - Registro de ofícios da Presidência da Província do Ceará, dirigidos a diversas pessoas pelo Presidente Senhor Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa em 31 de agosto de 1877.

¹¹¹ OLIVENOR, José. *Op.cit.* pp. 60-61, nota 89.

TABELA 4**Número de trabalhadores retirantes em Fortaleza (1877).**

DEZEMBRO	NÚMERO DE TRABALHADORES
Dia 20	1891
Dia 21	1887
Dia 28	2179
Dia 29	2204
Dia 31	2222

FONTE: APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1877
MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 5. Encarregado das obras Felipe Araújo Sampaio.

Havia um meio de aproveitar o serviço de tantos braços. A construção do porto de Fortaleza e o prolongamento da estrada de Ferro de Baturité; obras de reconhecida utilidade, podiam ser empreendidas, resultando para o governo uma grande economia...¹¹²

Evidente que se tentou encobrir os interesses, pois a utilização de mão-de-obra barata nas principais obras públicas foi proveitoso para o Governo Provincial. Não se pode deixar de mencionar que muitos dos planos de modernização que estavam nos papéis só puderam ter início através das mãos de grande número de sertanejos.

Dentre os serviços mais destacados havia o carregamento de pedras do Mucuripe para a construção do calçamento de algumas ruas da cidade. E, de acordo com o encarregado dos trabalhos durante o governo de Estelita, observa-se o crescimento do número de emigrantes nesses trabalhos (tabela 4).

Pode-se notar que a participação dos retirantes efetiva-se e passa a ser uma das metas a partir do governo de Estelita até o de Albuquerque Barros. Além de tentar organizar a população que passou a morar em Fortaleza, existiu o intuito de aproveitamento dessas pessoas, com a finalidade de dar continuidade aos ideais modernizadores.

No geral foram escolhidos como trabalhadores homens considerados *validos*¹¹³ e dispensados aqueles que apresentavam deficiências físicas ou doenças, assim denominados de *inválidos*. O restante, constituído por idosos, crianças e mulheres, no geral seriam dispensados dos trabalhos, no entanto, encontra-se descrita em alguns documentos a sua participação nas obras públicas.

...tenho a informar que existem actualmente neste districto 763 operarios indigentes inclusive 250 menores, sendo que aptos para o serviço apenas contão-se 463, que 200 empregão-se na conducção de gêneros dessa capital para este lugar de madeiras para reconstrucção de barracas que se arruinão; 100 nos trabalhos do assude do Alagadiço Grande e o restante, que consta de homens velhos e menino, no asseio e limpeza do abarracamento.¹¹⁴

¹¹² THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p.107, nota 96.

¹¹³ Os trabalhadores selecionados para as obras públicas eram classificados e denominados de “válidos” e “inválidos” a partir de suas condições físicas, contudo algumas fontes mostram que mesmo os trabalhadores aptos ao trabalho tinham péssimas condições físicas devido à falta de uma alimentação salutar, participando dos trabalhos em muitos casos em completo estado de desnutrição.

¹¹⁴ APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1877-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; Comissão domiciliar do 10.º Distrito em 21 de janeiro de 1879.

Nota-se que existiu um elevado número de crianças que trabalhavam nos serviços públicos, todavia o número e o tipo de trabalho em que eram empregados não ficam muito claros na fonte, assim como também o número de mulheres e velhos. Pode-se pensar que talvez não seriam trabalhos leves e que esconder foi uma das formas de não mostrar a exploração que existiu.

...incumbido pelos meus collegas da direcção do serviço de construcção de cazas para emigrantes, a expensas dos cofres da mesma commissão, tenho a honra de informar a V. Ex^a que achão-se concluídos os trabalhos emprehendidos...então, portanto, disponibilidade 40 homens e 10 meninos que me forão dados por essa prezidencia, como auxilio aquelles trabalhos...¹¹⁵

Adolfo Herbster, presidente da comissão de engenheiros durante esse período, apresenta nesse documento ao presidente de Província José Júlio de Albuquerque Barros, alguns dos serviços pelos quais ficou responsável, sendo possível observar as diversas funções exercidas pelos retirantes e o trabalho infantil que também é citado estatisticamente.

As obras públicas descritas nas diversas fontes mostram a preocupação dos comissários em relatarem ao presidente de Província as atividades que estavam sendo realizadas pelos emigrantes a partir de suas organizações. “...*comissarios ordenarão e regularão os trabalhos que tiverem de ser encarregados aos alistados dos seus districtos, de conformidade com as instrucções que houverem recebido da presidência da Província*”.¹¹⁶ Contudo, fica claro que essa tarefa foi exigida pelo governo, já que alguns abusos e fraudes foram constantes nesse momento. Os vários trabalhos em que estavam sendo empregados os retirantes foram em sua maioria ligados à reforma e construção de prédios e ruas da cidade. O que se pode observar na documentação analisada é que existiu a preocupação em descrever o número de trabalhadores e as atividades que eles exerciam, uma vez que foi uma forma de prestar contas com o governo.

¹¹⁵ APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8, Ceará 2 de abril de 1878.

¹¹⁶ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p.160, nota 6.

TABELA 5

Número de trabalhadores e atividades realizadas pelos retirantes dos abarracamentos de Soure, Pacatuba e Lagoa - Seca em 1878.

ABARRACAMENTOS	TRABALHOS	N.º DE TRABALHADORES
Estrada do Soure	Condução de pedras do Mucuripe para o calçamento de Mecejana e outros na conclusão de barracos no seu acampamento	914
Pacatuba	Serviço de pedras do Mucuripe para a mesma estrada, condução de madeira para concluir duas enfermarias e para o abarracamento que se está concluindo, construção de telhas para o mesmo e o Asilo de mendicidade e abertura de cacimbas.	837
Lagoa-Seca	Construção de barracas, conclusão de enfermarias, de um açude no Alagadiço Grande	154

Fonte: APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878
MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8, Fortaleza, 19 de janeiro de 1878.

... o pessoal de indigentes dos districtos de pacatuba, Soure, Moinho e Pimenta que por ordem de V. Ex^a foi posto a minha disposição para diversos trabalhos públicos hoje occupou-se no serviço de conducção de tijollos da olaria de Geninbahú para as obras do novo cemitério publico e Asylo de Mendicidade, com o seguinte numero: Districto de Pacatuba, 3 turmas de meninos com 290; dito de Soure, 5 turmas de homens com 280; dito de Pimenta 11 turmas de homens com 135, e do Moinho 5 turmas, 4 de homens e 1 de meninos com 336; ao todo 1041 pessoas, que conduzirão hoje 5852 tijollos...¹¹⁷

Para melhor visualização dos tipos de trabalho e da quantidade de emigrantes empregados nessas obras, selecionou-se um dos ofícios expedidos ao presidente de Província em 19 de janeiro de 1878. Observa-se na tabela construída que de cada abarracamento foi retirada determinada quantidade de trabalhadores e que os trabalhos estavam voltados para as construções de calçamentos e também para a organização dos locais de moradia dos retirantes (tabela 5).

Em 1877 o retirante, se queria comer, trabalhava , como também a mulher, a filha e o filho menor. Não tinha dó do sexo fraco. Todos os dias pela manhã seguiam aquelas pobres mulheres para a pedreira do Mucuripe, e de lá voltavam, alto dia, trazendo uma pedra para os calçamentos que se estavam fazendo.¹¹⁸

O trabalho feminino, mesmo sendo pouco enfatizado, esteve presente em algumas das fontes pesquisadas. Teófilo em suas descrições sobre a situação dos retirantes em Fortaleza no ano 1877 chama atenção para a forma de tratamento dada às mulheres emigrantes e faz uma comparação entre as secas de 1877 e 1915, em que afirma que essas retirantes *“...faziam essa viagem de duas léguas, quer estivessem grávidas ou assistidas. Agora, os famintos eram tratados com mais caridade. As mulheres não trabalhavam.”*¹¹⁹

Assim, seja no trabalho de carregamento de pedras, seja na produção de novelos de algodão, o principal objetivo era ocupar essas retirantes para evitar a ociosidade dentro dos abarracamentos, provavelmente, devido ao receio de conflitos e manifestações, como foi visto no protesto pela volta do comissário do abarracamento de São Sebastião já analisado no primeiro capítulo deste trabalho.

¹¹⁷ APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 11, Fortaleza, 30 de janeiro de 1879.

¹¹⁸ THEOPHILO, Rodolpho. *A seca de 1919*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922, p. 65.

¹¹⁹ Ibid. p. 65.

...o pessoal constante de 452 pessoas que existem no Abarracamento do Cocó sendo estas de viúvas, orphão e invalidos que estão conduzindo tijollos para a Igreja das Cajaceiras e juntamente madeiras para o queimamento das caheiras...¹²⁰

Grande parte da documentação traz indícios de que as mulheres somente foram empregadas em serviços que pudessem exercer, no entanto observou-se nas colocações desse comissário que as retirantes também foram submetidas a trabalhos pesados, nos quais assumiam os mesmos serviços desempenhados pelos homens.

...acabo de ordenar ao referido engenheiro que faça duplicar a ração a cada um trabalhador que tiver mais de três filhos, e bem afim que ademittindo a trabalhos compatíveis as mulheres que estiverem em condições de prestar, a bone-lhes como pagamento, meia ração das que recebem os trabalhadores.¹²¹

Levando-se em conta que esse documento foi expedido praticamente no início do governo do presidente Estelita, quando ele tentava organizar a cidade e os trabalhos nas obras públicas, não é possível afirmar se houve um diferencial no pagamento de homens e mulheres.

O trabalho dos emigrantes em Fortaleza foi abordado nos diversos discursos da elite e do Governo Provincial como um instrumento de moralidade e combate à ociosidade, contudo, o que se percebeu foi que tal medida nutriu-se do desejo de manter a ordem, o controle social e o progresso para a cidade.

Fortaleza atravessou um processo de reformas estruturais e sociais durante o período da seca. Não se pode acreditar que a cidade foi somente envolvida em “caos e desordem” e que os planos modernizadores foram abandonados nesse momento, mas deve-se perceber que as diversas obras públicas foram tentativas de não permitir que tais ideais fossem suprimidos e para isso os retirantes foram peças fundamentais.

¹²⁰ Apesar de não estar determinado na figura 2 o local deste abarracamento, acredita-se que este provavelmente ficasse numa área posterior ao Alto da Pimenta 2. APEC – FUNDO: Presidente de Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 11, Fortaleza, 20 de setembro de 1879.

¹²¹ Livro (Encontrado fora Catálogo do Arquivo) (1877) - Registro de ofícios da Presidência da Província do Ceará, dirigidos a diversas pessoas pelo Presidente Senhor Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa. Em 27 de junho de 1877.

CAPÍTULO 3
PARA ONDE SOPRAM OS VENTOS?

3.1 – TENTATIVAS DE HIGIENIZAÇÃO E SALUBRIDADE

Nenhuma vez trata-se deste objeto que se não tenha de apontar para um novo foco de infecção, cuja existência é uma causa de moléstia, um atraso de nossa civilização. Incansável serei na manifestação e apontamento do prejudicial a saúde pública, embora continue o pouco interesse...

Dr. Castro Carreira¹

Na crônica escrita ao Jornal *Cearense* no ano de 1848, cujo título foi “*Hygiene*”, o médico Castro Carreira² demonstrava algumas das preocupações prementes que os administradores da cidade deveriam ter com relação à saúde pública. Contudo, deve-se perceber que o uso dessa fonte, mesmo distante do período analisado e pesquisado, torna-se fundamental para entender como os discursos higiênicos influenciaram e interviram na cidade em meados do século XIX.

As palavras “atraso” e “civilização” são essenciais para a compreensão das idéias sobre salubridade e higiene, uma vez que as inquietações médicas iam além das questões ligadas às prevenções de doenças e epidemias. Esses médicos-higienistas vislumbravam e desejavam uma cidade “moderna” e assim a salubridade tornava-se imprescindível para realização de seus ideais, que se encontravam constantemente presentes nos seus discursos nas principais capitais brasileiras na segunda metade do século XIX.

A Medicina Social somente chegou ao Brasil em meados do século XIX e trouxe um conjunto de vários discursos e práticas que tinham como objetivo higienizar as cidades e medicalizar a sua população. Segundo Sebastião Ponte, a medicina somente teve possibilidades de surgir nesse momento, pois “*no período colonial, inexistiram condições de possibilidades institucionais e políticas para o desenvolvimento de intervenções médicas sobre o urbano e o social.*”³

¹ (B.P.G.M. P) O jornal “*Cearense*”, 01 de junho de 1848. Crônicas do Dr. Castro Carreira- *hygiene*, p. 04.

² Castro Carreira, formado pela faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ficou conhecido e nomeado como *Médico da pobreza* por Portaria 1845 e atuou na capital até meados de 1850. Participou do combate à febre amarela e foi o primeiro a apontar a importância de uma polícia médica para Fortaleza.

³ PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social 1860-1930*. Fortaleza-CE: FDR/Multigraf, 1993, p.72.

A França e a Inglaterra, como já referenciado em diversos estudos, foram importantes influenciadores das idéias e práticas médico-higiênicas, principalmente no Brasil. No *século XVIII*, vários médicos reconheceram a necessidade de abordar a medicina e a higiene levando em consideração sua inserção no social⁴. Dessa forma, a medicina social⁵ trouxe o interesse e a preocupação de se estudar e intervir na cidade, visto que os médicos apontavam as condições de vida e trabalho como precárias e, portanto, acreditava-se serem essas as causas da propagação das doenças.

O Ceará ao longo do século XIX vivenciou um crescimento econômico nas áreas da pecuária e do cultivo de algodão. De certa forma essa dinamização proporcionou um certo crescimento da capital e, aliadas a essas mudanças, as preocupações com a saúde contribuíram para a realização de direcionamento das principais obras de melhoramento de Fortaleza.

O médico Castro Carreira deixou bastante evidente em seu texto o descontentamento que sentia a respeito do “*pouco interesse*” dos principais responsáveis pela administração da cidade, visto que para ele havia uma omissão quanto aos assuntos ligados à saúde pública e por conseguinte à higienização da cidade.

...Torna-se notavel que nenhuma das autoridades competentes julgasse ainda digno de atenção os esterquilineos pelas ruas mais publicas da cidade, montões de ciscos onde são lançados animaes, cuja putrefação tem toda ali logar, sem que causa alguma seja tomada em consideração porque “isto de miasmas é luxo da medicina” dizem alguns entendidos do Ceará...⁶

Essas cobranças ao Governo Provincial, em grande parte, foram realizadas pelos médicos e higienistas que tinham o objetivo de legitimar seus discursos através das ações e intervenções nos espaços urbanos de Fortaleza e, assim, garantir a salubridade da população. O uso dos Códigos de Posturas foi fundamental para tentar disciplinarizar o comportamento dos habitantes da capital e,

⁴ ROSEN, George. *Da polícia médica à medicina social*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1980, pp.78-138.

⁵ A medicina social assumiu na Europa diferentes características – medicina estatal na Alemanha, a urbana na França e a força de trabalho na Inglaterra. Dentre essas a urbana e a força de trabalho têm pontos característicos mais próximos ao saber médico-social no Brasil. Para um melhor aprofundamento ver: ROSEN, George. *Op.cit*, nota 4; FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1981, pp. 80-98.

⁶ (B.P.G.M. P) O jornal “*Cearense*”, 01 de junho de 1848. Crônicas do Dr. Castro Carreira- higiene, p. 04.

com base nos tratados de higiene pública, aterravam-se pântanos, calçavam-se ruas, construíam-se cemitérios, lazaretos e muitas outras edificações com o objetivo de se melhorar as condições higiênicas da cidade.

No entanto, observando o trabalho “São Paulo das Águas”, Denise Bernuzzi de Sant’Anna expõe que “a partir das pesquisas de Louis Pasteur, sobretudo, a higiene passou a ser entendida como um “campo científico” que deveria ter suas especialidades, seus profissionais e, principalmente, apoio governamental.”⁷ Fica mais evidente que os conceitos higienistas conquistaram um maior espaço entre as ações intervencionistas dos Governos Provinciais devido a sua credibilidade junto aos cientistas nacionais e internacionais pois, a partir dessa época, a saúde pública e a higiene urbana se transformam em questões político-econômicas de peso para os governos de várias partes do mundo. No Brasil, certamente essa tendência não se desenvolveu de modo homogêneo e com a mesma intensidade em todas as capitais do país, mas é interessante observar que, a partir da década de 1870 e, sobretudo, depois da República, higiene e saúde das camadas pobres da população tornaram-se questões a serem debatidas com freqüência entre autoridades públicas. É quando as definições da Ciência e das artes populares de curar, assim como as suas diferenças, riscos e potencialidades, ganham de modo crescente o espaço da imprensa.

... O serviço de limpeza consiste: na remoção de todos os materiais orgânicos e inorgânicos susceptíveis de se corromperem e de viciarem o ar ambiente pela exalação de miasmas ou de incomodarem as pessoas, que transitam e de impedirem o trânsito público com pedras, tijolos, telhas etc, terras soltas, lamas, animais mortos, restos vegetais e animais, águas estagnadas e tudo o que se compreende na palavra imundicia...⁸

No Código de Postura publicado em 1878 foram impressas as leis e normas que deveriam direcionar a ordem social na capital cearense durante os anos de 1878 e 1879. Dentre os capítulos destacados encontra-se o da salubridade pública, ou seja, a limpeza da cidade foi ponto enfatizado nesses códigos e, como se percebe no trecho citado, algumas medidas tinham que ser tomadas para que impedissem a corrupção e o viciamento do ar.

⁷ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *São Paulo das águas*. Tese (Livre Docência): PUC-SP, 2004, p. 185.

⁸ Resolução N.º 1:818 do 1.º de fevereiro de 1879 – Aprovando o código de posturas da Câmara Municipal de Fortaleza. Título 2.º Da salubridade, capítulo 1.º Do serviço de limpeza da cidade. Atos Legislativos da Província do Ceará: Promulgados pela respectiva Assembléa no ano de 1878, p. 106.

As preocupações com os “miasmas” que afetavam a atmosfera foram idéias que marcaram o século XVIII e XIX. No Brasil esses pensamentos intensificaram-se em meados do século XIX com o desenvolvimento da medicina social e com a influência européia. Os estudos e pesquisas de médicos e higienistas estavam envolvidos em diversas teorias, no entanto duas correntes de pensamento foram bastante predominantes no Brasil: os infectologistas e os contagionistas. Os primeiros acreditavam que a infecção era gerada pela ação de substâncias animais e vegetais em putrefação na atmosfera ambiente, ou seja, os miasmas seriam todas as emanções nocivas, as quais corrompiam o ar e atacavam o corpo humano. Os segundos acreditavam que as doenças eram transmitidas de pessoa a pessoa, ou diretamente, pelo contato físico, ou indiretamente, pelo toque em objetos contaminados por doentes, ou também pela respiração do ar que circundava. Para evitar o contágio, os médicos propunham as quarentenas, isolamentos em lazaretos, vacinação e outros métodos.

Os debates e disputas foram visíveis entre os representantes das duas teorias, uma vez que cada um desejava o predomínio de suas elucidações para a cura das doenças e o impedimento do avanço das epidemias. Porém, na prática não estavam tão separadas, visto que alguns médicos e higienistas, ao diagnosticarem as doenças, utilizavam-se das idéias centrais das duas teorias. Em Fortaleza percebe-se o uso em conjunto desses conceitos, principalmente durante as epidemias do período de 1877-1879, pois as causas foram apontadas pelos miasmas e o combate ao avanço das doenças dava-se através da construção dos lazaretos e da prática da vacinação. Dessa forma infectologistas e contagionistas caminhavam juntos nas tentativas de intervenções sanitárias na cidade.

Os estudos relacionados às questões higiênicas de Fortaleza na segunda metade do século XIX apontam diversos caminhos e problemáticas, no entanto, deve-se observar que cada período possui suas peculiaridades, ou seja, não se pode ter uma única definição ou entendimento sobre as influências das teorias higiênicas na cidade a partir de determinado momento, já que cada tempo traz uma especificidade e uma maneira de analisar e definir esses conceitos. Portanto, este capítulo tem como pretensão buscar analisar os olhares, práticas e discursos higiênicos em Fortaleza entre os anos de 1870 a 1880.

A preocupação com as epidemias esteve muito presente nos discursos médicos, sobretudo na fala dos diversos presidentes que administraram a Província do Ceará. Os relatórios foram uma das fontes que facilitaram a análise das várias ações dos presidentes e dos inspetores de saúde. Dentre as preocupações mais prementes encontram-se as questões de limpeza urbana, vacinação, salubridade das casas, as estatísticas da mortalidade, as epidemias e diversos pontos que motivaram algumas das intervenções higiênicas na cidade.

Ate agora ainda não se pode comparar nem reconhecer no certo as proporções entre nascimento e os óbitos, bem como as índoles das moléstias de caracter epidemico, de infecção e mesmo as endêmicas. Esta lacuna, aliás tão sensível para se poder avaliar o estado da hygiene publica, sua gravidade e natureza, é devida, na opinião do illustrado inspector da saude publica, á falta de estudo e de estatística sobre a mortalidade.⁹

Um dos problemas apontados pelos inspetores da saúde pública é a ausência de uma estatística em que se possa perceber o número de óbitos e nascimentos. Pensando nas questões que vão além dos simples dados numéricos, nota-se que ter o conhecimento estatístico do “*estado da hygiene publica*” é algo fundamental para aqueles que realizavam as intervenções, pois, provavelmente, uma das formas encontradas para demonstrar a eficiência e veracidade de suas teorias era apontar as deficiências sanitárias existentes no meio urbano. Com isso verifica-se até mesmo uma tentativa de realizar propaganda política.

As estatísticas realizadas no ano de 1873 demonstram uma diminuição do número de mortes por doenças. “...Tive apenas 108 doentes ate o ultimo de abril, e destes morreu um, no seminario. Para uma população já tão crescida é diminuto o numero dos mortos, e isto revela o bom estado sanitário...”¹⁰ Ainda que pouco evidenciado percebe-se que para os inspetores e responsáveis pela saúde a obtenção de dados numéricos referentes à mortalidade, foi algo muito importante, por isso estavam presentes em seus relatórios.

Aliada à preocupação na realização de estatísticas estava a questão da verificação médica, ou seja, os inspetores da saúde acreditavam que seria bastante

⁹ Relatório apresentado à Assembléia Provincial na segunda sessão da décima oitava legislatura no dia 4 de julho de 1871, pelo presidente da mesma Província, o Conselheiro Barão de Taquary, 1871, p. 12.

¹⁰ Fala com que o Excelentíssimo Senhor Doutor Francisco de Assis Oliveira Maciel, Presidente da Província do Ceará, abriu a 2.ª Sessão da 21.ª Legislatura da Assembléia Provincial no dia 7 de julho de 1873, relatório do Inspector da Saúde Pública.

útil obter os dados sobre o número de óbitos - e por conseguinte suas causas - para tentar controlar mais as doenças. Podem-se observar tais inquietações na fala do inspetor de saúde pública, Dr. Antônio Domingues da Silva, no relatório de 1875.

...com a verificação medica, a estatistica obtuaria seria mais aproximada da verdade, e demais proveito para a sciencia. Ainda não é tudo. Em um paiz como este, onde nenhuma policia medica ha, onde se não investigam os óbitos...Desde que porém se desse à verificação, e se procedesse a um exame cadavérico, feito por pessoas competentes pelo seu saber...¹¹

A ciência médica em suas ações e discursos tentou sempre demonstrar a veracidade das suas teorias e práticas para a boa conservação da saúde pública e, sobretudo, dar credibilidade à opinião médica na identificação das causas das doenças. “... Não devo concluir sem solicitar a benéfica intervenção de V. Exc. para um ponto que reputo do maximo interesse: refiro-me à verificação dos obitos que deve ser competentemente feita por médicos.”¹², ou seja, médicos e higienistas apoiavam as teorias científicas, e por conseguinte detinham em suas mãos o direcionamento e o controle das intervenções higiênicas no ambiente urbano.

Deve-se ressaltar que somente com a calamidade da seca e a vinda dos retirantes em 1877 para a capital a realização de estatísticas de óbitos e de doentes tornou-se mais usual e visível, uma vez que o crescimento populacional aumentou expressivamente e as ações higienistas foram mais freqüentes.

Apesar da predominância dos discursos e práticas da ciência médica, é importante abordar a significativa presença da medicina popular, uma vez que as poucas referências encontradas no período estudado não permitiram um aprofundamento dessa questão. Felizmente entre os discursos de Rodolfo Teófilo encontrou-se um trecho, em especial, que chama a atenção para os tratamentos usados pelos retirantes na busca pela cura de algumas doenças.

As molestias que então grassavam, e de preferencia nos emigrantes, eram febres remmittentes e intermittentes, desynteria e a terrível inchação (anasarca) na maioria dos casos devida ao envenenamento pela mucunã. Para curar esta enfermidade o povo, em sua medicina, applicava o cosimento do *torem*, arvore silvestre, a *limonada de laranja da terra com mel*

¹¹ Relatório com que o Ex. Sr. Dr. Esmerino Gomes Parente abriu a 2.ª sessão da 22.ª Legislatura da Assembléia Provincial do Ceará em 2 de julho de 1875, relatório do Dr. Inspetor da Saúde Pública, 1875, p.3.

¹² Ibid. Relatório do Dr. Inspetor da Saúde Pública, 1875, p.3.

furo, e o *tabaco*, fumo torrado e reduzido a pó, que vulgarmente chamam *caco*. Davam este ultimo na dose de uma *pitada* em uma chicara d'água morna ao deitar-se, todos estes meios de cura eram improficuos. Quando a molestia não estava adiantada, conseguia-se restabelecer o doente com drasticos, tônicos, ajudados pelos meios higienicos.¹³

Não havia credibilidade nos métodos de cura empregados pelos emigrantes. Deve-se observar que o farmacêutico Rodolfo Teófilo, como um dos representantes da medicina social, defendia os métodos científicos e por conseguinte suas colocações demonstravam que o uso dos remédios produzidos pelos retirantes eram “*improficuos*” no combate às doenças e, dependendo do estado dos doentes, os tônicos receitados pela ciência médica poderiam contribuir de forma mais efetiva para o restabelecimento e a cura da moléstia do que os receitados pela medicina popular.

É interessante observar as proximidades entre Ciência e práticas populares de cura e assim perceber que em Fortaleza os ventos miasmáticos eram concebidos segundo uma conjunção entre Ciência e saber popular, pois se observa que a Ciência sustenta-se em grande medida nesse saber cujo conteúdo atravessa gerações, por isso, a adoção da ciência higiênica sempre significou a utilização de uma prática aparentemente ambígua, ou melhor, que por um lado exclui e ao mesmo tempo serve-se e apoia-se nos saberes populares de cura.

Nos relatórios dos anos de 1870 a 1876, foi apontada a presença de alguns casos de febre amarela, beriberi e varíola, porém esses anos foram atestados como satisfatórios para as condições sanitárias da capital, pois relatavam os inspetores de saúde que as medidas higiênicas adotadas no impedimento das proliferações das doenças foram eficientes no combate das epidemias.

...Comprehendendo a salubridade publica o que diz respeito aos cuidados de asseio da cidade, causa alguma tenho a notar a não ser alguns depósitos de lixo amontoados na subida da rua d'Assembléa em direcção do collegio das irmãs de caridade e em quasi toda a extensão da travessa S. Bernardo. Comprehendendo ella também as substancias alimenticias, são estas saudáveis, não sendo expostos a venda gêneros corrompidos. Entrão também as casas, construídas hoje segundo, os são preceitos, as ruas bem largas e direitas, prestando ao bom estado de salubridade e beleza que gosa esta cidade... devo attribuir a tudo isso que abraça a

¹³ THEOPHILO, Rodolpho. *História das Secas do Ceará*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922, pp. 110-111.

hygiene publica, o não desenvolvimento das epidemias que tem assolado outras províncias do império...¹⁴

Essa fonte permite analisar algumas das ações higiênicas que foram implementadas em Fortaleza a partir da influência dos discursos e pensamentos dos médicos-higienistas na segunda metade do século XIX. O Dr. José Lourenço de Castro e Silva, Inspetor da Saúde Pública, no ano de 1873, destacou em seu texto algumas das intervenções e preocupações que vigoravam durante sua administração. A princípio, deixa bastante evidente que quanto à salubridade e à questão de asseio e limpeza da cidade não havia maiores problemas, contudo aponta a existência de um amontoado de lixo o qual ficava localizado na subida da rua da Assembléia (atualmente prédio do Museu do Ceará). Ao analisar esse fato pode-se questionar por que as teorias miasmáticas não fazem parte nesse momento das inquietações do inspetor, uma vez que tais amontoados poderiam corromper o ar? Acredita-se ao observar as fontes que, provavelmente, essas teorias apareceram nos discursos de forma mais visível quando as epidemias já estavam presentes no ambiente urbano ou quando se tinha o interesse de realizar alguma intervenção nos espaços físicos da cidade. Assim, nota-se que os discursos anteriores ao período da seca de 1877 foram sempre falas que demonstravam um bom estado sanitário e controle sobre as doenças.

De acordo com o relatório apresentado por Dr. Lourenço, a alimentação também teve grande importância na busca por um estado satisfatório da saúde pública da cidade, uma vez que se observa na descrição da fonte que houve uma certa fiscalização, quando ele afirma que “...as substancias alimentícias, são estas saudáveis, não sendo expostos a venda gêneros corrompidos...”. Ele demonstrava que havia uma tentativa de controle sobre a qualidade dos alimentos expostos à venda para o consumo da população.

As preocupações com as condições do ar e da água aparecem constantemente descritas tanto nas fontes como nos relatórios presidenciais, nas leis provinciais e nos principais jornais da época. Também estão abordadas as questões ligadas à higiene e à conservação dos alimentos, uma vez que esse foi um

¹⁴ Fala com que o Excelentíssimo Senhor Doutor Francisco de Assis Oliveira Maciel, Presidente da Província do Ceará, abriu a 2.ª Sessão da 21.ª Legislatura da Assembléia Provincial no dia 7 de julho de 1873, relatório do Inspetor da Saúde Pública.

dos itens considerados importantes para a manutenção da salubridade pública. Dessa forma, nas discussões dos médicos, higienistas e presidentes da Província são relatadas algumas medidas de fiscalização cujo intuito foi de observar as condições de higiene em que estavam sendo vendidos os alimentos. Em uma das resoluções do Código de Postura, publicado no ano de 1879, notam-se algumas normas criadas na tentativa de evitar a comercialização e o uso de alimentos deteriorados nos estabelecimentos públicos.

Art. 64° - É proibido:

§ 1.º Conservar nos armazéns, tavernas, botequins, confeitarias, ou casas de venda para consumo, genero secco ou liquidos, corrompidos, deteriorados ou falsificados.

§ 2.º Pintar doces ou massas com acidos ou saes de metaes deletérios, como cobre, chumbo, mercúrio e outros.

§ 3.º O uso de panellas e outras vazilhas de cobre sem serem estranhadas ou esmaltadas.

Aos infractores...aos do §1.º d'este art. A de 20\$000 reis alem de serem os generos lançados ao mar ou enterradas a custa do infractor, precedendo juízo medico, e finalmente aos §§ 2.º e 3.º a de 5\$000 reis.¹⁵

As leis provinciais foram utilizadas como meios de tentar impor as normas higiênicas à população, especialmente às classes pobres, contudo, não se pode afirmar que essas leis foram cumpridas e que o uso de multas para tentar controlar e aplicar as punições funcionou efetivamente. Portanto, a escolha dessa fonte tem como objetivo analisar algumas das medidas estabelecidas para a execução dos preceitos de higiene e perceber como os hábitos e as práticas foram colocados como contrários aos conceitos de médicos e higienistas.

Na Resolução N.º 1.818 do Código de Postura de 1879, foi dedicado um capítulo ao asseio dos estabelecimentos destinados à venda de gêneros e, dentre os assuntos, foi destacada a corrupção dos alimentos, o uso de determinadas substâncias para a pintura de doces e massas e o uso de panelas de cobre sem serem esmaltadas. É fundamental perceber que mesmo aparecendo descritas como ações proibidas, era provável que tais práticas existissem nos estabelecimentos citados, sobretudo as pinturas de doces e o uso de panelas sem a proteção do material esmaltado, costumes e procedimentos apontados como irregulares para a

¹⁵ Resolução N.º 1:818 do 1.º de fevereiro de 1879 – Aprovando o código de posturas da Câmara Municipal de Fortaleza. Secção 1.º Das casas de venda de gêneros, botequins, tavernas e confeitarias, capítulo 3.º Economia e asseio dos estabelecimentos destinados à venda para o consumo. Atos Legislativos da Província do Ceará: Promulgados pela respectiva Assembléia no ano de 1878, pp. 111-112.

conservação do gênero alimentício e para os quais a penalidade era determinada a partir de uma avaliação médica.

As habitações também estiveram presentes nos preceitos de higienização e nas tentativas de controle. Fica bastante evidente na documentação que em geral as casas da população pobre trouxeram grandes preocupações para o Governo Provincial. Em seus estudos sobre os cortiços e epidemias na Corte Imperial, as questões que Sidney Chalhoub levantou em seu trabalho possibilitam entender esse processo de controle sobre a população pobre. *As classes pobres não passaram a ser vistas como classes perigosas apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e a manutenção da ordem pública. Os pobres ofereciam também perigo de contágio...*¹⁶

Existem diversas peculiaridades quando se trata de analisar a cidade do Rio de Janeiro e de Fortaleza na segunda metade do século XIX, no entanto percebe-se na descrição e análise de Sidney Chalhoub a existência de pontos importantes e com algumas semelhanças que aparecem nos discursos dos médicos e higienistas da capital cearense.

...o esquecimento da boa hygiene, parte principalmente das classes pobres, que, sobre não procurarem em tempo o auxilio da medicina, quando atacados, não garantem das intempéries, e moram, ou em cazebres de palha, mal cobertos, em que facilmente penetram o ar frio da noite e a chuva, ou em pequenas casas melhor construídas, porém tão baixas que lhes falta as condições próprias para o arejamento e ventilação: juntando-se a estas circunstancias, já de si decisivas, e pouco aceio, a accumulção de materiaes excrementícias e esterquilinios nos quintaes, e carencia das mais communs necessidades da vida...¹⁷

Em sua fala, o médico Antônio Domingues da Silva deixou bastante evidente que um dos responsáveis pelas propagações das doenças e, sobretudo, pelas epidemias são as “*classes pobres*”, visto que estas não seguiam os preceitos de higiene. Esse pensamento predominou na maior parte das capitais do Brasil e tinha como questões centrais as formas de moradia e asseio da população

¹⁶ CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: Cortiços e epidemias na corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.29.

¹⁷ Relatório com que o Ex. Sr. Dr. Esmerino Gomes Parente abriu a 2.ª sessão da 22.ª Legislatura da Assembléia Provincial do Ceará em 2 de julho de 1875, relatório do Dr. Antônio Domingues da Silva Inspetor da Saúde Pública, p.2.

“miserável”. Portanto, aliar os discursos das teorias higiênicas e as condições de salubridade dessas habitações foi fundamental para a realização das intervenções.

...o caracter pernicioso, cedem com summa facilidade aos meios therapeuticos recommendados pela sciencia e atacam de preferencia as classes menos favorecidas da fortuna, que por ignorancia ou scepticismo habitão as proximidades dos pantanos e nenhuma regra de hygiene adoptam para se preservarem da influencia perniciosa dos miasmas paludosos...¹⁸

Ainda sobre esse aspecto, percebe-se que o discurso que apontava a população pobre como uma ameaça ao estado de salubridade da cidade intensificou-se com a chegada dos retirantes na capital cearense a partir de junho de 1877. No relatório enviado ao Presidente Caetano Estelita, o inspetor da saúde pública, Dr. João da Rocha Moreira, denunciou e atestou como impróprias as condições de moradia da população “*menos favorecida*”, ou seja, os retirantes passaram a ser alvo das intervenções higiênicas, uma vez que resistiram à imposição de algumas das normas de higiene.

Achando-se o ar, nesta cidade, muito impregnado de miasmas nocivos a saude, em consequencia da secca e da aglomeração de um grande numero de emigrante, pelas ruas e praças, por isso que a febre perniciosa e outras moléstias vão progredindo, tem esta Câmara a honra de lembrar a V. Ex.^a a conveniência de desinfectar a cidade por meio de alcatrão queimado fazendo esta operação nos pontos onde melhor effeito possa produzir...¹⁹

Nessa correspondência enviada ao Presidente José Julio de Albuquerque em 2 de abril de 1879 os representantes da Câmara Municipal apontavam a propagação dos miasmas e por conseguinte a proliferação da “*febre perniciosa e outras moléstias*” como reflexo do grande número de retirantes que se encontravam espalhados pela cidade. Nota-se que as preocupações com as condições do ar e a sua impregnação pelos miasmas estiveram constantemente presentes nas falas e discursos dos médicos e responsáveis pela administração Provincial.

¹⁸ Fala com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa, Presidente da Província do Ceará, abriu a 2.^a Sessão da 23.^a Legislatura da Assembléia Provincial em 2 de julho de 1877, relatório do Dr. João da Rocha Moreira Inspetor da Saúde Pública, p.1.

¹⁹ FUNDO: Câmara Municipal; SÉRIE: Correspondências Expedidas; PERÍODO: 1872-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 39. Em sessão de 2 de abril de 1879.

No trabalho “saberes e odores” o historiador Alain Corbin estuda o imaginário social e o olfato nos séculos XVIII e XIX e, mesmo sua análise sendo direcionada à Europa, especialmente à França, suas reflexões favorecem com que se pense algumas questões sobre as formas de habitações da população pobre em Fortaleza na segunda metade do século XIX.

...A descrição do espaço e dos homens modificou sua perspectiva. Os hospitais, as prisões e todos os locais de amontoamento confuso deixam de monopolizar a análise olfativa dos observadores. Uma nova curiosidade convida a desentocar os odores da miséria, a descobrir o fedor do pobre e de sua toca...²⁰

Corbin destaca que houve uma modificação no direcionamento dos odores prejudiciais a saúde, pois os locais como hospitais e prisões, antes apontados como “locais de amontoamento”, deixam de monopolizar as análises e pesquisas olfativas a partir dos novos interesses nos estudos dos odores produzidos nas moradias da população miserável, ou seja, os odores relacionados às questões sociais passam a ter um maior destaque na história da olfação do século XIX.

Os preceitos predominantes nas falas e ações dos inspetores da saúde, como já abordado neste capítulo, estiveram em grande parte baseados nas teorias miasmáticas, as quais procuravam definir os espaços de moradia da população pobre como um ambiente perigoso e contrário às “leis da higiene”, como também observou Chalhoub na cidade do Rio de Janeiro. Assim, os médicos, higienistas, engenheiros, e vários outros profissionais foram designados a realizar as intervenções nos espaços urbanos com o objetivo de tentar disciplinar e controlar as pessoas que fugiam e infringiam as normas da saúde pública.

Os conhecimentos dos médicos e higienistas não se limitaram somente a suas áreas de atuação e, como evidencia Ponte, os médicos ao iniciarem seus trabalhos no espaço urbano perceberam que seus saberes clínicos eram limitados para realizar uma intervenção tão ampla; necessitavam de outros conhecimentos. *“Foi preciso, então, que o profissional de medicina se tornasse também um cientista social, passando a incorporar ao seu saber conhecimentos históricos, geográficos,*

²⁰ CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 183.

estatísticos, topográficos e demográficos, instrumental...”.²¹ Assim, legitimar e efetivar seus conceitos higiênicos exigiu a utilização de diferentes áreas científicas.

As ações ligadas à salubridade pública nem sempre partiram somente dos médicos e higienistas. Entre a documentação pesquisada foi encontrado um ofício expedido ao Presidente da Província do Ceará no ano de 1870 pelo engenheiro João Martins da Silva Coutinho, que oferecia os serviços de limpeza de esgoto e das casas da cidade de Fortaleza²² e, apesar da proposta não ter sido aceita, apresenta alguns aspectos interessantes sobre os preceitos higiênicos e a monopolização dos serviços direcionados à saúde pública por algumas empresas e profissionais que prestavam assistência nessas áreas.

§ 4.º Os despejos das habitações irão ter aos conductores das ruas por canos subterrâneos de barro vidrado de seis pollegadas diâmetro. A estes canos fará conduzir o empresário às águas dos telhados que cahirem nos fundos das casas e das áreas ou pateos.

§ 1.º O vapor será a força empregada para tirar os despejos dos ditos tanques, lançados por esse meio dentro dos tanques de precipitar (precipitating tank) todos os líquidos, depois de perfeitamente separados dos sólidos, irão despejar-se no mar pela respectiva embocadura (flood outlets). Este será feita em um nível inferior às mais baixas marés, e terá as válvulas denominadas self acting tide flaps e pont stacks, além das conhecidas pelos nomes de self acting flood servage flaps.

5.º Obriga-se à desinfectar e precipitar, por meio de agentes químicos, todos os despejos e filtrar os líquidos antes de os despejar no mar. Nas ocasiões porém de chuvas grossas e aturadas que produzam enchentes extraordinárias, os despejos passarão durante as enxurradas directamente pelos *flood outlets* para o mar.

12.º O governo da Província se obriga a conceder ao empresário e a seus successores privilegio exclusivo por noventa annos contados da data da assignatura do contrato, para o serviço de despejos e limpeza que faz objecto do contrato.

14.º O governo da província permitirá que o empresário se sirva durante o tempo do privilegio, de todas as aguas publicas não aproveitadas das fontes, riachos ou esgôtos dentro dos limites das obras propostas, para o supprimento dos flushing tanks e lavagem de vasos e latrinas publicas, uma vez que não prejudiquem com isto o abastecimento da cidade...²³

Dentre os vinte e seis artigos existentes na proposta do engenheiro Coutinho, escolheu-se abordar somente duas cláusulas e três artigos, uma vez que

²¹ PONTE, Sebastião Rogério. *Op.cit.* p.74, nota 3.

²² É importante destacar que a empresa do engenheiro João Martins da Silva Coutinho funcionava no Rio de Janeiro. E assim, prestava serviços em várias capitais provinciais do Brasil.

²³ Relatório apresentado ao Excelentíssimo Senhor Coronel Joaquim da Cunha Freire, 2.º Vice-Presidente da Província do Ceará pelo Excelentíssimo Desembargador João Antônio de Araújo Freitas Henriques no Ato de passar-lhe a Administração da mesma em o dia 18 de dezembro de 1870, Ofício e cláusuras, pp. 1-3.

se pretende refletir sobre a função e atuação dessas empresas particulares, suas sugestões e atuações quanto aos cuidados higiênicos nos espaços urbanos. A princípio, deve-se evidenciar que esse projeto propôs o melhoramento das condições de limpeza dos esgotos e das casas de Fortaleza, não obstante os interesses comerciais e monopolizadores da empresa apareçam evidenciados em vários itens do contrato, principalmente quando observamos o artigo 12.º, em que se exige privilégio, exclusivo destes serviços pelo “*empresário e seus sucessores*”, durante noventa anos.

Os artigos citados no projeto têm o ideal de implementar na cidade um sistema de esgotos em que canos subterrâneos conduzam os excrementos das casas para o mar por um determinado processo de “lavagem”²⁴ dos dejetos, já que os materiais ao percorrerem os canos passariam por algumas fases de limpeza antes de serem jogados fora do perímetro da cidade. Na cláusula cinco o engenheiro propõe que o mar seja o “receptor” dos sólidos, contudo, enfatizou que o lixo trazido pelos esgotos estaria desinfetado, uma vez que ao longo do percurso dos esgotos ele passaria por um processo químico. Percebe-se que a empresa tentou aliar seu projeto aos preceitos de higiene seguidos pela Província, no entanto, deve-se observar na fala do engenheiro Adolfo Herbstler que tal empreendimento fugia à realidade e possibilidades da cidade. Assim, ao expressar sua posição desfavorável ao contrato diz: “...e não discordante eu sobre o seu modo de pensar quanto a utilidade da empresa, que somente pecca pela prematuridade da idéia em relação á esta capital.”²⁵, ou seja, tal projeto não se enquadrava aos padrões da capital cearense na segunda metade do século XIX, não somente devido a um inexpressivo desenvolvimento urbano, mas, provavelmente, pela falta de credibilidade na proposta que, provavelmente, foi considerada utópica.

As atuações e teorias higiênicas dos médicos e higienistas não foram desencadeadas a partir da chegada dos retirantes em Fortaleza nos anos de 1877-79, mas estiveram presentes ao longo do século XIX com o aparecimento e

²⁴ Esse nome não consta na fonte, porém resolveu-se usar para tentar deixar mais claro o processo pelo qual esperava-se que os dejetos saídos das casas fossem submetidos ao passarem por esses esgotos.

²⁵ Relatório apresentado ao Excelentíssimo Senhor Coronel Joaquim da Cunha Freire, 2.º Vice-Presidente da Província do Ceará, pelo Excelentíssimo Desembargador João Antônio de Araújo Freitas Henriques no ato de passar-lhe a Administração da mesma em o dia 18 de dezembro de 1870, Ofício e cláusuras, p.6.

influência da medicina social e, principalmente, das teorias higienistas que já vigoravam com seus debates e ações na Europa.

Em quanto as leis da hygiene não forem consultadas e seguidas como o elemento mais poderoso e o meio preventivo mais útil para aparar os golpes das epidemias, deixando seus focos de infecção e as causas mórbidas que concorrem para desenvolvê-las não será possível contemplar um estado sanitario sempre lisongeiro e afastar os olhos de alguns desses males que tomam posição saliente na lista dos soffrimentos humanos.²⁶

A constante entrada de retirantes em 2 de julho de 1877 trouxe grandes preocupações para o Governo Provincial, pois o estado sanitário, considerado satisfatório, sofreu alterações. Nesse momento os emigrantes foram considerados importantes focos de propagação de doenças no ambiente da cidade. O Inspetor da saúde pública, Dr. João Moreira, em seu discurso, considerava fundamental o cumprimento das prescrições médicas como maneira preventiva às epidemias e atestou as desobediências às leis de higiene como responsáveis pela permanência das doenças e epidemias.

É interessante lembrar que Fortaleza também foi afetada pelos efeitos da seca e por conseguinte enfrentou grandes problemas a partir da presença de imensa quantidade de retirantes que passou a habitar a cidade. Desse modo, é importante observar que o governo enfrentou sérias dificuldades para a realização do abastecimento de água, a construção de rede de esgoto e a limpeza dos rios e lixos das casas.

Em meados de 1877, a seca impossibilitou a continuidade dos serviços. Era tal a “força maior” prevista em contrato: a completa falta d’água nos reservatórios do Benfica. A cidade retorna, melancolicamente, aos “tempos de atraso técnicos” e tais serviços voltaram a ser feitos através da somatória de equipamentos rudimentares: baldes, cordas e cacimbas.²⁷

Bezerra aponta em seu trabalho que com o agravamento da seca os serviços que vinham sendo desempenhados pela empresa responsável pelo

²⁶ Fala com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa, Presidente da Província do Ceará, abriu a 2.^a Sessão da 23.^a Legislatura da Assembléia Provincial em 2 de julho de 1877, p. 20.

²⁷ BEZERRA, José Tanísio Vieira. *Quando a ambição vira Projeto: Fortaleza, entre o progresso e o caos*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 2000, p. 92.

abastecimento de água de Fortaleza foram interrompidos devido à falta de água. Assim, como a questão da água, é provável que a situação dos esgotos, lixos das ruas e casas e também a sujeira dos rios tenham resultado em graves prejuízos para a saúde pública em decorrência também da grande quantidade de “flagelados” que se encontrava na cidade.

Percebe-se que as intervenções, ou melhor, as tentativas de higienização e salubridade buscaram algumas medidas para tentar evitar que tais fatores trouxessem mais prejuízos para a saúde. Essa preocupação pode ser notada em um dos ofícios enviados ao Presidente Albuquerque Barros, em 30 de setembro de 1878, no intuito de mostrar as providências que vinham sendo tomadas a mando do Governo Provincial.

Em virtude d’ordem de V. Ex. cia mandei esgotar o açude do Pagehú e extrair toda a lama que n’este existir por se achar em estado de putrefação juntamente com água. Para isso foi necessário abrir a levada que partia do mesmo açude até a praia e conseguir em menos de uma mez fazer estes serviço tirando ao mesmo tempo por mais da levada as agoas que derramavão nos fundos dos quintaes de toda a rua do Conde D’Eu...²⁸

Essa fonte permite pensar sobre algumas das inquietações presentes entre os médicos-higienistas. O açude do Pajeú tinha uma grande importância, uma vez que ele cortava e abastecia as áreas principais da cidade, contudo, constata-se pela descrição do documento que ele se encontrava em “estado de putrefação”, ou seja era uma pequena quantidade de água que formava uma lama considerada prejudicial a saúde pública. Essa preocupação com o estado do açude estava aliada de certo modo às preocupações da teoria miasmática que determinava que esses locais eram focos transmissores e produtores das principais doenças.

A teoria miasmática teve grande destaque nos discursos e intervenções dos médicos-higienistas cearenses, sobretudo durante o período calamitoso da seca, quando diversas ações do Governo Provincial foram direcionadas e motivadas pelas idéias de que o ar e a água devem ser higienizados no intuito de evitar a proliferação dos miasmas, os responsáveis pelas doenças.

João Reis, em seu livro “A morte é uma festa”, chama atenção em um dos seus capítulos para os estudos de alguns médicos brasileiros que ocuparam seus

²⁸ FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 9. Fortaleza 30 de setembro de 1878.

dias a “*caça-miasmas*”²⁹. E entre as pesquisas o vento tornou-se ponto importante para entender como os “*vapores pútridos*”³⁰ contribuem para a propagação dos disseminadores de moléstias e epidemias.

Os estudos e as pesquisas relacionados à saúde pública no Ceará no século XIX, sobretudo no período da seca de 1877, são pouco expressivos, uma vez que o número de trabalhos ainda é insuficiente.³¹ No entanto, com o auxílio das fontes pesquisadas tentou-se preencher algumas das lacunas predominantes para assim tentar compreender as construções e aplicações das teorias higienistas nos espaços urbanos da capital cearense, especialmente durante o período 1877-1879.

²⁹ REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.254.

³⁰ Dentre as principais denominações dadas aos miasmas encontra-se: eflúvios pestilências, emanações, gases ou vapores pútridos, humores fétidos etc. ver: Reis, João José. *Op.cit.* p. 252, nota 29.

³¹ Dentre os trabalhos pesquisados que contribuíram para construção deste capítulo temos: PONTE, Sebastião Rogério. *Op.cit.* pp. 69-89, nota 3; THEOPHILO, Rodolpho. *Variola e Vacinação no Ceará*. Fortaleza-CE: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, pp.05-50; THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* nota 13; BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. *Caminhos da cura: experiência dos moradores de Fortaleza com a saúde e a doença (1850-1880)*. Tese de Doutorado: PUC-SP, 2002; BARBOSA, José Policarpo de Araújo. *História da saúde pública do Ceará: da colônia a Vargas*. Fortaleza-CE: Edições UFC, 1994; LEAL, Vinícius Barros. *História da Medicina no Ceará*. Fortaleza-CE: Secretaria de Cultura e Desporto e Promoção Social, 1978.

3.2 – AS INTERVENÇÕES HIGIÊNICAS NOS ABARRACAMENTOS

Assim aconselhado, desde então busquei fazer com que em todos os abarracamentos se conservasse o asseio possível e evitassem essas aglomerações de indivíduos nos mesmos compartimentos, que, por si só bastam para corromper o ar e damnificar a saúde; fiz concluir algumas enfermarias; tratei de colher as informações precisas para poder fazer de todas as famílias emigrantes uma divisão razoável, de maneira a serem mais regularmente socorridas...

José Ferreira de Aguiar³²

O Governo Provincial promoveu, a partir da chegada dos retirantes em 1877, planos e ações destinadas a tentar controlar a movimentação dos emigrantes pelas ruas e praças de Fortaleza. Dentre as intervenções implementadas predominaram as obras que pretendiam solucionar a falta de abrigo e o combate de algumas moléstias que vigoravam no momento.

A higienização dos abarracamentos destinados ao abrigo dos retirantes e ao controle da proliferação das doenças foram preocupações freqüentes nos discursos e atuações dos presidentes de Província e administradores dos distritos. Percebe-se através da fala do presidente Aguiar que suas deliberações seguiam as idéias e preceitos da ciência médica, uma vez que legitimava suas intervenções através dos conceitos que predominavam entre os médicos e higienistas de que as estruturas dos abarracamentos propiciaram a corrupção do ar.

Os comissários, ao serem designados para as administrações dos abarracamentos, recebiam do presidente de Província algumas determinações, a fim de promoverem nestes espaços a higienização e a manutenção da salubridade entre os retirantes. Na documentação pesquisada, como os relatórios e ofícios, observa-se que presidentes e administradores constantemente apontavam que entre as ações e dificuldades na aplicação das normas higiênicas aparecem as questões ligadas ao asseio das casas e dos retirantes, à construção das enfermarias, ao enterramento dos cadáveres, à vacinação, à situação dos lazaretos, à estrutura física e à remoção dos abarracamentos para áreas a sotavento.

³² Relatório com que o Excelentíssimo Senhor Conselheiro do João José Ferreira da Aguiar passou a Administração da Província a Administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor Doutor Paulino Nogueira Borges da Fonseca, 3.º Vice-Presidente, em 22 de fevereiro de 1878. p.6.

Neste capítulo escolheu-se centralizar as discussões sobre as intervenções higiênicas dos abarracamentos a partir do Governo de Aguiar, em novembro de 1877, uma vez que as fontes encontradas desse período em diante apontam significativas ações na saúde pública dos abarracamentos e na capital cearense. Durante seu mandato Aguiar deliberou medidas que repercutiram expressivamente no processo de higienização e na organização dos retirantes na cidade. Dentre essas ações destaca-se a suspensão das construções dos abarracamentos, o que trouxe grande impacto para a implementação dos planos de higienização das moradias dos retirantes pelos médicos-higienistas e também ocasionou problemas e mudanças no ordenamento urbano, pois devido à falta de alojamentos os emigrantes passaram novamente a ocupar as ruas e prédios públicos³³ de Fortaleza.

Continuavam a entrar diariamente na capital caravanas do interior, as quaes, não encontrando mais os alojamentos nos abarracamentos situados nas ruas mais publicas da cidade, iam abrigar-se á sombra das arvores. Alguns dias depois de os retirantes terem occupado os edificios publicos, não se podia transitar em sua vizinhança; eram verdadeiros focos de infecção. Não eram somente os trapos nojentos e immundos que tinham sobre o corpo, a falta de menor asseio nas habitações, o despejo das s materias fecaes à pouca distancia dos dormitórios, que concorriam para viciar a athmosphera, era ainda a grande agglomeração de pessoas em espaços insufficientes às necessidades essenciaes á vida.³⁴

Nesse trecho da obra *“História das secas”* Rodolfo Teófilo faz algumas considerações sobre as condições sanitárias dos abrigos improvisados para os retirantes. É importante lembrar que Teófilo como farmacêutico foi um dos representantes da ciência médica e por conseguinte adepto dos principais preceitos higiênicos da segunda metade do século XIX. Dessa forma, suas descrições no que se referem às estruturas de moradia dos emigrantes são realizadas baseadas nesses conceitos.

A falta de asseio, o grande número de pessoas em um espaço insuficiente e o local de despejo do material fecal foram indicados por Teófilo como *“focos de infecção”* que contribuíram para o agravamento do estado sanitário da

³³ Com a falta de espaço nos abarracamentos existentes os retirantes procuravam as ruas e edifícios públicos para servirem como abrigo e entre os prédios foram ocupados o quartel da polícia, o colégio Liceu, escolas públicas e algumas ruas do centro da cidade. Ver: Fala com que o Excelentíssimo Sr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.^a Sessão da 24.^a Legislatura da Assembléa Provincial em 1.^o de novembro de 1878, p. 37.

³⁴ THEOPHILO, Rodolpho. *História das Secas do Ceará*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922, p. 159.

cidade, uma vez que de acordo com a ciência médica tais causas contaminavam o ar e assim “concorriam para viciar a athmosphera”.

A desocupação desses edifícios somente foi efetivada no mandato de José Julio de Albuquerque, visto que em sua administração foram mais freqüentes as intervenções nos abarracamentos, uma vez que as doenças proliferavam intensamente e o número de mortes já se elevava entre os retirantes e cidadãos.

O Governo Provincial, no decorrer da seca, recebeu constantemente relatórios e ofícios dos comissários encarregados pela administração dos distritos, relatando a situação dos abarracamentos e, sobretudo, descrevendo as condições higiênicas desses lugares. Essas correspondências possibilitaram aos presidentes da Província o acompanhamento do funcionamento e das intervenções que foram realizadas pelos seus respectivos dirigentes.

Em novembro de 1878, durante o mandato do presidente Albuquerque, foram recomendadas algumas normas de higiene, as quais seriam aplicadas pelos comissários dos socorros, administradores dos distritos e inspetores dentro dos abarracamentos. De certa forma essas “recomendações” pretendiam tentar mudar alguns dos hábitos dos retirantes, especificamente com relação ao asseio corporal e na limpeza das suas moradias.

Em circular de 29 de abril recommendei a todos os commissarios de soccorros: 1.º que os administradores geraes dos abarracamentos e os inspectores de cada secção tivessem o maior cuidado com a limpeza dos alojamentos e lugares circunvizinhos, empregando neste serviço as famílias sob sua direcção; 2.º que o lixo fosse soterrado a distancia conveniente das habitações e do lado opposto aos ventos reinantes; 3.º que os retirantes se banhassem freqüentemente pela manhã em agua doce ou salgada lavassem sua roupa, e se abstivessem de quaesquer excessos...³⁵

Observa-se no discurso de Albuquerque que o asseio dos alojamentos e dos emigrantes tinha também como interesse o controle dos seus modos e costumes. Dessa forma as normas determinadas priorizavam medidas, as quais viabilizassem a realização dos planos de higienização. Dentre os principais tópicos relatados destaca-se, primeiramente, o cuidado com a limpeza das casas, visto que para os administradores esse foi um dos entraves para o melhoramento do estado higiênico. Entretanto, deve-se ressaltar que a justificativa usada para implementar

³⁵ Fala com que o Excelentíssimo Sr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.ª Sessão da 24.ª Legislatura da Assembléia Provincial em 1.º de novembro de 1878, p. 37.

esses preceitos partiu dos discursos sobre a falta de asseio nas palhoças nos abarracamentos.

O cuidado com o lixo também foi outra das questões enfatizadas pelo presidente da Província e, entre as medidas exigidas na solução do problema, ressalta-se o enterramento dos lixos em áreas distantes dos abarracamentos e opostas aos “*ventos reinantes*”, ou seja, a crença higienista de que os ventos transportariam os miasmas contidos em locais como lixo, pântanos e cadáveres em putrefação, provavelmente, influenciou nessas intervenções.

A tentativa de realizar mudanças nos atos e costumes dos sertanejos também esteve presente na implementação dessas normas. O ideal da limpeza através do uso da água passou a fazer parte dos discursos e normas higienistas. Os banhos diários, dentro dos padrões de higienização, passaram a ser destacados pela ciência médica como imprescindíveis para a prevenção das doenças. Apesar das diversidades de práticas e usos a respeito dos banhos, percebe-se que em Fortaleza nesse período tinha-se o interesse de obrigar os retirantes a realizarem asseios e cuidados corporais constantes.

Em seu estudo sobre a higiene do corpo desde a Idade Média o Historiador Georges Viagarello observou que na Europa a utilização da água para o asseio corporal teve algumas peculiaridades a partir do século XVIII. Ele destacou que o uso dos banhos diferenciava-se de acordo com a “*gradação das distinções*”³⁶, ou seja, a burguesia, seguidora dos conceitos higiênicos, associava limpeza corporal com a conservação da saúde e a população pobre, com seus hábitos e costumes, dava-lhe um caráter distinto e de acordo com suas experiências. Assim, ao observar os retirantes em Fortaleza, deve-se ter o cuidado de não generalizar suas atitudes, pois o não cumprimento de algumas normas higienistas, necessariamente, não significa que eles não usassem também da água para asseio do corpo, mas era visível que seus costumes seguiam funções e práticas diferenciadas dos desejos dos administradores e médicos-higienistas.

Os acampamentos em Fortaleza careciam das mais elementares condições higiênicas. Alojados em palhoças e à sombra das árvores, os retirantes não mantinham com o terreno ocupado a mesma relação “ecológica” que

³⁶ VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*. Lisboa: Editora Fragmentos, 1985, p.149.

mantinham nos sertões. A cidade exige novas atitudes com relação ao corpo, à higiene e à moral.³⁷

As experiências dos emigrantes de uma certa forma foram combatidas e as normas exigiram que eles se adequassem aos hábitos citadinos. Neves destacou em seu texto que as intervenções proporcionaram algumas mudanças nas atitudes e comportamentos, principalmente na relação dessa população com o corpo, a higiene e a moralidade.

Responsabilizar os retirantes pelo estado sanitário da cidade, sobretudo dos abarracamentos foi uma das queixas freqüentes nos discursos dos comissários dos distritos. Em relatório apresentado no dia 25 de setembro de 1878, pelo comissário do 8.º distrito da Tijubana, João Carlos Silva Jatahy, foram apontados alguns dos motivos os quais impediam o melhoramento das condições higiênicas dentro dos abarracamentos.

...onde graça a beliosa e outras febres de mão character; a bexiga, a diarrhéa, a coqueluche e outras enfermidades, algumas das quaes devido a incuria e deleixo dos proprios retirantes, que tornão insalubres a própria residencia onde sem o menor escrupulo fazem, sem asseio, as necessidades corporaes, e assim por todas as praças e ruas, onde se achão gente rustica, indomavel, sem o principio de educação, são infrutíferos quaisquer esforços, para fazel-os chegar ao menos a certa ordem de vida...³⁸

Palavras como “*rústicos*” e “*indomáveis*” são expressões utilizadas pelo comissário Jatahy com a finalidade de expor os motivos pelos quais as intervenções higiênicas foram deficientes nos abarracamentos e na cidade, uma vez que apontou como empecilho ao cumprimento das normas sanitárias os “modos” dos retirantes. Nesse relatório observa-se o quanto a presença da população, considerada “*sem o princípio de educação*” interferiu nas ações sanitárias públicas, visto que suas atitudes fugiam aos ideais de higiene.

Não é possível Ex.mo Senr, que com a alimentação de carne do Sul excessivamente salgada, e muitas veses de péssima qualidade, e farinha de mandioca somente, se possa conservar um estado favorável de saúde, mui principalmente quando se trata de grande quantidade de povo, em quasi sua totalidade nu e dormindo grande parte no chão e muitos ainda por baixo

³⁷ NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 53.

³⁸ FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 6. Relatório apresentado pelo comissário do 8.º distrito da Tijubana João Carlos da Silva Jatahy em 25 de setembro de 1878.

de arvores, tal é a afluencia de emigrantes que está chegando do interior. No estado em que se achão os emigrantes aqui abarracados, o aceio pessoal é impossível e a aptidão para uma terrível epidemia, que já julgo eminente, é certa...³⁹

Deve-se perceber que esse documento traz importantes informações para a compreensão das contradições de alguns discursos. Assim como aparecem descrições que acusavam os retirantes pelas deficientes condições sanitárias da cidade foram encontradas do mesmo modo algumas fontes que apontavam também a deficiência das administrações e, principalmente, na organização dos abarracamentos. Nesse ofício enviado ao presidente da Província em julho de 1879, o comissário assinala determinados problemas existentes no distrito do Alagadiço Grande que estavam abalando a saúde pública. Dentre esses citou a má qualidade dos alimentos distribuídos, a grande quantidade de retirantes nos abarracamentos e a falta de abrigo que resultou no crescido número de emigrante embaixo de árvores. Essa falta de organização, de acordo com ele, impediu que houvesse asseio pessoal dessa população.

Diversas propostas e ações foram implementadas durante os anos de calamidade, mas percebe-se através das falas dos presidentes da Província, que em geral o grande problema foi a higienização dos locais de abrigo e o estado de saúde da população indigente. Observando tais necessidades alguns médicos constantemente publicavam artigos nos principais jornais da cidade tentando alertar sobre a importância de providenciar ações para melhorar o estado sanitário da capital cearense. Em um desses artigos o cirurgião-mor do Exército, Dr. Antonio Manoel de Medeiros, sugeriu algumas medidas com a finalidade de melhorar a saúde pública da Província.

- 1.º Espalhar a população adventícia o mais que for possível, a fim de evitar os efeitos da aglomeração, que nos abarracamentos actuaes se acha já muito compacta.
- 2.º Proibir a construção de abarracamentos á barlavento e próximos ao centro da cidade.
- 3.º Fazer com que a maior urgência abarracamentos abrigados do sol e da chuva, a fim de retirar das casas e praças da cidade os emigrados, que por sua aglomeração e falta de apoio prejudicam enormemente a salubridade publica.

³⁹ FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 11. Alagadiço Grande, abarracamento do 13.º distrito em 21 de julho de 1879.

6.º Persuadir esses infelizes que devem ter o maior asseio, compatível com a deficiência de seus recursos, banhando-se sempre que for possível n'água doce ou salgada, pela manhã.

7.º Providenciar contra a dormida no chão, fazendo giraos ou leito de palha, de modo a evitar a humidade do solo.

10.º Manter a policia sanitária nos abarracamentos, que serão visitados, ao menos duas vezes por semana.⁴⁰

Escolheu-se expor neste capítulo, apenas uma parte das sugestões dadas pelo Dr. Medeiros, pois nos artigos citados apresenta alguns pontos que demonstram as principais preocupações com relação à saúde pública em Fortaleza. A higienização dos abarracamentos e o asseio pessoal dos retirantes foram assuntos muito enfatizados e, sobretudo, foram mostrados de acordo com as inquietações e preceitos higienistas que vigoravam naquele período. Pode-se ver que os artigos chamam atenção para as condições precárias em que viviam os emigrantes e, principalmente, a importância de uma fiscalização constante dentro dos alojamentos.

A preocupação com uma inspeção dos abarracamentos passou a vigorar nas falas e ações do Governo Provincial e em um dos discursos na Assembléia Legislativa, no dia 1.º de novembro de 1878, o presidente da Província Albuquerque Barros apresentou um relatório apontando medidas que deveriam ser implementadas na Província, mostrando-se também bastante apreensivo quanto à situação calamitosa em que se encontrava a saúde pública na capital cearense.

Tive occasião de fiscalisar por muitas vezes e pessoalmente o cumprimento das ordens neste sentido expedidas. Indo aos abarracamentos e aos lugares em que eram executados. Activada a vaccinação comandada na capital pelo inspector de saude publica e diversos médicos; visitando os alojamentos, enfermarias e lazaretos, e verificando a regularidade dos vários serviços que interessavam o bem estar e o asseio dos indigentes de seus aposentos e a distribuição dos soccorros, dar de socorrer de prompto as mais urgentes necessidades...⁴¹

A vacinação que esteve presente no cotidiano da população de Fortaleza, mesmo antes do período da seca, tornou-se uma das ações prioritárias na prevenção e no combate às doenças dentro dos espaços de moradia dos retirantes. Não se pode deixar de mencionar que a documentação indica que as intervenções foram, em grande parte, fiscalizadas e acompanhadas pelos presidentes durante

⁴⁰ (B.P.G.M. P) O jornal “*O Retirante*”, 10 de fevereiro de 1878, n.º 33, p. 03.

⁴¹ Fala com que o Excelentíssimo Sr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.ª Sessão da 24.ª Legislatura da Assembléia Provincial em 1.º de novembro de 1878, p. 38.

suas administrações, pois como se observou na descrição do relatório do presidente Albuquerque Barros, participar e verificar se os serviços relacionados à higienização estavam sendo aplicados nos abarracamentos foi uma das suas ações durante o mandato.

Dentre os conceitos higienistas o uso da vacina foi bastante enfatizado para a prevenção e combate às doenças, no entanto, sua aplicação em Fortaleza foi cercada sempre de alguns empecilhos, seja na fabricação e importação do medicamento, seja na resistência que a população, sobretudo a pobre, tinha com relação a esse método.

O governo da província havia pedido para o Rio vaccina e chegada esta a vacinação foi iniciada nos abarracamentos. Essa medida teria dado bons resultados, teria poupado milhares de vidas, se houvera a vaccina enviada, produzido os desejados efeitos. A lympha por antiga ou má, raramente dava resultado...⁴²

O farmacêutico Rodolfo Teófilo teve importante participação na disseminação e aplicação da vacina no Ceará a partir do ano de 1900⁴³, porém, na seca de 1878-1879, seus estudos apontaram relevantes observações sobre a aplicação da vacinação para a prevenção e combate de algumas moléstias, principalmente, a varíola. Ele não deixou de assinalar as diversas dificuldades e falhas que existiram no emprego de algumas vacinas e em seus relatos mostrou as péssimas condições em que muitas das “*lymphas*” foram trazidas para o Ceará, uma vez que a demora na chegada do medicamento ocasionava o comprometimento desse material. Assim, Teófilo avaliou que poucos foram os resultados obtidos através da vacinação nesse período, pois em geral os efeitos “*em muitos vaccinados em vez de pústulas vaccinadas sahiam ulceras de character syphilitico ou escrofulo*”, ou seja, a doença continuava após a imunização e “*ulceras*” apareciam deixando cicatrizes que demoravam a desaparecer.

No início da seca de 1877, algumas medidas foram tomadas no sentido de intensificar o uso da vacinação, entretanto essa tarefa não foi considerada muito fácil, pois o número de médicos foi assinalado como insuficiente para a realização

⁴² THEOPHILO, Rodolpho. *Varíola e Vacinação no Ceará*. Fortaleza-CE: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, p.10.

⁴³ Convencido da eficácia da vacina no combate a diversas doenças que predominavam no Ceará, principalmente durante as epidemias reinantes na seca de 1877-1879 em Fortaleza. O farmacêutico Rodolfo Teófilo resolveu montar no ano de 1902 um Instituto vacinogênico do Ceará.

desses serviços e assim a tarefa de intensificar e tornar mais acessível e rotineira a vacinação para a população pobre, inclusive a sertaneja, não teve tanto êxito. No jornal *O Retirante*, de 8 de julho de 1877, a preocupação com a aplicação desse método foi bastante enfática, principalmente porque estava apoiado na opinião dos “competentes” médicos e higienistas que sustentavam seus conceitos da vacinação amparados, principalmente, pela Teoria de Jenner ou cultura da vacina animal⁴⁴, em que a revacinação foi apontada como fundamental no combate à varíola. As questões contidas nesse artigo possibilitam perceber como a utilização da vacina foi uma das formas de intervenção higiênicas nos abarracamentos.

O médico encarregado d’esse serviço não pode por si só dar conta da tarefa, e muito menos limitando-se á vaccinar nas quintas-feiras á quem expontaneamente procura o preservativo. Si a vaccina só preserva até certo tempo, e a revaccinação é, na opinião dos competentes, uma necessidade; é muito sabido que raríssimos e quasi sempre benignos são os casos de vacina entre os vaccinados.⁴⁵

As deficiências no transporte, a má qualidade e as dificuldades do número de médicos nesses serviços não foram os únicos obstáculos enfrentados pelos administradores da cidade para o êxito da vacinação. A resistência e a rejeição dos retirantes foram fortes empecilhos para a aplicação da vacina entre a população sertaneja, pois os emigrantes tinham um conceito próprio sobre esse tipo de imunização e também uma certa desconfiança quanto ao funcionamento desse método.

É, pois, de esperar que sejam accomenttidos os retirantes, habitantes do sertão, onde a vaccina tem sido repellida com tal horror, que um professor de primeiras letras, tendo recebido ordem de só admittir meninos vaccinados em sua escola, vio-se obrigado á fecha-la por não ter um só alumno! Ora, sendo assim, é de crer que essa gente de motu (sic) proprio não vá a câmara municipal entregar o braço vaccina official.⁴⁶

⁴⁴ A partir de 1770, a teoria do Dr. Edward Jenner, levava-o a observar uma das crenças populares a respeito do uso da própria varíola retirada de algumas vacas infectadas quando em contato com o ser humano ocasionava a imunidade à doença. Assim, Jenner passou a pesquisar sobre a ação da vacinação antivariólica ou cultura da vacina animal, cujos indivíduos que já haviam contraído a doença adquiriam imunidade a varíola quando em contato novamente com a doença. Foram realizados vários experimentos, no qual, aplicou-se a vacina e depois de um certo período foi feito a “inoculação do pus variólico” na mesma pessoa para comprovar a imunização. É importante lembrar que a aplicação desta teoria chegou ao Brasil por volta de 1804. Ver: THEOPHILO, Rodolpho. *Varíola e Vacinação no Ceará*. Fortaleza-CE: Fundação Waldemar Alcântara, 1997; CHALHOUB, Sidney. *Op.cit.* pp. 102-134, nota 16.

⁴⁵ (B.P.G.M. P) O jornal “*O Retirante*”, 08 de julho de 1877. A varíola, p. 03.

⁴⁶ *Ibid.* p.03.

Ao continuar observando a matéria do jornal *O Retirante* percebe-se que a imposição da vacinação dentro das escolas destinadas às crianças abarracadas não surtiu o efeito desejado pelo Governo Provincial, ou seja, a vacina foi repelida e as crianças afastaram-se da escola. Contudo, no decorrer do período de seca os presidentes da Província deliberaram algumas normas e intervenções que forçaram os retirantes abarracados a aceitarem a vacinação.

Em seu relatório o presidente Albuquerque Barros recomendou aos comissários dos abarracamentos “...*que obrigassem a vacinação ate sob a pena de suspensão de rações...*”⁴⁷ a todos os retirantes que se recusavam a tomar a vacina. Observa-se então que esse processo de intervenção foi uma das formas utilizadas pelos presidentes da Província para tentar prevenir o avanço das doenças e forçar a aceitação da vacina através da punição com a suspensão do alimento diário.

Nos documentos analisados percebe-se que mesmo diante das punições os retirantes tentaram burlar essa determinação. Na fala do presidente Albuquerque Barros foi referenciado que “*A população adventicia pronunciou-se contra a vacinação e a maior parte dos indigentes usava de todos os meios imaginaveis para impedir ou frustrar a inoculação, que entendia ser antes a causa do mal de que um salutar preventivo*”⁴⁸. Percebe-se que os retirantes temiam tomar a vacina, uma vez que acreditavam que tal método poderia lhe fazer mal, porém, deve-se levar em conta que esse processo era desconhecido para essa população que possuía crenças e experiências de cura diferenciadas das ciências médicas.

Na grande parte das fontes pesquisadas observou-se que médicos, higienistas, presidentes da Província e memorialistas combateram intensamente o uso da medicina popular e defendiam sua ineficiência na cura das doenças predominantes, porém, em um de seus textos Rodolfo Teófilo afirmou a princípio que entre alguns dos métodos populares de cura os resultados foram positivos e eficientes.

A medicina combatia este estado mórbido com tonicos e reconstituintes. O povo, entretanto, sempre infeso as drogas da pharmacia, applicava, e com excellentes resultados, um topico em lugar de medicamentos internos.

⁴⁷ Fala com que o Excelentíssimo Sr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.ª Sessão da 24.ª Legislatura da Assembléa Provincial em 1.º de novembro de 1878, p. 38.

⁴⁸ Ibid. Em 1.º de novembro de 1878, p. 38.

Assava o fígado do boi, extrahia-lhe a salmoura que instillava sobre o globo do olho. Muitos, ou quasi todos, assim se restabeleciam.⁴⁹

Todavia, na continuação de sua descrição Teófilo expõe que o uso do fígado de boi para cura da hemeralopia, doença cujo sintoma principal era a cegueira noturna, já fazia parte das pesquisas médicas e não viu como novidade o êxito desse recurso entre os retirantes doentes. Percebe-se que a medicina popular somente tinha credibilidade no meio médico-higienista quando os métodos usados eram atestados pelo conhecimento científico.

Sendo o fígado o orgão secretor da bÍlis, não admira que curasse aquella enfermidade. Gubler, em seus Comentários Therapeuticos, tratando do fel de boi e dos seus uzos em medicina diz: “ *O fel de boi tem sido recetemente proconisado contra a singular affecção dos órgãos visuais, e qual se denomina hemeralopia.*”⁵⁰

Evitar que os retirantes não praticassem suas curas foi uma das grandes preocupações do Governo Provincial, pois tinha como objetivo fazer com que os emigrantes seguissem os preceitos de higiene para que o estado sanitário fosse favorável dentro de cada abarracamento, porém, no cotidiano esses intuitos não foram satisfatórios, já que a higienização nos alojamentos foi deficiente e a população emigrante não aceitou tão facilmente as intervenções higiênicas.

Em seus estudos sobre as diferentes medicinas no Rio de Janeiro a historiadora Gabriela dos Reis Sampaio afirmou que “...por mais rigorosos que fossem as prescrições dos agentes da higiene, elas eram freqüentemente barradas por questão que escapavam os seus controle, ligados muitas vezes á hábitos e crenças bastante antigos de diferentes grupos sociais”. Assim, observando Fortaleza pode-se pensar que o desejo de controlar e mudar os hábitos dos emigrantes não foi algo tão simples, pois eles tinham crenças e experiências que os motivavam a resistir às normas determinadas pelo Governo Provincial.

Com o avanço das doenças intensificou-se a construção de enfermarias e lazaretos, uma vez que a Santa Casa de Misericórdia, funcionando desde o ano de 1857, não suportava um número elevado de pessoas. É importante perceber que os lazaretos faziam parte dos planos administrativos de tentar higienizar os

⁴⁹ THEOPHILO, Rodolpho. *História das Secas do Ceará*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922, p. 170.

⁵⁰ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 170, nota 49.

abarracamentos, pois serviam para isolar os doentes do convívio com os outros retirantes sadios e assim impedir a propagação das epidemias.

Os lazaretos no Brasil apareceram ainda no período colonial e tinham a função de abrigar todos os acometidos de qualquer doença contagiosa. Tais “hospitais” também foram usados por algumas vilas como locais de quarentenas para os doentes que chegavam de viagens marítimas, sobretudo escravos trazidos em péssimas condições de transporte. De acordo com o médico José Policarpo Barbosa *“esses lazaretos não passavam de sítios nas cercanias da cidade, com algumas casas de taipa, cobertas de palha, construídas pelo poder público...”*⁵¹

No Ceará os “hospitais” surgiram a partir do ano de 1814 devido a uma forte epidemia de varíola que assolava a vila de Fortaleza. O “hospital” de Jacarecanga foi o primeiro lazareto levantado e apesar de ser chamado de hospital, sua estrutura foi formada por uma casa de taipa coberta por palhas e em que os doentes eram abandonados nos momentos das epidemias. Em 1855 foi construído o segundo lazareto conhecido como Lagoa Funda, devido ao nome do local em que foi levantada sua estrutura, porém seu funcionamento foi efetivado somente em 1856. Barbosa afirmou que *“os lazaretos funcionavam mais como locais aonde os doentes iam esperar a morte, do que como hospitais, com função de curar...”*⁵². Deve-se mencionar que durante a seca de 1877 foi um dos mais ativos e em termos estatísticos foi um dos que mais abrigou doentes.

Para o memorialista Rodolfo Teófilo o sofrimento e a morte andavam de mãos juntas nesses locais e os definia como *“um lago de pus onde bóiam enfermos moribundos e mortos! É a morada do sofrimento, é um foco de podridão, á cuja vista todos fogem execepto as afeições caras e sinceras e a caridade, sublime filha de Deus.”*⁵³ Ressalta-se que suas descrições sempre foram bastante dramáticas por isso sempre usava tais termos para mostrar as penúrias enfrentadas pelos retirantes durante o período da seca.

Em 1877 a situação estrutural desses lazaretos continuou sendo precária e, com o elevado número de variolosos, o Governo Provincial mandou construir mais lazaretos e enfermarias. Deve-se mencionar que não foi encontrada nas fontes a

⁵¹ BARBOSA, José Policarpo de Araújo. *História da saúde pública do Ceará: da colônia a Vargas*. Fortaleza-CE: Edições UFC, 1994, p.47.

⁵² Ibid. p.49.

⁵³ THEOPHILO, Rodolfo. *Op.cit.* p. 238, nota 49.

localização desses “hospitais”, no entanto percebe-se que os nomes de alguns lazaretos tinham ligação com a região onde se concentravam alguns abarracamentos e por estarem em áreas próximas receberam as mesmas denominações. Quanto às enfermarias deve-se ressaltar que foram construídas dentro dos abarracamentos e tinham a finalidade de assistir os retirantes que se encontravam enfermos, no entanto, com as epidemias e as super-lotações, os lazaretos tornaram-se os pontos centrais de envio de doentes em estados mais graves.

...no caso de manifestar-se a varíola, isolassem completamente as pessoas atacadas, estabelecendo cordões sanitários e construísem a sotavento das cidades, villas e povoações, em que lugares arejados e aconveniente distância, espaçosos lazaretos, onde deveriam ser recolhidas as pessoas afectadas...⁵⁴

As providências tomadas com o aparecimento das doenças, especialmente da varíola, foi o imediato isolamento dos doentes. Os locais escolhidos para o funcionamento desses lazaretos aparecem nos discursos como ambientes nos quais os preceitos da ciência deveriam ser aplicados, porém na prática não se observou tais pretensões, já que as condições em que os doentes ficavam eram precárias e o número elevado de casos de varíola dificultou o tratamento dos indigentes internados.

Entre as diversas abordagens sobre os lazaretos, observou-se que as opiniões foram diversificadas a respeito das estruturas e condições de funcionamento desses “hospitais”. A partir das descrições encontradas em algumas fontes escolheu-se analisar algumas das dificuldades e precariedades desses ambientes.

Havia treze lazaretos e todos regorgitavam de enfermos, se bem que a sua totalidade se ressentisse da necessidade de utensílios e de enfermeiros práticos no tratamento da bexiga. O unico lazareto em que o serviço era feito com mais ordem, em que o enfermo encontrava um comodo mais decente, era o da Lagôa-Funda. Tinha esse Lazareto dez enfermarias, cinco para homens e cinco para mulheres, com capacidade para 800 doentes no máximo...⁵⁵

⁵⁴ Fala com que o Excelentíssimo Sr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.ª Sessão da 24.ª Legislatura da Assembléia Provincial em 1.º de novembro de 1878, p. 38.

⁵⁵ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 237, nota 49.

Rodolfo Teófilo afirmou em seu texto, primeiramente, que no final do ano de 1878 já existiam 13 lazaretos e que mesmo diante das deficiências existentes no atendimento aos doentes nestes espaços, o lazareto da Lagoa Funda sobressaiu-se em relação aos demais por oferecer uma estrutura mais cômoda e um serviço mais organizado, no entanto deve-se ter cuidado nessa análise, pois em geral esses ambientes não proporcionaram qualidade de vida e um amparo adequado aos doentes. Provavelmente, as causas devem estar ligadas à grande quantidade de emigrantes, à falta de funcionários, sobretudo médicos e à má estrutura em que ficavam abrigados os enfermos.

A equipe de funcionários que tratava da manutenção e do direcionamento nos lazaretos era constituída, em grande parte de um administrador, de enfermeiros e enfermeiras, de ajudantes, de cozinheiros e de serventes. Havia um armazém onde um empregado ficava responsável pela organização das dietas e da alimentação dos doentes. Evidentemente, deve-se lembrar a ação da Igreja através da presença dos padres e de irmãs de caridade que também auxiliavam e cuidavam dos retirantes doentes nos lazaretos.

Apesar da grande mortalidade ocasionada pela epidemia de varíola, podem-se observar indicativos de restabelecimento de alguns retirantes e cidadãos que ali estavam internados. E, mesmo diante da descrença e do pessimismo de alguns médicos, que afirmavam não existir possibilidade de sobrevivência após o isolamento nesses locais, houve a existência de alguns casos de pacientes que obtiveram alta.

Tenho a honra de participar a V. Ex.^a que obteve hoje alta, por curado, do Lazareto da lagoa Funda, súbdito sueco Chral Erilce Chizierfem, e que de ordem do señr. Dr. Inspector da saúde publica, foram recolhidos ao Lazareto, afim de serem convenientemente medicados, os variolosos, Antonio Manoel de Macedo e Clarinda Maria do Espírito Santo.⁵⁶

É importante mencionar que de acordo com as estatísticas da mortalidade em Fortaleza, possivelmente, poucos foram os casos de pacientes que se restabeleceram. A ciência médica não conseguia identificar os motivos pelos quais alguns pacientes ficavam curados, não entendiam as causas do desaparecimento da doença. Esse ofício enviado pelo Dr. Pedro de Albuquerque Borges em 27 de agosto

⁵⁶ FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 9. Fortaleza, 27 de agosto de 1878.

de 1878 chamou atenção, pois mostrou a internação de Clarinda Maria do Espírito Santo, provavelmente retirante cuja alta foi mostrada neste outro ofício enviado em 4 de setembro de 1878:

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V.Ex.^a que, de ordem do Señor Dr. Inspector da saúde pública, foram hoje recolhidos do lazareto da Lagoa Funda os variolosos Roberto Freire de Moraes e Sabino Francisco do Nascimento, assim com que do mesmo Lazareto obteve alta por curada a variolosa Clarinda Maria do Espírito Santo.⁵⁷

A partir da descrição do documento percebe-se que foram constantes as internações de pessoas acometidas pela varíola no Lazareto da Lagoa-Funda e, principalmente, que foram poucas as recuperações e altas recebidas naqueles locais, uma vez que as fontes pesquisadas somente referem-se ao caso de Clarinda Santo.

As enfermarias também contribuíram para a assistência aos doentes, sobretudo os retirantes abarracados. Naquele período a Santa Casa de Misericórdia não tinha acomodações suficientes para atender a tantos doentes e, principalmente, não tinha condições de ficar responsável pela saúde dos vários retirantes que passaram a viver na capital cearense. Assim, acredita-se que a construção das enfermarias nos alojamentos foi também uma outra maneira de intervenção empregada pelo Governo Provincial para tentar prevenir as epidemias e tratar os diversos emigrantes enfermos.

Percebeu-se através da análise das fontes que o funcionamento das enfermarias tornou-se mais visível a partir de 1878 com o aumento das doenças, sobretudo com o aparecimento da epidemia de varíola, entretanto, deve-se relatar que nem todos os alojamentos tiveram enfermarias e, nesses casos, os retirantes enfermos foram tratados dentro de suas casas.

...Não existe enfermaria neste districto. A principio os doentes eram tratados por uma pessoa entendida, que applicava medicamentos conforme lhe suggeria uma longa pratica adquirida e a experiencia comprovava o acerto da applicação, pois que a mortalidade ali era muito limitada, em relação a população que aqui ocorria em outros districtos.⁵⁸

⁵⁷ FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 9. Fortaleza, 4 de setembro de 1878.

⁵⁸ Ibid. Comissão domiciliada no 2.º distrito de emigrantes desta capital em 25 de outubro de 1878.

O comissário José Pompeu Holanda, no ofício expedido em outubro de 1878, trouxe em sua descrição dois pontos que chamam atenção aos atendimentos prestados aos doentes abarracados. A princípio deteve-se a apontar a ausência de uma enfermaria e observando o contexto, possivelmente, não foi um fator insignificante, visto que os casos de varíola aumentavam e a falta dessa assistência sobrecarregava, especialmente, a Santa Casa de Misericórdia. Porém, o comissário não deixa transparecer essa idéia durante a sua descrição, pois se deteve em afirmar que naquele distrito foram poucas as mortalidades e no início da doença os enfermos foram tratados por “*peçoas entendidas*”, que possuíam apenas o conhecimento da experiência através da prática na aplicação dos medicamentos. Talvez a falta de médicos e outros profissionais ligados à área da saúde possibilitou a contratação dessas “*peçoas entendidas*”, mas infelizmente a documentação não permitiu observar mais aprofundadamente a ação desses “profissionais” e só foi possível perceber sua presença no processo de atendimento dos emigrantes abarracados.

A utilização das estatísticas para tentar controlar as doenças e provavelmente para realizar propagandas políticas, tornou-se mais constante a partir do crescimento do número de doentes em 1878. Esse recurso também contribuiu para as intervenções, pois com os dados numéricos o Governo Provincial pôde implementar seus planos e ações nos abarracamentos. Dessa forma resolveu-se mostrar algumas tabelas no intuito de observar o aumento e a diminuição das doenças a partir das prevenções e do combate às doenças.

No segundo distrito de São Luiz foi realizada uma estatística referente aos emigrantes tratados de varíola em suas casas e nas enfermarias a partir de outubro de 1878 a janeiro de 1879. Observou-se que entre o número de enfermos homens e de mortalidade existente nos alojamentos desse distrito houve mais casos entre mulheres do que entre homens falecidos. Os dados mostram 1033 doentes e 452 falecimentos de mulheres. Quando se olha a estatística de recuperação de varíola, o número mais significativo foi o de meninos, apresentando 602 recuperações (Tabela 6). Assim, percebe-se que a quantidade de retirantes curados nesse distrito foi bastante significativa quando comparada com o total de falecimentos.⁵⁹

⁵⁹ É importante destacar que esse mapa, além de ser enviado através de um ofício expedido, foi também publicado no Jornal “*Cearense*” n.º 7 de 23 de janeiro de 1879.

TABELA 6

**ESTATÍSTICA DOS RETIRANTES TRATADOS DE VARÍOLA EM
SUAS CASAS NOS ABARRACAMENTOS DO 2.º DISTRITO DE SÃO
LUIZ, DE OUTUBRO DE 1878 A 20 DE JANEIRO DE 1879.**

MOVIMENTO	HOMENS	MENINOS	MULHERES	MENINAS	TOTAL
DOENTES	718	903	1033	893	3547
CURADOS	289	602	581	570	2042
FALECIDOS	429	316	452	308	1505

Fonte: FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 11.

TABELA 7

**ESTATÍSTICA DOS RETIRANTES TRATADOS NO LAZARETO DA
ALDEOTA DE 23 DE NOVEMBRO DE 1878 A 21 DE JANEIRO DE
1879 NO 2.º DISTRITO DE SÃO LUIZ.**

MOVIMENTO	HOMENS	MENINOS	MULHERES	MENINAS	TOTAL
ENTRARAM	316	186	372	108	982
CURADOS	152	134	197	61	544
FALECIDOS	164	52	175	47	438

Fonte: FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 11.

Apesar de poucas referências também foram encontradas nas fontes indicações da movimentação de doentes nos lazaretos (Tabela 7), contudo somente no lazareto da Aldeota, ligado ao segundo distrito de São Luiz, encontraram-se dados numéricos e algumas descrições mais detalhadas elaboradas pelo médico responsável, Antônio Manoel de Medeiros, o que possibilitou conhecer mais o funcionamento e a estrutura física desses lugares.

O lazareto teve seis enfermarias: sendo quatro de homens e duas de mulheres, separadas uma das outras. Em 22 de dezembro foi extinta a primeira, em 28 a segunda, no dia 1.º de janeiro a terceira, em 6 a quarta, e fechou-se hoje o Lazareto. Doentes entrarão em tal estado que uns falleceram logo e outras horas depois. Dos entrados em principio da moléstia, somente falleceram 60. Nenhum dos entrados erão vaccinados...O lazareto soccorreu com dietas medicamentos aos indigentes variolosos moradores nos arredores...As enfermarias e dependências do lazareto foram queimadas.⁶⁰

Deve-se perceber que as enfermarias e os lazaretos tiveram praticamente as mesmas funções, no entanto, os segundos, além do tratamento dos doentes, tiveram a finalidade de isolar e tentar evitar que as epidemias “invadissem” a cidade. O Dr. Antônio Manoel de Medeiros deixou bastante evidente em seu discurso que os doentes que entraram no Lazareto da Aldeota, sob sua direção, foram tratados em enfermarias nas quais homens e mulheres ficavam separados. Ao relatar os falecimentos utilizava como justificativa que os “indigentes” falecidos não haviam sido vacinados.

O fechamento desses espaços aparece descrito nos relatos dos médicos responsáveis pela organização da saúde pública da capital cearense, no entanto observando o contexto geral desses discursos, percebe-se que noticiar o fato não significava apenas a finalização dos serviços nos lazaretos, mas destacar que apesar da alta mortalidade a epidemia foi vencida e que os planos elaborados funcionaram.

Com grande satisfação communico a V.Ex.^a que a 31 do p.p. mez terminou a minha commissão medica no lasareto do São Sebastião...De 9 a 31 do mesmo mez a varíola declinou tão consideravelmente que não entrou mais nenhum doente acommetido...Fechou-se hontem o lasareto do Alagadiço Grande á uma legua da capital...⁶¹

⁶⁰ FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 11. Cidade de Fortaleza 21 de janeiro de 1879.

⁶¹ Ibid. Fortaleza 7 de fevereiro de 1879.

No decorrer de 1879, com a diminuição da epidemia de varíola e o final do período da seca, os lazaretos e principalmente os abarracamentos foram desativados. A partir dos ofícios analisados pode-se observar através das estatísticas como foi a movimentação de alguns lazaretos que funcionavam em Fortaleza (Tabela 8).

TABELA 8

ESTATÍSTICA DA MOVIMENTAÇÃO DOS LAZARETOS DE SÃO SEBASTIÃO E ALAGADIÇO GRANDE DURANTE O PERÍODO DE FUNCIONAMENTO DE 1878 A 1879.

	ENTRARAM	CURADOS	FALECIDOS
SÃO SEBASTIÃO	1.162	527	625
ALAGADIÇO GRANDE	260	139	114

Fonte: FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 11. Fortaleza 7 de fevereiro de 1879.

Em cada “hospital” notou-se que foi bastante significativa a quantidade de pessoas acometidas pela varíola e de mortalidade, no entanto, é importante perceber que os dados variavam de acordo com cada lazareto, uma vez que as estatísticas apontavam em alguns mais falecimentos e em outros mais curados. No ofício expedido em 1879, Dr. Meton da França Alencar, médico do Lazareto do Alagadiço Grande, destacou que durante o tempo de funcionamento entraram no lazareto de São Sebastião 1.162 doentes e somente saíram curados 527, uma quantidade inferior ao número de mortes. No lazareto do Alagadiço Grande, dos 260 doentes que ali chegaram saíram 139 curados; um fato significativo, já que se notou que mais da metade das pessoas que entraram saíram curadas.

Os comissários tiveram uma grande preocupação em demonstrar as realizações e o cumprimento das normas deliberadas pelo Governo Provincial e dentre as ações deliberadas percebeu-se uma intensificação no processo das

intervenções higiênicas na cidade. A presença das ciências médicas tornou-se mais efetiva, uma vez que as doenças vigoravam mais intensamente dentro dos abarracamentos e desse modo, as ações governamentais aliadas aos planejamentos e ideais dos médicos e higienistas tentaram impedir as propagações das doenças e, sobretudo, modificar os hábitos e costumes da população sertaneja que tentava sobreviver dentro de Fortaleza na segunda metade do século XIX.

3.3 – FORTALEZA SOMBRIA

A população d' esta capital começa á sobressaltar-se á vista dos casos de varíola que se tem manifestado. Ao lazareto da Lagôa Funda já se tem recolhido vários bexiguentos; e, á não tornarem-se mais enérgicas e promptas as medidas, em breve teremos um novo inimigo á combater. A' par da fome a peste!

Jornal O Retirante⁶²

Em Fortaleza, no ano de 1877, o medo e a desolação faziam parte do cotidiano dos cidadãos. Os jornais “*O Retirante*” e o “*Cearense*” anunciavam a multidão que se aglomerava nas praças e ruas centrais e, principalmente, exigiam providências para o Governo Provincial na aplicação de medidas “enérgicas” no combate à varíola. Em geral as matérias jornalísticas tentaram demonstrar o descaso e a falta de fiscalização do Governo com relação às infrações cometidas contra a saúde pública, porém deve-se lembrar que os interesses e oposições políticas entre imprensa e governo contribuíram para essas constantes denúncias e exigências.

No dia 5 de agosto de 1877 o jornal *O Retirante* chamou atenção da população de Fortaleza para a ocorrência de um fato considerado abusivo e prejudicial à salubridade da cidade.

A policia dorme e os abusos progridem. Infeliz terra. Consta-nos que se esta lavando roupa de variolosos no poço do Pagehú. A ser exacto isto, é horrível; por quanto d' aquella fonte parte uma corrente que banha a cidade e no qual existem todos os nossos banheiros. É preciso que a policia do Sr. Nogueira desperte d' este lethargo em que vive; ainda não é tempo de chupar cajus e dormir a sombra dos cajueiros.⁶³

Na descrição da fonte não foram mencionadas e identificadas as pessoas que realizavam a lavagem das roupas de variolosos no rio Pajeú. Provavelmente seriam retirantes, uma vez que a doença em 1877 atingiu em maior número essa população, entretanto, esse artigo tentou mostrar que tal ocorrência causava sérios

⁶² (B.P.G.M. P) O jornal “*O Retirante*”, 08 de julho de 1877. A varíola, p. 03.

⁶³ Ibid. 5 de agosto de 1877, p.03.

danos para um dos principais rios, o responsável pelo abastecimento de água de Fortaleza, pois se infringia os preceitos de higiene defendidos pelos médicos e higienistas.

Como já foi destacado neste capítulo, a chegada dos retirantes e o aparecimento das doenças despertaram a atenção do Governo Provincial para a importância dos cuidados com a saúde pública na capital cearense e, apoiado por médicos e higienistas, o governo tentou aplicar e divulgar os preceitos da ciência médica entre a população retirante.

As condições em que se achavam os retirantes na capital, eram todas favoráveis a invasão da peste. A falta de asseio nas habitações, a aglomeração de indivíduos em sítios pouco espaçosos, o enfraquecimento de que ainda se ressentiam os organismos a falta absoluta de vaccina, enfim um conjuncto de circunstancias previstas e imprevistas, abriu as portas da cidade á epidemia.⁶⁴

Os discursos apontavam o modo de vida dos emigrantes na cidade como “*favoráveis a invasão da peste*”, uma vez que se considerava impróprio às condições de moradia e ao estado físico dessa população. Porém, observou-se que algumas das medidas e planos destinados à prevenção e ao impedimento do avanço das doenças em Fortaleza na segunda metade do século XIX, foram intensas somente a partir do aumento do número de casos e varíola e, principalmente, com a chegada da população sertaneja. É importante destacar que nos discursos referentes à saúde pública nos anos anteriores a seca de 1877, já demonstravam tais inquietações com relação à salubridade da cidade, contudo notou-se que efetivamente as intervenções foram mais ativas a partir do surgimento das doenças.

É interessante observar que em grande parte as fontes pesquisadas apontam como fator grave a ação dos grandes aglomerados de retirantes, pela presença nas ruas de Fortaleza de transmissores das doenças, no entanto deve-se pensar se individualmente esses flagelados não foram também “perigosos”.

O Presidente Caetano Estellita implementou algumas medidas como a construção de alguns lazaretos e a contratação de médicos para tentar deter o avanço das doenças. O discurso médico demonstrava que as “febres” atacavam de preferência as classes pobres e, sobretudo, que os retirantes descumpriam as

⁶⁴ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 221, nota 49.

normas de higiene e assim, impediam o melhoramento da salubridade pública. Porém, é relevante mencionar que havia subentendidos os interesses políticos, sociais e econômicos nas ações e falas desses administradores que desejavam o desenvolvimento e o progresso da capital cearense.

As febres infecciosas de diversas typos, foram as molestias, que mais reinaram no periodo indicado, parecendo formar por si só a constituição medica dominante. E de facto, as febres paludosas grassaram em muitos pontos da província, e foram assas freqüentes, bem como as affecções do aparelho gastro-hepatico, que muita vez são symptoaticas ou consecutivas as infecções paludosas. Entretanto estas febres, que raramente revestem o character pernicioso, cedem com summa facilidade aos meios therapeuticos recommendados pela sciencia e atacam de preferênciã as classes menos favorecidas das fortunas...⁶⁵

Percebeu-se nas descrições dos relatórios e ofícios que a maior parte das pessoas atingidas pelas moléstias foram os retirantes, possivelmente. Os organismos debilitados pela fome e as longas jornadas migratórias talvez tenham sido as principais causas, não obstante as condições higiênicas das moradias continuarem sendo apontadas como causa principal da proliferação das doenças.

Nesse período calamitoso as doenças que mais apareceram foram o beri-beri, a hemeralopia, a anasarca, a febre biliosa, cholera-morbus, a febre amarela e a varíola.⁶⁶ Apesar dessa diversidade de moléstias, a varíola foi a doença que mais predominou e causou maior número de mortes.

O inspetor de saúde pública João da Rocha Moreira afirmou que a varíola chegou à Fortaleza através de duas embarcações vindas do Pará e, com a finalidade de evitar o contágio, os doentes foram transferidos para o Lazareto da Lagoa Funda. Em seu relatório apresentado ao Presidente da Província em maio de 1877, o inspetor destacou que na capital já existiam outros dezenove casos de varíola e que entre as medidas tomadas determinou que os variolosos fossem *“sequestrados e levados para o Lazareto da Lagôa-Funda distante uma légua d’esta*

⁶⁵ Fala com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa, Presidente da Província do Ceará, abriu a 2.^a Sessão da 23.^a Legislatura da Assembléia Provincial em 2 de julho de 1877. Inspeção de saúde pública do Ceará em 29 de maio de 1877.

⁶⁶ Dentre as doenças que foram citadas somente encontrou-se nos memorialistas as descrições e referências mais detalhadas. O beri-beri era desconhecido na Província antes da seca e manifestava-se por sintomas diversos, mas no geral a doença atingia o estômago e com o progresso da doença também atingia o cérebro causando cegueira e levando o doente a morte; a hemeralopia causava cegueira noturna; a anasarca formava um edema que impedia os movimentos e rompia os tecidos. Resolveu-se destacar somente essa doença, uma vez que o interesse deste trabalho é aprofundar as questões e discursos que envolvem a epidemia de varíola. Ver: THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* pp 169-170, nota 49.

*cidade*⁶⁷, local onde já se encontravam os tripulantes dos navios. Para os adeptos e defensores da teoria contagionista essas medidas evitaram que naquele momento a varíola proliferasse pela cidade.

As intervenções e práticas sanitárias, apoiadas nas ciências médicas, não foram suficientes para impedir a epidemia de varíola que proliferou rapidamente em Fortaleza. De acordo com o relatório do Presidente Julio de Albuquerque, em agosto de 1877 morreram duas pessoas, em setembro morreram 62 e em outubro, o número de mortos por varíola na capital já alcançava 481. Até novembro, todos os óbitos foram registrados entre os isolados do lazareto da Lagoa Funda, que então mantinha internados 1.884 variolosos.⁶⁸ No ano seguinte, no dia 30 de setembro, foi realizado um recenseamento e constatou-se que em Fortaleza havia uma população de 114.404 pessoas e, quarenta dias depois, ao realizarem uma nova estatística, observou-se o número de 108.656 pessoas, ou seja, houve uma diminuição de 5.748 pessoas em mais de um mês. Rodolfo Teófilo afirmou que em média na capital havia neste momento 40.000 variolosos⁶⁹.

Observou-se que apesar dos primeiros casos da doença aparecerem no ano de 1877, a varíola somente tomou proporção de uma epidemia a partir do segundo semestre de 1878, pois *“Passara da palhoça do emigrante para a casa do opulento!”*⁷⁰, ou seja, a moléstia espalhou-se rapidamente e contagiou tanto os retirantes abarracados quanto a elite local que ocupava a área central da cidade.

O estado calamitoso de Fortaleza foi noticiado pelo New York Herald, que enviou um representante para estudar e relatar todos os fatos relacionados à situação dos retirantes durante esse período da seca de 1877. Os ingleses solicitaram também do médico Guilherme Stuart um relatório *“sobre a peste negra, que devorava o Ceará”*⁷¹. A epidemia de varíola também foi matéria no jornal de Londres Medical Times and Gazette em 1879, como o título de “Small-pox in

⁶⁷ Fala com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa, Presidente da Província do Ceará, abriu a 2.^a Sessão da 23.^a Legislatura da Assembléia Provincial em 2 de julho de 1877. Inspetoria de Saúde Pública do Ceará em 29 de maio de 1877, p. 04.

⁶⁸ Fala com que o Excelentíssimo Sr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.^a Sessão da 24.^a Legislatura da Assembléia Provincial em 1.^o de novembro de 1878. Saúde pública, p. 38.

⁶⁹ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 229, nota 49.

⁷⁰ *Ibid.* p.228.

⁷¹ STUART, Guilherme (Barão de). *Climatologia, epidemias e edemias no Ceará*. Fortaleza-CE: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, p. 43.

Brazil”⁷². Essas matérias contribuíram para que a problemática da seca de 1877-79 no Ceará fosse internacionalmente conhecida.

O Governo Provincial acreditava que o aumento do número de habitantes na cidade foi um dos motivos responsáveis pelo crescimento e proliferação da varíola entre os retirantes e cidadãos. Dessa forma a maioria das ordens encaminhadas pelo Presidente Julio de Albuquerque aos comissários dos abarracamentos tinha a finalidade de implementar medidas drásticas para combater a ação da doença e, principalmente, impedir o aumento da mortalidade em Fortaleza.

Evitar que doentes variolosos circulassem ou estivessem espalhados pelas ruas da capital foi um dos motivos que impulsionaram o Governo Provincial a tentar isolar os retirantes enfermos. A organização de “*companhias de carregadores*” foi uma das medidas tomadas para que houvesse uma organização no transporte de doente e cadáveres para fora das ruas centrais da capital. Essa ação tinha como objetivo tentar promover o controle da varíola a partir da conservação da limpeza e higienização das ruas e dos abarracamentos existentes em Fortaleza. Porém, observou-se que na prática não foi tão simples, pois mesmo sobre a fiscalização de guardas e higienistas algumas atitudes como a movimentação dos carregadores ruas de Fortaleza continuaram.

Marquei nesta capital a gratificação de 2\$000 a quem conduzisse ao lazareto um varioloso; organizei companhias de carregadores de enfermos e cadáveres, vencendo as dificuldades originadas da repugnância e terror do povo; colloquei guardas de callavaria nas principais entradas da cidade para impedir o transito dos carregadores pelas ruas e praças; mandei tratar da desinfecção e empregar todos os meios hygienicos aconselhados pela sciência.⁷³

O transporte dos variolosos e, sobretudo, os cadáveres encaminhados aos lazaretos foram apontados também como um dos grandes responsáveis pela proliferação da epidemia de varíola fora dos abarracamentos, uma vez que os trajetos usados pelos carregadores eram as ruas centrais de Fortaleza. Esse serviço foi realizado pelos retirantes, que em troca recebiam uma determinada quantia. Os

⁷² CHALHOUB, Sidney. *Op.cit.* p. 210, nota 16.

⁷³ Fala com que o Excelentíssimo Sr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.ª Sessão da 24.ª Legislatura da Assembléa Provincial em 1.º de novembro de 1878. Saúde pública, pp. 38-39.

preços variavam entre a condução de crianças e adultos.⁷⁴ Em princípio a realização desse serviço teve muita rejeição, pois existia o medo da contaminação, porém as necessidades, sobretudo alimentares forçaram alguns retirantes a buscar esse trabalho para sobreviver.

A população de Fortaleza diariamente presenciava cenas de horror. Os cadáveres dos bexigosos eram conduzidos pelas ruas da cidade! A grande inconveniência de tal trajecto não estava somente em aumentar o pânico da população, estava em infeccionar a atmosfera do centro da cidade, ainda respeitado pela epidemia. Os carregadores para descansar, paravam e deitavam a rêde com o cadaver sobre a calçada, mesmo nas ruas mais publicas e freqüentadas.⁷⁵

Em seus relatos Teófilo chamou atenção para o modo como foram transportados os corpos dos variolosos pelas ruas centrais de Fortaleza e afirmou que além de prejudicial à salubridade pública dos cidadãos a passagem desses cadáveres prejudicava a moralidade, pois relatava que *“As famílias chegando as janellas de suas casas, entravam horrorizadas porque deparavam com estes esquifes estendidos nas calçadas e ao lado carregadores, que excitados pelo álcool, descasavam...”*⁷⁶.

O estado de embriaguez dos carregadores causava bastante repugnância e constrangimento e, sobretudo, preocupava os responsáveis pela saúde pública, pois ao descreverem essas cenas sempre indicavam que os corpos putrefatos e infectados ficavam jogados nas calçadas, no centro da cidade, enquanto os carregadores bebiam ou dormiam.

Analisando as fontes observou-se diversas considerações sobre esse tipo de serviço e, sobretudo, sobre os enterramentos, pois grande parte dos retirantes, além de realizarem os serviços de transporte dos mortos, também ficaram responsáveis pelos enterros. Cada relato teve uma peculiaridade com relação a esses trabalhos, pois não somente os memorialistas abordavam o assunto, mas também os comissários dos distritos, os presidentes da Província e os jornais.

A turma empregada em dar sepulturas aos variolosos, no cemitério da lagoa Funda, compunham-se de 40 homem. Antes de seis horas da manhã,

⁷⁴ THEOPHILO, Rodolpho. *História das Secas do Ceará*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922, pp.240-241.

⁷⁵ Ibid. pp.224-225.

⁷⁶ THEOPHILO, Rodolpho. *Varíola e Vacinação no Ceará*. Fortaleza-CE: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, p. 13.

princiavam os serviços que, as vezes, se prolongavam até depois das seis horas da tarde. Graças a boa ordem do trabalho, tão pequeno número de indivíduos podia, durante o dia, deitar por terras grandes árvores, destocar o terreno, limpá-lo e, depois, abrir profundas valas onde se enterravam dez corpos. Este serviço era perfeito. No fim do dia, tinha a turma sepultado 500, 600 e as vezes 700 cadáveres.⁷⁷

Barbosa nesse trecho deteve-se a mostrar um pouco do cotidiano dos retirantes empregados nos serviços de enterramento dos cadáveres mortos pela varíola. Percebe-se através de sua descrição que esse foi um serviço bastante cansativo e, provavelmente, aqueles emigrantes que se dispunham a realizar tais atividades tinham como objetivo tentar sobreviver diante das condições precárias em que viviam.

Tendo sido por essa presidência esta Câmara informada não só de indivíduos affectados de varíola nos abarracamentos dos emigrantes, transitão pelas ruas d'esta capital, mas também de que os cadáveres dos que fallecem do mesmo mal são condusidos para o cemitério pelo centro da cidade...a hora de solicitar de V. EX.^a, a bem da saúde publica, as necessárias providencias, para que fique prohibido nos abarracamentos a sahida de doentes a não ser para hospitaes destinados ao tratamento delles, afim também que os cadaveres sejam condusidos para o cemiterio pelos arrebaldes...⁷⁸

Nesse ofício a Câmara Municipal solicitou ao Presidente Julio de Albuquerque que tomasse providências para evitar a movimentação de variolosos e o transporte de cadáveres pelas ruas da capital, pois apontavam tais fatos como prejudiciais à saúde pública. O memorialista Rodolfo Teófilo, ao comentar esse ofício, afirmou que essa reclamação foi tardia pois “...*devia ella te-lo praticado logo que o primeiro enterro de bexigoso tivesse atravessado a cidade...*”⁷⁹, ou seja, notou-se novamente que as providências somente foram tomadas quando a varíola já predominava na cidade.

Nos abarracamentos as medidas higiênicas não impediram o avanço da doença e talvez uma das razões foi a falta de ações mais efetivas e preventivas anteriores ao aparecimento da varíola. Porém, ficar levantando tais suposições não

⁷⁷ BARBOSA, José Policarpo de Araújo. *Op.cit.* nota 50, 1994, p. 57.

⁷⁸ FUNDO: Câmara Municipal; SÉRIE: Correspondências Expedidas; PERÍODO: 1872-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 39. Em sessão de 16 de novembro de 1878. n.º 92.

⁷⁹ THEOPHILO, Rodolfo. *História das Secas do Ceará*, 1922, p. 230.

é objetivo central deste capítulo, mas tentar perceber as intervenções e os preceitos higienistas que aparecem nos discursos dos médicos e presidentes da Província.

De acordo com Rodolfo Teófilo *“Foi no abarracamento de Pacatuba que se deram os primeiros casos de varíola”*.⁸⁰ A doença já estava presente na cidade desde 1877, no entanto, a proliferação dentro dos alojamentos dos retirantes tornou-se intensa somente a partir de setembro de 1878. Médicos e higienistas foram contratados pelo Governo Provincial e passaram a organizar a cidade e os retirantes no intuito de evitar o aumento do número de casos da varíola.

Dividir a cidade em tres districto sanitarios a cargo de uma commissão composta de tres membros, cada um dos quaes tenha um districto sob suas vistas e inspecção, empregando diariamente agentes de uma escolha na vigia e exame dos diversos quarteirões dos seus districto, para lhe fornecerem uma relação das pessoas atacadas da parte em cada dia, indicando a rua e o numero da casa, e informando do estado do doente para que o respectivo membro da commissão providencie chamando médicos para o tratamento, mandando aviar(sic) as receitas com pretexto; dando enfermeiros, e fasendo tudo quanto for necessario e conveniente...O asseio das casas habitadas pelos doentes, o prompto enterramento dos cadáveres e a prohibição de comunicação de pessoas de fora, são medidas que esta Câmara considera também indispensáveis para a extincção do mal que opprime a população.⁸¹

Organizar e fiscalizar a cidade a partir da divisão em três distritos sanitários foi uma das estratégias sugeridas pela Câmara Municipal para conseguir a *“extinção do mal”*. Essa idéia teve como proposta a criação de uma comissão composta por três membros que tinham a função de vigiar os habitantes dessas áreas e também fornecer listas com o nome e o endereço das pessoas acometidas pela varíola. Esses “fiscais” também ficavam responsáveis pela contratação de médicos para o tratamento dos doentes, pela verificação do asseio das moradias, sepultamento dos cadáveres pela proibição de comunicação entre as pessoas que estivessem fora dessas áreas sanitárias. Apesar de não existirem outros documentos que demonstrem a aplicação dessas sugestões, deve-se levar em conta que a análise desse ofício possibilitou observar as inquietações que a epidemia de varíola trouxe para elite local, uma vez que a doença não escolhia classe social e atingia a todos.

⁸⁰ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 221, nota 79.

⁸¹ FUNDO: Câmara Municipal; SÉRIE: Correspondências Expedidas; PERÍODO: 1872-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 39. Em sessão de 5 de dezembro de 1878.

Tinha Fortaleza o aspecto de sombria desolação. A tristeza e o luto estavam em todos os lares. O commercio completamente paralisado dava as ruas mais publicas a feição de uma terra abandonada. Os transeuntes que se viam eram vestidos de preto ou mendigos sahidos dos lazaretos com os signaes recentes de bexiga confluyente que lhes esburacou a cara e deformou o nariz.⁸²

Os relatos mostram uma cidade com um aspecto desolador e sombrio, onde o medo e o pânico afastavam grande parte das pessoas das ruas e do comércio da capital. De acordo com Ponte, “*Fortaleza não estava preparada para tamanha calamidade*”⁸³, possivelmente devido à deficiência que existiu no atendimento aos doentes, uma vez que as estruturas de assistência foram precárias e o número de médicos era insuficiente.

A Historiografia apontou dezembro de 1878 como o momento crítico da epidemia, pois a varíola tomou proporção assustadora em consequência da imensa quantidade de casos de enfermos e de mortes. Segundo dados mostrados por Rodolfo Teófilo, em novembro de 1878 foram registrados 9.721 óbitos⁸⁴, número pequeno quando se observou o dia 10 de dezembro.

Em apenas um dia do mês de dezembro de 1878, o cemitério do Lazareto da Lagoa Funda recebeu 1.004 cadáveres. Aquele 10 de dezembro ficou conhecido como “o dia dos mil mortos”. Cerca de 40 populares foram contratados para seputá-los; o trabalho entrou pela noite, porém mais de 100 corpos tiveram de esperar o dia seguinte para serem enterrados.⁸⁵

As normas higiênicas e as intervenções deixaram de ser aplicadas e exigidas apenas nos abarracamentos e também vigoraram para o restante dos moradores da cidade. Evidentemente as exigências estavam centradas no tratamento e isolamento dos enfermos e não na mudança de hábitos e na culpabilidade no aparecimento das doenças como ocorreu com os retirantes.

As preocupações e ações do governo com relação à epidemia em Fortaleza tornaram-se mais visíveis quando a doença passou também a afetar as famílias de maior prestígio econômico e político da capital. Então, com o objetivo de tomar providências para atenuar os efeitos desse flagelo foram consultados médicos

⁸² THEOPHILO, Rodolpho. *Varíola e Vacinação no Ceará*. Rio de Janeiro, Imprensa Inglesa, 1997, p. 23.

⁸³ PONTE, Sebastião Rogério. *Op.cit.* p. 84, nota 3.

⁸⁴ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p. 23, nota 82.

⁸⁵ *Ibid.* p. 23.

e higienistas, uma vez que esperavam que os preceitos da ciência médica pudessem ajudar na resolução do problema.

Deve-se mencionar que os conceitos defendidos pelos infectologistas e contagionistas predominaram nas decisões e práticas aplicadas pelo Governo Provincial para tentar deter as doenças reinantes. Acreditava-se que para alcançar bons resultados deveriam combater os “inimigos invisíveis”, ou seja, os miasmas.

Achando-se o ar, nesta cidade, muito impregnado de miasmas nocivos a saúde, em consequência da secca e da aglomeração de um grande numero de emigrante, pelas ruas e praças, por isso que a febre perniciosa e outras molestias vão progredindo, tem esta Camara a honra de lembrar a V.Ex.^a a conveniencia de desinfectar a cidade por meio de alcatrão queimado fazendo esta operação nos pontos onde melhor effeito possa produzir.⁸⁶

Acreditava-se que o alcatrão queimado poderia desinfectar a atmosfera, que para os adeptos dos preceitos higiênicos estava infectada por “*miasmas nocivos a saúde*”. Pode-se observar através dos relatos dos memorialistas que essas ações foram constantes e “*á noite accendiam-se em todas as ruas vasos com alcatrão para que o fumo de pixe desinfectasse a atmospherá viciada pelos microbios da peste*”⁸⁷, uma vez que se acreditava ser esta uma das soluções para deter o avanço das doenças.

...estudar e propôr os meios de melhorar o estado sanitário da cidade; examinar os atuais abarracamentos de indigentes, e indicar os que convem remover, e os logares mais convenientes para elles; escolher e designar casas fora da cidade, onde passão de prompto ser estabelecidas algumas enfermarias; examinar o açude do pajehu, os choros da praia, e quaisquer outros focos da infecção, propondo os meios di prevenir o desenvolvimento de miasmas e exhalações nocivas á saúde publica...⁸⁸

Examinar e identificar os locais de infecção dentro dos abarracamentos eram as principais medidas dos inspetores da saúde pública ao assumirem seus cargos administrativos, pois se acreditava que os focos das doenças surgiam devido às péssimas condições sanitárias das moradias dos retirantes. Assim, remover os

⁸⁶ FUNDO: Câmara Municipal; SÉRIE: Correspondências Expedidas; PERÍODO: 1872-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 39. Em sessão de 2 de abril de 1878.

⁸⁷ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p.19, nota 82.

⁸⁸ Livro 156-B(1878-1879) – Registro de ofícios da Presidência da Província do Ceará, dirigidos às Câmaras Municipais de: Viçosa, da Capital, Sobral, Pacatuba, Aracati, Acaraú, Limoeiro, União, Icó e Pentecoste. Palácio da Presidência do Ceará, 30 de março de 1878 ao presidente da Câmara Municipal da Capital.

abarracamentos para fora da cidade passou a ser um dos principais meios de prevenção do “*desenvolvimento de miasmas*”.

A remoção dos abarracamentos e a transferência de retirantes enfermos para lugares afastados do centro da capital passaram a prevalecer entre as medidas exigidas pelo Governo Provincial ao longo do ano de 1878. O objetivo foi transferir os retirantes das áreas à barlavento (direção mar/sertão) para os subúrbios que ficavam à sotavento (direção sertão/ mar), ou seja, como defendiam que os focos das doenças estavam no ar, houve a preocupação com a direção dos ventos, pois estes talvez estivessem levando as moléstias dos abarracamentos para a cidade.

“...pela aproximação em que estava da cidade um n° superior à 10.000 pessoas V.Ex.^a entendeu mandar mudar o abarracamento, o que conseguiu no dia 2 de setembro passado, p.^a abeira do mar do norte da cidade...”⁸⁹. Com o agravamento da epidemia de varíola a solução proposta foi continuar afastando os retirantes para áreas fora da capital. E sobre as medidas consideradas importantes deu-se destaque aos locais em que os ventos estivessem direcionados ao sertão e não para o centro de Fortaleza. Para Rodolfo Teófilo essa atitude não teve resultado, pois “*Esta medida nada influiu na marcha da varíola. Trouxe apenas despesas para a Nação e grandes vexames para os infelizes retirantes*”⁹⁰. Deve-se mencionar que Teófilo defendia a utilização da vacinação no combate da varíola e não acreditava que a remoção ou o isolamento ajudaria a impedir a sua propagação.

Entre as propostas sugeridas pelos médicos esteve a transferência dos retirantes dos abarracamentos de São Luiz, Pajehú e Meirelles (Figura 2) para o distrito da Lagoa Seca, no intuito de impedir o avanço da varíola, porém tais medidas somente foram efetivadas no final do ano de 1878 quando a epidemia já estava em seu auge. Observou-se que essas ações na prática não surtiram muitos efeitos, provavelmente, pelo desconhecimento sobre como impedir o avanço da doença e o grande número de casos de varíola.

As fontes apontaram que a varíola somente declinou no final de 1879 e que, de acordo com as estatísticas, 1878 foi o ano mais crítico da doença, uma vez que de uma população de 124.000 morreram 56.791 devido à doença.⁹¹ Percebeu-

⁸⁹ FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8. dia 6 de outubro de 1878 (4° Distrito).

⁹⁰ THEOPHILO, Rodolpho. *Op.cit.* p.20, nota 82.

⁹¹ THEOPHILO, Rodolpho. *História das Secas do Ceará*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922, p. 245.

se que foram diversas as tentativas utilizadas pelos médicos, higienistas e, sobretudo, pelo Governo Provincial no intuito de não deixar propagar essa “peste”, entretanto as intervenções não produziram os resultados desejados e os meios preventivos sugeridos pela ciência médica influenciaram profundamente as decisões e os encaminhamentos tomados no processo de higienização e combate à varíola. Dessa forma, falar sobre os retirantes e sua relação com a cidade inclui analisar a participação das teorias médicas no direcionamento das normas de higienização e tentar entender as pretensões dos médicos e higienistas em saber: “para onde sopram os ventos?”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu refletir sobre inúmeras questões referentes a Fortaleza na segunda metade do século XIX. No entanto, buscou-se centralizar as discussões nas análises dos discursos e ações referentes aos planos modernizadores e reformas dos equipamentos urbanos, especialmente as transformações sociais e estruturais ocorridas na capital cearense com a chegada dos retirantes em 1877.

Desse modo o “recorte cronológico” foi centralizado durante os 10 anos compreendidos entre as idéias e ações modernizadoras a partir de 1870 e, principalmente, as mudanças e organizações da cidade ocasionadas pela vinda de uma multidão de sertanejos durante os anos de 1877-1880.

No decorrer da década de 70 dos oitocentos a capital cearense ansiava intensamente por progresso e civilização através do melhoramento de seus equipamentos urbanos como as reformas no porto, o prolongamento da estrada de ferro de Fortaleza-Baturité, a iluminação pública, o abastecimento de água, a construção de redes de esgotos e muitas outras reformas que faziam parte dos planos do Governo Provincial e das elites locais. Porém, observou-se que, em grande parte, esses desejos modernizadores não passaram de sonhos, pois a prática demonstrou as dificuldades e problemas na estruturação e organização desses equipamentos.

Os traçados das plantas topográficas desenhadas pelo engenheiro Adolfo Herbster em 1875 apontaram que os objetivos e pretensões do Governo Provincial eram de tentar direcionar o ordenamento e o crescimento dos espaços urbanos, apoiados na idéia de buscar padronizar Fortaleza aos modelos das cidades européias e nos interesses políticos dos poderes vigentes, contudo, observou-se que esses planos não foram efetivados da maneira desejada, pois as influências das estruturas físicas e geográficas contribuíram para a disciplinarização e ocupação da cidade.

Das abordagens analisadas nessa dissertação destacou-se a questão da pobreza vivenciada em algumas das principais capitais brasileiras na segunda

metade do século XIX, pois a pobreza na cidade de Fortaleza não foi ocasionada a partir da chegada dos retirantes em 1877, visto que a situação de miséria já era uma das dificuldades enfrentadas pela cidade antes da vinda dos emigrantes. Observou-se que com o início da seca de 1877 a questão da pobreza foi agravada e trouxe grande impacto no cotidiano dos cidadãos e também dos sertanejos que passaram a habitar o meio urbano. É interessante observar os dados estatísticos que apontaram uma mudança significativa e extraordinária na organização da cidade durante aquele momento, pois de acordo com as fontes analisadas Fortaleza tinha uma população de 21.000 habitantes em 1872 e com o rápido crescimento populacional passou a ter cerca de 100.000 habitantes no ano de 1878. Deve-se mencionar que esse fato trouxe forte repercussão na imprensa nacional e internacional e ocasionou significativas transformações no controle e ordenamento social da capital cearense.

No primeiro capítulo resolveu-se desconstruir a idéia de uma modernização em Fortaleza baseadas nos padrões Europeus, apontando as deficiências na construção e manutenção dos equipamentos urbanos. Tentou-se mostrar alguns dos motivos que impulsionaram os sertanejos a buscarem a capital cearense como refúgio para a sua sobrevivência e por fim, buscou-se perceber como os discursos do Governo Provincial e de outras fontes oficiais descreviam e construam a imagem desses retirantes.

No segundo capítulo centralizou-se os discursos nas moradias construídas para abrigar e tentar controlar os retirantes dentro das cidades, descrevendo e analisando as fontes “oficiais”, mostrando como os retirantes estavam vivendo e resistindo às diversas formas de controle dentro dos abarracamentos e a participação e atuação dos emigrantes nas principais obras públicas, procurando observar as transgressões às leis impostas e os conflitos ocasionados entre os retirantes e as autoridades devido ao descumprimento dessas normas e, sobretudo, como essa mão-de-obra barata serviu aos interesses modernizadores do Governo e da elite local de Fortaleza.

No terceiro capítulo, problematizou-se os diversos discursos higiênicos que influenciaram e interviam em Fortaleza e observou-se algumas das ações da

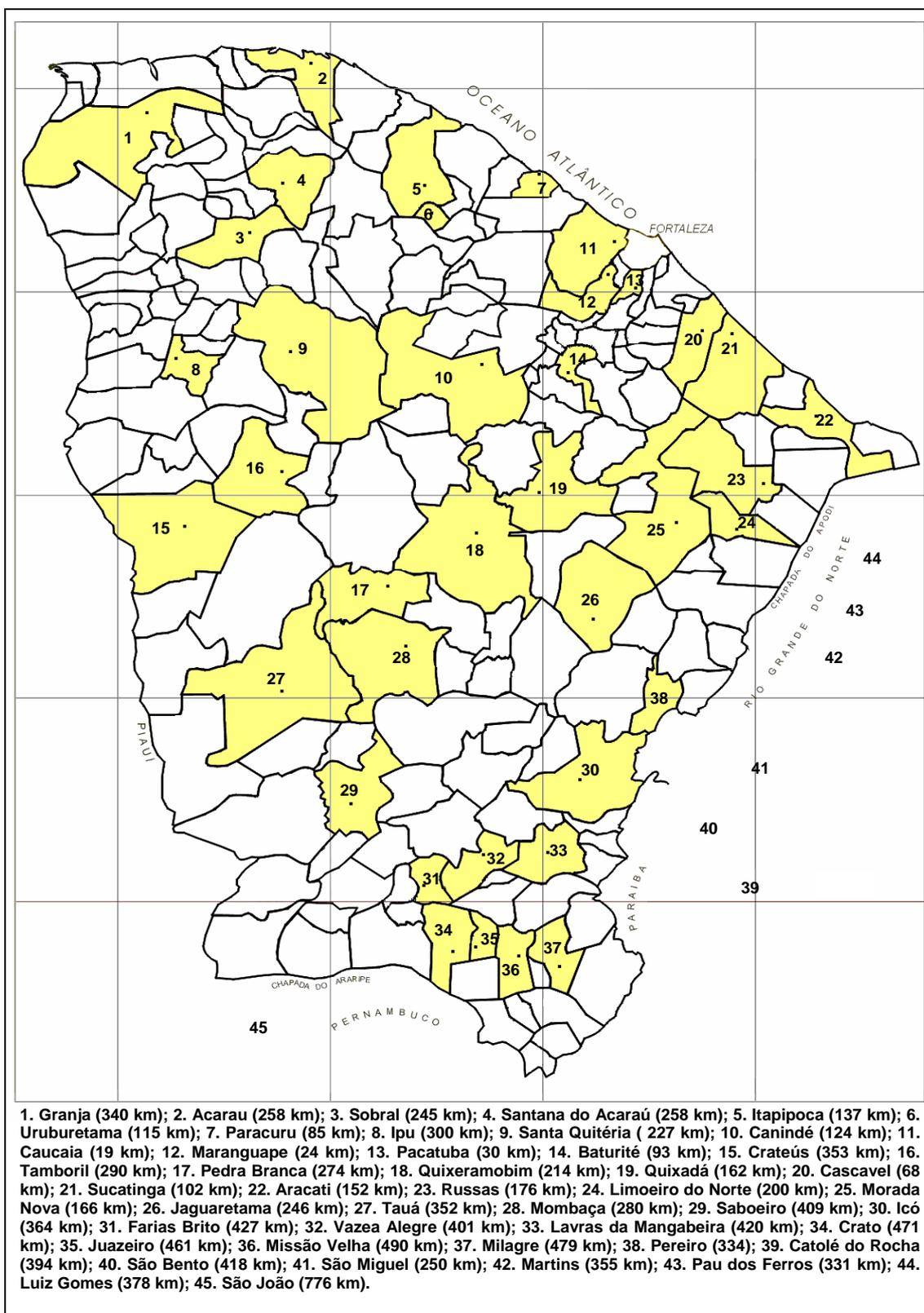
ciência médica no intuito de conservar a salubridade pública na segunda metade do século XIX. Também se tentou compreender como as influências das teorias higienistas, principalmente a miasmática, interferiram na estruturação e no ordenamento dos abarracamentos e, por fim, buscou-se compreender as precárias condições higiênicas que contribuíram para a construção dos discursos referentes à disseminação e ao avanço das epidemias.

As reflexões e problemáticas levantadas nessa dissertação permitem pensar sobre as modificações e reestruturações vivenciadas na cidade, principalmente com a chegada de uma multidão de sertanejos que passou a morar pelas ruas e praças centrais da cidade e sobre as relações de poder e intervenções higiênicas existentes a partir da construção e estruturação dos abarracamentos na segunda metade do século XIX.

ANEXO



Mapa do Brasil destacando o nordeste durante a grande seca de 1877. Fonte: DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do terceiro mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 93.



Mapa atualizado do Estado do Ceará com o nome atual de alguns municípios (amarelo) de origem de migrantes para Fortaleza a seca de 1867-79. Fonte: Internet (www.geografia.ufc.br) com adaptações a partir de dados dos Ofícios Expedidos (1877-1880) pesquisados no Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC).

FONTES:**BIBLIOTECA PÚBLICA GOVERNADOR MENEZES PIMENTEL (B. P. G.M. P)****SETOR DE MICROFILMAGEM:****A) Periódicos:**

Jornal Cearense, Fortaleza, 1877 - 1880.

Jornal O Retirante, Fortaleza, 1877 - 1878.

B) Relatórios do Governo Provincial:

Fala com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador João Antônio de Araújo Freitas Henriques, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.^a Sessão da 18.^a Legislatura da Assembléia Provincial em 1.^o de setembro de 1870.

Relatório apresentado ao Excelentíssimo Senhor Coronel Joaquim da Cunha Freire, 2.^o Vice-Presidente da Província do Ceará pelo Excelentíssimo Desembargador João Antônio de Araújo Freitas Henriques no Ato de passar-lhe a Administração da mesma em o dia 18 de dezembro de 1870.

Relatório apresentado à Assembléia Provincial na segunda sessão da décima oitava legislatura no dia 4 de julho de 1871, pelo presidente da mesma Província, o Conselheiro Barão de Taquary, Fortaleza, TYP. Constitucional, 1871.

Relatório com que o Excelentíssimo Senhor Comendador João Wilkens de Mattos, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.^a Sessão da 21.^a Legislatura da Assembléia Provincial no dia 20 de outubro de 1872.

Fala com que o Excelentíssimo Senhor Doutor Francisco de Assis Oliveira Maciel, Presidente da Província do Ceará, abriu a 2.^a Sessão da 21.^a Legislatura da Assembléia Provincial no dia 7 de julho de 1873.

Relatório com que o Excelentíssimo Senhor Doutor Esmerino Gomes Parente abriu a 2.^o sessão da 22.^a Legislatura da Assembléia Provincial do Ceará em 2 de julho de 1875, relatório do Dr. Inspetor da Saúde Pública, Fortaleza, Typographia Constitucional, 1875.

Relatório com que o Excelentíssimo Doutor Heráclito de Alencastro Pereira da Graça passou a Administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor Doutor Esmerino Gomes Parente, 2.^o Vice-Presidente da mesma em o dia 1.^o de março de 1875, Fortaleza, Typographia Constitucional, 1875.

Fala com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa, Presidente da Província do Ceará, abriu a 2.^a Sessão da 23.^a Legislatura da Assembléia Provincial em 2 de julho de 1877. Fortaleza:Typ. do Pedro II, 1877.

Relatório com que o Excelentíssimo Senhor Desembargador Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa passou a Administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor Conselheiro João José Ferreira de Aguiar em o dia 23 de novembro de 1877.

Relatório com que o Excelentíssimo Senhor Conselheiro do João José Ferreira da Aguiar passou a Administração da Província a Administração da Província do Ceará ao Excelentíssimo Senhor Doutor Paulino Nogueira Borges da Fonseca, 3.^o Vice-Presidente, em 22 de fevereiro de 1878.

Fala com que o Excelentíssimo Sr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.^a Sessão da 24.^a Legislatura da Assembléia Provincial em 1.^o de novembro de 1878.

Fala com que o Excelentíssimo Sr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1.^a Sessão da 25.^a Legislatura da Assembléia Provincial em 1.º de julho de 1880.

2 – SETOR DE OBRAS RARAS

A) Códigos de Posturas da Província do Ceará

- Atos Legislativos da Província do Ceará: Promulgados pela respectiva Assembléia no ano de 1878. Fortaleza: Tipografia do Mercantil, 1878.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ (APEC):

A) Ofícios:

FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 5.

FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 6.

FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 8.

FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 9.

FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 10.

FUNDO: Governo da Província do Ceará; GRUPO: Comissão de Socorros Públicos; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1879-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 11.

FUNDO: Secretaria de Polícia da Província do Ceará; SÉRIE: Ofícios Expedidos; PERÍODO: 1878-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 12.

FUNDO: Câmara Municipal; SÉRIE: Correspondências Expedidas; PERÍODO: 1872-1880; MUNICÍPIO: Fortaleza; CAIXA: 39.

B) Livros:

Livro 122-B (1877) - Registro de ofícios da Presidência da Província do Ceará, dirigidos à Comissão de Compra de Gêneros Alimentícios enviados para o interior da Província pelo Presidente Senhor Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa.

Livro (Encontrado fora Catálogo do Arquivo) (1877) - Registro de ofícios da Presidência da Província do Ceará, dirigidos a diversas pessoas pelo Presidente Senhor Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa.

Livro 135-B (1877) - Registro de ofícios da Presidência da Província do Ceará, dirigidos aos membros da Comissão de Compra de Gêneros Alimentícios destinados aos flagelados da seca e Transporte por Terra e Mar pelo Presidente Senhor Caetano Estelita Cavalcanti Pessoa.

Livro 138-B (1878) - Registro de ofícios da Presidência da Província do Ceará, dirigidos ao Ministério da Justiça, ao Ministro do Império, ao Ministro da Marinha, ao Ministro da Fazenda, ao Ministro da Guerra. Presidente Sr. José Júlio de Albuquerque Barros.

Livro 156-B(1878-1879) – Registro de ofícios da Presidência da Província do Ceará, dirigidos às Câmaras Municipais de: Viçosa, da Capital, Sobral, Pacatuba, Aracati, Acaraú, Limoeiro, União, Icó e Pentecoste.

TESES E DISSERTAÇÕES:

ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral. Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira República*. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1989.

BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. *Caminhos da cura: experiência dos moradores de Fortaleza com a saúde e a doença (1850-1880)*. Tese (Doutorado em História Social) Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2002.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. *Famintos do Ceará: Imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX*. Tese (Doutorado em História Social) Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

BEZERRA, José Tanísio Vieira. *Quando a ambição vira Projeto: Fortaleza, entre o progresso e o caos*. Dissertação (Mestrado em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2000.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus (1890-1920)*. São Paulo Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1999.

MOTA, Felipe Ronner Pinheiro Imalau. *Progresso, calamidade e trabalho: confrontos entre cidade e sertão em fins dos oitocentos (1850-1880)*. Dissertação (Mestrado em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2000.

MORAIS, Viviane Lima de. *Razões e destinos da migração: trabalhadores e emigrantes cearenses pelo Brasil no final do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *São Paulo das águas*. Tese (Livre Docência) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2002.

SILVA, Jeovah Lucas da. *As bênçãos de Deus: a seca como elemento educador para o trabalho (1877-1880)*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ESPECÍFICA:

ADERALDO, Mozart Soriano. *História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1998.

ALEGRE, Maria Sylvia Porto, *Os ziguezagues Dr. Capanema: ciência, cultura e política no século XIX*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretária de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. *Assim na morte como na vida: arte e sociedade no cemitério São João Batista (1866-1915)*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretária de Cultura do Estado do Ceará, 2002.

BARBOSA, José Policarpo de Araújo. *História da saúde pública do Ceará: da colônia a Vargas*. Fortaleza-CE: Edições UFC, 1994.

BEZERRA, José Tanísio Vieira. *Seca, disciplina e urbanização: Fortaleza (1865/1879)*. In: NEVES, Frederico de Castro & SOUZA, Simone de. (Orgs). Fortaleza: história e cotidiano - seca. Fortaleza: Editora Demócrito Rocha, 2002.

BRASIL, Tomás Pompeu de Sousa. *Ensaio estatístico da província do Ceará, 1863-1864*. Fortaleza: Tip. B. de Matos, 1863-1864.

CAMPOS, Eduardo. *A Fortaleza Provincial: rural e urbana*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Trem da seca: sertanejos, retirantes, operários (1877-1880)*. Fortaleza: Museu do Ceará /Secretária de Cultura do Estado do Ceará, 2005.

CASTRO, José Liberal de. *Contribuição de Adolfo Herbster à forma urbana da cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Separata da Revista do Instituto do Ceará, 1994.

GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética de Fortaleza*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1997.

_____. *Pequena história do Ceará*. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele. 1953.

LEAL, Vinícius Barros. *História da Medicina no Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto e Promoção Social, 1978.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. *As razões de uma cidade: conflito de hegemonia*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

MENEZES, Antônio Bezerra de. *O Ceará e os cearenses*. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. (Coleção Biblioteca Cearense) Fac-símile da edição publicada em 1906.

_____. *Descrição da cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Edições UFC/ Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1992.

MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

_____. *A seca e a cidade: a formação da pobreza urbana em Fortaleza (1880-1990)*. In: NEVES, Frederico de Castro & SOUZA, Simone de. (Orgs). *Fortaleza: história e cotidiano - seca*. Fortaleza: Editora Demócrito Rocha, 2002. pp 75-104.

NOGUEIRA, João. *Fortaleza velha: crônicas*. Fortaleza: Edições UFC, 1984.

OLIVENOR, José. *Metrópole da fome: a cidade de Fortaleza na seca de 1877-1889*. In: NEVES, Frederico de Castro & SOUZA, Simone de. (Orgs). Fortaleza: história e cotidiano - seca. Fortaleza: Editora Demócrito Rocha, 2002. pp.49-74.

PATROCÍNIO, José do. *Os retirantes*. São Paulo: Editora Três, 1973.

_____. "José do Patrocínio, cronista da seca" In: CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Fatos e documentos do Ceará Provincial*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1970.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Multigraf, 1993.

RIOS, Kênia Sousa. *Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretária da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

_____. *A cidade cercada: festa e isolamento na seca de 1932*. In: NEVES, Frederico de Castro & SOUZA, Simone de. (Orgs). Fortaleza: história e cotidiano - seca. Fortaleza: Editora Demócrito Rocha, 2002. pp. 105-129.

SOUZA, Simone de. (Coord.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará – Fundação Demócrito Rocha – Stylus Comunicações, 1989.

STUDART, Guilherme (Barão de). *Climatologia, epidemias e edemias no Ceará*. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. (Coleção Biblioteca Cearense) Fac-símile da edição publicada em 1909.

THEÓFILO, Rodolpho. *História das Secas do Ceará*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

_____. *Varíola e vacinação no Ceará*. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

_____. *A seca de 1919*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

_____. *A fome*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

2. GERAL

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pausteriana no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Editora UFRJ, 1999.

BENJAMIN, Walter. "A rua de mão única", In: *Obras Escolhidas*, vol. 2. São Paulo: Brasiliense, 7edição, 1994.

_____. *Sobre o conceito de História*. In: *Magia e Técnica, arte e prática. Textos Escolhidos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro (1822-1930)*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo*. São Paulo: Editora Perspectivas, 1965.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: Cortiços e epidemias na corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DANTES, Maria Amélia. (Org.). *Espaços da Ciência no Brasil (1800/1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do terceiro mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DAVIS, Natalie Zemon, *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. (Coleção oficinas da História).

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. e trad. Roberto Machado, Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982, pp. 80-98.

FREHSE, Fraya. *O tempo das ruas: na São Paulo de fins do Império*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HOBBSBAWM, E.J. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LE GOFF, Jaques, *História e memória*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MELLO, Evaldo Cabral de. *O norte agrário e o Império*.(1871-1889). Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

MOLLAT, Michel. *Os pobres na idade média*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

PECHMAN, Robert Moses. *Cidade estreitamente vigiada: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: O mundo dos Excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PROJETO HISTÓRIA 13. *Cultura e cidade*. São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduação em História e Departamento de História. PUC-SP, jun. 1996.

PROJETO HISTÓRIA 25. *Corpo e cultura*. São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduação em História e Departamento de História. PUC-SP, dez. 2002.

PROJETO HISTÓRIA 27. *Nomadismo, memórias, fronteiras*. São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduação em História e Departamento de História. PUC-SP, jul/dez. 2003.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RONILK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1999.

ROSEN, George. *Da polícia médica à medicina social*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1980, pp.78-138.

SANT`ANNA, Denise Bernuzzi de. *O receio dos "trabalhos perdidos": corpo e cidade*. PROJETO HISTÓRIA 25: Revista do Programa de Estudos de pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP São Paulo, 1981, p.125.

SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800/1920)*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUSA, Margarida. *O povo na rua: um conto de duas cidades*. In PECHMAN, Moses. (org.) *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, pp. 136-155.

SENNET, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização Ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*; uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1981.

_____. *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas-SP: IFCH/ Unicamp, 1993.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1985.

_____. *O trabalho dos corpos e do espaço*. Projeto História. São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduação em História e Departamento de História. PUC-SP, n. 13, p 7-20, jun. 1996.

WILLIAMS, Raymond. *Campo e cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.